UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ITALIANAS

ADROALDO JOSÉ FRANTZ

A psicanálise em *La coscienza di Zeno*:

contribuições literárias e abordagem questionadora da terapêutica

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ITALIANAS

A psicanálise em *La coscienza di Zeno*: contribuições literárias e abordagem questionadora da terapêutica

Adroaldo José Frantz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Iozzi Klein

São Paulo
2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

Adroaldo José Frantz
A psicanálise em *La coscienza di Zeno*:
contribuições literárias e abordagem questionadora da terapêutica

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Literatura Italiana

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.:

Instituição.:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr.:

Instituição.:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr.:

Instituição.:_____ Assinatura:_____

DEDICATÓRIA

Ao meu grande amigo Carlos, pelo incentivo constante, pela paciência para acompanhar o trabalho realizado e pelos valiosos comentários.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor e esforço com os quais proveram a educação dos filhos.

À minha esposa, que esteve ao meu lado durante todos os anos deste trabalho.

Aos meus filhos, pela alegria com a qual sempre me dão novo ânimo.

À Profa. Dra. Adriana Iozzi Klein, por ter me acolhido nesse retorno à universidade e por todo o apoio prestado durante a orientação.

RESUMO

FRANTZ, A. F. *A psicanálise em La coscienza di Zeno: contribuições literárias e abordagem questionadora da terapêutica.* Dissertação de Mestrado (Área de Concentração: Literatura Italiana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

O nosso objetivo neste trabalho é examinar em que medida a psicanálise está presente na principal obra de Italo Svevo, *La coscienza di Zeno*, abordando as concepções psicanalíticas empregadas no texto, diretamente ou em variados graus de transfiguração, e verificando se surgem tensões relevantes em relação a elas. O campo de atuação da psicanálise é muito amplo, de forma que nos restringimos basicamente a dois setores da sua atuação que julgamos cruciais para o exame proposto. O principal para o nosso trabalho é aquele no qual ela se constitui como sistema de compreensão do psiquismo: pretendemos determinar qual é o uso literário de tal sistema no romance, tanto na construção dos seus personagens quanto na constituição da sua narração. Também é importante para o nosso trabalho que levemos em consideração a psicanálise como método terapêutico, principalmente ao analisarmos o último capítulo do livro, no qual o protagonista Zeno efetivamente é psicanalisado pelo doutor S. e o processo de cura torna-se de grande relevância.

Palavras-chave: Italo Svevo, *A Consciência de Zeno*, psicanálise, literatura italiana, romance moderno.

ABSTRACT

FRANTZ, A. F. *Psychoanalysis in La coscienza di Zeno: literary contributions and questioning approach to therapeutics.* Master's thesis (Italian Literature). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Our goal in this paper is to examine the extent to which psychoanalysis is present in the main work of Italo Svevo, *La coscienza di Zeno*, addressing psychoanalytic concepts used in the text, directly or in varying degrees of transfiguration, and verifying that arise relevant tensions about them. The scope of psychoanalysis is very broad, so basically restricted ourselves to two sectors of its operation that we consider crucial for the proposed examination. Central to our task is its operation as psyche understanding system: we intend to determine what the literary use of such a system in the novel, both in the construction of his characters as in the constitution of his narration. It is also important for our task we take into account the psychoanalysis as a therapeutic method, especially when we look at the last chapter of the book, in which the protagonist Zeno is actually psychoanalyzed by doctor S. and the healing process becomes highly relevant.

Keywords: Italo Svevo, *Zeno's conscience*, psychoanalysis, italian literature, modern novel.

SUMÁRIO

Introdução 9

Capítulo 1 - A psicanálise como sistema de compreensão do psiquismo 25

Capítulo 2 - A psicanálise e as técnicas narrativas 74

Capítulo 3 - A psicanálise e a temporalidade 113

Capítulo 4 - O último capítulo: o tratamento psicanalítico e as curas de Zeno 149

Conclusão 205

Referências Bibliográficas 229

INTRODUÇÃO

A literatura, assim como as outras artes, sofreu uma das maiores transformações da sua longa história na época das vanguardas anteriores à Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, as ciências humanas e a filosofia passaram por transformações cruciais no século passado, que influenciaram enormemente a literatura e, provavelmente ainda mais, a crítica literária.

Com o objetivo de investigarmos essas transformações e as relações da literatura e da crítica literária com os conhecimentos científicos e filosóficos que lhes são afins, decidimos estudar uma das grandes obras literárias na qual essas relações se estabelecem da forma mais direta possível: *La coscienza di Zeno*, publicada em 1923, é a principal obra de Italo Svevo, um dos maiores romancistas do período em questão, e a sua construção é ampla e profundamente baseada na psicanálise, cujo primeiro livro importante, *A interpretação dos sonhos*, é publicado no início do século passado, e a influência sobre a cultura é tão grande que se torna difícil superestimá-la. Em especial, ela é uma das influências de grande importância sobre a ampla renovação pela qual a crítica literária passou no século XX. Vale acrescentar que o interesse pelo seu criador, Sigmund Freud, também ganha certa renovação com a publicação de novas traduções para o português, propiciadas pela entrada dos seus textos em domínio público em 2009.

Assim, examinaremos em que medida a psicanálise está presente nessa obra de Svevo, abordando as concepções psicanalíticas empregadas no texto, diretamente ou em variados graus de transfiguração, e verificando se surgem tensões relevantes em relação a elas, ainda que isso ocorra relativamente poucas vezes. O campo de atuação da psicanálise é muito amplo, de forma que nos restringiremos basicamente a dois setores da atuação psicanalítica que julgamos cruciais para o exame proposto. O principal para o nosso trabalho é aquele no qual ela se constitui como sistema de compreensão do psiquismo: investigaremos o uso literário de tal sistema no romance, tanto na construção dos seus personagens quanto na constituição da sua narração. Também trabalharemos com a psicanálise como método terapêutico, principalmente ao analisarmos o último capítulo do livro, no qual o protagonista Zeno efetivamente é psicanalisado pelo doutor S. e o processo de cura torna-se de grande relevância.

Para começarmos a entender a relevância da psicanálise para Svevo, é essencial observarmos que ele não só acompanhava com interesse os pensadores do seu tempo,

mas também entendia que a literatura podia se apropriar das concepções criadas por esses pensadores, a ponto de tratar explicitamente da relação entre elas e a literatura. É o que já destacava o crítico Renato Barilli:

> Svevo infatti difendeva, *et pour cause*, la liceità, per uno scritore, di rifarsi appunto a scienziati e filosofi: i suoi termini di riferimento più spesso invocati nel corso di una vita intera sono precisamente due tecnici del pensiero e della scienza [Arthur Schopenhauer e Charles Darwin], piuttosto che due poeti o romanzieri. E proprio per difendere una presenza cosí ostinata e frequente di due "pensatori" nelle sue pagine, Svevo è indotto a meditare intensamente su tutta la questione.[1]

Aos dois intelectuais mencionados na citação devemos acrescentar, detendo-nos nos principais: Karl Marx, Friedrich Nietzsche e, claro, Freud. No tocante à defesa do uso do pensamento científico ou filosófico na literatura, Svevo já abordava a questão num artigo de 18 de setembro de 1884, respondendo assim a uma acusação de que o escritor francês Zola teria pretendido provar uma nova teoria científica por meio dos seus romances:

> Egli non si prefisse di provare le teorie di Darwin che ammise *a priori* per provate, e l'idea della tesi, o almeno di questa tesi, non appare dai suoi romanzi. Più logico, più completo il suo sistema non potrebbe essere, e precisamente, prescindendo dal valore artistico intrinseco dell'opera letteraria, l'idea scientifica dell'eredità è entrata al luogo che occupava il destino nella tragedia greca e con il medesimo diritto. Non scienziato ma artista, Zola descrive la vita servendosi di una teoria scientifica che gliela spiega. Se questa teoria venisse scartata da altra, i nostri posteri vedrebberro, nell'opera di Zola, una rappresentazione della vita quale la sentono i più colti dei nostri contemporanei.[2]

Portanto, não só é válido que a literatura se fundamente nas novas teorias que surgem, mas também não há razão para que a obra de arte perca o seu valor quando a teoria na qual se baseia foi descartada. Essas afirmações também valem para a produção literária do próprio Svevo, desde as primeiras até as últimas obras; na verdade, elas fazem parte da sua poética:

---

[1] BARILLI, Renato. *La linea Svevo-Pirandello*. Milano: Mondadori, 2003, pp. 34-35. De fato, Svevo defendia, *et pour cause*, o direito, para um escritor, de revigorar-se exatamente com cientistas e filósofos: os seus pontos de referência invocados com mais frequência ao longo da vida são precisamente dois técnicos do pensamento e da ciência [Arthur Schopenhauer e Charles Darwin], em vez de dois poetas ou romancistas. E justamente para defender uma presença tão obstinada e frequente de dois "pensadores", nas suas páginas, Svevo é levado a meditar intensamente sobre toda a questão (tradução nossa).

[2] SVEVO, Italo. *Racconti, saggi, pagine sparse*. Milano: Dall'oglio, 1968, p. 590. Ele não estabeleceu para si próprio provar as teorias de Darwin, que admitiu *a priori* como provadas, e a ideia de tese, ou pelo menos dessa tese, não aparece nos seus romances. Mais lógico, mais completo o seu sistema não poderia ser, e precisamente, prescindindo do valor artístico intrínseco de obra literária, a ideia científica da hereditariedade entrou no lugar que ocupava o destino na tragédia grega e com o mesmo direito. Não sendo um cientista, mas um artista, Zola descreve a vida servindo-se de uma teoria científica que a explica. Se essa teoria fosse descartada em prol de outra, os nossos descendentes veriam, na obra de Zola, uma representação da vida como a sentiram os mais cultos dos nossos contemporâneos (tradução nossa).

> Su questo punto le idee di Svevo sono chiare: se c'è una costante nella sua poetica dagli anni del noviziato letterario a quelli della maturità, questa può essere individuata nella convinzione che quando si afferma in campo scientifico e culturale una nuova "teoria", l'arte "prima o poi ci si avvicinerà in colori e fantasie", ossia la farà propria nei modi specifici del suo operare formale.[3]

Isso não significa que o escritor entenda que o uso de teorias na literatura seja desprovido de problemas; pelo contrário, ele considera que o conflito é inerente a esse processo, como podemos confirmar quando ele diz que a relação entre filósofo (num sentido amplo, que inclui também os cientistas) e o artista "somiglia al matrimonio legale perché non s'intendono fra di loro proprio come il marito e la moglie e tuttavia come il marito e la moglie producono dei bellissimi figliuoli".[4] Quais são as causas de tal desentendimento? Por um lado, o artista não se propõe pura e simplesmente a transpor as ideias de uma teoria tal como apareceram nas obras do seu criador: "Noi romanzieri usiamo baloccarci con grandi filosofie e non siamo certo atti a chiarirle: Le falsifichiamo ma le umanizziamo".[5] Por outro lado, o criador da teoria não a reconhece ao tomar contato com o resultado dessa transformação realizada pelo artista. Svevo dá um exemplo bastante instrutivo desse conflito:

> Un giorno [...] un artista ch'era arrivato all'arte traverso la biologia, va da Einstein e gli dice: Io ho trovato il modo di spiegare al volgo la relatività senza imporgli lo studio della matematica. E, incoraggiato dall'Einstein, disse la sua idea: Ammettendo che si possa costruire un uomo il cui cuore pulsi anziché 72 volte il minuto, soltanto una volta ogni dieci minuti, è certo che quest'uomo tanto lento vedrà passare il sole da un orizzonte all'altro con la rapidità di un fuoco d'artificio. L'Einstein disse: L'idea è belissima ma non ha niente a che fare con la mia relatività. Intanto l'aveva trovata bella ed è già qualche cosa.
> Io, che non conosco la matematica e perciò la vera relatività, non sono sicuro che non ci sia in quell'idea più relatività di quanto l'Einstein supponga. Il destino vuole che l'artista venga ispirato dal filosofo ch'egli non perfettamente intende, e che il filosofo non intenda lo stesso artista ch'egli ispirò.[6]

---

[3] MAXIA, Sandro. *Svevo e la prosa del Novecento*. Roma: Laterza, 1977, p. 8. Sobre esse ponto as ideias de Svevo são claras: se há uma constante na sua poética desde os anos de aprendizagem literária até aqueles da maturidade, essa pode ser encontrada na convicção de que, quando se estabelece no campo científico e cultural uma nova "teoria", a arte "mais cedo ou mais tarde abordará tal teoria em cores e fantasia", ou seja, se apropriará dela nos modos específicos da operação formal dessa arte (tradução nossa).

[4] SVEVO, *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 687. [...] assemelha-se ao casamento legal, porque eles não se entendem entre si, assim como o marido e a esposa e, no entanto, como o marido e a esposa, produzem belíssimos filhos (tradução nossa).

[5] Ibid., p. 686. Nós romancistas costumamos brincar com as grandes filosofias e certamente não somos aptos a esclarecê-las: as falsificamos, mas as humanizamos (tradução nossa).

[6] Ibid., p. 687. Um dia [...] um artista que havia chegado à arte por meio da biologia, vai até Einstein e lhe diz: eu encontrei um modo de explicar a relatividade ao leigo, sem submetê-lo ao estudo da matemática. E, incentivado por Einstein, conta a sua ideia: supondo-se que se possa construir um homem cujo coração bata em vez de 72 vezes por minuto, só uma vez a cada dez minutos, é certo que esse homem tão lento verá o sol passar de um horizonte a outro com a rapidez de fogos de artifício. Einstein diz: a ideia é

Nem o suposto artista da citação nem o público leigo têm o conhecimento necessário, o de matemática, para entender adequadamente a teoria da relatividade. Assim, esse artista usa a própria experiência em biologia para criar uma situação concreta pela qual consiga explicar essa teoria ao público leigo: "diremo che il *poietés* (nel senso originario del termine) dona al pensiero filosofico-scientifico quel rilievo concreto (retoricamente, la forza dell'*exemplum*) che diversamente potrebbe mancargli".[7] Logo, há dois obstáculos que precisam ser superados para que uma teoria possa ser aproveitada artisticamente: a falta de conhecimento especializado e a abstração teórica, que precisa ser trocada por uma situação que se dê em termos que possam ser alcançados a partir da experiência comum do público do artista. As transformações necessárias para tal superação podem ter consequências menos agradáveis do ponto de vista do criador da teoria, pois ele pode não reconhecê-la mais. É o caso da citação, pois Einstein não teria nenhuma razão para usar a sua teoria da relatividade do movimento a fim de explicar o fenômeno criado pelo artista, a saber, que um homem cujo coração batesse muito devagar, qualquer que fosse a causa disso, veria o sol atravessar rapidamente o céu. Assim, estritamente falando, não se pode mencionar a teoria da relatividade no caso desse fenômeno. De fato, não é isso o que Svevo pretende; o que ele faz, alterando elementos da experiência comum dentro de limites que não causem uma ruptura com ela, é chamar a atenção para uma das principais novidades da teoria de Einstein, a saber, a de que grandezas físicas básicas, como o comprimento de um objeto ou o tempo que dura um evento, não são idênticos para todos os observadores possíveis do objeto ou do evento. Desse modo, o escritor cria uma situação na qual um observador percebe (não se trata de um mero erro de percepção causado por um delírio ou uma embriaguez) a duração de um movimento corriqueiro, o cruzamento do céu pelo sol, de modo diferente de um observador comum, reproduzindo a variação do tempo conforme o observador, de modo equivalente ao preconizado por Einstein para observadores com velocidades diferentes, e conduzindo o

---

belíssima, mas não tem nada a ver com a minha relatividade. No entanto, achara a ideia bela e já é alguma coisa.
Eu, que não conheço a matemática, e por isso a verdadeira relatividade, não tenho certeza de que não haja naquela ideia mais relatividade do que Einstein suponha. O destino quer que o artista seja inspirado pelo filósofo que ele não entende perfeitamente, e que o filósofo não entenda o próprio artista que inspirou (tradução nossa).

[7] BARILLI, *La linea Svevo-Pirandello*, op. cit., p. 35. [...] diremos que o *poietés* (no sentido original da palavra) dá ao pensamento filosófico-científico aquela evidência concreta (retoricamente, a força do *exemplum*) que, de outro modo, poderia faltar-lhe (tradução nossa).

público leigo a essa novidade tão grande para a física clássica e o senso comum apenas por meio da imaginação que age sobre a experiência cotidiana, de modo a dispensar a abstração matemática, ferramenta apropriada para a física, mas altamente inadequada para a literatura.

Assim como o artista pode "entender mal" uma teoria, o teórico também pode julgar mal as obras artísticas enquanto meios para a sua expressão, pois até mesmo os seus seguidores podem contestar esse julgamento, como no exemplo que Svevo dá em seguida:

> È nota l'avventura del Wagner con lo Schopenhauer. Gli inviò sua musica con proteste di gratitudine a chi egli considerava suo maestro. Ma lo Schopenhauer gli scrisse ch'egli riteneva che la musica del Rossini fosse quella che si acconciasse meglio alla sua filosofia. Egli intanto per suo conto non voleva che quella. Oggidí tutta la falange degli Schopenhaueriani sono di altro parere.[8]

Além dos desentendimentos, Svevo reconhece, na sua correspondência, outro risco para o artista que usa teorias na criação de suas obras. Numa carta de 25 de janeiro de 1928, Valerio Jahier, jovem italiano residente em Paris, alerta para o risco de aridez e artificialidade que tal uso traz para o artista. Na carta de resposta, o escritor não só admite esse risco, mas também confessa ter incorrido nele no seu primeiro romance: "Io ne so qualche cosa per quello che m'avvenne con *Una vita* fatto tutto nella luce della teoria di Schopenhauer. E talvolta mi pare di sentire che la chiusa di quel romanzo non abbia maggior calore della conclusione di un sillogismo".[9]

Apesar de tantos problemas, o uso de teorias pelo artista traz vantagens que não ficam restritas ao seu público, que é beneficiado ao poder entender algo de uma teoria da qual talvez nem viesse a conhecer nenhum dos seus ensinamentos. Segundo o escritor, o casamento entre teórico e artista dá bons resultados para os cônjuges porque:

> [...] conquista all'artista un rinnovamento o almeno gli dà il calore e il sentimento della cosa nuova come avverebbe se fosse possibile di mutare una parte del vocabolario e darci delle parole nuove non ammuffite dalla loro antichità e dal lungo uso. In quanto al filosofo, può dirsi contento quando un potente riflettore lo metta in piena luce alla ribalta del mondo lui

---

[8] SVEVO, *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 687. É conhecida a aventura de Wagner com Schopenhauer. Ele enviou a sua música com protestos de gratidão a quem considerava o seu mestre. Mas Schopenhauer lhe escreveu que acreditava que a música de Rossini fosse aquela que melhor acomodasse a sua filosofia. Por enquanto, ele queria apenas aquela em seu nome. Hoje em dia, toda a falange de schopenhauerianos é de outra opinião (tradução nossa).

[9] Id., *Carteggio*. Milano: Dall'oglio, 1965, p. 249. Eu sei alguma coisa sobre isso pelo que me aconteceu com *Uma vida*, feito completamente à luz da teoria de Schopenhauer. E às vezes parece que sinto que o final desse romance não tem mais calor do que a conclusão de um silogismo (tradução nossa).

> che altrimenti corre il rischio di fare la vita del roditore.[10]

A vantagem para o teórico é clara: trata-se da ampliação da quantidade de pessoas alcançada pela sua teoria, dado que o público do artista geralmente é maior. Por seu turno, a vantagem para o artista é abordada de modo mais indireto. Trata-se de uma renovação, que é comparada a uma alteração do vocabulário; é importante observar que os elementos cotejados não são simples, pois a renovação pode ser real ou apenas uma sensação, e a alteração mencionada pode ocorrer com a criação de palavras ou com a mudança de algumas já existentes. Retomemos o exemplo da apropriação da teoria de Einstein para tornar mais claro o que as variações presentes na comparação podem indicar. Se o escritor desse exemplo nunca concebeu a duração de um evento de modo diferenciado para dois personagens, então escrever um texto no qual haja tal distinção, inspirado no que preconiza a teoria da relatividade no caso de observadores com velocidades desiguais, é como usar uma nova palavra. A situação é outra, por exemplo, caso o escritor tenha abordado a subjetividade do tempo de várias maneiras; nesse caso, a influência da teoria da relatividade sobre ele é comparável à mudança no uso de uma palavra, inspirando-lhe a hipótese de uma causa orgânica para abordar mais uma vez a subjetividade temporal na sua obra.

Para um escritor que tinha uma relação tão fecunda e consciente com o pensamento científico e filosófico, o contato com a psicanálise, quando ela vai além dos círculos de médicos e psiquiatras, só poderia se tornar um acontecimento de grande importância. Assim, não deve nos espantar que Svevo faça um resumo desse contato no texto *Profilo autobiografico*:

> Il secondo avvenimento letterario e che allo Svevo parve allora scientifico fu l'incontro con le opere del Freud. Dapprima le affrontò solo per giudicare delle possibilità di una cura che veniva offerta ad un suo congiunto. Per vario tempo lo Svevo lesse libri di psicanalisi. [...] Durante la guerra, nel 1918, per compiacere un suo nipote medico che, ammalato, abitava da lui, si mise in sua compagnia a tradurre l'opera del Freud sul sogno. [...] Fu allora che lo Svevo talora si dedicò (solitario, ciò ch'è in perfetta contraddizione alla teoria e alla pratica del Freud) a qualche prova di psicanalisi su se stesso.[11]

---

[10] Id., *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., pp. 687-688. [...] o artista ganha uma renovação ou pelo menos dá-lhe o calor e a sensação de algo novo como teria se fosse possível mudar uma parte do vocabulário e nos dar novas palavras não mofadas pela sua antiguidade e pelo uso prolongado. Quanto ao filósofo, pode dizer-se contente quando um potente refletor o coloca em plena luz na vanguarda do mundo, ele que, de outra forma, corre o risco de levar uma vida de roedor (tradução nossa).

[11] Ibid., p. 807. O segundo acontecimento literário e que, então, pareceu científico a Svevo foi o encontro com as obras de Freud. Inicialmente, abordou-a só para julgar a possibilidade de um tratamento que foi oferecido a um parente seu. Em diversos períodos, Svevo leu livros de psicanálise. [...] Durante a guerra, em 1918, para agradar um sobrinho médico que, doente, morava com ele, colocou-se em sua companhia a traduzir a obra de Freud sobre o sonho. [...] Foi então que Svevo de vez em quando se dedicou (solitário,

O parente mencionado na citação é o cunhado "Bruno Veneziani, fratello minore di Livia [esposa de Svevo], amico e compagno di studi di Edoardo Weiss [primeiro psicanalista da cidade, Trieste]".[12] Ele foi tratado pelo próprio Freud "per due anni e ritornò dalla cura distrutto".[13] Nesta introdução, esse episódio nos interessa apenas porque deu a Svevo a oportunidade de ter uma "esperienza indiretta della terapia psicoanalitica attraverso la cura con Freud".[14] O fracasso do longo e oneroso tratamento provavelmente também contribuiu para que o escritor tivesse, em certa medida, uma abordagem questionadora da terapêutica psicanalítica. Teremos oportunidade de verificar isso no capítulo que dedicamos ao tratamento de Zeno e as suas consequências.

Em complemento a esse contato prático, a citação nos informa de que Svevo também leu livros de psicanálise. Até mesmo se empenhou em traduzir um deles, mais precisamente, iniciou uma tradução "in collaborazione con il nipote Aurelio Finzi [...] di *Il sogno* (cioè *Über der Traum* [*Sobre o sonho*], del 1901, compendio semplificato della monumentale *Traumdeutung* [*A interpretação dos sonhos*]".[15] Além desse livro, Svevo identificou outro, ainda que de modo impreciso: "Secondo me il Freud, meno nelle sue celebri prelezioni che conobbi appena nel '16".[16] Duas obras podem ser objeto dessa menção: "Si pensa immediatamente alla prima serie delle *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* [*Conferências introdutórias sobre psicanálise*], tenute da Freud all'Unversità di Vienna durante i corsi invernali degli anni 1915-16 e 1916-17",[17] mas também pode ser "un'altra serie di lezioni (molto meno celebri, ugualmente smaglianti) tenute da Freud nel 1909 alla Clark University, pubblicate con il titolo *Über*

---

o que está em perfeita contradição com a teoria e a prática de Freud) a algumas experiências de psicanálise em si mesmo (tradução nossa).

[12] LAVAGETTO, Mario. *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*. Torino: Einaudi, 1975, p. 39. Bruno Veneziani, irmão mais novo de Livia [esposa de Svevo], amigo e colega de classe de Edoardo Weiss [primeiro psicanalista da cidade, Trieste] (tradução nossa).

[13] SVEVO, *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 688. [...] durante dois anos e retornou destruído do tratamento (tradução nossa).

[14] GHIDETTI, Enrico. *Italo Svevo. La coscienza di um borghese triestino*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2006, p. 236. [...] experiência indireta da terapia psicanalítica por meio do tratamento com Freud (tradução nossa).

[15] Ibid., p. 237. [...] em colaboração com o neto Aurelio Finzi [...] de *Sobre o sonho* (isto é, *Über der Traum*, de 1901, um compêndio simplificado da monumental *Traumdeutung* [*A interpretação dos sonhos*] (tradução nossa).

[16] SVEVO, *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 688. Na minha opinião, Freud, menos nas suas célebres conferências, que conheci apenas em 1916 (tradução nossa).

[17] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 41. Pensa-se imediatamente na primeira série das *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* [*Conferências introdutórias sobre psicanálise*], realizada por Freud na Universidade de Viena, durante os cursos de inverno dos anos de 1915-1916 e 1916-1917 (tradução nossa).

Psychoanalyse [*Cinco lições de psicanálise*]",[18] que foram traduzidas "nel italiano nel 1915 da Marco Levi Bianchini".[19] Caso seja a primeira opção, deve-se considerar que essas conferências "nel 1916 erano uscite incomplete, e si potevano leggere solo i capitoli iniziali sulla psicopatologia della vita quotidiana e sui sogni".[20] Quanto aos demais livros de Freud que o escritor haveria lido antes de escrever o terceiro romance, não há indícios diretos; pode-se apenas conjecturar sobre isso, dizendo que Svevo deve ter lido "con molte probabilità l'*Interpretazione dei sogni* (1901 [*sic*]), la *Psicopatologia della vita quotidiana* (1901), e il *Motto di spirito* (1905), forse anche i *Tre saggi sulla teoria della sessualità* (1905)".[21] Obviamente, a suposta quantidade de leituras, considerando apenas obras escritas por Freud, já indica um grande interesse pela psicanálise.

Um contato relevante que não aparece no resumo de Svevo que citamos é apresentado numa carta a Jahier, de 10 de dezembro de 1927: "E conobbi alcuni medici che lo [Freud] circondano".[22] Um desses médicos foi Edoardo Weiss, a quem o escritor chegou a se referir como "il mio ottimo amico",[23] ainda que haja alguma ironia nessas palavras. Weiss, ainda estudante, conheceu Freud pessoalmente e aprendeu a técnica psicanalítica em Viena:

> [...] diciannovene, iscritto alla facoltà medica dell'Università di Vienna, il 7 ottobre 1908, varca la soglia della Bergasse 19, risoluto a conoscere quel dottor Freud [...]. Da questo memorabile incontro inizia la vicenda di Weiss, primo discepolo triestino di Freud (svolse il proprio *training* analitico a Vienna con uno dei più geniali allievi del Maestro, Paul Federn).[24]

O escritor também conheceu um dos fundadores da primeira sociedade psicanalítica. Svevo encontrou

---

[18] Ibid., pp. 41-42. [...] outra série de lições (muito menos famosas, igualmente brilhantes), realizada por Freud na Universidade Clark, em 1909, publicada sob o título *Über Psychoanalyse* [*Cinco lições de psicanálise*] (tradução nossa).

[19] VITTORINI, Fabio. *Svevo*: *guida alla Coscienza di Zeno*. Roma: Carocci, 2003, p. 87. [...] em italiano em 1915 por Marco Levi Bianchini (tradução nossa).

[20] DAVID, Michel. *La psicoanalisi nella cultura italiana*. 3. ed. Torino: Bollati Boringhieri, 1990, p. 383. [...] em 1916 saíram incompletas e podiam-se ler só os capítulos iniciais sobre a psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos (tradução nossa).

[21] PETRONIO, Giuseppe (cura). *Il caso Svevo*. Palermo: Palumbo, 1988, p. 62. [...] com muita probabilidade *A interpretação dos sonhos* (1901 [*sic*]), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), talvez também *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905) (tradução nossa).

[22] SVEVO, *Carteggio*, op. cit., p. 239. E conheci alguns médicos que o [Freud] cercam (tradução nossa).

[23] Id., *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 686. [...] o meu ótimo amigo (tradução nossa).

[24] GHIDETTI, *Italo Svevo. La coscienza di um borghese triestino*, op. cit., pp. 240-241. [...] com dezenove anos, inscrito na faculdade de medicina da Universidade de Viena, em 7 de outubro de 1908, cruza o limiar da rua Bergasse, 19, determinado a conhecer aquele doutor Freud [...]. A partir desse memorável encontro começa a história de Weiss, primeiro discípulo triestino de Freud (teve o próprio *training* analítico em Viena com um dos mais geniais alunos do Mestre, Paul Federn) (tradução nossa).

> [...] Wilhelm Stekel, uno dei maggiori collaboratori del maestro viennese, durante l'estate del 1911 a Ischl nel Salzkammergut [...], ed era evidentemente entrato in confidenza con lo psicanalista, se il 1° settembre scrive da Murano a Livia: "Domani – tempo permettendo – scriverò una carta a Steckel [*sic*]".[25]

Retomando o resumo citado, o escritor acrescenta que se dedicou a uma autoanálise. Além do interesse que essa iniciativa demonstra, ela ainda seria responsável, no mínimo, pelo surgimento do terceiro romance de Svevo: "Se non altro da tale esperienza nacque il romanzo".[26] Ele demonstra estar ciente das limitações da autoanálise ao mencionar, ainda no mesmo resumo, a contradição com o que Freud defendia e praticava, mas o valor da psicanálise para o autor é enfatizado, pois essas limitações o motivam a dizer que haveria sido melhor para o livro se ele houvesse sido realmente psicanalisado, pois "Sarebbe stato più onesto"[27] ou o romance "sarebbe risultato più intero".[28]

Aliás, com exceção do caso mais complicado envolvendo a terapêutica psicanalítica – um dos temas que investigamos no quarto capítulo –, quaisquer ressalvas que o escritor possa ter no tocante à psicanálise são sempre contrabalançadas com afirmações bastante claras da importância que lhe concede: "Ma c'è la scienza per aiutare a studiare sé stesso. Precisiamo anche subito: La psicanalisi",[29] "Ma quale scrittore potrebbe rinunziare di pensar almeno la psicanalisi? [...] Ma la psicanalisi non m'abbandonò più",[30] "Grande uomo quel nostro Freud ma più per i romanzieri che per gli ammalati",[31] "*Letterariamente* Freud è certo più interessante [do que terapeuticamente]"[32] e "E se credo che Freud sia un grande maestro è perché credo conferisca la debita importanza alle nostre esperienze".[33]

Também é interessante retomar brevemente o risco de aridez e artificialidade

---

[25] Ibid., p. 237. Wilhelm Stekel, um dos principais colaboradores do mestre vienense, durante o verão de 1911 em Ischl no Salzkammergut [...], e, obviamente, ficou próximo do psicanalista, se, em primeiro de setembro, escreve de Murano a Livia: "Amanhã – se tiver tempo – escreverei uma carta a Steckel [*sic*]" (tradução nossa).
[26] SVEVO, *Carteggio*, op. cit., p. 239. No mínimo, de tal experiência nasceu o romance (tradução nossa).
[27] Ibid., p. 248. Haveria sido mais honesto (tradução nossa).
[28] Ibid., p. 243. [...] haveria ficado mais inteiro (tradução nossa).
[29] Id., *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 685. Mas há uma ciência que ajuda a estudar a si mesmo. Determinemos imediatamente: a psicanálise (tradução nossa).
[30] Ibid., p. 688. Mas qual escritor poderia renunciar a pensar, pelo menos, na psicanálise? [...] Mas a psicanálise não me abandonou mais (tradução nossa).
[31] Id., *Carteggio*, op. cit., p. 239. Grande homem aquele nosso Freud, mas mais para os romancistas do que para os doentes (tradução nossa).
[32] Ibid., p. 243. *Literariamente* Freud é certamente mais interessante [do que terapeuticamente] (tradução nossa).
[33] Ibid., p. 248. E se acho que Freud seja um grande mestre é porque acredito que dá a devida importância às nossas experiências (tradução nossa).

que o uso de teorias traz para o artista. Quando Jahier menciona esse perigo, ele se refere explicitamente à psicanálise, mas Svevo, após admitir a presença do risco, não trata da sua possível existência quanto ao uso da psicanálise no seu terceiro romance, mas sim – como já registramos – da frieza do final do seu primeiro romance, escrito com base na filosofia de Schopenhauer.

Por fim, se há um trecho no qual Svevo questiona incisivamente a contribuição da criação freudiana para a sua obra é aquele no qual afirma: "In quanto alla *Coscienza* io per lungo tempo credetti di doverla al Freud ma pare mi sia ingannato. Adagio: Vi sono due o tre idee nel romanzo che sono addirittura prese di peso dal Freud. [...] Tuttavia io credetti per qualche tempo di aver fatto opera di psicanalista".[34] Ora, na mesma página, o escritor começa a apresentar a sua concepção da relação entre literatura e o pensamento científico ou filosófico, que já analisamos. É à luz dessa concepção que podemos concluir que a rejeição de Svevo se dirige às formulações usadas nas suas frases ("dever a Freud" e "obra de psicanalista"), que seriam mais pertinentes se ele houvesse se tornado um psicanalista para escrever o livro, deixando a perspectiva de escritor subordinada à da nova função, ou se um psicanalista houvesse escrito uma obra de ficção. Devemos entender do mesmo modo a menção às duas ou três ideias, pois seria inadmissível considerá-la no sentido de serem as únicas contribuições psicanalíticas ao romance, como atesta implicitamente qualquer livro já escrito sobre o assunto. Na mesma atitude de polêmica, parece uma sugestão de que as passagens referentes a essas ideias seriam dois dos poucos trechos do romance que um psicanalista (ou o próprio Svevo, caso houvesse simplesmente subordinado a sua tarefa como escritor à psicanálise) haveria escrito.

Svevo teve que pagar o preço por essa opção de dar amplo espaço à psicanálise e, ao mesmo tempo, não adotá-la pura e simplesmente, aplicando as suas concepções do modo mais direto possível. A sua opção pode gerar expectativas que, ao não serem atendidas, provocam mal-entendidos que prejudicam sobremaneira o entendimento do romance. É o próprio escritor quem nos relata um desses mal-entendidos, bastante instrutivo, como poderemos verificar ao analisá-lo:

> Quando publicai il *Zeno* con mio grande dolore ebbi da un dottore psicanalista la dichiarazione che dal mio romanzo traspariva la mia assoluta ignoranza di psicanalisi. Non solo dall'ultimo capitulo ma ancora più che

[34] Id., *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., pp. 685-686. Quanto à *Consciência*, eu, por um longo tempo, acreditei que a devia a Freud, mas parece que me enganei. Devagar: há duas ou três ideias no romance que são realmente adotadas pra valer de Freud. [...] Todavia, eu acreditei por algum tempo que havia feito obra de psicanalista (tradução nossa).

> degli altri dall'ultimo perché qui pare che l'atteggiamento dell'ammalato non sia quello che gli ammalati hanno in quei frangenti né quello del medico quello che il medico deve avere secondo i dettami di quella pratica.[35]

O psicanalista mencionado na citação é Weiss, identificado em outro trecho no qual Svevo conta o mesmo episódio: "il Dr. Weiss mi disse che non poteva parlare del mio libro perché con la psicanalisi non aveva nulla a che vedere".[36] Quanto ao que Weiss explicitamente critica, as atitudes do médico e do paciente, ele parece ter alguma razão. Em nenhum dos encontros relatados com o doutor S., Zeno demonstra a preocupação de alguém que tem a sua vida e a dos seus próximos prejudicadas por um sofrimento psíquico, como esperamos de uma pessoa que resolva despender tempo e dinheiro com sessões de psicanálise. No tocante às atitudes do médico, o crítico Mario Lavagetto conclui, após listar dez normas de conduta do psicanalista que ele encontra nos textos de Freud e dos seus seguidores:

> Lo psicanalista di Zeno non sembra osservare scrupolosamente nessuno di questi comandamenti: ha fretta di concludere; parla troppo; sciorina le proprie interpretazioni con ostenta compiacenza; non si preoccupa delle reazioni del paziente; lo incalza; scopre le proprie carte; confonde il proprio sapere con quello di Zeno; procede senza cautele e, nello stesso tempo, è del tutto privo di diffidenza; cade nei tranelli più grossolani... E allora Weiss ha ragione![37]

Por conseguinte,[38] devemos admitir que a afirmação de Weiss está certa no sentido de que a relação clínica entre o psicanalista e o paciente não está de acordo com uma caracterização realista nem com os ditames da psicanálise, mas reconhecer isso só nos permite concluir que devemos afastar expectativas de que o romance seja uma mera

---

[35] Id., *Carteggio*, op. cit., p. 248. Quando publiquei *Zeno*, ouvi com grande pesar de um médico psicanalista a declaração que, do meu romance, transparecia a minha absoluta ignorância de psicanálise. Não só no último capítulo, mas ainda mais do que nos outros no último, porque aqui parece que a atitude do doente não é aquela que os doentes têm nessas circunstâncias terríveis nem aquela do médico aquela que o médico deveria ter segundo os ditames daquela prática (tradução nossa).

[36] Id., *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 686. [...] o doutor Weiss disse-me que não podia falar sobre o meu livro, porque não tinha nada a ver com a psicanálise (tradução nossa).

[37] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 57. O psicanalista de Zeno não parece observar escrupulosamente nenhum desses mandamentos: tem pressa em tirar conclusões; fala demais; exibe as próprias interpretações com ostensiva complacência; não se preocupa com as reações do paciente; o persegue; revela as próprias cartas; confunde o próprio saber com o de Zeno; procede sem cautela e, ao mesmo tempo, é completamente desprovido de desconfiança; cai nas armadilhas mais grosseiras... E, então, Weiss está certo! (tradução nossa).

[38] Devemos fazer uma ressalva: como alguns dos itens listados na citação se devem à falta de adequação da terapia a um fenômeno chamado de resistência e, como verificaremos no quarto capítulo, os psicanalistas inicialmente trataram os pacientes desse modo, tais itens fizeram realmente parte da conduta desses terapeutas durante os anos iniciais da psicanálise. Poderíamos nos perguntar se é razoável que um psicanalista de Trieste ainda esteja nessa situação em 1915, mas não é o caso de levar adiante tal questionamento. O que nos importa é que os demais itens da lista são suficientes para garantir a validade do raciocínio.

representação fiel da realidade ou uma simples obra de divulgação da criação freudiana.

Obviamente, a conclusão do parágrafo anterior está muito longe de nos convencer de que o romance não tenha nada a ver com a psicanálise. Podemos ter uma ideia inicial dessas questões no que se refere à própria relação clínica já no prefácio que abre o livro e é escrito pelo doutor S.:

> Io sono il dottore di cui in questa novella si parla talvolta con parole poco lusinghiere. Chi di psico-analisi s'intende, sa dove piazzare l'antipatia che il paziente mi dedica. [...]
> [a ideia de sugerir a Zeno que escrevesse a sua autobiografia] mi ha dato dei risultati insperati, che sarebbero stati maggiori se il malato sul più bello non si fosse sottratto alla cura truffandomi del frutto della mia lunga paziente analisi di queste memorie.
> Le pubblico per vendetta e spero gli dispiaccia. Sappia però ch'io sono pronto di dividere con lui i lauti onorarii che ricaverò da questa pubblicazione a patto egli riprenda la cura.[39]

Ora, a relação entre psicanalista e paciente é apresentada justamente em termos de processos que são considerados muito importantes pela psicanálise. No primeiro parágrafo da citação, o médico, ao insinuar a razão da antipatia de Zeno, introduz "l'idea del transfert, il meccanismo con cui il paziente traspone sull'analista sentimenti ed emozioni che ha provato in passato nei riguardi di persone importanti della sua infanzia".[40]

Mais precisamente, devemos falar de uma transferência negativa, uma vez que os tipos de transferência são clinicamente relevantes: "Temos de nos resolver a distinguir uma transferência 'positiva' de uma 'negativa', a transferência de sentimentos afetuosos da dos hostis, e tratar separadamente os dois tipos de transferência para o médico",[41] e a transferência provoca "resistência ao tratamento apenas na medida em que se tratar de transferência negativa ou de transferência positiva de impulsos eróticos

---

[39] SVEVO, Italo. *Romanzi e "continuazioni"*. Milano: Mondadori, 2004, p. 625. Sou o médico de quem às vezes se fala neste romance com palavras pouco lisonjeiras. Quem entende de psicanálise sabe como interpretar a antipatia que o paciente me dedica. [...]
[a ideia de sugerir a Zeno que escrevesse a sua autobiografia] forneceu-me resultados inesperados, os quais teriam sido ainda melhores se o paciente, no momento crítico, não se tivesse subtraído à cura, furtando-me assim os frutos da longa e paciente análise destas memórias.
Publico-as por vingança e espero que o autor se aborreça. Seja dito, porém, que estou pronto a dividir com ele os direitos autorais desta publicação, desde que ele reinicie o tratamento (SVEVO, Italo. *A consciência de Zeno*. Tradução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 11).

[40] MOLONEY, Brian. *Italo Svevo narratore. Lezioni triestine*. Gorizia: Libreria Editrice Goriziana, 1998, p. 86. [...] a ideia de transferência, o mecanismo pelo qual o paciente transpõe para o analista sentimentos e emoções que experimentou no passado em relação às pessoas importantes da sua infância (tradução nossa).

[41] FREUD, Sigmund. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 12, p. 140.

reprimidos".[42] Quanto à noção freudiana de recalcamento (que os tradutores do livro da última citação preferem nomear como repressão),[43] esclareçamos que trata de um dos destinos dados a certos estímulos constantes originados por processos somáticos, como a excitação sexual (a complexa noção de pulsão, usada na próxima citação, pode, para nossos fins, ser descrita como a aplicação de um desses estímulos ao sistema psíquico), e podemos definir o recalcamento como "a operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão".[44]

Assim, o prefácio expõe, sem que se possa lhe opor nenhuma ressalva, um obstáculo psicanaliticamente previsível ao tratamento. Verifiquemos se é possível dizer o mesmo da outra parte da citação, na qual o doutor S. "ci rivela anche senza volerlo che ha avuto luogo anche il controtransfert".[45] Eis a apresentação que Freud faz desse processo que surge durante a terapia:

> Tornamo-nos cientes da "contratransferência", que, nele [no médico], surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes e estamos quase inclinados a insistir que ele reconhecerá a contransferência, em si mesmo, e a sobrepujará. Agora que um considerável número de pessoas está praticando a psicanálise e, reciprocamente, trocando observações, notamos que nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas.[46]

Portanto, o prefácio apresenta, por meio da reação do doutor S. ao abandono do tratamento pelo paciente, outro obstáculo ao tratamento, também previsto pela psicanálise, porém é impossível acreditar na contratransferência relatada, dado que o psicanalista, de modo premeditado, busca se vingar do paciente, quebra o sigilo sobre as suas informações pessoais e ainda tenta comprar o seu retorno ao tratamento! As nossas afirmações sobre a crítica de Weiss podem ser claramente observadas já na primeira página do romance: como a contratransferência é tratada de modo distorcido, e isso não é corrigido em nenhum trecho do livro, ele não é uma simples divulgação da psicanálise nem representa de modo realista a relação clínica estabelecida por ela; ainda assim, o prefácio só pode ser entendido plenamente se conhecermos as noções de transferência,

---

[42] Ibid., p. 140.
[43] Isso vale para todos os usos desse substantivo (assim como das palavras correspondentes nas demais classes gramaticais) nas citações da obra de Freud neste trabalho.
[44] LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 553.
[45] MOLONEY, *Italo Svevo narratore. Lezioni triestine*, op. cit., p. 88. [...] revela-nos, ainda que sem querer, que havia ocorrido também a contratransferência (tradução nossa).
[46] FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise* (1910). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 11, p. 150.

que nem mesmo é distorcida no prefácio, e contratransferência. Por fim, notemos que o exagero humorístico da segunda noção não nos autoriza a entender que o texto busque refutá-la; de fato, não encontraremos nenhum trecho que negue essa noção e explique de outro modo o desejo de vingança do psicanalista. Como o texto não nos dá uma resposta direta sobre a sua abordagem da contratransferência, só poderemos elucidá-la na medida em que começarmos a ter um entendimento global da psicanálise no romance. Na verdade, esse raciocínio vale para outras distorções que o texto faz das concepções clínicas da psicanálise, incluindo o que foi criticado por Weiss, e, portanto, só conseguiremos precisar o que está em jogo nessas distorções ao longo do desenvolvimento do nosso trabalho.

Como podemos constatar por meio das informações biográficas e das análises preliminares realizadas nesta introdução, o encontro com as obras de Freud foi tão relevante para Svevo que deve ser considerado, como ele mesmo diz, um acontecimento literário. Se nos propomos a investigar esse acontecimento, examinando em que medida a psicanálise está presente no seu terceiro romance, não o fazemos porque consideramos que tal abordagem consiga abarcar os principais aspectos das variadas leituras que o romance possibilita, mas porque estamos convencidos de que ela é tão rica que merece ser explorada isoladamente até que tenhamos extraído o máximo de resultados relevantes que ela permita; depois disso, certamente o confronto com outras abordagens de compreensão do livro trará novos resultados que renovarão, em maior ou menor grau, todas as leituras confrontadas, inclusive a nossa, mas isso já foge ao escopo do presente trabalho. Tampouco temos a mínima pretensão de que a nossa abordagem seja original; pelo contrário, ela já foi adotada por importantes trabalhos críticos sobre o escritor, mas entendemos que ela ainda pode ser usada para aprimorarmos a compreensão do livro.

Um dos motivos pelo qual a abordagem que escolhemos ainda não está esgotada é porque, apesar da relevância da psicanálise para Svevo, só poucos livros dos melhores críticos svevianos se dedicam efetivamente à relação entre o escritor e a psicanálise. Os demais a abordam brevemente no contexto de outra questão ou, no máximo, dedicam-lhe uma seção da obra, incapaz de tratá-la com a devida profundidade. De fato, essa relação tanto demora a ser estudada em detalhe – os primeiros textos dedicados especificamente a ela são artigos da década de 50 – quanto se torna um aspecto central somente de modo muito esporádico nos livros publicados após a década de 70. É apenas num período de aproximadamente dez anos, de 1969,

data de publicação de um artigo do crítico Anthony Wilden, até o fim da década seguinte, que são publicados os artigos e os livros mais importantes quanto ao estudo dessa relação.

O crítico mais bem-sucedido nesse estudo talvez seja Mario Lavagetto, que versa, obtendo excelentes resultados, sobre a relação entre a censura psíquica, as manifestações do inconsciente, como os sonhos e os lapsos, e Zeno, não só como protagonista, mas principalmente como narrador. Apesar do trabalho admirável realizado por Lavagetto, entendemos que algumas consequências dos resultados que obteve e algumas possibilidades de pesquisa relacionadas ao inconsciente e aos seus meios de expressão no romance de Svevo podem ser exploradas ainda mais, como os sonhos, que parecem não ter sido suficientemente examinados no que se refere ao que revelam da constituição psíquica de Zeno. Desconfiamos que isso esteja estreitamente relacionado com o tratamento normalmente dispensado ao complexo de Édipo no romance. Tanto por ser o principal e mais difundido conteúdo inconsciente anunciado pela psicanálise quanto pela evidente hostilidade do protagonista ao pai e pela igualmente evidente repetição de tal afeto nos seus substitutos no processo de transferência, o complexo de Édipo parece funcionar como uma claridade que, de tão intensa, ofusca o que está por perto. Assim, ele costuma ser abordado sem a devida atenção, fazendo com que se percam outros aspectos pelos quais ele está presente no psiquismo de Zeno e outros aspectos do texto que estão construídos com base nele. Entendemos que esse é o principal ponto fraco da melhor análise que encontramos dos sonhos de Zeno, feita por Teresa de Lauretis no terceiro capítulo do seu livro *La sintassi del desiderio: struttura e forme del romanzo sveviano*.

Também nos afastamos dos críticos de abordagem psicanalítica do período que destacamos no que se refere ao uso de Lacan na análise do romance. De fato, é compreensível que Wilden, Eduardo Saccone, Lavagetto e Lauretis trabalhem com o psicanalista francês nesse período, dado que era a época na qual se difundia a renovação conduzida por ele na psicanálise por meio de uma visada estruturalista. Optamos por não incluir essa nova concepção na nossa abordagem e permanecer restritos ao que Freud escreveu. Ao nos concentrarmos em obras que estavam à disposição do próprio Svevo, obtemos a vantagem de conseguir destacar associações entre os textos de Freud e o romance que escaparam às análises anteriores.

Finalmente, apresentemos a divisão da análise que faremos do romance de Svevo. Dedicaremos o primeiro capítulo à análise da subjetividade de Zeno,

principalmente do protagonista, segundo as concepções da psicanálise, abordando a esse respeito: os antecedentes na vontade de Schopenhauer; o que revelam os sonhos e a simbologia onírica; o complexo de Édipo; o canibalismo e o fetichismo; a repetição inconsciente das relações pessoais.

A seguir, abordaremos como o embate entre os meios de expressão do inconsciente, como os lapsos e as associações livres de ideias, e a censura psíquica, como aquela exercida pela memória voluntária e pelas reações às manifestações do inconsciente, contribuem para as técnicas narrativas e a temporalidade do romance, assuntos, respectivamente, do segundo e terceiro capítulos.

Enfim, reservaremos o quarto capítulo à análise de cada uma das quatro datas que compõem o último capítulo do romance, que ganhou a forma de um diário. Ao longo deste estudo, examinaremos o efeito das sessões de psicanálise sobre Zeno, as curas pelas quais passa, os modos como se relaciona com a escrita e as mudanças que aparecem na sua disposição temporal como protagonista e narrador.

Acrescentemos que, a fim de que a utilidade do nosso trabalho não fique restrita aos leitores de italiano, optamos por fornecer a tradução dos textos citados nessa língua na nota de rodapé. Quando não tivemos acesso a uma edição em português do texto original, nós mesmos o traduzimos, e só indicamos algum problema na tradução de outrem em caso de erro gramatical ou se ele é relevante para a nossa análise.

Capítulo 1
A PSICANÁLISE COMO SISTEMA DE COMPREENSÃO DO PSIQUISMO

Este capítulo trata do que Svevo, ao escrever *La coscienza di Zeno*, aceita mais integralmente na psicanálise, a saber, que ela sirva como um sistema para compreender o psiquismo. A aceitação das ideias psicanalíticas a esse respeito ocorre de duas maneiras: há aquelas que são equivalentes às noções que o próprio escritor já usava em seus livros, com um maior desenvolvimento depois de conhecer a psicanálise, e outras que lhe são novas e que ele adota para a sua literatura. Apresentamos essa distinção com o único objetivo de afastar qualquer possibilidade de causar uma impressão equivocada de que o terceiro romance de Svevo deva inteiramente a Freud a concepção de um psiquismo que não se reduz à consciência. Incidentalmente, observemos que já tivemos a oportunidade de encontrar exemplos de ideias adotadas pelo escritor na introdução, quando verificamos como ele usa noções psicanalíticas para expor a relação entre Zeno e o seu psicanalista.

Quanto às ideias já usadas por Svevo, nos dedicaremos a tratar do que o escritor aprendeu com Schopenhauer, o filósofo alemão que tanto elaborou uma teoria que é "forse la prima a indicare la presenza nell'uomo di un volere 'profondo' accanto a quello di superficie"[47] quanto foi o que mais influenciou o escritor, pois, ao pensador, "Svevo dedicò non solo un forte impegno intellettuale, ma un vero e proprio culto, durato tutta la vita (secondo la testimonianza della moglie Livia, ne possedeva l'opera completa e rimase sempre membro della *Schopenhauer Gesellschaft* di Francoforte sul Meno)".[48]

Qual foi a parte da filosofia de Schopenhauer que Svevo adotou e que antecipa a psicanálise? Nossa resposta parte deste comentário do próprio escritor no *Profilo autobiografico* sobre *La coscienza di Zeno*:

> [...] si ha l'impressione evidente del carattere effimero e inconsistente della nostra volontà e dei nostri desiderii. Ed è il destino di tutti gli uomini d'ingannare se stessi sulla natura delle proprie preferenze per attenuare il dolore dei disinganni che la vita apporta a tutti. E scoprendo tanto imprecisa

---

[47] BARILLI, *La linea Svevo-Pirandello*, op. cit., p. 103. [...] talvez a primeira a indicar a presença no homem de uma vontade "profunda" ao lado daquela de superfície (tradução nossa).

[48] MAXIA, *Svevo e la prosa del Novecento*, op. cit., p. 9. Svevo não dedicou apenas um intenso empenho intelectual, mas um verdadeiro culto, que durou por toda a vida (de acordo com o testemunho da sua esposa Livia, possuía a sua obra completa e foi sempre um associado de *Schopenhauer Gesellschaft* de Frankfurt am Main) (tradução nossa).

> la nostra personalità piuttosto oscurata che chiarita dalle nostre intenzioni che non arrivano ad atteggiare la nostra vita.[49]

O que está em jogo quando Svevo fala tanto do caráter efêmero e inconsistente da nossa vontade quanto das nossas intenções, que não chegam a mover a nossa vida, é a ilusão sobre a nossa capacidade de deliberação, ou seja, de escolher livre e conscientemente, pois tal vontade consciente é apenas uma qualidade do nosso psiquismo, dominado por algo que Schopenhauer chama de Vontade:

> "Per conoscere se stesso il singolo deve constatare con l'esperienza le proprie manifestazioni fenomeniche, gli atti e i movimenti del suo corpo, le sue volizioni concrete; di sé non conosce nulla *a priori*, se non la consapevolezza di un *Wille* indefinito; si illude sulla propria libertà, immaginando di poter volere indifferentemente qualsiasi cosa: *velleitas*. [...] il suo conoscersi è un constatarsi e un accettarsi nel tempo; è uno scoprirsi nell'atto stesso in cui, a contatto coi motivi esterni, il suo carattere si rivela e si manifesta alla sua conoscenza empírica" [...] in conclusione, "è nell'ordine delle cose che la coscienza parli dopo"; prima parla la "volontà", quel cieco impulso egoistico alla vita com'è teorizzato dal filosofo, nel quale Thomas Mann e tanti altri (e lo stesso Svevo) hanno visto il germe della freudiana scoperta dell'inconscio.[50]

Apesar de o comentário de Svevo (penúltima citação) ser sobre o seu terceiro romance, quando já conhece a psicanálise, os seus dois romances anteriores[51] já operam com essas concepções. Assim, as ações dos personagens desses romances não são um simples resultado de uma deliberação; há uma parcela do seu psiquismo que não é consciente, mas, ainda assim, contribui decisiva e incisivamente como causa do seu comportamento. Exemplificaremos isso com o primeiro deles, usando uma análise do crítico Sandro Maxia sobre a recusa do protagonista de aproveitar-se da sedução da filha do patrão:

> Il gesto di rifiuto di Alfonso non è affatto un gesto sconsiderato, e neppure inatteso. Il lettore ne sente, sì, tutta l'assurdità, ma anche la ferrea

---

[49] SVEVO, *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 809. [...] tem-se a evidente impressão do caráter efêmero e inconsistente da nossa vontade e dos nossos desejos. E é o destino de todos os homens enganarem a si mesmos sobre a natureza das próprias preferências para atenuar a dor das decepções que a vida traz para todos. E descobrindo tão imprecisa a nossa personalidade antes obscurecida do que esclarecida pelas nossas intenções, que não chegam a conduzir a nossa vida (tradução nossa).

[50] MAXIA, *Svevo e la prosa del Novecento*, op. cit., pp. 16-17. Para conhecer a si mesmo o indivíduo deve constatar com a experiência as próprias manifestações fenomênicas, os atos e os movimentos do seu corpo, as suas vontades concretas; sobre si mesmo não conhece nada *a priori*, se não a consciência de um *Wille* indefinido; se ilude sobre a própria liberdade, imaginando poder querer indiferentemente qualquer coisa: *velleitas*. [...] o seu conhecer-se é um constatar-se e um aceitar-se no tempo; é um descobrir-se no ato mesmo no qual, em contato com motivos externos, o seu caráter se revela e se manifesta ao seu conhecimento empírico [...] em conclusão, "é na ordem das coisas que a consciência fala depois"; antes fala a "vontade", esse cego impulso egoísta para a vida como teorizado pelo filósofo, no qual Thomas Mann e tantos outros (e o próprio Svevo) viram o germe da descoberta freudiana do inconsciente (tradução nossa).

[51] Publicados em 1892 e 1898, os seus títulos são *Una vita* e *Senilità*.

> consequenzialità; sente altresì che non è un gesto di autonomia, di libera volizione del soggetto (come vuole qualche critico), ma al contrario un gesto di schiavitù, di adesione coatta al proprio io più profondo, diciamo pure alle imperiose insorgenze dell'inconscio. [...]
> Il protagonista di *Una vita* può illudersi di aver riconquistato la propria libertà [...]; ma il narratore lo incalza: egli è stato in realtà costretto a riappropriarsi di sè, della sua intima natura, che "ancora non aveva conosciuto", che aveva anzi tradito, misurandosi con gli altri nella lota per la vita e adottandone le armi. Non c'è libertà dal proprio carattere, conclude Alfonso: d'ora in poi avrebbe rigato dritto per la sua strada, senza "deviazioni da quella via che *la natura* gli aveva imposto".[52]

Além da reconfiguração do entendimento sobre o espírito humano com a existência da vontade e do seu primado sobre a consciência, há outra importante concepção que Svevo adotou do filósofo alemão e que antecipa ideias importantes para a psicanálise. Ela também está presente na citação do *Profilo autobiografico* que usamos no início do capítulo; mais precisamente, no trecho que afirma que os homens enganam a si próprios sobre a natureza de suas preferências para atenuar a dor dos desenganos. Tal concepção é oriunda de Schopenhauer e já aparece em *Una vita*; podemos verificar isso, bem como a função compensatória do autoengano e, em geral, da neurose, na citação a seguir, também de Maxia, que inicia examinando a reação do narrador às autoanálises do protagonista:

> [...] il narratore [...] ne osserva con rancore le manovre, si introduce nei suoi monologhi; ne smaschera l'inveterata tendenza a compassionarsi e a circondare di alibi raffinatissimi le sue inadempienze, in una parola: a vestire i panni dell'anima bella. [...] il romanzo ce la [a neurose do protagonista] presenta in modo indiretto, attraverso la critica (e autocritica) rappresentazione dei meccanismi di compensazione che da essa si generano, anzi attraverso il loro sistematico, rabbioso, crudele, autopunitivo smascheramento. Anche a questo proposito Svevo si mostra buon seguace delle teorie di Schopenhauer, secondo il quale "nessuno inganniamo e lusinghiamo con sì fini artifici quali usiamo per noi medesimi". "Come sempre – leggiamo in *Una vita* a proposito di Alfonso – il suo raggionamento non era altro che il suo sentimento travestito". La nozione di coscienza in Svevo affonda le sue prime radici proprio nella denunzia schopenhauriana dei meccanismi psicologici dell'autoinganno.[53]

---

[52] Ibid., p. 16. O gesto de recusa de Alfonso não é, de fato, um gesto imprudente nem inesperado. O leitor sente, sim, todo o seu absurdo, mas também a férrea consequencialidade; sente também que não é um gesto de autonomia, de livre vontade do sujeito (como querem alguns críticos), mas, pelo contrário, um gesto de escravidão, de adesão forçada ao próprio eu mais profundo, digamos que às imperiosas revoltas do inconsciente. [...]
O protagonista de *Uma vida* pode iludir-se de haver reconquistado a própria liberdade [...]; mas o narrador o persegue: ele, na realidade, foi forçado a reconquistar a si mesmo, a sua íntima natureza, que "ainda não havia conhecido", que, em vez disso, havia traído, competindo com os outros na luta pela vida e adotando as suas armas. Não se é livre do próprio caráter, conclui Alfonso: de agora em diante seguirá à risca o seu caminho, sem "desvios daquela via que *a natureza* lhe havia imposto" (tradução nossa).

[53] Ibid., p. 18. o narrador [...] observa com rancor as suas manobras, intromete-se nos seus monólogos, desmascara a sua tendência inveterada de se condoer e cercar de álibis refinadíssimos as suas infrações, em uma palavra: para assumir o papel da bela alma. [...] O romance apresenta-a [a neurose do protagonista] de um modo indireto, por meio da crítica (e autocrítica) representação dos mecanismos de

Assim, encerramos a apresentação das concepções adquiridas com Schopenhauer. Antes de iniciarmos a análise mais direta da influência da própria psicanálise sobre Svevo, nos deteremos mais um pouco naquelas concepções para tratar das relações entre elas e a influência psicanalítica. Quando o escritor conhecer a psicanálise, haverá uma relação de reforço entre ela e as concepções do filósofo, pois o pensamento de Freud lhe fornecerá "una verifica scientifica, certo non sgradita alla sua formazione positivista di stampo robustamente ottocentesco, delle verità apprese sulle pagine di Schopenhauer".[54]

Não só haverá um reforço, como Svevo dará um maior desenvolvimento ao que o filósofo antecipou das concepções da psicanálise. Encontramos uma indicação de tal desenvolvimento já no título do terceiro romance, *La coscienza di Zeno*. A própria palavra em italiano para consciência já remete à complexidade subjetiva (e também narrativa): "l'ambigua parola del titolo, coscienza, con l'ambiguo doppio senso di coscienza morale e consapevolezza, super-io e io, che così congiunge l'etico e il patologico nel personaggio, linguaggio e metalinguaggio nel romanzo".[55] O outro substantivo do título, o nome do protagonista, também trata, entre outras questões, dessa complexidade: "il nome Zeno sembra evocare, in uno dei divertiti giochi paraetimologici di Svevo, il termine greco *xénos*: Zeno è straniero a se stesso (per effetto dei suoi sogni, dei suoi lapsus, di tutto ciò che immette in una dimensione che la sua coscienza non riesce a controllare)".[56] Ora, começamos este capítulo exatamente analisando como essas questões sobre a subjetividade já estavam nas concepções de Schopenhauer e ocupavam um lugar de grande importância na produção literária de

---

compensação que são gerados a partir dela, na verdade, pelo seu sistemático, irritado, cruel, autopunitivo desmascaramento. Ainda que a esse respeito Svevo se mostre bom seguidor das teorias de Schopenhauer, segundo o qual "ninguém enganamos e lisonjeamos com tão finos artifícios, como nós usamos para nós mesmos". "Como sempre – lemos em *Uma vida* a propósito de Alfonso – o seu raciocínio não era nada mais do que o seu sentimento disfarçado." A noção de consciência em Svevo tem propriamente as suas primeiras raízes na denúncia schopenhauriana dos mecanismos psicológicos do autoengano (tradução nossa).

[54] GHIDETTI, *Italo Svevo. La coscienza di um borghese triestino*, op. cit., p. 246. [...] uma verificação científica, que certamente não desagrada a sua formação positivista e robustamente moldada conforme o século XIX, das verdades aprendidas nas páginas de Schopenhauer (tradução nossa).

[55] LAURETIS, Teresa de. *La sintassi del desiderio*: *struttura e forme del romanzo sveviano*. Ravenna: Longo, 1976, p. 112. [...] a palavra ambígua no título, a consciência, com o duplo sentido ambíguo de consciência moral e psiquismo consciente, superego e ego, que liga assim a ética e o patológico no personagem, linguagem e metalinguagem no romance (tradução nossa).

[56] VITTORINI, *Svevo*: *guida alla Coscienza di Zeno*, op. cit., p. 70. o nome Zeno parece evocar, em um dos divertidos jogos paraetimológicos de Svevo, o termo grego *xénos*: Zeno é um estranho para si mesmo (como resultado dos seus sonhos, dos seus lapsos, de tudo o que entra em uma dimensão que a sua consciência não consegue controlar) (tradução nossa).

Svevo desde o seu primeiro romance; assim, ele só pode dar-lhes a proeminência do título e do nome do protagonista do seu terceiro romance por elas terem sido desenvolvidas a ponto de atingir um novo patamar de elaboração.

Para identificarmos o novo patamar – do qual só teremos uma noção realmente satisfatória no final do nosso trabalho –, é importante que verifiquemos como são abordadas as questões subjetivas nos dois primeiros romances de Svevo. Em cada um deles, opera-se com duas instâncias separadas. De um lado, está o protagonista, que só se conhece à sua própria revelia, pois não procura o verdadeiro autoconhecimento, que somente ocorre porque os motivos exteriores o provocam. De outro lado, está o narrador, que recorrentemente aponta o que o protagonista insiste em não perceber. Assim, cada sujeito poderia estar em dois graus de conhecimento do comportamento humano: um das motivações conscientes e outro da vontade, no qual tais motivações são desqualificadas como enganadoras, e as causas do nosso comportamento são buscadas em algo que está fora do controle da consciência. No terceiro romance, a separação das instâncias é abandonada, tanto em termos psíquicos quanto literários. Não há mais uma separação psíquica no sentido de que as duas instâncias agora atuam simultaneamente no mesmo sujeito, Zeno, que é um homem que descobre a insuficiência explicativa das motivações e começa a se conhecer de modo mais profundo com a ajuda da psicanálise sem que isso signifique que a situação inicial tenha sido completamente superada, ou seja, que agora ele desvende todas as causas inconscientes do seu comportamento e não se deixe mais iludir pelas supostas motivações que determinariam o seu modo de agir. Na verdade, é exposta a irregularidade do funcionamento da consciência e dos materiais com os quais ela trabalha:

> La genialità di Svevo sta proprio nell'avere costruito o rappresentato questo organo [a consciência] a funzionamento intermittente e nell'averne fatto il pivot del suo romanzo, nell'avere assunto l'intermittenza a principio di organizzazione. La coscienza non è uno stato, non una consapevolezza raggiunta, ma piuttosto una specie di lampeggiatore aperiodico che illumina e registra contenuti diversamente strutturati e di spessore, consistenza, durata molto variabili.[57]

Literariamente, a separação entre narrador e protagonista é desfeita por meio da narração em primeira pessoa. Além de ambos serem o mesmo sujeito, Zeno, o narrador

---

[57] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., pp. 228-229. A genialidade de Svevo reside em ter construído ou representado esse órgão [a consciência] em funcionamento intermitente e em tê-lo feito o pivô do seu romance, em ter assumido a intermitência como princípio de organização. A consciência não é um estado, não é um conhecimento adquirido, mas antes uma espécie de luz intermitente que ilumina e grava conteúdos diversamente estruturados e de espessura, consistência e duração muito variáveis (tradução nossa).

não está mais na cômoda situação daquele que revela o que o outro esconde até de si mesmo; agora ambos se equiparam na condição de resistirem ao desnudamento do seu comportamento. Apesar disso, a função exercida pelos narradores dos romances anteriores não é completamente abandonada; ela é reduzida drasticamente e confinada aos limites da própria narração. Ela continua a ser exercida por alguém que não é o protagonista – justamente o psicanalista de Zeno –, mas o doutor S. não é mais externo nem à matéria narrada – ele é um personagem do livro – nem à relação conturbada entre consciência e inconsciente; na verdade, os fenômenos psicanalíticos aludidos no prefácio para tratar da relação entre o protagonista e o seu psicanalista indicam desde o início do livro que não há ninguém livre de tal relação.

Além disso, se podemos entender, de um ponto de vista meramente conceitual, a censura psicanalítica como uma variação do autoengano que mencionamos ao tratar da influência de Schopenhauer, não podemos dizer o mesmo quanto ao modo principal pelo qual se consegue conhecer o que foi bloqueado por eles. Nos dois primeiros romances, o protagonista conhece mais profundamente a si mesmo ou os seus autoenganos são denunciados pelo narrador a partir dos atos, pensamentos e sentimentos envolvidos nos acontecimentos principais da sua vida. Isso muda no terceiro romance, pois a principal fonte para tal conhecimento passa a ser aqueles meios, cuidadosamente estudados pela psicanálise, pelos quais mais facilmente se consegue evitar a censura e, portanto, ter acesso ao inconsciente, como as associações livres de ideias, os sonhos, os esquecimentos e os lapsos, que são eventos geralmente desprezados como meros erros ou distrações. De tais meios analisaremos apenas os sonhos neste capítulo, por ser aquele que aborda mais diretamente no texto o conteúdo do inconsciente, reservando os demais para tratar, no próximo capítulo, da sua relação com a narração de Zeno.

Comecemos nossa análise dos sonhos – e, com ela, a análise direta da influência freudiana sobre o terceiro romance de Svevo – verificando como Freud resume as características oníricas mais gerais:

> Os sonhos são atos psíquicos tão importantes quanto quaisquer outros; sua força propulsora é, na totalidade dos casos, um desejo que busca realizar-se; o fato de não serem reconhecíveis como desejos, bem como suas múltiplas peculiaridades e absurdos, devem-se à influência da censura psíquica a que foram submetidos durante o processo de sua formação; à parte a necessidade de fugir a essa censura, outros fatores que contribuíram para sua formação foram a exigência de condensação de seu material psíquico, a consideração a sua representabilidade em imagens sensoriais e – embora não invariavelmente – a demanda de que a estrutura do sonho possua uma

> fachada racional e inteligível.[58]

Como os dois últimos aspectos são de pouca relevância para a nossa exposição, apenas constataremos que, de fato, todos os sonhos narrados por Zeno são constituídos por imagens sensoriais, e uma boa parte deles oferece uma fachada racional.

O principal método pelo qual se concretiza a influência da censura, mencionada na citação, é o que Freud chama de deslocamento, responsável pela seguinte relação entre elementos que aparecem no sonho e os seus pensamentos latentes:

> [...] os elementos que se destacam como os principais componentes do conteúdo manifesto do sonho estão longe de desempenhar o mesmo papel nos pensamentos do sonho. E, como corolário, pode-se afirmar o inverso dessa asserção: o que é claramente a essência dos pensamentos do sonho não precisa, de modo algum, ser representado no sonho.[59]

O sonho com Carla, a amante do protagonista, serve perfeitamente com um exemplo simples desse método:

> Ebbi un sogno bizzarro: non solo baciavo il collo di Carla, ma lo mangiavo. Era però un collo fatto in modo che le ferite ch'io le infliggevo con rabbiosa voluttà non sanguinavano, e il collo restava perciò sempre coperto dalla sua bianca pelle e inalterato nella sua forma lievemente arcuata. Carla, abbandonata fra le mie braccia, non pareva soffrisse dei miei morsi. Chi invece ne soffriva era Augusta che improvvisamente era accorsa. Per tranquillarla le dicevo: "Non lo mangerò tutto: ne lascerò un pezzo anche a te".[60]

Portanto, o principal elemento do sonho são as mordidas que Zeno dá em Carla e não o que gerou o sonho, o seu desejo sexual por ela. Apesar disso, ainda que o ato sexual não seja representado, tudo o que circunda a ação central, as mordidas, remete a ele: os beijos no pescoço, a sensualidade com a qual o pescoço é descrito, a intensidade da vontade de Zeno, o ato violento que não causa sangramento nem sofrimento, a entrega de Carla e, até mesmo, o sofrimento causado à esposa. Além disso, o material para o qual foi deslocado o desejo está longe de ser casual. Copler, o amigo que apresenta a futura amante ao protagonista, já havia feito a associação entre os elementos

---

[58] FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 4-5, p. 489.
[59] Ibid., p. 294.
[60] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 825. Tive um sonho curioso: não só beijava o pescoço de Carla, mas ainda o comia. Contudo, era um tal pescoço que não sangravam as feridas que eu lhe infligia com selvagem volúpia, e por isso permanecia sempre coberto por sua pele branca e inalterado na sua forma levemente recurva. Carla, abandonada entre meus braços, não parecia sofrer com as mordidas. Em vez dela, sofreu-as Augusta, que surgiu de improviso. Para tranquilizá-la, eu lhe dizia: "Não comerei tudo; deixarei um pedaço para você" (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 192).

do deslocamento ao responder uma pergunta deste sobre ela: "– Bellissima – egli rispose – ma non è pane per i nostri denti".[61] Essa associação também é importante para o inconsciente de Zeno, como verificaremos ao tratar do complexo de Édipo.

Daremos exemplos de condensação onírica, que Freud reconhece como um dos fatores de formação dos sonhos, ao comentar os sonhos com Ada e o da tinta derrubada. Antes disso, tratemos do sonho sobre a discussão com o médico sobre o pai moribundo, relatado próximo ao final do quarto capítulo, que não só exemplifica um dos meios específicos de representação onírica estudados por Freud como também compartilha o pensamento latente do sonho que ele fornece como exemplo. O meio em questão é a inversão:

> [...] a inversão, ou transformação de uma coisa em seu oposto, é um dos meios de representação mais favorecidos pelo trabalho do sonho [...]. Ela serve, em primeiro lugar, para dar expressão à realização de um desejo [...]. "Ah, se ao menos tivesse sido ao contrário!" Esta é muitas vezes a melhor maneira de expressar a reação do ego a um fragmento desagradável da memória. Além disso, a inversão tem uma utilidade muito especial como auxílio à censura, pois produz uma massa de distorção do material a ser representado.[62]

Eis o exemplo que Freud fornece:

> Eis aqui o texto do sonho: *Sei* [*sic*] *pai o repreendia por voltar para casa tão tarde*. O contexto em que o sonho ocorreu no tratamento psicanalítico e as associações do paciente mostraram, contudo, que as palavras originais deviam ter sido que *ele* estava com raiva do *pai*, e que, em sua opinião, o pai sempre voltava para casa *cedo* demais (ou seja, muito antes do tempo). Ele teria preferido que o pai não voltasse para casa em *absoluto*, e isso era a mesma coisa que um desejo de morte contra o pai.[63]

O sonho de Zeno, que poderia muito bem ser inspirado nesses trechos da obra de Freud, trata da discussão do protagonista com o médico Coprosich, na qual tenta impedir que sejam usadas sanguessugas para tratar do seu pai moribundo a fim de que o doente não sofra ainda mais, pois o sofrimento seria inútil, mas é repreendido por querer acabar com a última esperança, ainda que mínima, de manter o pai vivo. Após relembrar esses acontecimentos, o narrador tem o sonho, no qual as atitudes estão invertidas:

> Io insegnavo al dottore il modo di curare e guarire mio padre, mentre lui [...] con ira, gli occhiali in mano e gli occhi disorientati, urlava che non valeva la pena di fare tante cose. Diceva proprio così: "Le mignatte lo richiamerebbero alla vita e al dolore e non bisogna applicargliele!". Io invece battevo il pugno su un libro di medicina ed urlavo: "Le mignatte!

---

[61] Ibid., p. 807. – Lindíssima – respondeu ele –, mas não é carne para os nossos dentes (Ibid., p. 176).
[62] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 312.
[63] Ibid., p. 313.

Voglio le mignatte! Ed anche la camicia di forza!”.[64]

Além da inversão, o sonhador quer até mesmo que seja colocada a camisa de força que foi trazida apenas para conter o doente se ele viesse a enlouquecer. Assim, o sonho tanto usa o meio da inversão na representação onírica quanto o desejo representado é idêntico ao do exemplo dado por Freud – o da morte do pai, que encontramos no complexo de Édipo, cuja presença na vida de Zeno examinaremos ainda neste capítulo.

A representação por inversão também nos permite entender o final do sonho com Carla, no qual Zeno diz que deixará um pedaço para a esposa, como se o sofrimento dela fosse causado por ele não estar dividindo algo com ela, mas Augusta sofre justamente por participar de uma divisão indesejada por meio da traição do marido.

Antes de prosseguirmos a análise dos sonhos de Zeno, façamos um breve comentário sobre o simbolismo exposto por Freud no seu livro sobre os sonhos, pois o usaremos nas próximas análises. Eis a advertência que ele faz sobre o seu uso:

> Somos assim obrigados, ao lidar com os elementos do conteúdo do sonho que devem ser reconhecidos como simbólicos, a adotar uma técnica combinada que, por um lado, baseie-se nas associações do sonhador e, por outro lado, preencha as lacunas provenientes do [a tradução não foi boa: em vez de “provenientes do”, melhor seria “com o”] conhecimento dos símbolos pelo intérprete.[65]

Eis também o comentário que Luiz Garcia-Roza, estudioso da obra freudiana, faz sobre a complementaridade das interpretações simbólicas e via as associações do sonhador:

> Essas duas formas de interpretação não são porém excludentes, mas complementares. Não se trata de, num caso, tomar o sonho como um todo e submetê-lo à interpretação simbólica, e, no outro, considerá-lo em seus detalhes e interpretar a partir das associações do paciente. Para Freud, o sonho continua sendo considerado a partir dos detalhes, dos fragmentos, dos elementos que compõem o conteúdo manifesto; os símbolos desempenhariam neste conjunto o papel de *elementos mudos*, isto é, de elementos para os quais o sonhador é incapaz de fornecer associações.[66]

---

[64] SVEVO, *Romanzi e “continuazioni”*, op. cit., p. 676. Eu o [o médico] instruía sobre a melhor maneira de tratar meu pai, enquanto ele [...] cheio de ira, os óculos na mão e os olhos desencontrados, gritava que não valia a pena tamanhos percalços. Falava assim: “As sanguessugas iriam trazê-lo de volta à vida e ao sofrimento e é melhor não aplicá-las!”. Ao passo que eu batia com o punho sobre um livro de medicina e gritava: “As sanguessugas! Quero as sanguessugas! E também a camisa de força!” (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 60).

[65] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., pp. 334-335.

[66] GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, v. 2, p. 136.

Talvez hoje, depois da ampla divulgação que teve a psicanálise, o uso desses símbolos numa ficção nos cause uma sensação desagradável de aplicação mecânica de um código, mas é necessário que nos esforcemos por superá-la, pois isso era bastante novo quando Svevo escreveu o seu maior romance. Ele certamente conheceu os símbolos propostos por Freud, dado o seu considerável conhecimento de psicanálise – conforme testemunhamos ao longo deste trabalho –, e, portanto, os evitaria, principalmente ao criar os sonhos de Zeno, caso tivesse alguma restrição relevante em relação a eles; pelo contrário, está bem longe de tentar evitá-los, como já deixava claro Lavagetto ao tratar desses sonhos: "Per costruirli Svevo ha saccheggiato Freud: basta una conoscenza superficiale della psicoanalisi per riconoscere una simbologia collaudatissima, per ritrovare la tazza, il cucchiaio, l'inchiostro rovesciato, il cannibalismo".[67]

Assim, seguiremos a recomendação de Freud no sentido de que prosseguiremos a interpretação dos sonhos de Zeno combinando o uso das associações que podemos encontrar no próprio texto produzido por ele com o uso dos símbolos oníricos para reforçar o que já está no texto ou interpretar elementos do conteúdo do sonho que não aparecem nessas associações.

Retomemos a análise dos sonhos de Zeno notando que o romance também aproveita duas configurações de sonhos que Freud destacou. Uma delas é a dos sonhos ocorridos durante uma única noite, sobre os quais afirma:

> Ao interpretar sonhos que consistam em várias seções principais ou, em geral, sonhos que ocorram durante a mesma noite, não se deve desprezar a possibilidade de que os sonhos separados e sucessivos dessa natureza tenham o mesmo sentido e possam estar dando expressão aos mesmos impulsos em material diferente. Sendo assim, o primeiro desses sonhos homólogos a ocorrer é muitas vezes o mais distorcido e tímido, ao passo que, o seguinte será mais confiante e nítido.[68]

O sonho duplo com Ada, narrado no sétimo capítulo, é um belo exemplo da progressão mencionada por Freud. Eis o relato do primeiro:

> [...] eravamo in tre, Augusta, Ada ed io che ci eravamo affacciati ad una finestra e precisamente alla più piccola che ci fosse stata nelle nostre tre abitazioni, cioè la mia, quella di mia suocera e quella di Ada. Eravamo cioè alla finestra della cucina della casa di mia suocera [...] c'era tanto poco spazio che Ada, che stava in mezzo a noi tenendosi alle nostre braccia, aderiva proprio a me. Io la guardai e vidi che il suo occhio era ridivenuto freddo e preciso e le linee della sua faccia purissime fino alla nuca ch'io

[67] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 94. Para construí-los Svevo saqueou Freud: basta um conhecimento superficial da psicanálise para reconhecer um simbolismo testadíssimo, para reencontrar a xícara, a colher, a tinta derramada, o canibalismo (tradução nossa).
[68] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 318.

> vedevo coperta dei suoi riccioli lievi, quei riccioli ch'io avevo visti tanto spesso quando Ada mi volgeva le spalle. Ad onta di tanta freddezza (tale mi pareva la sua salute) essa rimaneva aderente a me come avevo creduto lo fosse quella sera del mio fidanzamento intorno al tavolino parlante. Io, giocondamente, dissi ad Augusta (certo facendo uno sforzo per occuparmi anche di lei): "Vedi com'è risanata? Ma dov'è Basedow?" "Non vedi?" domandò Augusta ch'era la sola fra di noi che arrivasse a guardare sulla via. Con uno sforzo ci sporgemmo anche noi e scorgemmo una grande folla che s'avanzava minacciosa urlando. [...] Era lui [Basedow] che s'avanzava inseguito da quella folla: un vecchio pezzente coperto di un grande mantello stracciato, ma di broccato rigido, la grande testa coperta di una chioma bianca disordinata, svolazzante all'aria, gli occhi sporgenti dall'orbita che guardavano ansiosi con uno sguardo ch'io avevo notato in bestie inseguite, di paura e di minaccia. E la folla urlava: "Ammazzate l'untore!".[69]

Trabalhando inicialmente as associações do próprio texto, verificamos que o sonho retoma a sessão espírita, que ocorre no dia no qual o casamento de Zeno é decidido. Assim, o número três – cujos grupos que ele explicitamente numera no sonho tratam de Ada, com quem Zeno desejou formar um par, e daquelas que estabeleceram o par definitivo, ou seja, Augusta e a mãe, a quem atribui a responsabilidade pela aproximação forçada com a futura esposa – também se refere às três propostas de casamento feitas pelo protagonista após a sessão espírita. Tal como nessa sessão, ele, Ada e Augusta estão sentados na casa da família Malfenti. A principal diferença em relação à sessão espírita são as suas posições relativas, pois agora Ada está ao lado de Zeno, e, ainda mais, fica totalmente colada a ele, exatamente como ele havia desejado naquele dia, quando viria a pedi-la em casamento. O desejo de ficar próximo dela está presente na ênfase dada no sonho à estreiteza da janela e do local. Apesar disso, a rejeição de Ada volta a aparecer tanto nos olhos frios e precisos quanto nos cachos que cobrem a sua nuca, que fazem Zeno recordar das vezes que ela lhe virou as costas. A presença de Augusta também deixa claro que o desfecho do casamento foi diferente

---

[69] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 961-962. [...] estávamos os três, Augusta, Ada e eu debruçados a uma janela, precisamente a mais estreita que havia em nossas três habitações, ou seja, a minha, a de minha sogra, e a de Ada. Estávamos consequentemente na janela da cozinha da casa de minha sogra [...] era tão estreito que Ada, posta entre nós dois e apoiando-se em nossos braços, acabava ficando totalmente colada comigo. Fitei-a de perto e vi que seus olhos se tinham tornado frios e precisos, e que as linhas do seu rosto estavam puríssimas até a nuca coberta pelos leves cachos, aqueles cachos que eu vira tantas vezes quando me voltava as costas. Apesar de tanta frieza (tal me parecia a sua atitude), continuava colada a mim, como supus que estivesse naquela tarde de meu noivado, em torno à mesa falante. No sonho, eu falava alegremente para Augusta (sem dúvida, fazendo força para ocupar-me também dela): "Olha como está curada? Que fim levou o Basedow?". "Não vê?", perguntou Augusta, que era a única de nos [*sic*] a conseguir ver a rua. Com um esforço, debruçamo-nos também e percebemos uma grande multidão que avançava ameaçadoramente a gritar. [...] Era ele [Basedow] que seguia acompanhado pela multidão: um velho andrajoso coberto por um grande manto esfrangalhado, de brocado rígido, a enorme cabeça coberta por uma cabeleira branca e revolta, esvoaçante ao vento, os olhos saltados das órbitas a fitar ansiosos com um olhar que eu havia notado nos animais perseguidos, de medo e de ameaça. E a multidão gritava: "Morte ao propagador da peste!" (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 312-313).

daquele planejado pelo protagonista. Aliás, é ela mesma que aponta Basedow,[70] a doença que retirou a beleza de Ada, a Zeno, que não encontra nenhum sinal dela na cunhada. De qualquer modo, a doença só é vista na rua, representada por um velho andrajoso perseguido por uma multidão.

Quando usamos o simbolismo onírico, o principal efeito que obtemos é darmos um destaque maior para a sexualidade, que até então tinha a sua maior manifestação nos corpos colados de Zeno e da mulher desejada. Assim, a caracterização da janela como a menor e, portanto, a mais estreita daquelas consideradas pelo sonhador ganha uma relevância sexual pelos significados ressaltados pela psicanálise em trechos como: "Os quartos, nos sonhos, costumam ser mulheres ('*Frauenzimmer*'); quando se representam as várias entradas e saídas deles, essa interpretação dificilmente fica sujeita a dúvidas";[71] e "Qualquer um, no entanto, que tenha tido um pouquinho de experiência na tradução de sonhos refletirá, de imediato, que penetrar em espaços estreitos a abrir portas fechadas encontram-se entre os símbolos sexuais mais comuns".[72] Logo, uma janela cuja identificação se faz pelo fato de ela ser a menor de um grupo claramente representa o órgão genital feminino no sonho (esse simbolismo sexual envolvendo as três janelas joga com o das três escadas no segundo sonho, que analisaremos a seguir). Até mesmo o número três, do qual já tratamos no parágrafo anterior, pode ganhar uma interpretação sexual: "Seja como for, o número três tem sido confirmado sob muitos ângulos como um símbolo dos órgãos genitais masculinos".[73] Diante de tal simbolismo, pensar em três janelas envolve uma aproximação nada inocente. Além disso, essa perspectiva praticamente inverte a visão de Basedow pela janela. Novamente identificamos a atuação da inversão onírica, que apresenta essa doença como distante e num espaço público, mas que está conectado nos pensamentos de Zeno, por meio do órgão sexual feminino, com a proximidade e a intimidade da sexualidade. Por fim, comentaremos a própria representação de Basedow ao tratar do segundo sonho, no qual ela é, em grande parte, repetida.

Depois de um intervalo, começa o próximo sonho, que Zeno relata assim:

> Ada ed io ci trovavamo soli sulla più erta scala che ci fosse nelle nostre tre case, quella che conduce alla soffitta della mia villa. Ada era posta per alcuni scalini più in alto, ma rivolta a me ch'ero in atto di salire, mentre lei

---

[70] Doença provocada por uma disfunção na tireoide, cuja perturbação na produção dos hormônios fabricados por essa glândula causa alterações físicas e comportamentais. O sonho privilegia as primeiras por retirarem a beleza de Ada.
[71] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 335.
[72] Ibid., p. 373.
[73] Ibid., p. 339.

> sembrava volesse scendere. Io le abbracciavo le gambe e lei si piegava verso di me non so se per debolezza o per essermi più vicina. Per un istante mi parve sfigurata dalla sua malattia, ma poi, guardandola con affanno, riuscivo a rivederla come m'era apparsa alla finestra, bella e sana. Mi diceva con la sua voce soda: "Precedimi, ti seguo subito!". Io, pronto, mi volgevo per precederla correndo, ma non abbastanza presto per non scorgere che la porta della mia soffitta veniva aperta pian pianino e ne sporgeva la testa chiomata e bianca di Basedow con quella sua faccia fra timorosa e minacciosa. Ne vidi anche le gambe malsicure e il povero misero corpo che il mantello non arrivava a celare. Arrivai a correre via, ma non so se per precedere Ada o per fuggirla.[74]

O segundo sonho é uma progressão do primeiro de duas maneiras. A primeira parte do sonho traz uma sexualidade mais intensa. Usando as associações do próprio texto, verificamos que o desejo de Zeno por Ada é liberado de qualquer restrição apresentada no sonho anterior: não há mais nenhuma rejeição por parte dela (ainda há um pouco de dúvida, já que ela apenas parecia querer descer, ou seja, ir ao encontro dele), Augusta não participa do sonho, deixando a sós o sujeito desejante e o objeto desejado, e até mesmo o local não é aquele onde ela o rejeitou, pois agora tudo se passa na casa de Zeno, mais precisamente numa escada da casa. Além disso, o local permite um encontro corporal francamente sexual com o abraço que ele dá nas pernas dela, e o que Ada fala é típico de um encontro de amantes.

Observamos o mesmo aumento de intensidade nos elementos do simbolismo que passam do órgão sexual feminino para a ereção e a cópula. Assim, a escada concentra a representação do ato sexual no sonho, pois não só é caracterizada com a mais íngreme daquelas que Zeno explicitamente considera no sonho, e tal observação só é relevante para o texto se entendermos que trata da ereção desejada pelo sonhador, como também essa representação é defendida pela psicanálise: "Os degraus, escadas de mão ou escadarias, ou, conforme o caso, subir ou descer por elas, são representações do ato sexual".[75] Por sua vez, o tratamento do número três, que volta a aparecer, passa pela mesma progressão que ocorre entre os dois sonhos. Quantificando apenas as casas, cuja

---

[74] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 962. Ada e eu nos encontrávamos sozinhos na escada mais íngreme que existia em nossas três casas, a que conduz ao sótão do meu sobrado. Ada se achava alguns degraus acima de mim, voltada em minha direção; eu subia, ela parecia querer baixar. Abracei-lhe as pernas e ela se curvou para mim, não sei se em decorrência de sua fragilidade ou se para ficar mais junto de mim. Por um momento pareceu-me desfigurada pela moléstia; logo, olhando-a com atenção, consegui vê-la novamente tal como havia aparecido à janela, saudável e bela. Dizia-me com a voz firme: "Vá na frente que sigo você!". Voltei-me para precedê-la correndo, mas sem deixar de perceber que a porta do sótão começava a entreabrir-se devagar e que por ela passava a cabeça branca e eriçada de Basedow, o rosto entre temeroso e ameaçador. Vi-lhe também as pernas inseguras e o pobre e mísero corpo que o manto não chegava a ocultar. Consegui correr na frente, não sei se para preceder Ada ou se para fugir dela (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 313).

[75] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 336.

enumeração do sonho anterior é abandonada tal como a associação que ela trazia, ele perde, ao ser desligado do contexto da sessão espírita, todas as referências às turbulentas propostas de casamento do protagonista para permanecer apenas com o seu simbolismo sexual, reforçado ainda pela quantificação ser usada para comparar símbolos de uma ereção.

A segunda parte do sonho expõe o profundo efeito da doença de Basedow sobre Zeno numa gradação que começa com a dúvida sobre a debilidade de Ada, avança para o seu rosto momentaneamente desfigurado pela doença, avança ainda mais com a entrada de Basedow por uma porta e culmina com a corrida do sonhador. Todas as etapas da gradação são evidentes progressões em relação ao primeiro sonho, no qual Ada não apresentava nenhum sinal da doença, e esta se encontrava distante, sendo apenas vista por uma janela. Em especial, o momento no qual Zeno cogita estar correndo para fugir de Ada, presumidamente por ela ser portadora da doença, é o único no qual se manifesta um conflito em Zeno quanto ao seu desejo por ela.

A representação de Basedow, que aparece no final de ambos os sonhos, é provavelmente o mais elaborado exemplo de condensação do livro. Começando pelas associações do próprio texto, notemos que as duas maneiras pelas quais o segundo sonho apresenta-se como uma progressão do primeiro convergem nela e, nesse sentido, a palavra pela qual a multidão se refere a essa representação, “untore”, revela-se muito instrutiva: a peste é parte intrínseca do seu significado, mas como membro de um vínculo do qual o outro membro é a ideia de propagação. Por um lado, a ideia de peste serve como emblema para uma série de ameaças à vida que está associada à criatura perseguida pela multidão: além da própria doença, que aparece na menção ao efeito de maior destaque da doença de Basedow, os olhos saltados das órbitas, também são evocadas a pobreza extrema, a debilidade, a velhice e a violência mortal na luta pela sobrevivência, da qual se enfatiza a reciprocidade entre os seres vivos ao afirmar que o olhar do animal perseguido não é só de medo, mas também de ameaça. Por fim, a própria morte é expressa na criatura por meio da cabeleira branca, pois é uma característica do pai de Zeno que, como comentaremos ao tratar da sua morte, é mencionada apenas duas vezes no livro, justamente quando o pai é dominado pela enfermidade que o matará e também quando já faleceu. As referências aos cachos (“riccioli”) de Ada no primeiro sonho já aludiam, mais indiretamente, a essa morte, pois o aspecto encaracolado (“ricciuta”) da cabeleira do pai é indicado na primeira vez que a sua morte é referida. Retomaremos, sob uma perspectiva um pouco diferente, a relação

do pai de Zeno com o duplo sonho com Ada no final do capítulo.

Por outro lado, a grande cabeça da criatura está desvinculada da série de ameaças à vida e retoma os pensamentos sexuais dos dois sonhos culminando no elemento associado à ideia de propagação. Entendemos que a rica descrição visual de Basedow é uma elaboração simbólica voltada para o órgão genital masculino. Assim, a cabeça de tamanho exagerado alude à forma desse órgão, e não é sem razão que Basedow esteja envolvido com símbolos do órgão equivalente na anatomia feminina em situações que sugerem a penetração, como ocorre quando ele é avistado pela janela ou quando distende a cabeça por uma porta. O manto esfrangalhado e que não chega a ocultar o seu corpo aludem aos pelos da região genital. Por fim, o seu surgimento no término de sonhos de intensa carga sexual e a sua identificação como um propagador se devem a mais um dos elementos dos pensamentos latentes que ocorrem quando Basedow aparece no sonho. Esse elemento é a ejaculação, que o sonho representa visualmente na cabeleira branca e esvoaçante de Basedow e no corpo frágil e que mal se sustenta, alusão ao órgão que se curva ao perder a ereção.

Encontramos, ainda, uma última camada simbólica na representação de Basedow pelo texto. Ela abarca o próprio Édipo que dá nome ao complexo que já mencionamos mais de uma vez neste capítulo, e considera o período no qual já foi descoberto que é ele o assassino de Laio, o seu pai, e, portanto, a causa do castigo que é lançado contra Tebas em razão desse crime, “a pavorosa peste que dizima a gente”.[76] Assim, Édipo também é um propagador da peste perseguido por uma multidão, o povo de Tebas. Além disso, depois de banido, ele é descrito assim: “Viveste muito, é óbvio”[77] e “Identificam-te os andrajos”.[78] Ora, Zeno inicia a descrição de Basedow justamente identificando-o como um velho andrajoso e, além disso, menciona um grande manto esfrangalhado feito de brocado rígido, alteração que acompanha a decadência de Édipo, de rei a um cego miserável: a qualidade do brocado denuncia a origem do manto em uma classe rica, mas o seu estado atual é condizente com o mendigo que o veste. Essa camada não pode haver sido elaborada pelo sonhador, que desconhecia o complexo de Édipo, mas podemos imaginar que seja obra do narrador, dado que leu um tratado de psicanálise, acrescentando involuntariamente traços da tragédia grega ao relato do sonho.

---

[76] SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 22.
[77] Ibid., p. 110.
[78] Ibid., p. 134.

Analisemos qual é o resultado dos elementos condensados na representação de Basedow. O surgimento dessa doença deu um novo aspecto ao desejo de Zeno por Ada, pois passou a ser o desejo por uma mulher muito doente. Isso serviu para a manifestação de conteúdos inconscientes do protagonista: a própria sexualidade de Zeno está doente. Além disso, a mesma doença o fez desejar a morte do pai. Trataremos dessa doença – mais precisamente, o complexo de Édipo – e dos desejos que a constituem ao longo deste capítulo; o que nos interessa por enquanto é como esses elementos operam no sonho. A própria condensação entre a doença, a sexualidade e a morte do pai na representação de Basedow expressa a conexão necessária entre elas, com a única ressalva de que a doença de Ada é um deslocamento para a doença do próprio Zeno. Além disso, a fuga que encerra o sonho é elaborada com deslocamentos baseados nesses elementos. Assim, mesmo que Zeno sinta certa repulsa pelas deformações que a doença criou em Ada, tal sentimento não é suficiente para que ele renuncie ao desejo por ela e fuja dela e da doença que a deforma, como o sonho sugere; antes de mais nada, foge de si mesmo e da própria doença no sentido de que se recusa a se tornar realmente consciente dela. Considerando isso, podemos acrescentar que a última camada simbólica não só identifica a doença do protagonista, mas também serve para expressar essa recusa ao evocar a decadência de Édipo depois que descobriu a verdade sobre os atos que cometeu envolvendo os seus pais.

A análise pormenorizada do duplo sonho com Ada nos permitiu tanto ter uma relevante amostra do nível e da quantidade de detalhes atingidos pela influência do pensamento freudiano na construção psicológica dos personagens de Svevo quanto compreender a grande importância do sexo para Zeno, que só afirma o seu desejo sexual com tal intensidade em poucos trechos do livro. Considerando o segundo aspecto, não devemos nos surpreender com o simbolismo sexual que aparece nos sonhos de Zeno sobre a sua infância, relatados no último capítulo. Comecemos pelo sonho da rivalidade com o irmão que lhe pede a colher:

> [...] io mi trovavo tuttavia nel mio letto con in mano una tazza da cui avevo sorbito tutto il caffelatte e nella quale continuavo a lavorare con un cucchiaino traendone lo zucchero. Ad un certo punto il cucchiaio non arrivò più a raccoglierne altro ed allora io tentai di arrivare al fondo della tazza con la mia lingua. Ma non vi riuscii. Perciò finii col tenere la tazza in una mano e il cucchiaio nell'altra e stetti a guardare mio fratello coricato nel letto accanto al mio come, tardivo, stava ancora sorbendo il caffè col naso nella tazza. [...] Mi disse:
> - Mi presti il tuo cucchiaio?
> Allora appena m'avvidi che Catina aveva dimenticato di portargli il cucchiaio. Subito e senz'alcuna esitazione gli risposi:
> - Sì! Se mi dai in compenso un poco del tuo zucchero.

> Tenni in alto il cucchiaio per farne rilevare il valore. Ma subito la voce di Catina risuonò nella stanza:
> - Vergogna! Strozzino!
> Lo spavento e la vergogna mi fecero ripiombare nel presente. [...]
> Rimpiansi di aver sentita tanto forte quella vergogna da aver distrutta l'immagine cui ero arrivato con tanta fatica. [...] Forse Catina avrebbe invocato l'ausilio di mia madre per infliggermi una punizione ed io finalmente l'avrei rivista.[79]

O sonho trata, como reconhecemos já no nome que lhe demos, da rivalidade entre os irmãos. A colher e o açúcar são uma oportunidade válida para que ela se exerça, mas são obviamente insuficientes para criá-la. Nem há outra entidade do sonho que tenha essa capacidade. É a reação de Zeno ao relatá-lo que identifica a razão da rivalidade, que não foi representada oniricamente: ele declara preferir sofrer a vergonha e ser punido para que possa rever a mãe, que é, portanto, o objeto disputado com o irmão.

Depois de terminarmos a análise dos sonhos, trataremos da origem da rivalidade pela mãe, mas já podemos adiantar o seu cunho sexual identificando o simbolismo erótico empregado na disputa dos irmãos, constituído por símbolos fálicos que penetram num símbolo do órgão genital feminino. De fato, tanto a xícara, em virtude da função de recipiente, quanto os objetos que a penetram no sonho – o nariz e a própria colher, um objeto alongado – são símbolos sexuais para Freud: "Todos os objetos alongados, tais como varas, troncos de árvores e guarda-chuvas (sendo o ato de abrir este último comparável a uma ereção) podem representar o órgão masculino. [...] representam o ventre, o mesmo acontecendo com os objetos ocos, navios e toda sorte de recipientes",[80] e "As comparações entre o nariz e o pênis são comuns".[81]

As questões da rivalidade e da sexualidade que permeiam esse sonho com o

---

[79] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 1053-1054. [...] mas eu ainda me achava na cama com uma chávena à mão, da qual havia bebido todo o café com leite e na qual continuava a mexer com uma colherinha raspando o açúcar. Em certo ponto, a colherinha já não conseguia trazer mais nada e eu tentava alcançar o fundo da chávena com a língua e não conseguia. Acabei por ficar com a chávena numa das mãos e a colherinha na outra, olhando para meu irmão, que estava deitado na cama ao lado da minha e vagarosamente ainda sorvia o seu café, o nariz enfiado na xícara. [...] Disse-me:
- Me empresta a sua colher?
Percebi então que Catina se esquecera de lhe trazer a colher. Súbito e sem qualquer hesitação, respondi:
- Empresto, mas só se você me der em troca um pouco de açúcar.
Levantei a colher ao alto para aumentar o seu valor. De repente, a voz de Catina ressoou no quarto:
- Que vergonha! Interesseiro!
O susto e a vergonha fizeram-me recair no presente. [...]
Arrependi-me de ter sentido aquela vergonha de maneira tão forte que chegou a destruir a imagem a que eu chegara com tanto esforço. [...] Aí talvez Catina chamasse minha mãe para infligir-me algum castigo e eu, finalmente, voltasse a vê-la (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 393-394).

[80] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 335.

[81] Ibid., p. 364.

irmão voltam a aparecer no próximo, o da tinta derrubada. Há duas grandes diferenças, que são o pai como rival em vez do irmão e a presença da mãe:

> Mio padre è ritornato a casa e siede su un sofà accanto a mamma che sta imprimendo con certo inchiostro indelebile delle iniziali su molta biancheria distribuita sul tavolo a cui essa siede. Io mi trovo sotto il tavolo dove giuoco con delle pallottole. M'avvicino sempre più a mamma. Probabilmente desidero ch'essa s'associ ai miei giuochi. A un dato punto, per rizzarmi in piedi fra di loro, m'aggrappo alla biancheria che pende dal tavolo e allora avviene un disastro. La boccetta d'inchiostro mi capita sulla testa, bagna la mia faccia e le mie vesti, la gonna di mamma e produce una lieve macchia anche sui calzoni di papà. Mio padre alza una gamba per appiopparmi un calcio...
> [...] Per un istante soffersi della punizione minacciatami e subito dopo mi dolse di non aver potuto assistere all'atto di protezione che senza dubbio sarà partito da mamma.[82]

Em relação ao pai, Zeno quer ficar entre ele e a mãe, um modo espacial de representar uma substituição, e a única ação atribuída ao pai é o de chutar o filho. Falaremos muito mais sobre essa rivalidade ao longo deste capítulo. Em relação à mãe, Zeno se aproxima cada vez mais dela, quer que ela brinque com ele e, de modo equivalente ao sonho anterior, a sua reação depois do relato é de arrependimento por não haver suportado a ameaça de punição para poder rever a mãe, que o protegeria.

Tal como no sonho anterior, há uma elaboração simbólica voltada principalmente para a sexualidade. Assim, a mesa representa elementos compatíveis com o contexto onírico que examinamos no parágrafo e com a ligação obviamente sexual dos pais. Considerando isso, parece-nos que a mesa resulta de um processo de condensação de dois pensamentos oníricos. A representação do primeiro deles está baseada no seguinte simbolismo: "As mesas, as mesas postas para a refeição e as tábuas também representam mulheres".[83] A criança embaixo da mesa-mãe está numa situação de intimidade e abrigo comparável, do ponto de vista simbólico, àquela do bebê na barriga da mãe, e, portanto, o primeiro pensamento trata dessa profunda conexão entre eles. Tampouco o lugar no qual se encontra o pai, o sofá, é um mero acaso, mas somente estaremos em condições de compreender a razão dessa localização quando

---

[82] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1054. Meu pai, de volta a casa, está sentado a um sofá junto de minha mãe, que imprime com uma tinta indelével as iniciais na roupa branca espalhada sobre a mesa, ao lado da qual se senta. Eu estou embaixo da mesa, a brincar com bolinhas de gude. Aproximo-me cada vez mais de minha mãe. Provavelmente a querer que ela participe de minhas brincadeiras. Num dado ponto, para erguer-me dali [entre eles] agarro as pontas da toalha que pendem da mesa e acontece o desastre. O tinteiro cai na minha cabeça, derrama-se pelo meu rosto e roupas, pela saia de mamãe e vai respingar levemente também as calças de papai. Este ergue uma perna para acertar-me um pontapé...
[...] por um instante sofri com a ameaça da punição e logo após lamentei não ter podido assistir ao gesto de proteção que sem dúvida terá partido de minha mãe (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 394-395).

[83] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 336.

tratarmos, ainda neste capítulo, da relação de Zeno com o irmão. Encontramos o fundamento da representação do outro pensamento onírico no seguinte trecho: "Visto que 'cama e mesa' constituem o casamento, esta última muitas vezes ocupa o lugar da primeira nos sonhos".[84] É usada até mesmo uma palavra que está sujeita a tal duplicidade, "biancheria", manifestada em expressões como "biancheria da tavola" e "biancheria da letto". Assim, o segundo pensamento trata de um filho que surpreende os pais na cama, uma cena que pode ser uma mera fantasia ou uma situação realmente vivida. Além da mesa, devemos considerar que a tinta derrubada pode muito bem representar uma ejaculação em tal contexto, o que ainda é reforçado por detalhes da descrição de como a tinta atinge os pais de Zeno: são mencionadas roupas que cobrem os órgãos genitais e o modo como elas são atingidas são contrastados de forma a sugerir que o pai é a origem do "líquido", pois a roupa dele é apenas levemente manchada, enquanto a da mãe é banhada por ele.

O último sonho relatado por Zeno também é sobre a sua infância e, mais uma vez, envolve os desejos sexuais. Além disso, é nele que aparece a segunda configuração de sonhos usada no texto, o sonho dentro do sonho, o qual Freud interpreta como um efeito da censura psíquica:

> [...] o interessante problema correlato do que se pretende dizer quando parte do conteúdo de um sonho é descrito no próprio sonho como "sonhado" – o enigma do "sonho dentro do sonho" foi solucionado num sentido semelhante por Stekel [...]. A intenção é, mais uma vez, minimizar a importância do que é "sonhado" no sonho, retirar-lhe sua realidade. [...]. Incluir algo num "sonho dentro do sonho" equivale, assim, a desejar que a coisa descrita como sonho nunca tivesse acontecido.[85]

Assim, é como se a censura, considerando insuficientes as suas costumeiras distorções localizadas, apelasse para o recurso extremo de negar completamente uma parte do sonho. Dito isso, examinemos o último sonho relatado por Zeno:

> [...] ebbi un sogno dall'immobilità dell'incubo. Sognai di me stesso ridivenuto bambino e soltanto per vedere quel bambino come sognava anche lui. Giaceva muto in preda ad una letizia che pervadeva il suo minuto organismo. Gli pareva di aver finalmente raggiunto il suo antico desiderio. [...] Il bambino, giacendo in una stanza della mia villa, vedeva (Dio sa in quale modo) che sul tetto della stessa ci fosse una gabbia murata su basi solidissime, priva di porte e di finestre, ma illuminata di quanta luce può far piacere e fornita di aria pura e profumata. Ed il bambino sapeva che a quella gabbia egli solo avrebbe saputo giungere e senza neppur andare perché forse la gabbia sarebbe venuta a lui. In quella gabbia non v'era che un solo mobile, una poltrona e su questa sedeva una donna formosa, costruita deliziosamente, vestita di nero, bionda, dagli occhi grandi e azzurri, le mani

[84] Ibid., p. 337.
[85] Ibid., p. 321.

> bianchissime e i piedi piccoli in scarpine laccate delle quali, di sotto alle gonne, sporgeva solo un lieve bagliore. Devo dire che quella donna mi pareva una cosa sola col suo vestito nero e le sue scarpine di lacca. Tutto era lei! Ed il bambino sognava di possedere quella donna, ma nel modo più strano: Era sicuro cioè di poter mangiarne dei pezzettini al vertice e alla base.[86]

Podemos identificar a situação central como uma mulher fisicamente inacessível a todos, exceto ao próprio menino que está sonhando. Como o início da descrição da mulher expressa diretamente que ela é atraente, não podemos mais ignorar o cunho sexual do sonho. Além disso, Zeno fala em possuí-la e de uma maneira que já conhecemos: o menino deseja comê-la e, como já verificamos no sonho com Carla, o ato de comer serve como deslocamento cujo objetivo é a representação onírica do ato sexual. Há também a possibilidade de considerarmos a inexistência de portas e janelas na prisão, símbolos sexuais já presentes nos sonhos com Ada, como um reforço simbólico para a exclusividade sexual desejada pelo sonhador, já que essa inexistência funciona como expressão da impossibilidade de penetrar a mulher aí confinada (exceto o próprio sonhador, o único com acesso ao interior da prisão).

Outro elemento do último sonho é a ligação especial que Zeno tem com as partes do corpo da mãe, mas precisamos introduzir algumas noções estudadas pela psicanálise antes de tratar de tal elemento. A primeira delas justamente é trazida para o enredo do romance por esse sonho, pois é ele que faz com que o doutor S. finalmente apresente um diagnóstico: trata-se do complexo de Édipo. Então, para iniciar a nossa análise da influência dessa importante noção psicanalítica no texto, citemos o que diz o próprio Freud sobre ela:

> Dito sem rodeios, é como se uma preferência sexual se fizesse sentir numa tenra idade: como se os meninos olhassem o pai, e as meninas, a mãe como seus rivais no amor, rivais cuja eliminação não poderia deixar de trazer-lhes vantangens.
> Antes que essa ideia seja rejeitada como monstruosa, é conveniente, também nesse caso, considerar as relações reais vigentes – desta vez, entre pais e

---

[86] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1055. [...] tive um sonho em que havia a imobilidade dos pesadelos. Sonhei que voltara a ser criança para descobrir como eu sonhava em pequeno. Jazia mudo, presa de uma alegria que penetrava o meu minúsculo organismo. Parecia-me haver finalmente alcançado o meu antigo desejo. [...] A criança, deitada num quarto da minha casa, via (Deus sabe como) que sobre o telhado da mesma havia uma prisão construída sobre bases muito sólidas, desprovida de portas e janelas, mas iluminada por quanta luz se possa imaginar e abastecida de ar puro e perfumado. O menino sabia que somente ele era capaz de chegar àquela masmorra, e para tanto nem precisava andar, pois ela podia vir a ele. Em seu interior só havia um móvel, uma poltrona, na qual se achava sentada uma bela mulher, de formas delicadas, vestida de negro, loura, com grandes olhos azuis, as mãos alvíssimas, e os pequenos pés metidos em sapatos de verniz, dos quais, por baixo do vestido, se via apenas um leve reflexo. Devo dizer que essa mulher constituía para mim um todo, com seu vestido preto e seus sapatos de verniz. Ela era tudo! E o menino sonhava possuir a mulher, da maneira mais estranha possível: estava certo de que podia comê-la aos pedacinhos desde o vértice até a base (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 395).

> filhos. Devemos distinguir entre o que os padrões culturais de devoção filial exigem dessa relação e o que a observação cotidiana mostra ser a realidade. Mais de uma causa de hostilidade se esconde na relação entre pais e filhos – uma relação que propicia as mais amplas oportunidades de surgimento de desejos que não podem passar pela censura.[87]

A reação de Zeno ao diagnóstico dado pelo doutor S. corresponde claramente ao segundo parágrafo da citação: em conformidade com a censura psíquica, ele nega de várias maneiras os sentimentos previstos pelo complexo de Édipo e a própria quantidade das negações, assim como a intensidade delas, nos indica que o psicanalisado rejeita algo monstruoso. Além disso, ao reagir ao diagnóstico, o qual analisaremos devidamente no quarto capítulo, o paciente critica o psicanalista por não fazer nenhuma menção ao sonho com Carla, no qual há o mesmo surpreendente canibalismo. Assim, Zeno pode aproveitar-se dessa distração de modo a desqualificar o trabalho do psicanalista e cogitar a seguinte hipótese:

> Adesso, pensandoci, sono stupito che il dottore che ha letto, a quanto ne dice, con tanta attenzione il mio manoscritto non abbia ricordato il sogno ch'io ebbi prima di andar a raggiungere Carla. A me qualche tempo dopo, quando ci ripensai, parve che questo sogno non fosse altro che l'altro un po' variato, reso più infantile.[88]

Desse modo, Zeno faz a associação dos dois sonhos para tentar reduzir o suposto sonho com a mãe a uma mera variação infantil daquele que teve com Carla. Não devemos aceitar tal redução, mas a indicação dessa conexão não é gratuita e precisamos compreendê-la devidamente. Melhor ainda, devemos deixar as considerações de psicanalista e paciente sobre o complexo de Édipo para verificar o que podemos concluir diretamente da sua abordagem no texto.

Comecemos pela análise da parte do complexo referente à preferência sexual de Zeno pela mãe. Inicialmente, notemos que o canibalismo onírico não é a única peculiaridade que caracteriza o desejo sexual do protagonista. Associada a ela pela ênfase dada aos pedaços que come da mulher e pela região do corpo que é mordida, no caso do pescoço de Carla, a outra peculiaridade é o fetichismo, pelo qual os objetos próprios ao desejo sexual são substituídos por outros objetos. De fato, Zeno sempre destaca a sua atração por uma ou mais partes do corpo da mulher desejada, como o

---

[87] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 252.

[88] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 1055-1056. Agora, pensando nisso, fico admirado de que o médico que leu, segundo disse, com tamanha atenção este manuscrito não se tenha lembrado do meu sonho antes de ir ao encontro de Carla. Algum tempo depois, quando voltei a pensar no caso, pareceu-me que este sonho não passava de uma variação do anterior, realizada de forma mais infantil (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 396).

próprio pescoço de Carla, cuja atração é mencionada antes mesmo do sonho com ela, os cabelos no sonho duplo com Ada e os pés de Augusta, que lhe suscitam os ciúmes em relação ao doutor Muli (trataremos do encontro com esse médico no terceiro capítulo).

Ambas as peculiaridades do desejo sexual de Zeno são destacadas por Freud. O canibalismo manifestado nos sonhos, e que ainda é um componente do desejo do protagonista, pertence à contribuição original da psicanálise sobre a sexualidade infantil, segundo a qual há organizações sexuais pré-genitais, que afloram entre os dois e os cinco anos:

> A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a *oral*, ou, se preferirmos, *canibalesca*. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco, se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na *incorporação* do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da *identificação*, um papel psíquico tão importante. Como resíduo dessa hipotética fase de organização que nos foi imposta pela patologia podemos ver o chuchar, no qual a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, renunciou ao objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo.[89]

O fetichismo já era conhecido antes da psicanálise, que retoma esse fenômeno sexual. Como podemos verificar na citação a seguir, o texto de Svevo recupera alguns elementos da abordagem feita por Freud, como as partes preferidas do corpo e a influência das impressões sexuais da primeira infância (como se depreende do último sonho relatado por Zeno):

> O substituto do objeto sexual geralmente é uma parte do corpo (os pés, os cabelos) muito pouco apropriada para fins sexuais [...]. Comparou-se esse substituto, não injustificadamente, com o fetiche em que o selvagem vê seu deus incorporado.
> [...] Na escolha do fetiche manifesta-se – como Binet foi o primeiro a sustentar e como depois se comprovou abundantemente – a influência persistente de uma impressão sexual recebida, na maioria das vezes, na primeira infância.[90]

Apresentadas as noções de canibalismo e fetichismo, completemos a análise do último sonho reconhecendo não só a presença de ambos, mas também que eles surgem numa escala maior do que antes. Assim, já não são destacadas uma ou duas partes do corpo da mãe, mas há uma multiplicação que resulta numa lista de partes. Há também uma ampliação de escala do canibalismo, pois o sonhador Zeno já não se restringe a comer pedaços de certa região do corpo, como ocorreu com Carla, mas está convencido

---

[89] FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. 7, p. 186.
[90] Ibid., pp. 144-145.

de que poderia comer completamente a mulher desejada. Tal ampliação não indica apenas uma intensidade maior, pois a tendência das duas características sexuais para abrangerem o máximo do corpo materno é justaposta a declarações sobre a unidade ("una cosa sola") e a totalidade ("Tutto era lei!") maternas, mais duas características do desejo de Zeno pela mãe. A primeira delas cria uma interessante tensão com o fetichismo na medida em que o desejo pelas diversas partes do corpo não impede que o protagonista também deseje a mãe como um todo.

Também encontramos o jogo entre as características do desejo de Zeno pela mãe (exceto o canibalismo) no trecho no qual, após haver relatado a sua atração por partes do corpo feminino, o protagonista reage ao comentário cínico de um dos médicos que ele consulta justamente qualificando a mulher amada como única e inteira:

> Fui sincero come in confessione: La donna a me non piaceva intera, ma... a pezzi! Di tutte amavo i piedini se ben calzati, di molte il collo esile oppure anche poderoso e il seno se lieve, lieve. E continuavo nell'enumerazione di parti anatomiche femminili, ma il dottore m'interruppe:
> - Queste parti fanno la donna intera.
> Dissi allora una parola importante:
> - L'amore sano è quello che abbraccia una donna sola e intera, compreso il suo carattere e la sua intelligenza.
> Fino ad allora non avevo certo conosciuto un tale amore e quando mi capitò non mi diede neppur esso la salute.[91]

A propósito, ao rejeitar a afirmação do médico de que as partes mencionadas formariam um todo, Zeno faz jus ao próprio nome, que parece remeter àquele do antigo filósofo grego Zenão, pois os paradoxos do movimento que este elaborou consistiam justamente em não conseguir reconstituir o movimento a partir das partes nas quais o decompunha. Voltaremos a encontrar o fetichismo do protagonista associado aos filósofos pré-socráticos no quarto capítulo deste trabalho.

Retornando à relação com a mãe, ela tornou-se inconsciente, pois tanto continua operante no psiquismo de Zeno, como critério para avaliar o amor por uma mulher como são, quanto foi esquecida, pois ele diz que não conheceu nenhum amor são até a consulta médica relatada na citação. Assim, o amor recalcado pela mãe

---

[91] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 638. Fui sincero como se me confessasse: a mulher não me atraía como um todo, mas... fragmentariamente. Em todas apreciava os pezinhos bem calçados; em muitas o colo delicado ou mesmo portentoso; e sempre os seios pequenos, pequeninos. E continuava enumerando as partes anatômicas femininas, quando o doutor me interrompeu:
- Estas partes formam uma mulher inteira.
Disse então algo importante:
- O amor saudável é aquele que se resume numa mulher apenas, íntegra, inclusive de caráter e inteligência.
Até então eu não conhecera tal amor e, quando este me sobreveio, nem mesmo ele conseguiu restaurar-me a saúde (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 24).

influencia a sua relação com cada nova mulher com a qual ele convive. A repetição do que foi recalcado faz parte de uma repetição mais ampla que é minuciosamente descrita por Freud:

> Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica – isto é, nas precondições para enamorar-se que estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela. Isso produz o que se poderia descrever como um clichê estereotípico (ou diversos deles), constantemente repetido – constantemente reimpresso – no decorrer da vida da pessoa, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos a ela acessíveis permitam, e que decerto não é inteiramente capaz de mudar, frente a experiências recentes. Ora, nossas observações demonstraram que somente uma parte daqueles impulsos que determinam o curso da vida erótica passou por todo o processo de desenvolvimento psíquico. Esta parte está dirigida para a realidade, acha-se à disposição da personalidade consciente e faz parte dela. Outra parte dos impulsos libidinais foi retida no curso do desenvolvimento; mantiveram-na afastada da personalidade consciente e da realidade, e, ou foi impedida de expansão ulterior, exceto na fantasia, ou permaneceu totalmente no inconsciente, de maneira que é desconhecida pela consciência da personalidade. Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontre com ideias libidinais antecipadas; e é bastante provável que ambas as partes de sua libido, tanto a parte que é capaz de tornar-se consciente quanto a inconsciente, tenham sua cota na formação dessa atitude.
> Assim, é perfeitamente normal e inteligível que a catexia libidinal de alguém que se acha parcialmente insatisfeito, uma catexia que se acha pronta por antecipação, dirija-se também para a figura do médico. Decorre de nossa hipótese primitiva que esta catexia recorrerá a protótipos, ligar-se-á a um dos clichês estereotípicos que se acham presentes no indivíduo; ou, para colocar a situação de outra maneira, a catexia incluirá o médico numa das "séries" psíquicas que o paciente já formou.[92]

A propósito, o final da citação já permite que adiantemos que a reação hostil que Zeno dedica a cada um dos médicos que o tratam é justamente causada por incluí-los na outra "série" psíquica que o protagonista desenvolve a partir do complexo de Édipo, a saber, a relação de rivalidade com o pai, que abordaremos logo mais.

Voltando ao clichê oriundo da relação com a mãe, a afirmação feita no final do último trecho que citamos do romance, de que o protagonista chega a conhecer o amor são depois desse momento, é, na realidade, algo exagerada, pois trata-se do seu amor por Ada, que nunca foi correspondido, e, portanto, não temos como saber de que modo seria efetivamente a sua realização. De qualquer maneira, não ter concretizado o seu sentimento e, portanto, dado a chance de colocar à prova se realmente a relação com Ada seria o tão almejado amor que chama de são contribui para perpetuar o critério

---

[92] FREUD, *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*, op. cit., pp. 133-134.

inconsciente de avaliação da sua relação com as mulheres, proveniente do clichê estereotípico materno. Feitas essas considerações, é evidente que Zeno finalmente conclui que ama Ada nos termos pelos quais identifica o amor são na citação mencionada:

> Io amavo Ada! Non sapevo ancora se quel verbo fosse proprio e continuai l'analisi. Io la volevo non solo mia, ma anche mia moglie. Lei, con quella sua faccia marmorea sul corpo acerbo, eppoi ancora lei con la sua serietà, tale da non intendere il mio spirito che non le avrei insegnato, ma cui avrei rinunziato per sempre, lei che m'avrebbe insegnata una vita d'intelligenza e di lavoro. Io la volevo tutta e tutto volevo da lei. Finii col conchiudere che il verbo fosse proprio quello: Io amavo Ada.[93]

Ainda antes da conclusão de que ama Ada, Zeno já havia concebido a sua escolhida de modo a alcançar a totalidade presente no clichê materno, inclusive mencionando expressamente a repetição da relação materna ao formular essa concepção: "L'adornai, le prestai tutte le tante qualità di cui sentivo il bisogno e che a me mancavano, perché essa doveva divenire oltre che la mia compagna anche la mia seconda madre che m'avrebbe addotto a una vita intera, virile, di lotta, e di vittoria".[94]

Analisada a preferência sexual de Zeno pela mãe, façamos a transição para a outra parte do complexo de Édipo, a rivalidade com o pai. O sonho da tinta derrubada justamente associa as duas partes do complexo, já que Zeno disputa a atenção da mãe com o pai. Por um lado, o filho é favorecido pela proximidade em vários aspectos com a mãe, que está representada no sonho por ele estar debaixo da mesa na qual a mãe cuida dos seus afazeres; é como se estivesse no interior de um abrigo formado pela mãe-mesa, uma situação que, no limite, remete à própria gravidez. Por outro lado, a referência ao ato sexual mostra que o pai tem uma esfera da intimidade da mãe que lhe é reservada e que o filho invade no sonho. A resposta à invasão também se dá conforme o complexo de Édipo: o pai prepara-se para dar um pontapé em Zeno, que desperta e lamenta não haver visto o ato de proteção materna.

A rivalidade edipiana com o pai culmina, como previsto por Freud, no desejo de sua morte, que já destacamos no comentário ao sonho da discussão com o médico

---

[93] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 722. Eu amava Ada! Não sabia ainda se era aquele o verbo, e assim continuei a análise. Não queria apenas que fosse minha, mas que se tornasse minha esposa. Ela, com sua face marmórea num corpo acerbo; ela, com sua seriedade, incapaz de compreender o meu espírito, o qual eu não lhe haveria de ensinar, mas antes a ele renunciar para sempre; ela, que me encaminharia para uma vida de inteligência e de trabalho. Eu a queria por inteira e tudo aspirava dela. Acabei por concluir que o verbo era exato: eu amava Ada (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 100).

[94] Ibid., p. 705. Emprestei-lhe todas as qualidades de que sentia falta, para que, além de minha companheira, ela fosse também uma espécie de segunda mãe que me conduzisse por uma vida íntegra, viril, de lutas e conquistas (Ibid., pp. 85-86).

Coprosich. Na verdade, parece haver até mesmo empréstimos do que Freud relata, como já assinalava o crítico Anthony Wilden: "The account of the death of Zeno's father seems clearly to be related to a dream reported by Freud".[95] Segue o trecho mencionado:

> Por exemplo, um homem que cuidara do pai durante sua última doença e ficara profundamente acabrunhado com sua morte [...]. Enquanto cuidava do pai, o filho repetira repetidamente que ele morresse, isto é, tivera o que, a rigor, era um pensamento piedoso, no sentido de que a morte poderia por termo aos sofrimentos dele. Durante o luto, após a morte do pai, até mesmo esse desejo compassivo tornou-se tema de autorrecriminação inconsciente, como se, por meio disso, ele tivesse realmente contribuído para abreviar a vida do homem enfermo.[96]

De fato, Zeno manifesta o mesmo desejo quando cuida do pai acamado, como ele próprio registra quando escreve o que desejou ao pai em pensamento, ainda que seja sob a justificativa de evitar que ele sofresse inutilmente: "– Oh, dormi! Dormi fino ad arrivare al sonno eterno!".[97] Isso é apenas a expressão mais extrema da rivalidade, que possui outro aspecto mais corriqueiro, mas ainda mais influente no comportamento de Zeno, que é uma oposição constante que se torna o principal elemento da sua relação com o pai. A maior parcela do esforço da parte inicial do quarto capítulo, aquela anterior à noite na qual o pai tem os primeiros sintomas de um edema cerebral, é justamente dedicada a expressar em que medida o comportamento do protagonista é determinado por essa oposição. Seguem alguns exemplos que expõem isso mais claramente:

> [...] so che se mio padre avesse avuto bisogno della stessa cura, ciò sarebbe stato per tutt'altra malattia della mia.[98]
> Fino alla sua morte io non vissi per mio padre. Non feci alcuno sforzo per avvicinarmi a lui e, quando si poté farlo senz'offenderlo, lo evitai.[99]
> posso dire che, fra noi due, io rappresentavo la forza e lui la debolezza.[100]
> Insomma io, accanto a lui, rappresentavo la forza e talvolta penso che la scomparsa di quella debolezza, che mi elevava, fu sentita da me come una diminuzione.[101]

---

[95] WILDEN, Anthony. Death, desire and repetition in Svevo's Zeno. *MLN*, v. 84, n. 1, ed. italiana, p. 110, jan. 1969. O relato da morte do pai de Zeno claramente parece estar relacionado com um sonho narrado por Freud (tradução nossa).
[96] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., pp. 401-402.
[97] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 675. – Oh! Durma! Durma até chegar ao sono eterno (SVEVO, *A consciência de Zeno*, cit., p. 58)!
[98] Ibid., p. 653. [...] sei que, se meu pai necessitasse desse tratamento, seria por algum mal totalmente diverso do meu (Ibid., p. 39).
[99] Ibid., p. 654. Até sua morte, nunca vivi para meu pai. Nunca fiz nenhum esforço para aproximar-me dele e, quando podia fazer isso sem ofendê-lo, até me afastava dele (Ibid., p. 40).
[100] Ibid., p. 655. Posso dizer que eu representava a força e ele a fraqueza (Ibid., p. 41).
[101] Ibid., p. 657. Em suma, comparado com ele, eu representava a força e às vezes penso que o desaparecimento daquela criatura fraca, diante da qual eu me elevava, foi sentido por mim como uma quebra de energia (Ibid., p. 43).

A distinção entre um lado forte e outro fraco que aparece nas duas últimas citações é especialmente importante, o que comentaremos ao longo da nossa análise da relação com o pai. Por enquanto, tratemos da primeira razão para tal importância, que é o uso que Zeno faz dessa distinção quando se refere à pretensa reconciliação com o pai: "Fu come un sogno delizioso: eravamo oramai perfettamente d'accordo, io divenuto il più debole e lui il più forte".[102] Assim, a distinção é usada para desmascarar a alegada reconciliação, pois a oposição entre pai e filho permanece, mesmo que invertida.

Se já deixamos clara a tendência de oposição ao pai, falta apresentar como ela está associada a duas características gerais do comportamento de Zeno, ou seja, que não estão restritas à relação como o pai. A primeira delas é a tendência do filho de rir das coisas mais sérias, que se contrapõe à seriedade do pai. À desaprovação dessa tendência, o filho responde: "In quanto al mio disprezzo per le cose serie, io credo ch'egli avesse il difetto di considerare come serie troppe cose di questo mondo".[103] A segunda característica é a tendência à inquietação intelectual, que é contraposta à defesa da tranquilidade de espírito por parte do pai:

> Mio padre sapeva difendere la sua quiete da vero *pater familias*. L'aveva questa quiete nella sua casa e nell'animo suo. Non leggeva che dei libri insulsi e morali. Non mica per ipocrisia, ma per la più sincera convinzione: penso ch'egli sentisse vivamente la verità di quelle prediche morali e che la sua coscienza fosse quietata dalla sua adesione sincera alla virtù. [...]
> Avevamo tanto poco di comune fra di noi, ch'egli mi confessò che una delle persone che più l'inquietavano a questo mondo ero io. Il mio desiderio di salute m'aveva spinto a studiare il corpo umano. Egli, invece, aveva saputo eliminare dal suo ricordo ogni idea di quella spaventosa macchina. Per lui il cuore non pulsava e non v'era bisogno di ricordare valvole e vene e ricambio per spiegare come il suo organismo viveva.[104]

Assim, a oposição ao pai não se esgota na relação com ele; ela, no mínimo, favorece o desenvolvimento de aspectos do comportamento de Zeno que a reforçam.

Há uma observação de Freud ao tratar do complexo de Édipo que parece

---

[102] Ibid., p. 683. Era como um sonho delicioso: estávamos então perfeitamente de acordo, eu reassumindo meu papel de fraco e ele o do mais forte (Ibid., p. 66).

[103] Ibid., p. 657. Quanto ao meu desprezo pelas coisas sérias, creio que meu pai tinha o defeito de considerar como tais demasiadas coisas desse mundo (Ibid., p. 42).

[104] Ibid., p. 656. Meu pai sabia defender sua tranquilidade como autêntico *pater familias*. Mantinha essa tranquilidade em casa e em seu espírito. Lia apenas insossos livros morais, não por hipocrisia, mas conforme a mais sincera convicção: acredito que aceitasse piamente a verdade dessas prédicas morais e que sua consciência se acalmasse com essa predisposição sincera para a virtude. [...]
Tínhamos tão pouco em comum, que ele me confessou ser eu uma das pessoas que mais o inquietavam no mundo. Meu anseio de saúde me havia levado a estudar o corpo humano. Ele, ao contrário, conseguira apagar da memória qualquer noção sobre o funcionamento da prodigiosa máquina. Para ele o coração não pulsava e não havia necessidade alguma de estarmos a recordar a função das válvulas e das veias a fim de explicar o funcionamento do organismo (Ibid., p. 42).

inspirar tanto uma das situações na qual ele exerce uma grande influência quanto outro motivo muito importante para a oposição entre Zeno e seu pai:

> Mesmo em nossas famílias de classe média, os pais se inclinam, via de regra, a recusar a seus filhos a independência e os meios necessários para obtê-la, fomentando assim o crescimento do germe de hostilidade que é inerente à relação entre eles. Os médicos se acham frequentemente em condição de notar como a tristeza de um filho pela morte do pai não consegue suprimir sua satisfação por ter finalmente conquistado sua liberdade.[105]

O livro de Svevo nos dá uma versão ainda mais drástica dessa inclinação com o testamento do pai de Zeno, segundo o qual todos os negócios que o filho herdará serão colocados sob a tutela de Olivi, que já os administra enquanto o pai está vivo. Assim, o pai consegue fazer com que nem mesmo a sua morte acabe com a opressão ao filho. Além disso, Zeno só cederá, ainda que tacitamente, aos argumentos de Coprosich para aplicar as sanguessugas a fim de fazer o pai voltar a si quando for mencionada a possibilidade de se decidir sobre o patrimônio, o que deve ter despertado esperanças em Zeno de reverter o testamento:

> [...] aggiunse ancora delle spiegazioni che non finivano più, sull'importanza che poteva avere l'intervento del medico nel destino economico di una famiglia. Mezz'ora in più di respiro poteva decidere del destino di un patrimonio.
> Piangevo oramai anche perché compassionavo me stesso per dover star a sentire tali cose in simile momento. Ero esausto e cessai dal discutere. Tanto le mignatte erano già state applicate![106]

A observação final é especialmente irônica, pois Zeno se enfurece com o médico e, portanto, deixa de suplicar-lhe para realmente discutir com ele justamente quando este assegura que o enfermeiro já aplicou as sanguessugas, de forma que a discussão teria iniciado e acabado pela mesma razão!

Há outro trecho da obra de Freud que é aproveitado no capítulo sobre a morte do pai de Zeno de modo até mais direto, mas ele tem uma função diferente da apropriação já mencionada. Ao contrário do sentimento edipiano do protagonista pela mãe, que, como comentamos, é inconsciente, a hostilidade ao pai é tão grande e óbvia que o desejo de que ele morra torna-se tão evidente que Zeno sente necessidade de

---

[105] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 253.

[106] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 673-674. [...] acresentou ainda algumas intermináveis observações sobre a importância que podia ter a intervenção do médico no destino econômico de uma família. Meia hora a mais de respiração era possível de decidir o destino de um patrimônio.
Se eu chorava ainda, era mais por autocomiseração de ter que ouvir tais coisas em semelhante momento. Sentia-me exausto e parei de discutir. Ademais, as sanguessugas já haviam sido aplicadas! (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 57).

defender-se. É nesse contexto que ocorre a apropriação da seguinte afirmação de Freud sobre a sua vida privada:

> Pois este livro tem para mim, pessoalmente, outra importância subjetiva – uma importância que só apreendi após tê-lo concluído. Ele foi, como verifiquei, parte de minha própria autoanálise, minha reação à morte de meu pai – isto é, ao evento mais importante, à perda mais pungente da vida de um homem.[107]

A princípio, Zeno qualifica a morte do seu pai exatamente da mesma maneira: "l'avvenimento più importante della mia vita".[108] Apesar do ponto de partida idêntico, verificaremos que os motivos da mencionada importância são bem diferentes em cada caso. A começar que não encontramos nenhuma afirmação de Zeno sobre uma perda pungente como complementa Freud no trecho citado. Aliás, esse sentimento chega a ser explicitamente menosprezado num determinado momento, como lemos no final da seguinte citação: "Poco dopo ero a letto, ma non seppi chiuder occhio. Guardavo nell'avvenire indagando per trovare perché e per chi avrei potuto continuare i miei sforzi di migliorarmi. Piansi molto, ma piuttosto su me stesso che sul disgraziato che correva senza pace per la sua camera".[109]

Desse modo, a primeira diferença é que Zeno não chora propriamente por ter perdido um parente querido, mas pelo vazio do seu futuro, pois está morta aquela pessoa que era o motivo para os seus esforços de aperfeiçoamento. A expressão dessa lógica do esvaziamento também é a segunda razão pela qual a distinção entre os lados forte e fraco da relação entre pai e filho é importante: a morte do pai, o fraco, é sentida como uma diminuição da força do próprio Zeno.

Assim como o uso da mesma qualificação dada por Freud à morte do pai tem o efeito de distorcer o seu significado pleno, isso também ocorre quando Zeno fala que perdeu a razão para os seus esforços de aperfeiçoamento. Dito simplesmente desse modo, no contexto do lamento pela morte do pai, parece que o seu principal objetivo é satisfazer o desejo do pai. Apesar da justificativa dada no final da citação, o trecho a seguir deixa claro que Zeno busca o aperfeiçoamento e o sucesso como uma vitória sobre o pai, que não acredita na capacidade do filho: "I miei sforzi per diventare migliore non erano stati fatti per dare una soddisfazione a lui [o pai]? Il successo cui

---

[107] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 32.
[108] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 653. [...] o acontecimento mais importante de minha vida (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 39).
[109] Ibid., p. 681. Deitei-me em seguida; não consegui dormir. Pensava no futuro, indagando por que e para quem haveria de perseverar nos meus esforços de aperfeiçoamento. Chorei bastante, antes por mim mesmo do que pelo infeliz que perambulava sem repouso no quarto (Ibid., p. 64).

anelavo doveva bensì essere anche il mio vanto verso di lui, che di me aveva sempre dubitato, ma anche la sua consolazione".[110] Por fim, se o protagonista efetivamente melhorar, será de um modo muito diferente daquele desejado pelo pai, já que a relação entre eles se caracteriza, como já comentamos, pela oposição. Se Zeno melhorar não será por se tornar um zeloso burguês, mas pelo desprezo pelas chamadas coisas sérias e pelos conhecimentos adquiridos graças à sua inquietação intelectual.

Ora, dada a rivalidade constitutiva da relação entre Zeno e o seu pai, quais serão as consequências da realização do desejo extremo do filho de que o pai morra? Dividiremos a nossa resposta em dois grupos de consequências. O primeiro grupo está ligado à bofetada que o pai acerta no filho ao morrer. Zeno sente-o como uma punição pelo seu desejo, mas essa não é a única consequência relevante do golpe. Como um ato de força, ele simbolicamente acaba com as alegações do filho de ser o mais forte dos dois. É justamente por servir para destacar a vitória do pai na disputa por ser o mais forte que temos a terceira e última razão pela qual a distinção entre os lados forte e fraco é importante. Essa vitória, que nem a morte do pai é capaz de cancelar, já era plenamente indicada quando a enfermidade se abate sobre ele pela larga vantagem capilar em relação ao filho: "– Poverino! – diceva [a empregada a respeito do pai de Zeno]. – Morire così! Con questa ricca e bella chioma. – L'accarezzava. Era vero. La testa di mio padre era incoronata da una ricca, bianca chioma ricciuta, mentre io a trent'anni avevo già i capelli molto radi".[111] Confirmando a persistência da vitória, a cabeleira paterna volta a ser mencionada após a sua morte: "Quando mi recai nella stanza mortuaria, trovai che avevano vestito il cadavere. L'infermiere doveva anche avergli ravviata la bella, bianca chioma".[112]

Finalmente, determinemos qual é concretamente a vitória do pai. Ele é vitorioso justamente porque, como já comentamos, Zeno não conseguiu alcançar o sucesso que demonstraria a sua capacidade para o pai. Essa é exatamente a conclusão que o próprio protagonista expõe na continuação da última citação: "Ed ora invece egli non poteva più aspettarmi e se ne andava convinto della mia insanabile debolezza. Le

---

[110] Ibid., p. 669. Meus esforços por me tornar melhor não eram feitos para dar satisfação a ele [o pai]? O sucesso que eu anelava deveria ser por certo minha vitória diante dele, que sempre duvidara de mim, mas lhe seria também um consolo (Ibid., p. 53).

[111] Ibid., p. 667. – Pobrezinho! – dizia [a empregada a respeito do pai de Zeno]. – Morrer assim, com estes cabelos tão lindos! – Acariciava-o. Era verdade. A cabeça de meu pai era cingida por uma bela cabeleira branca encaracolada, enquanto que eu aos trinta anos já tinha cabelos bastante ralos (Ibid., p. 52).

[112] Ibid., p. 683. Ao retornar ao quarto do defunto, observei que o haviam vestido e que o enfermeiro lhe penteara a bela cabeleira branca (Ibid., p. 66).

mie lacrime erano amarissime".[113] Como componente máximo de sua derrota, Zeno não conseguiu nem mesmo o controle dos meios necessários à sua independência, que Freud mencionou como um dos fatores da hostilidade entre pais e filhos, já que, por testamento, ficava sob a tutela de Olivi.

O segundo grupo de consequências da morte do pai se deve à perda da principal motivação do comportamento de Zeno. Como já comentamos brevemente, era pela oposição ao pai que ele orientava as suas ações e projetava o seu futuro. Entre outros trechos, há um no início do capítulo quarto que expõe com especial clareza a morte paterna sob essa perspectiva de esvaziamento do futuro e dos propósitos de Zeno:

> Ma io credo che quella fiducia che rendeva tanto dolce la vita, sarebbe continuata magari fino ad oggi, se mio padre non fosse morto. Lui morto non c'era più una dimane ove collocare il proposito.
> Tante volte, quando ci penso, resto stupito della stranezza per cui questa disperazione di me e del mio avvenire si sia prodotta alla morte di mio padre e non prima.[114]

Subtraído do princípio que dirige os seus propósitos, a oposição ao pai, Zeno passa a se interrogar, no início do próximo capítulo, sobre como deve conduzir a sua vida. Analisaremos como ele aborda essa falta de perspectivas quanto ao seu futuro ao tratarmos da temporalidade na terceira seção do nosso trabalho. Apesar disso, já podemos verificar que o complexo de Édipo volta a ser crucial para tratar da solução que Zeno arranja para a falta de perspectivas, ainda que isso seja apresentado de um modo distorcido. Esse capítulo aborda o casamento, e Zeno, como narrador, escreve que, após a morte do pai, decidiu se casar, mas o que o protagonista efetivamente faz destoa desse entendimento:

> Il bello si è che la mia avventura matrimoniale esordì con la conoscenza del mio futuro suocero e con l'amicizia e l'ammirazione che gli dedicai prima che avessi saputo ch'egli era il padre di ragazze da marito. Perciò è evidente che non fu una risoluzione quella che mi fece procedere verso la mèta ch'io ignoravo.[115]

Escolhemos dois trechos para estabelecer a natureza decisiva da relação de

---

[113] Ibid., p. 669. Agora, já não podia esperar por mim e partia convicto de minha incurável fraqueza. De fato, minhas lágrimas eram amargas (Ibid., p. 53).

[114] Ibid., p. 654. Contudo, creio que aquela confiança que tornava a vida tão doce teria continuado, quem sabe até hoje, se meu pai não tivesse morrido. Com ele morto já não havia um futuro para onde assestar minhas resoluções.
Muitas vezes, ao pensar nisto, fico intrigado pelo fato estranho de que essa desesperança quanto ao meu futuro só se veio a produzir com a morte de meu pai, e não antes (Ibid., p. 40).

[115] Ibid., p. 686. O curioso de minha aventura matrimonial é que fiz conhecimento de início com meu futuro sogro e a ele uni-me por amizade e admiração antes de saber que fosse pai de mocinhas casadouras. É, pois, evidente que não foi uma resolução predeterminada o que me encaminhou em direção à meta que eu não previa (Ibid., p. 68).

Zeno com o futuro sogro, Giovanni. No primeiro deles, escrevendo sobre como conheceu o futuro sogro e sobre o relacionamento que surgiu entre eles, o narrador ainda insiste na ligação misteriosa com o casamento vindouro, mas ainda ignorado, e, ao mesmo tempo, fornece informações que revelam as ligações dessa relação com o passado recente do protagonista:

> Ero venuto al Tergesteo per consiglio dell'Olivi che mi diceva sarebbe stato un buon esordio alla mia attività commerciale frequentare la Borsa e che da quel luogo avrei anche potuto procurargli delle utili notizie. M'assisi a quel tavolo al quale troneggiava il mio futuro suocero e di là non mi mossi più, sembrandomi di essere arrivato ad una vera cattedra commerciale, quale la cercavo da tanto tempo.
> Egli presto s'accorse della mia ammirazione e vi corrispose con un'amicizia che subito mi parve paterna. Che egli avesse saputo subito come le cose sarebbero andate a finire? Quando, entusiasmato dall'esempio della sua grande attività, una sera dichiarai di voler liberarmi dall'Olivi e dirigere io stesso i miei affari, egli me ne sconsigliò e parve persino allarmato dal mio proposito. Potevo dedicarmi al commercio, ma dovevo tenermi sempre solidamente legato all'Olivi ch'egli conosceva.[116]

Bem distante das ideias de casamento, o protagonista conhece Giovanni quando vai ao Tergesteo, a bolsa de valores de Trieste. Tanto a sua ida ao local quanto o fato de ligar-se ao futuro sogro têm o mesmo objetivo: preparar-se para a atividade comercial. Isso culmina com a declaração que dá a Giovanni de que quer libertar-se de Olivi para dirigir pessoalmente os negócios. Ora, se recordarmos o primeiro grupo de consequências da morte do pai de Zeno que destacamos, os objetivos que mencionamos tentam justamente lidar com os motivos pelos quais o pai termina vitorioso ao morrer. Zeno continua tentando vencer o pai.

Além disso, o próprio protagonista é incapaz de ignorar a semelhança com a relação entre ele mesmo e o seu pai, qualificando de paterna a amizade com Giovanni. O final da citação avaliza plenamente essa comparação, pois o futuro sogro concorda que Zeno não está capacitado a dirigir os próprios negócios e ratifica a tutela que lhe foi imposta pelo pai. Por fim, não é surpresa que uma oposição generalizada seja o principal componente da relação com Giovanni, tal como fora no caso do pai. Giovanni,

---

[116] Ibid., pp. 686-687. Passei a frequentar o Tergesteo por indicação de Olivi, que me dizia ser esse um bom exórdio à minha atividade comercial e um lugar onde poderia recolher informações que lhe seriam úteis. Aboletei-me à mesa em que pontificava o meu futuro sogro e dela nunca mais me afastei, parecendo-me ter finalmente acesso a uma verdadeira cátedra comercial, que há tanto tempo procurava.
Ele percebeu imediatamente minha admiração e correspondeu com uma amizade que logo me pareceu paternal. Teria ele intuído de início como tudo haveria de acabar? Certa vez, quando, empolgado pelo exemplo da sua grande atividade, confessei meu desejo de livrar-me de Olivi para gerir pessoalmente meus negócios, tratou de dissuadir-me, parecendo inclusive alarmado com o meu propósito. Nada obstava que eu me dedicasse ao comércio, mas devia permanecer solidamente amparado por Olivi, a quem ele conhecia (Ibid., pp. 68-69).

inclusive, é caracterizado pela força. Tudo isso está claro no parágrafo citado a seguir, ainda que o seu começo seja uma tentativa de despistar a repetição do comportamento de Zeno por meio da menção a um suposto desejo de novidade, que é, considerado atentamente, um modo distorcido de expressar o desejo de estabelecer uma nova relação pessoal baseada na oposição (o final é construído de modo equivalente, substituindo a ideia de novidade pela de inveja):

> Il desiderio di novità che c'era nel mio animo veniva soddisfatto da Giovanni Malfenti ch'era tanto differente da me e da tutte le persone di cui io fino ad allora avevo ricercato la compagnia e l'amicizia. Io ero abbastanza còlto essendo passato attraverso due facoltà universitarie eppoi per la mia lunga inerzia, ch'io credo molto istruttiva. Lui, invece, era un grande negoziante, ignorante ed attivo. Ma dalla sua ignoranza gli risultava forza e serenità ed io m'incantavo a guardarlo, invidiandolo.[117]

Portanto, Zeno reage ao vazio deixado pela morte do pai com a criação de outra situação, o relacionamento com Giovanni, na qual se repetem os eventos psíquicos decorrentes do complexo de Édipo, mais especificamente no que se refere à relação com o pai: "Quel vuoto Zeno dolorosamente si sforza di colmare con ciò che Lacan chiama *fantasmes*, figure dell'immaginario in cui Zeno ripete all'infinito, ossessivamente, il suo rapporto di servo col Padre/padrone".[118] Notemos apenas que não é preciso esperar Lacan para que essa repetição seja abordada pela psicanálise, pois, como já comentamos ao mencionar os clichês estereotípicos quando tratamos da relação de Zeno com a mãe, o próprio Freud já teorizava sobre a repetição do que foi recalcado.

Não é a primeira vez que Zeno experimenta uma repetição desencadeada pelo sentimento paterno próprio ao complexo de Édipo. Pelo que lemos no livro, isso ocorreu pela primeira vez com o seu irmão, que aparece em apenas quatro passagens. A primeira delas está inserida na lembrança mais antiga que o narrador tem do seu vício de fumar. Zeno lembra-se dos primeiros cigarros que fumou e de um grupo de pessoas ao redor de uma caixa desses cigarros. O principal comentário sobre o irmão nesse trecho justamente caracteriza uma disposição de rivalidade direcionada ao parente:

> Una delle figure, dalla voce un po' roca, era Giuseppe, un giovinetto della

---

[117] Ibid., p. 686. O desejo de novidade que havia em meu espírito encontrou perfeita satisfação em Giovanni Malfenti, pessoa completamente diversa de mim e de quantas com quem até então eu buscara a companhia e a amizade. Eu era bastante culto, com passagem por duas universidades e por um período de profunda inércia que reputo bastante instrutiva. Ele, ao contrário, era grande negociante, ativo e tacanho. Contudo, de sua ignorância adivinha-lhe força e serenidade, e eu me deslumbrava simplesmente em contemplá-lo, invejando-o (Ibid., p. 68).

[118] LAURETIS, *La sintassi del desiderio*: *struttura e forme del romanzo sveviano*, op. cit., p. 150. Esse vazio Zeno dolorosamente se esforça para preencher com o que Lacan chama de *fantasmes*, figuras do imaginário em que Zeno repete ao infinito, obsessivamente, a sua relação de escravo com Pai/senhor (tradução nossa).

> stessa mia età, e l'altra, mio fratello, di un anno di me più giovine e morto tanti anni or sono. Pare che Giuseppe ricevesse molto denaro dal padre suo e ci regalasse di quelle sigarette. Ma sono certo che ne offriva di più a mio fratello che a me.[119]

Na segunda passagem, Zeno tem uma doce recordação de repouso junto da mãe, da qual apaga o seu irmão, e só se dá conta de que o irmão também deveria estar com eles após voltar ao presente e escapar do encanto da lembrança devido a uma comparação quanto ao tamanho do cômodo, mas, mesmo assim, não consegue trazê-lo de volta à recordação:

> Un giorno d'estate ero ritornato a casa da un'escursione scolastica, stanco e bagnato di sudore. Mia madre m'aveva aiutato a spogliarmi e, avvoltomi in un accappatoio, m'aveva messo a dormire su un sofà sul quale essa stessa sedette occupata a certo lavoro di cucito. Ero prossimo al sonno, ma avevo gli occhi tuttavia pieni di sole e tardavo a perdere i sensi. La dolcezza che in quell'età s'accompagna al riposo dopo una grande stanchezza, m'è evidente come un'immagine a sé, tanto evidente come se fossi adesso là accanto a quel caro corpo che più non esiste.
> Ricordo la stanza fresca e grande ove noi bambini si giuocava e che ora, in questi tempi avari di spazio, è divisa in due parti. In quella scena mio fratello non appare, ciò che mi sorprende perché penso ch'egli pur deve aver preso parte a quell'escursione e avrebbe dovuto poi partecipare al riposo. Che abbia dormito anche lui all'altro capo del grande sofà? Io guardo quel posto, ma mi sembra vuoto. Non vedo che me, la dolcezza del riposo, mia madre.[120]

Novamente Zeno coloca os irmãos numa situação de disputa, dessa vez pela companhia da mãe, ou seja, envolvendo o próprio objeto de desejo do complexo de Édipo. A grande diferença é que a presença do irmão não é efetivamente lembrada, mas apenas deduzida. A intensidade dos conflitos psíquicos que produzem o esquecimento é tal que ele não é superado nem pela convicção de que o irmão estava lá.

Além disso, o trânsito temporal de Zeno entre o passado e o presente que quebra o encanto da lembrança da mãe e o força a pensar no irmão não possui apenas o

---

[119] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 628. Uma das figuras, de voz meio rouca, era Giuseppe, adolescente de minha idade, e a outra, meu irmão, um ano mais novo que eu, já falecido há tanto tempo. Parece que Giuseppe ganhava muito dinheiro do pai e nos presenteava com aqueles cigarros. Tenho certeza, porém, de que os oferecia mais a meu irmão do que a mim (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 15-16).

[120] Ibid., pp. 629-630. Num dia de verão, eu tinha voltado de uma excursão escolar, cansado e banhado de suor. Mamãe ajudou-me a tirar as vestes e, depois de envolver-me num roupão, me pôs a dormir num sofá onde ela própria sentou-se também para fazer uma costura. Eu estava quase adormecido, mas, com os olhos ainda cheios de sol, custava a entregar-me ao sono. A deliciosa sensação que naquela idade encontramos no repouso que se segue a uma grande fadiga aparece-me agora como uma imagem própria, tão evidente como se eu ainda estivesse lá, junto daquele corpo que não existe mais.
Recordo a sala grande e fresca onde nós, crianças, brincávamos e que hoje, nestes tempos ávidos de espaço, foi dividida em duas. Meu irmão não aparece nesta cena, o que muito me surpreende, pois creio que certamente participara da excursão e teria, portanto, igual direito ao repouso. Também teria sido posto a dormir, no outro braço do sofá? Olho para o local, mas me parece vazio. Vejo apenas a mim, a delícia do repouso, minha mãe (Ibid., pp. 16-17).

conteúdo manifesto da diminuição dos cômodos; ele possui também conteúdos latentes, muito mais relacionados com a lembrança dos parentes. O primeiro conteúdo é a competição entre os irmãos pelo espaço no sofá a fim de ficarem junto à mãe. Que um aspecto crucial da diminuição dos cômodos seja a competição pelo espaço já se pode suspeitar quando Zeno fala da avareza de espaço, mas a suspeita é reforçada decisivamente quando constatamos a importância que ele atribui a tal disputa, o que podemos fazer citando o trecho do final do livro no qual o narrador medita sobre a vida contaminada da sua época:

> La vita attuale è inquinata alle radici. L'uomo s'è messo al posto degli alberi e delle bestie ed ha inquinata l'aria, ha impedito il libero spazio. [...] Ne seguirà una grande ricchezza... nel numero degli uomini. Ogni metro quadrato sarà occupato da un uomo. Chi ci guarirà dalla mancanza di aria e di spazio? Solamente al pensarci soffoco![121]

A competição pelo espaço no sofá já é uma repetição da relação com o pai, pois ele, no sonho com a tinta derrubada, está num sofá e, como os pensamentos oníricos tratam do ato sexual dos pais, esse móvel expressa a função exclusiva que o pai ocupa e o filho deseja, sem poder disputá-la diretamente com o seu genitor. O que muda no caso da relação entre os irmãos é justamente o pé de igualdade que estão nessa competição.

O segundo e último conteúdo latente do trânsito temporal de Zeno ao lembrar da mãe no sofá também abarca a disputa sexual pela mãe, que é abordada pela diferença de concepção em relação ao objeto desejado:

> Encontramos um vínculo interessante com as investigações sexuais da infância quando alguém sonha com dois quartos que eram originalmente um [...]. Na infância, os órgãos genitais femininos e o ânus são considerados como uma área única – o "traseiro" (segundo a "teoria da cloaca" própria da infância), e só mais tarde é que se faz a descoberta de que essa região do corpo compreende duas cavidades e orifícios separados.[122]

De fato, a disputa e a sexualidade voltam a aparecer, de modo ainda mais intenso, na quarta e última passagem na qual surge o irmão de Zeno, o sonho da rivalidade com o irmão que lhe pede a colher, mas já o comentamos na nossa análise dos sonhos neste capítulo. Por fim, faltou mencionar a terceira passagem, o sonho da ida à escola, no qual Zeno sente uma intensa inveja do irmão, que fica em casa.

---

[121] Ibid., p. 1084. A vida atual está contaminada até as raízes. O homem usurpou o lugar das árvores e dos animais, contaminou o ar, limitou o espaço livre. [...] Prevê-se uma grande riqueza... no número de homens. Cada metro quadrado será ocupado por ele. Quem se livrará da falta de ar e de espaço? Sufoco só de pensar nisso! (Ibid., p. 421).

[122] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 336.

Sintomaticamente, não há maiores detalhes sobre a preferência por ficar em casa, e apenas o motivo pelo qual não se deseja ir à escola recebe um comentário mais específico: "E ricordavo anche che nei giorni precedenti dovevo essere stato turbato a scuola da minaccie e rampogne e che io avevo pensato anche allora: a lui non possono toccare".[123] Ainda que a censura psíquica evite explicitá-la, a causa da inveja é o fato de o irmão ganhar a disputa pelo afeto materno durante as horas que o protagonista passa na escola. Além disso, o aspecto sexual da disputa é indicado por meio de um deslocamento que envolve as pequenas colunas mencionadas no final do relato do sonho. Sendo objetos alongados, elas simbolizam o órgão genital masculino, e, no contexto desse relato, já tratam do fundo sexual da competição, que aparece de modo ainda mais incisivo, como já examinamos, no outro sonho com o irmão.

Ao analisarmos a relação de Zeno com o irmão, mencionamos dois trechos sobre o início do seu hábito de fumar. Retomemos as primeiras páginas do terceiro capítulo, nas quais ele relata o seu envolvimento com o cigarro durante a infância, para compreender o que mais eles nos dizem sobre a relação do protagonista com os seus pais.

Inicialmente, notemos que é deixado muito claro que fumar não é um ato agradável para Zeno, como em "Già all'atto d'impadronirmene [charutos fumados a meio pelo pai] venivo pervaso da un brivido di ribrezzo sapendo quale malessere m'avrebbero procurato. Poi li fumavo finché la mia fronte non si fosse coperta di sudori freddi e il mio stomaco si contorcesse",[124] e "Ma allora io non sapevo se amavo o odiavo la sigaretta e il suo sapore e lo stato in cui la nicotina mi metteva. Quando seppi di odiare tutto ciò fu peggio".[125] Ele chegará a fumar mesmo quando isso lhe causar muito sofrimento. O principal exemplo disso é quando fica doente aos vinte anos: "ad onta che la febbre forse aumentasse e che ad ogni tirata sentissi alle tonsille un bruciore come se fossero state toccate da un tizzone ardente. [...] E, sempre soffrendo

---

[123] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1052. Recordava também que nos dias precedentes eu fora perturbado na escola por ameaças e reprovações e que naquela ocasião também pensara: nele não podem tocar (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 392).

[124] Ibid., p. 629. O simples fato de apossar-me deles [charutos fumados a meio pelo pai] já vinha pervadido por uma sensação de estremecer, ao dar-me conta do mal que me estava reservado. Mas mesmo assim fumava-os até sentir a fronte coberta de suores frios e o estômago embrulhando (Ibid., p. 16).

[125] Ibid., p. 631. Àquela época eu não sabia se amava ou odiava o fumo e o gosto do cigarro, bem como o estado a que a nicotina me arrastava. Quando compreendi que odiava tudo aquilo, a coisa foi pior (Ibid., p. 18).

orribilmente, ne fumai molte altre durante la malattia”.[126]

Se o hábito de fumar de Zeno não é causado pelo prazer, é inevitável que nos perguntemos por que ele fuma. Há pouco citamos o trecho no qual ele lembra como começou a fumar e comentamos como era enfatizada a rivalidade com o irmão, dado que este recebia mais cigarros (essa é, pelo menos, a convicção de Zeno). Ora, a mesma citação expressava também, ainda que mais implicitamente, o conflito com o pai ao dizer que parecia que Giuseppe, o adolescente que distribuia os cigarros, recebia muito dinheiro do seu pai. O conflito fica mais claro logo a seguir, quando Zeno apresenta a solução encontrada para compensar a quantidade inferior de cigarros que recebia: “Così avvenne che rubai. D’estate mio padre abbandonava su una sedia nel tinello il suo panciotto nel cui taschino si trovavano sempre degli spiccioli: mi procuravo i dieci soldi occorrenti per acquistare la preziosa scatoletta”.[127] Logo de partida, o hábito de fumar já revela dois aspectos do conflito com o pai. O primeiro é a dependência econômica que o texto apresenta como desmedida, começando com a comparação com Giuseppe nos trechos em análise e culminando no testamento, que já examinamos ao tratar especificamente da relação entre Zeno e o pai. A comparação é claramente desfavorável à família Cosini, pois Giuseppe ganha tanto dinheiro do seu pai que pode presentear os outros com cigarros, enquanto Zeno ganha tão pouco (ou não ganha nada) que precisa roubar para conseguir mais cigarros do que aqueles com os quais foi presenteado. O segundo aspecto, obviamente, é que a vítima dos roubos pelos quais o protagonista realiza o desejo de fumar mais cigarros é justamente o próprio pai que não lhe fornece o dinheiro necessário para obtê-los.

Depois a intermediação monetária é abandonada e o hábito de fumar se torna o elemento direto do conflito: “Mio padre lasciava per la casa dei sigari virginia fumati a mezzo, in bilico su tavoli e armadi. Io credevo fosse il suo modo di gettarli via e credevo anche di sapere che la nostra vecchia fantesca, Catina, li buttasse via. Andavo a fumarli di nascosto”.[128] Assim, filho e pai disputam o mesmo objeto de desejo e satisfazem-no também com esse objeto compartilhado.

---

[126] Ibid., p. 632. [...] apesar de a febre talvez aumentar e de sentir a cada tragada que as amígdalas me ardiam como se tocadas por um tição. [...] E, sempre experimentando dores horríveis, fumei muitos outros enquanto estive acamado (Ibid., p. 19).

[127] Ibid., pp. 628-629. Sucedeu, portanto, que passei a roubar. No verão, meu pai deixava sobre uma cadeira, na sala de jantar, seu colete, em cujo bolso havia sempre alguns trocados: eu catava as moedas necessárias para adquirir a preciosa caixinha (Ibid., p. 16).

[128] Ibid., p. 629. Meu pai deixava pela casa charutos virgínia fumados a meio, equilibrados à borda das mesas e das cômodas. Eu imaginava que era a sua maneira de jogá-los fora e pensava também que nossa velha criada Catina dali os poria no lixo. Comecei a fumá-los às escondidas (Ibid., p. 16).

Diante de todas as considerações dos últimos parágrafos, é por demais óbvio que cigarros e charutos são símbolos fálicos no romance, como podem imediatamente ser todos os objetos alongados, algo que já comentamos ao tratar da colher na nossa análise do sonho da rivalidade com o irmão. Tais considerações também mostram claramente que o hábito de fumar de Zeno, tão importante para o romance, é adquirido como mais uma consequência da rivalidade edipiana com o irmão e o pai. Evidentemente, esse hábito tem outras funções importantes no romance, mas, neste capítulo, só abordaremos ainda a ligação desse tema com o do sofá, que introduzimos há pouco, ao tratar da relação entre os irmãos Cosini. A ligação aparece na continuação do primeiro trecho que analisávamos então, quando Zeno está no sofá com a mãe. O pai entra na sala e começa uma conversa em voz baixa com a mãe, pois o filho aparentemente está dormindo:

> Mio padre con voce bassa si lamentò:
> - Io credo di diventar matto. Sono quasi sicuro di aver lasciato mezz'ora fa su quell'armadio un mezzo sigaro ed ora non lo trovo più. Sto peggio del solito. Le cose mi sfuggono.
> Pure a voce bassa, ma che tradiva un'ilarità trattenuta solo dalla paura di destarmi, mia madre rispose:
> - Eppure nessuno dopo il pranzo è stato in quella stanza.
> Mio padre mormorò:
> - È perché lo so anch'io, che mi pare di diventar matto!
> Si volse ed uscì.
> Io apersi a mezzo gli occhi e guardai mia madre. Essa s'era rimessa al suo lavoro, ma continuava a sorridere. Certo non pensava che mio padre stesse per ammattire per sorridere così delle sue paure. Quel sorriso mi rimase tanto impresso che lo ricordai subito ritrovandolo un giorno sulle labbra di mia moglie.[129]

Nesse trecho, o hábito de fumar de Zeno propicia tanto que o pai seja privado da satisfação do seu desejo, mais um dos tantos episódios do conflito entre pai e filho que já comentamos neste capítulo, quanto um momento único do romance, graças à reação da mãe, cujo sorriso marca tanto o filho que dele se recordará imediatamente ao

---

[129] Ibid., pp. 630-631. Ele pôs-se a lamentar com voz baixa:
- Devo estar maluco. Estou quase certo de ter deixado ainda há pouco um charuto apagado em cima daquela cômoda e não consigo encontrá-lo. Estou cada vez pior. Não me lembro de nada.
Também em voz baixa, mas que traía uma hilaridade contida apenas pelo temor de despertar-me, minha mãe respondeu:
- E olha que ninguém esteve aqui na sala depois do almoço.
Papai murmurou:
- Exatamente por isso acho que estou doido!
Voltou-se e saiu.
Entreabri os olhos e espreitei minha mãe. Ela havia voltado a atenção à costura, mas continuava a sorrir. Decerto não achava que papai fosse a ponto de estar doido para sorrir assim de seu temor. Aquele sorriso me permaneceu de tal forma impresso na lembrança que um dia o revi nos lábios de minha mulher (Ibid., pp. 17-18).

ver tal sorriso na própria esposa. Ainda que por mero acaso, Zeno propicia a satisfação materna e, consequentemente, é apresentado ao fato de que o desejo dela não apenas é independente do desejo do pai, mas também pode ocorrer em detrimento dele, dado que a satisfação da mãe acontece num momento de privação da satisfação do desejo paterno (não surpreende que o sofá seja, para o psiquismo do protagonista, um lugar do desejo e da competição pela sua realização, o que ainda voltaremos a comprovar ao tratar da sua relação com o cunhado). Enquanto o conflito sistemático com o pai logo sufocará a vitória obtida contra ele nesse episódio, a relação de Zeno com a mãe passa a ser determinada por esse acontecimento. De fato, não temos nenhuma indicação de uma vivência do protagonista que modifique o conhecimento do desejo independente da mãe ou a experiência de tê-lo satisfeito. É exatamente essa diferença na relação de Zeno com as duas pessoas inerentes ao complexo de Édipo que nos permite entender a disparidade na reação do protagonista às mortes dos pais; ao contrário do falecimento do pai, que, como já examinamos, é sentido como uma catástrofe, o da mãe é sentido, apesar da dor da perda, como se fosse o fim de um período que teve um desenvolvimento completo e que, naturalmente, deve ser substituído pelo início de um novo desenvolvimento:

> Mia madre era morta quand'io non avevo ancora quindici anni. Feci delle poesie per onorarla ciò che mai equivale a piangere e, nel dolore, fui sempre accompagnato dal sentimento che da quel momento doveva iniziarsi per me una vita seria e di lavoro. Il dolore stesso accennava ad una vita più intensa. [...] Per la morte di mia madre e la salutare emozione ch'essa m'aveva procurata, tutto da me doveva migliorarsi.[130]

Retomemos as várias repetições do complexo de Édipo pelas quais Zeno passa. Depois daquelas nas quais o pai é substituído pelo irmão e por Giovanni, surge uma nova repetição de grande importância, dessa vez com a substituição da mãe. Na verdade, trata-se de Ada, a mais importante substituta da mãe nas repetições do complexo, pois, como já comentamos neste capítulo, ela é a única mulher mencionada no texto pela qual Zeno diz ter sentido o amor integral, oposto à mera atração pelas partes do corpo feminino, que considera uma doença. Que ela não corresponda a esse amor é, por um lado, um desvio na repetição de um amor materno, mas, por outro lado, permite que a repetição se dê inclusive no fato de ela consumar o seu amor com outro homem. Isso, por sua vez, nos leva a constatar que essa repetição também inclui um

---

[130] Ibid., pp. 653-654. Minha mãe faleceu quando eu não tinha ainda 15 anos. Escrevi versos em sua memória, o que não equivale exatamente a chorar a sua morte e, na minha dor, fui sempre assaltado pelo sentimento de que a partir daquele instante deveria iniciar-se para mim uma vida séria e de trabalho. A própria dor acenava para uma vida mais intensa. [...] A morte de minha mãe e a salutar emoção que me causou fizeram-me sentir que tudo deveria melhorar para mim (Ibid., pp. 39-40).

substituto para o pai, Guido, que se casará com Ada no lugar de Zeno.

Mais uma vez uma intensa oposição define a relação que repete aquela com o pai, como bem resume Beatrice Stasi na seguinte comparação entre Zeno e o seu cunhado:

> A sposare Ada sarà Guido Speier, un personaggio al quale sembrano toccare in sorte tutte le doti e le fortune negate al protagonista del romanzo: non solo sposa la donna che Zeno avrebbe voluto sposare, ma suona il violino molto meglio di lui, disegna meglio di lui e per giunta, con un capovolgimento simmetrico, ha un padre che ha talmente tanta fiducia in lui da affidargli prima ancora di morire il suo capitale per fondare un'impresa commerciale. Per non parlare dei folti capelli – Zeno è affetto da calvizie precoce -, della sua bellezza, del suo parlare "il toscano con grande naturalezza mentre io e Ada eravamo condannati al nostro dialettaccio". Anche l'amante che Guido si sceglie – Carmen, una sua impiegata – viene descritta come la donna più bella del romanzo: un'amante apparentemente ideale, che, a differenza di Carla, non abbandonerà mai Guido, e che lo stesso Zeno ammette di aver corteggiato inutilmente.[131]

O pai de Zeno está, inclusive, diretamente implicado em dois componentes da comparação: o contraste com o seu testamento, no qual Zeno é colocado sob a tutela de Olivi, ao qual já se alude na citação, e a sua bela cabeleira, que, como comentamos ao tratar do complexo de Édipo, simboliza a vitória sobre o filho atingido pela calvície precoce.

A relação com o irmão, que já repetia a oposição original ao pai, também se repete na relação com o cunhado. Isso é implícita mas decisivamente apresentado com base no sonho da rivalidade com o irmão que lhe pede a colher, relatado no último capítulo, no qual Zeno olha o sonolento irmão "coricato nel letto accanto al mio come, tardivo, stava ancora sorbendo il caffè col naso nella tazza".[132] Ora, como aponta Stasi, "questa immagine del fratello ricorda quella di Guido, subito dopo la prima simulazione di suicidio, descritta nel capitolo precedente".[133] De fato, o irmão aparece no sonho

---

[131] STASI, Beatrice. *Svevo*. Bologna: Il Mulino, 2009, p. 127. Quem casará com Ada será Guido Speier, um personagem à qual parecem estar destinados todos os talentos e a sorte negados ao protagonista do romance: não só se casa com a mulher que Zeno queria se casar, mas toca violino muito melhor do que ele, desenha melhor do que ele e, além disso, com uma inversão simétrica, tem um pai que tem tanta fé nele a ponto de confiar-lhe, antes mesmo de morrer, o seu capital para fundar um empreendimento comercial. Sem mencionar o cabelo volumoso – Zeno sofre de calvície prematura –, da sua beleza, do seu falar "o toscano com grande naturalidade, enquanto eu e Ada estávamos condenados ao nosso dialetozinho". Mesmo a amante que Guido escolhe – Carmen, uma das suas funcionárias – é descrita como a mulher mais bela do romance: uma amante aparentemente ideal, que, ao contrário de Carla, não abandonará nunca Guido, e que o mesmo Zeno admite haver cortejado sem sucesso (tradução nossa).

[132] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1053. [...] deitado na cama ao lado da minha e vagarosamente ainda sorvia o seu café, o nariz enfiado na xícara (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 393).

[133] STASI, *Svevo*, op. cit., p. 135. [...] esta imagem do irmão lembra aquela de Guido, imediatamente após a primeira simulação de suicídio, descrita no capítulo anterior (tradução nossa).

numa situação muito parecida com a do cunhado após a primeira simulação de suicídio:

> Ero sul punto di interrompergli la sonnolenza cui s'era subito abbandonato, dichiarandogli che se voleva delle registrazioni se le facesse da sé.
> Intanto fu portata una grande tazza di caffè nero che Ada gli porse. Egli trasse le braccia di sotto le coperte e con ambe le mani si portò la tazza alla bocca. Ora, col naso nella tazza, pareva proprio un bambino.[134]

Assim, ambos aparecem sonolentos, na cama e tomando uma xícara de café. Além disso, o próprio Zeno não só compara Guido a um menino, como será o irmão no sonho, mas também justifica a comparação com algo que é descrito com as mesmas palavras nos dois casos: "col naso nella tazza". Não por acaso, essas palavras expressam justamente a origem da rivalidade do protagonista com ambos: como comentamos ao examinar a presença da sexualidade no sonho, o ato de enfiar o nariz numa xícara simboliza a penetração genital.

Além disso, Guido também participa da competição pelo espaço no sofá, que, como já analisamos, também faz parte da relação de Zeno com o pai e o irmão. O seu cunhado está mais próximo do seu pai nesse aspecto, pois está deitado no sofá, não deixando nenhum lugar para o protagonista, o que equivale simbolicamente ao que ocorreu quando se casou com Ada no lugar de Zeno: "Nel pomeriggio trovai Guido in ufficio. Era sdraiato sul nostro sofà in un curioso stato intermedio fra la disperazione e il sonno".[135] Se, no trecho com o irmão, há uma breve menção à competição, a última citação, na qual se menciona o desespero de Guido, é seguida por uma breve troca de palavras, na qual ele se lamenta da sua desgraça, e por um parágrafo no qual Zeno faz um balanço entre o vencedor e o vencido de uma competição, cujo resultado é totalmente favorável ao ganhador, o que é muito condizente com esse momento no qual ele finalmente inverte a relação com o cunhado, que está em sérias dificuldades financeiras, e vence aquele que lhe roubou Ada:

> Io non seppi offrirgli alcun conforto. [...] Secondo me neanche chi è più innocente e più disgraziato di Guido merita compassione, perché altrimenti nella nostra vita non ci sarebbe posto che per quel sentimento, ciò che sarebbe un grande tedio. La legge naturale non dà il diritto alla felicità, ma anzi prescrive la miseria e il dolore. Quando viene esposto il commestibile, vi accorrono da tutte le parti i parassiti e, se mancano, s'affrettano di nascere. Presto la preda basta appena, e subito dopo non basta più perché la

---

[134] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 984. Eu estava a ponto de interromper-lhe a sonolência, à qual de súbito se abandonara, dizendo-lhe para fazer ele mesmo os lançamentos que quisesse.
Nesse ínterim, trouxeram-lhe uma grande chávena de café puro, que Ada lhe deu. Ele tirou os braços de baixo das cobertas e com ambas as mãos levou a xícara à boca. Ali, agora, com o nariz metido na chávena, parecia mesmo uma criança (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 332).

[135] Ibid., p. 1011. De tarde, encontrei Guido no escritório. Estava estendido no sofá, num curioso estado intermédio entre o desespero e o sono (Ibid., p. 356).

> natura non fa calcoli, ma esperienze. Quando non basta più, ecco che i consumatori devono diminuire a forza di morte preceduta dal dolore e così l'equilibrio, per un istante, viene ristabilito. Perché lagnarsi? Eppure tutti si lagnano. Quelli che non hanno avuto niente della preda muoiono gridando all'ingiustizia e quelli che ne hanno avuto parte trovano che avrebbero avuto diritto ad una parte maggiore. Perché non muoiono e non vivono tacendo? È invece simpatica la gioia di chi ha saputo conquistarsi una parte esuberante del commestibile e si manifesti pure al sole in mezzo agli applausi. L'unico grido ammissibile è quello del trionfatore.[136]

O triunfante Zeno não deixará passar em branco esse direito, de modo que continuará a conversa com o cunhado aos berros e o verbo "gritar" será literalmente usado três vezes nos próximos parágrafos. A última vez é justamente quando Guido pede para que ele não grite tanto. Um das causas desse tratamento agressivo é o fato de a rivalidade de Zeno com o cunhado não poder ter sido francamente expressa antes dessa conversa. O fundamento psicológico dessa agressividade é explicado por Freud:

> Suponhamos o caso seguinte: há uma pessoa de minhas relações a quem odeio, de maneira que tenho uma viva inclinação a ficar contente quando alguma coisa adversa lhe acontece. Entretanto, o lado moral de minha natureza não faz concessões a esse impulso. Não me atrevo a expressar o desejo de que ela seja infeliz e, caso ela depare com algum infortúnio imerecido, suprimo minha satisfação diante disso e me imponho manifestações e pensamentos de pesar. Todos já devem ter passado por essa situação numa ou noutra época. Mas sucede então que a pessoa odiada, por alguma transgressão sua, envolve-se num merecido dissabor; quando isso acontece, posso dar rédea solta à minha satisfação por ela ter recebido uma punição justa e, nisto, estou de acordo com muitas outras pessoas que são imparciais. Posso observar, contudo, que minha satisfação parece mais intensa que a dessas outras pessoas; ela recebeu um acréscimo da fonte de meu ódio, até então impedida de manifestar o seu afeto, mas que, com a alteração das circunstâncias, já não é mais obstada em fazê-lo. Na vida social, isso geralmente ocorre sempre que as pessoas antipáticas ou os membros de uma minoria impopular se mostram sem razão. Sua punição não costuma corresponder a seus erros, mas a seus erros *acrescidos* da má vontade dirigida contra eles, a qual antes não tivera nenhuma consequência.[137]

Essa reação exagerada chega ao ápice nessa conversa dos cunhados, após Zeno

---

[136] Ibid., pp. 1011-1012. Não consegui dar-lhe nenhum conforto. [...] A meu ver nem mesmo os mais inocentes e mais desgraçados que Guido merecem compaixão, pois de outra forma não haveria lugar em nossa vida senão para tal sentimento, o que seria bastante tedioso. A lei natural não dá direito à felicidade; ao contrário, prescreve a miséria e o sofrimento. Sempre que o alimento é exposto, acorrem parasitas de todas as partes e, se não são em número suficiente, logo outros se apressam em nascer. Com pouco a presa mal é suficiente para eles, e logo em seguida já não lhes basta, pois a natureza não faz cálculos; procede por experiências. Quando o alimento começa a rarear, eis que os consumidores devem diminuir através da morte precedida de dor; é assim que o equilíbrio, por um instante, se restabelece. Para que lamentar-se? No entanto, todos se lamentam. Os que nada tiveram da presa morrem gritando contra a injustiça, e os que tiveram parte dela acham que deveriam ter direito a muito mais. Por que não morrem e não vivem em silêncio? Por outro lado, é simpática a alegria de quem soube conquistar uma parte exuberante do festim e se manifesta em pleno sol entre os aplausos. O único grito admissível é o de quem triunfa (Ibid., pp. 356-357).

[137] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., pp. 442-443.

oferecer ajuda a Guido, o que funciona como mais uma justificativa aparente para dar vazão ao desejo de punir o oponente. A partir de então, além dos gritos, o texto pontua claramente a desmedida, a severidade e a fúria com a qual o protagonista repreende o cunhado:

> Avendogli offerto il mio aiuto, avevo ora il diritto di rampognarlo, e ne feci l'uso più largo. Gli rimproverai la sua attuale debolezza eppoi anche la sua presunzione durata fino a quel momento e che l'aveva tratto alla rovina. [...]
> M'atteggiai a giudice severo perché per salvare Guido bisognava prima educarlo. Volli sapere quanto egli avesse perduto e m'arrabbiai quando mi disse di non saperlo esattamente. M'arrabbiai ancora [...]
> Feci un grande sforzo per calmarmi e vi riuscii anche a patto di poter dirgli a bassavoce delle altre insolenze. La sua perdita era addirittura l'effetto di un crimine. Bisognava essere un bestione per mettersi in frangenti simili. Proprio mi pareva ch'era necessario egli subisse intera la lezione.[138]

Voltando à repetição da relação com o pai, Zeno também deseja a morte de Guido, como podemos verificar no trecho que inicia a narração da caminhada de ambos à noite, após o noivado do protagonista:

> Arrivammo sotto la via Belvedere. [...] Lassù, con uno di quei movimenti che si confanno meglio ai giovanissimi ragazzi, egli si sdraiò sul muricciuolo che arginava la via da quella sottostante. Gli pareva di fare un atto di coraggio esponendosi ad una caduta di una diecina di metri. Sentii dapprima il solito ribrezzo al vederlo esposto a tanto pericolo, ma poi ricordai il sistema da me escogitato quella sera stessa, in uno slancio d'improvvisazione, per liberarmi da quell'affanno e mi misi ad augurare ferventemente ch'egli cadesse.
> [...] Ebbi allora un'idea spaventosa! Perché non avrei fatto fare a Guido quel salto di dieci metri? Non sarebbe stato giusto di sopprimere costui che mi portava via Ada senz'amarla? In quel momento mi pareva che quando l'avessi ucciso, avrei potuto correre da Ada per averne subito il premio. [...]
> Debbo confessare ch'io in quel momento m'accinsi veramente ad uccidere Guido! Ero in piedi accanto a lui ch'era sdraiato sul basso muricciuolo ed esaminai freddamente come avrei dovuto afferrarlo per essere sicuro del fatto mio. Poi scopersi che non avevo neppur bisogno di afferrarlo. Egli giaceva sulle proprie braccia incrociate dietro la testa, e sarebbe bastata una buona spinta improvvisa per metterlo senza rimedio fuori d'equilibrio.[139]

---

[138] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 1014-1015. Tendo-lhe oferecido minha ajuda, sabia-me agora o [*sic*] direito de repreendê-lo e não tive mãos a medir. Reprovei-o pela fraqueza de agora, precedida por uma presunção que o levara à ruína. [...]
Arvorei-me em juiz severo; para salvar Guido era preciso primeiro educá-lo. Quis saber quanto perdera e aborreci-me quando disse que não sabia exatamente. Enfureci-me ainda [...]
Fiz um grande esforço para me acalmar, mas só consegui continuar a dizer-lhe desaforos em voz baixa. Seu prejuízo era sem dúvida nenhuma o resultado de um crime. Era preciso ser um paspalhão para se meter em semelhante apuro. Achei que não lhe devia poupar o sermão completo (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 358-359).

[139] Ibid., pp. 774-775. Chegamos à altura da rua Belvedere. [...] No alto, com um desses movimentos que assentam melhor a rapazes mais jovens, ele estirou-se sobre a mureta de sustentação que havia no local. Pareceu-lhe realizar um ato de bravura expor-se assim a uma queda de uma dezena de metros. De início, senti o arrepio habitual ao vê-lo exposto a tal perigo; em seguida, lembrei-me do princípio sobre que havia excogitado na mesma noite, num rasgo de improvisação, para libertar-me daquele afã, e pus-me a augurar fervorosamente que ele caísse.

Apesar de tanto desejo, Zeno não mata Guido nessa noite e isso faz toda a diferença; tanta diferença que eles voltam a caminhar na ladeira da via Belvedere, onde Guido deita-se novamente na mesma mureta, mas Zeno não volta a ser tentado a derrubá-lo de lá. A aparência quase idêntica das duas noites não traz a menor indicação de que algo mudou na relação entre Guido e Zeno; na verdade, ela se inverteu, pois este era o derrotado da primeira noite, preterido por Ada em favor daquele, mas, na segunda noite, aquele se tornou o derrotado, tanto pela doença da esposa, que lhe tirou a beleza, quanto pelo fracasso com os negócios, cujo balanço desastroso fora feito e apresentado a Guido, imediatamente antes do passeio, pelo próprio Zeno. Assim, ao contrário do que ocorreu com a morte do pai, o protagonista derrota o cunhado antes que ele morra – como examinamos há pouco, Zeno desfruta do seu triunfo diante do próprio Guido –, e essa diferença é expressa também nos efeitos diversos que a visão dos respectivos cadáveres provoca em Zeno. O do pai tanto carrega a marca da vitória sobre o filho, a bela cabeleira que já ressaltamos ao analisar a relação entre ambos, quanto tem bem destacado o seu aspecto ameaçador:

> Quando mi recai nella stanza mortuaria, trovai che avevano vestito il cadavere. L'infermiere doveva anche avergli ravviata la bella, bianca chioma. La morte aveva già irrigidito quel corpo che giaceva superbo e minaccioso. Le sue mani grandi, potenti, ben formate, erano livide, ma giacevano con tanta naturalezza che parevano pronte ad afferrare e punire.[140]

É evidente o contraste com a situação do cunhado, pego de surpresa: "La rigidezza già avanzata, esprimeva qui non una forza ma la grande stupefazione di essere morto senz'averlo voluto".[141] O trecho "non una forza" reforça o contraste com a morte do pai, na qual a distinção entre os lados forte e fraco servia, como já examinamos, para destacar a vitória do morto.

[...] Tive então uma ideia incrível! Por que não empurrar Guido naquela queda iminente? Não seria justo suprimir aquele que me arrebatava Ada sem amá-la? No momento, pareceu-me que, mal o houvesse morto, poderia correr ao encontro de Ada para reclamar meu prêmio. [...]
Devo confessar que eu me preparava verdadeiramente para matar Guido! De pé, ao lado dele, que estava estendido sobre o baixo parapeito, examinei friamente como deveria agarrá-lo para concretizar devidamente o meu intento. Depois, descobri que não tinha necessidade nem mesmo de agarrá-lo. Ele estava deitado com os braços cruzados sob a cabeça; bastaria um empurrão de chofre para colocá-lo irremediavelmente fora de equilíbrio (Ibid., pp. 146-147).

[140] Ibid., p. 683. Ao retornar ao quarto do defunto, observei que o haviam vestido e que enfermeiro lhe penteara a bela cabeleira branca. A morte já havia enrijecido aquele corpo que jazia soberbo e ameaçador. As grandes mãos, potentes, bem formadas, pareciam lívidas; repousavam, porém, com tamanha naturalidade que pareciam prontas a agarrar e punir (Ibid., p. 66).

[141] Ibid., p. 1032. A rigidez já avançada exprimia aqui não uma força, mas a estupefação por ter morrido sem querer (Ibid., p. 374).

Assim, a morte de Guido, no que se refere diretamente ao próprio Zeno e à sua relação com o cunhado, está longe de ser mais uma catástrofe na vida do protagonista, como foi a morte do pai, mas não podemos dizer o mesmo sobre os desdobramentos provocados por ela. É a própria reação de Zeno que mostra que a morte do cunhado o incomoda bastante: "ebbi per l'ultima volta uno slancio d'ira contro il povero Guido: complicava ogni sventura con le sue commedie!".[142] Num primeiro momento, não fica claro por que ele é tomado pela ira nem como Guido complicou algo ao morrer, mas o próximo parágrafo, no qual Zeno recebe a confirmação de que o cunhado está morto, esclarece essas questões:

> Ne ebbi uno sconvolgimento che quasi mi fece precipitare. Guido, dacché vivevo con lui, era divenuto per me un personaggio di grande importanza. Finché era vivo lo vedevo in una data luce ch'era la luce di parte delle mie giornate. Morendo, quella luce si modificava in modo come se improvvisamente fosse passata traverso un prisma. Era proprio questo che m'abbacinava. Egli aveva sbagliato, ma io subito vidi ch'essendo morto, dei suoi errori non restava niente. Secondo me era un imbecille quel buffone che in un cimitero coperto di epigrafi laudatorie domandò dove si seppellissero in quel paese i peccatori. I morti non sono mai stati peccatori. Guido era ormai un puro! La morte l'aveva purificato.[143]

Guido era útil para Zeno por causa dos seus erros e pecados; a sua morte, pelo contrário, o purifica de tudo isso. Essa transformação é detalhadamente exemplificada por meio de um personagem secundário, Nilini:

> Anche lui sentiva il bisogno di mutare radicalmente le sue relazioni con Guido. Ora comprendeva tutto! Il povero Guido, quando gli aveva fatto di torto, era stato già colto dalla malattia che doveva condurlo al suicidio. Perciò tutto era dimenticato oramai. E predicò dicendosi proprio fatto così. Non poteva serbare rancore a nessuno. Egli aveva sempre voluto bene a Guido e gliene voleva tuttavia.[144]

É claro que não é a mudança desse personagem que tanto preocupa Zeno, mas a de Ada, que ele vislumbra ao ouvir casualmente o seu choro: "La parola *lui* era

---

[142] Ibid., p. 1030. [...] tive pela última vez um ímpeto de ira contra o pobre Guido: complicava todas as desventuras com as suas comédias! (Ibid., p. 373).

[143] Ibid., p. 1031. Senti uma perturbação que quase me fez cair. Guido, depois do nosso convívio, tornara-se para mim personagem de grande importância. Enquanto vivo, eu o via sob uma certa luz que iluminava a parte mais longa de meus dias. Morrendo, aquela luz se modificava, como se tivesse passado de súbito através de um prisma. Era exatamente isto que me pertubava. Ele errara, mas agora que estava morto, nada restava de seus erros. A meu ver, não passava de um imbecil aquele tipo galhofeiro que perguntou, num cemitério coberto de epitáfios laudatórios, onde é que naquela terra sepultavam os maus e os pecadores. Os mortos nunca foram pecadores. Guido agora era um puro! A morte o purificara (Ibid., p. 373).

[144] Ibid., p. 1033. Até ele sentia necessidade de mudar radicalmente seu conceito de Guido. Agora comprendia tudo! O pobre, quando não procedia corretamente com ele, já era presa da moléstia que o conduziria ao suicídio. Por isso, agora tudo estava esquecido. E exortou dizendo que era mesmo assim: não sabia guardar rancor de ninguém. Sempre quisera bem a Guido e continuava a querer (Ibid., p. 375).

ripetuta più volte ed io immaginai quello ch'essa diceva. Stava ricostruendo la sua relazione col povero morto. Non doveva somigliare affatto a quella ch'essa aveva avuta col vivo".[145]

É nesse contexto que devemos entender a mudança do humor de Zeno quando aceita imediatamente a proposta de Nilini de continuar o jogo de Guido com as ações da Bolsa de Valores: "L'accettai con una gioia tale come se così fossi riuscito di far rivivere il mio amico".[146] Assim, o objetivo do jogo com as ações é reviver o cunhado, o que, conforme as nossas considerações anteriores, expressa o desejo do protagonista de desfazer as mudanças provocadas pela morte do parente. Trataremos, no próximo capítulo, desse modo de expressão que implicitamente aborda o conflito existente no relato das ações de Zeno relativas à morte de Guido, às vezes colocando em dúvida qual deles seria o verdadeiro benefeciado por elas e outras vezes contrastando-as com as daqueles que estão envolvidos com os preparativos do funeral. Por ora, constatamos que ele domina a narração até que Zeno finalmente permita que os seus sentimentos aflorem plenamente, ainda que apenas por um breve momento, após o célebre lapso do funeral, no qual ele segue o cortejo fúnebre errado. É quando, decidido a não tentar mais participar do enterro, surge o maior canto de vitória do livro, em contraste máximo com o cunhado morto e aqueles que lhe dão adeus no funeral, até mesmo pela ênfase dada à saúde e à facilidade de movimento nesse trecho:

> Quel giorno il tempo s'era rimesso al bello. Brillava un magnifico sole primaverile e, sulla campagna ancora bagnata, l'aria era nitida e sana. I miei polmoni, nel movimento che non m'ero concesso da varii giorni, si dilatavano. Ero tutto salute e forza. La salute non risalta che da un paragone. Mi paragonavo al povero Guido e salivo, salivo in alto con la mia vittoria nella stessa lotta nella quale egli era soggiaciuto. Tutto era salute e forza intorno a me. Anche la campagna dall'erba giovine. L'estesa e abbondante bagnatura, la catastrofe dell'altro giorno, dava ora soli benefici effetti ed il sole luminoso era il tepore desiderato dalla terra ancora ghiacciata. [...] In quel momento c'era nel mio animo solo un inno alla salute mia e di tutta la natura; salute perenne.
> Il mio passo si fece più rapido. Mi beavo di sentirlo tanto leggero. Scendendo dalla collina di Servola s'affrettò fin qui quasi alla corsa. Giunto al passeggio di Sant'Andrea, sul piano, si rallentò di nuovo, ma avevo sempre il senso di una grande facilità. L'aria mi portava.
> Avevo perfettamente dimenticato che venivo dal funerale del mio più intimo amico. Avevo il passo e il respiro del vittorioso.[147]

---

[145] Ibid., p. 1032. O pronome *ele* era repetido várias vezes e imaginei o que dizia. Estava estabelecendo relações com o pobre morto, decerto bem diferentes das que tivera com o vivo (Ibid., p. 374).

[146] Ibid., p. 1033. Aceitei-a com tal alegria como se tivesse conseguido ressuscitar meu amigo (Ibid., p. 375).

[147] Ibid., p. 1038. Naquele dia, o tempo firmara de fato. Brilhava um magnífico sol primaveril e, sobre a terra ainda úmida, o ar estava limpo e saudável. Meus pulmões, num movimento que há vários dias não me era concedido, se dilatavam. Sentia-me saudável e forte. A saúde só se projeta mediante comparação. Comparava-me com o pobre Guido e elevava-me, elevava-me bem alto com a minha vitória na mesma

Como exatamente Zeno consegue reverter a mudança da relação dos vivos com o cunhado e alcançar tamanha vitória? O romance traz a resposta com um desdobramento inesperado da ausência no enterro, terminando abruptamente com qualquer resquício da sensação de triunfo presente na citação acima; tão abrupto que ocorre no encontro com Ada após o jantar no mesmo dia, no qual ela responde a nossa pergunta: "– Così hai fatto in modo ch'egli è morto proprio per una cosa che non ne valeva la pena!".[148] Assim, quando Zeno recupera, jogando com as ações da Bolsa, grande parte das perdas financeiras de Guido, o motivo do seu suicídio deixa de existir, esvaziando de sentido o seu ato extremo. Ada só foi capaz de entender isso porque a ausência de Zeno no enterro fez com que ela compreendesse as verdadeiras relações de ambos com Guido:

> - Ed io ti scuso per non esser venuto al suo funerale. Tu non potevi farlo ed io ti scuso. Anche lui ti scuserebbe se fosse ancora vivo. Che ci avresti fatto tu al suo funerale? Tu che non lo amavi! Buono come sei, avresti potuto piangere per me, per le mie lagrime, ma non per lui che tu... odiavi! [...]
> - Ma neppure io seppi amarlo. Non lo tradii neppure col pensiero, ma sentivo in modo che non ebbi la forza di proteggerlo. Guardavo ai tuoi rapporti con tua moglie e li invidiavo. Mi parevano migliori di quelli ch'egli mi offriva. Ti sono grata di non essere intervenuto al funerale perché altrimenti non avrei neppur oggi compreso nulla. Così invece vedo e intendo tutto. Anche che io non l'amai […][149]

Por fim, ela precisa melhor como a sua falta de amor e o ódio do cunhado prejudicaram Guido:

> - E tu, povero Zeno, senza saperlo, continuavi a vivergli accanto odiandolo. Gli facevi del bene per mio amore. Non si poteva! Doveva finire così! [...]

---

luta em que ele perecera. Tudo era saúde e força ao meu redor. Até o campo rebentava de erva nova. O mesmo e abundante aguaceiro, a catástrofe do dia anterior, agora só produzia efeitos benéficos e o sol luminoso era a tepidez desejada pela terra enregelada. [...] Naquele momento havia em minha alma um hino à saúde, à minha e à de toda a natureza; saúde perene.
Meu passo tornou-se mais rápido. Alegrava-me senti-lo tão leve. Descendo a colina de Sérvola, apressei-o até quase a avenida. Ao chegar ao passeio de Sant'Andrea, já no plano, diminui-o de novo, sempre com a sensação de grande facilidade. O ar me carregava.
Esquecera inteiramente que vinha do funeral de meu amigo mais íntimo. Tinha o passo e a respiração de um vitorioso (Ibid., p. 379).

[148] Ibid., p. 1042. - Você acabou fazendo com que ele morresse por uma causa que não valia a pena (Ibid., p. 383)!

[149] Ibid., pp. 1042-1043. - E eu o desculpo por não ter vindo ao enterro. Você não podia fazê-lo e eu perdoo. Ele também o desculparia se estivesse vivo. Que haveria você de fazer naquele enterro? Você, que não gostava dele! Bom como você é, poderia chorar por mim, pelas minhas lágrimas, mas não por ele que você... odiava! [...]
- Mas eu também não soube amá-lo. Nunca o traí, nem mesmo em pensamento, mas sentia que não tinha força para protegê-lo. Eu via a sua vida conjugal e a invejava. Parecia-me melhor do que aquela que ele me oferecia. Fico-lhe grata por não ter comparecido ao enterro, porque de outra forma não teria compreendido o que só hoje consegui. Agora, ao contrário, vejo e compreendo tudo. Até que eu não amava o meu marido [...] (Ibid., p. 383).

> Non poteva essere protetto che da chi lo amava e, fra noi, nessuno l'amò.
> - Che cosa avrei potuto fare di più per lui? [...]
> - Salvarlo, caro fratello! Io o tu, noi si avrebbe dovuto salvarlo. Io invece gli stetti accanto e non seppi farlo per mancanza di vero affetto e tu restasti lontano, assente, sempre assente finché egli non fu sepolto. Poi apparisti sicuro armato di tutto il tuo affetto. Ma, prima, di lui non ti curasti.[150]

Qual é a consequência dessas descobertas? Já tivemos uma amostra dela num trecho anterior do livro, mais precisamente, no sonho duplo com Ada. O sonho ocorre logo após a partida de Ada para se tratar da doença de Basedow, e é Augusta, a própria esposa de Zeno, que lhe expõe e lhe explica essa ligação: "– Ti senti infelice perché essa è malata ed è partita e perciò sogni di lei".[151] Zeno sente o afastamento de Ada causado pela doença de um modo muito intenso, pois jamais renunciou ao desejo por ela, de modo que a principal tendência do seu comportamento, desde que a conheceu, é manter-se o mais próximo possível dela e conquistá-la. Além disso, retomaremos algumas conclusões que obtivemos ao analisar o sonho duplo para completar o nosso estudo desse momento de crise do desejo de Zeno. Assim, relembremos que a sua fuga no final do segundo sonho expressa uma ameaça que paira sobre o desejo que sente por Ada: além de certa repulsa pelas deformações geradas pela doença de Basedow, Zeno procura evitar, principalmente, se tornar consciente do próprio mal que o aflige. Logo, esse sonho ocorre num momento que conjuga o afastamento de Ada com conflitos internos do próprio protagonista quanto ao desejo por ela. Tudo isso coloca esse desejo – que guia comportamento de Zeno – em crise e, portanto, não é nenhum acaso que tanto o cabelo da criatura que representa Basedow quanto o de Ada remetam ao seu pai moribundo, quando passou por esse tipo de crise pela primeira vez.

Dado que a situação analisada no parágrafo anterior é apenas temporária – Zeno só associa a doença ao seu desejo por Ada no próprio sonho e a cunhada retorna algum tempo depois –, a grande diferença com o final do sétimo capítulo é que o afastamento de Ada torna-se definitivo, tanto porque ela descobriu o ódio que Zeno tinha por Guido e a culpa dele pela morte do cunhado quanto pela sua partida para

---

[150] Ibid., pp. 1043-1044. - E você, pobre Zeno, sem saber, continuava a viver ao lado dele, odiando-o. Servi-o por amor a mim. Não era possível! Tinha que acabar assim! [...] Mas ele só poderia ser protegido por quem o amava, e entre nós, ninguém o amou.
- Que mais podia ter feito por ele? [...]
- Salvá-lo, caro irmão, um de nós devia salvá-lo. Em vez disso, eu que estava ao lado dele não soube fazê-lo por me faltar o verdadeiro afeto, e você permaneceu à parte, distante, sempre ausente, até mesmo no dia do enterro. Só então você apareceu, seguro, armado de seu afeto. Mas antes não se preocupou com ele (Ibid., p. 384).

[151] Ibid., p. 963. - Você está infeliz porque ela ficou doente e foi-se embora; é por isso que você sonha com ela (Ibid., p. 313).

Buenos Aires a fim de viver com a família do marido. Agora a perda do protagonista é tão definitiva quanto a morte do seu pai, e a crise do seu desejo é equivalente nos dois casos. Isso é expresso pelo texto por meio do período final do capítulo, "Ecco ch'essa ci abbandonava e che mai più avrei potuto provarle la mia innocenza",[152] cujas palavras ressoam outras presentes no romance: "La frase suona identica all'altra che troviamo verso la fine del capitolo dedicato alla morte del padre: 'Egli era morto ed io non potevo più provargli la mia innocenza'".[153]

Com a repetição da crise do desejo de Zeno, encerramos este capítulo, no qual apresentamos as principais ideias psicanalíticas presentes no terceiro romance de Svevo que servem para compreender o psiquismo, desde as relações básicas entre o inconsciente e a consciência com a ação da censura psíquica desta e as estratégias para as manifestações daquele até a influência de um determinado conteúdo inconsciente na vida do indivíduo, tanto na situação original quanto nas suas previsíveis repetições. Como o conteúdo escolhido no caso de Zeno foi o complexo de Édipo, o mais clássico da psicanálise, também comprovamos a presença no romance da importância dada por Freud à infância e à sexualidade para a constituição do inconsciente.

Além disso, também verificamos como as ideias psicanalíticas que mencionamos exercem uma ampla e grande influência sobre o texto, tanto em termos de sua extensão, abordando vários trechos que vão da infância de Zeno até a partida definitiva de Ada, quanto no tocante às suas camadas, de escolhas lexicais e imagéticas, isoladas ou recorrentes, até a construção dos episódios que compõem a narrativa, seja nos mecanismos internos deles, seja nas relações entre eles que sustentam a totalidade narrada. O que não significa que esgotamos essa influência neste capítulo, pois, nos próximos, abordaremos como ela ocorre, por exemplo, na narração e na temporalidade do romance.

---

[152] Ibid., p. 1047. Ia-se sem que jamais lhe pudesse provar minha inocência (Ibid., p. 387).

[153] SACCONE, Eduardo. Malattia e psicanalisi nella Coscienza di Zeno. *MLN*, v. 88, n. 1, ed. italiana, pp. 11-12, jan. 1973. A frase soa idêntica à outra que encontramos perto do fim do capítulo dedicado à morte do pai: "Ele estava morto e eu não podia mais provar-lhe a minha inocência" (tradução nossa).

Capítulo 2
A PSICANÁLISE E AS TÉCNICAS NARRATIVAS

No capítulo anterior, usamos os sonhos para examinar o inconsciente de Zeno. Neste, analisaremos técnicas narrativas empregadas no romance (exceto o último capítulo, ao qual dedicaremos integralmente a quarta parte deste trabalho em virtude das diversas mudanças que ele introduz) considerando os aspectos da narração que não são temporais de um ponto de vista das concepções psicanalíticas, e iniciamos essa tarefa com o estudo da função crucial de outro meio privilegiado de manifestação do inconsciente, a associação livre de ideias, no preâmbulo com o qual Zeno inicia a sua autobiografia.

Justamente por ser constituída por atos mentais involuntários, a associação livre de ideias se opõe a qualquer atividade mental reflexiva; no caso de uma autobiografia, deve-se ressaltar a oposição a uma dessas atividades: "L'analisi freudiana dipende in gran parte dall'operazione della libera associazione di idee, sensazioni e ricordi spontanei; l'operazione voluta e sistematica della memoria, però, permette al meccanismo della censura di entrare in azione".[154]

Ora, é altamente significativo que a associação livre de ideias seja abordada logo no início da escrita de Zeno, quando a situação conturbada do novo narrador é destacada como um conflito entre evitar a orientação voluntária dos pensamentos e exercer um controle deliberado sobre o que escreve. Assim, antes mesmo de Zeno fazer qualquer tentativa de escrever sobre o seu passado, o controle já toma a dianteira: "Ma un po' d'ordine pur dovrebb'esserci e per poter cominciare *ab ovo*, appena abbandonato il dottore che di questi giorni e per lungo tempo lascia Trieste, solo per facilitargli il compito, comperai e lessi un trattato di psicoanalisi".[155] Desse modo, Zeno afasta-se decisivamente da atitude recomendada ao paciente na terapia psicanalítica:

> Mentre il medico ha coscienziosamente suggerito al suo paziente di non cercare d'impremere una determinata direzione al suo sforzo di memoria, costui dichiara subito un'intenzione di mettere ordine nei suoi recordi che

---

[154] MOLONEY, *Italo Svevo narratore*. *Lezioni triestine*, op. cit., p. 85. A análise freudiana depende, em grande parte, do funcionamento da associação livre de ideias, sensações e memórias espontâneas, a operação deliberada e sistemática de memória, porém permite que o mecanismo de censura entre em ação (tradução nossa).

[155] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 626. No entanto, é preciso estabelecer certa ordem para para poder começar *ab ovo*. Mal deixei o consultório do médico, que deverá estar ausente de Trieste por algum tempo, corri a comprar um compêndio de psicanálise e li-o no intuito de facilitar-me a tarefa (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 13).

> rivela una volontà di controllo razionale sui ricordi decisamente in contrasto con l'atteggiamento di abbandono prescritto dalla terapia psicanalitica [...]
> Di male in peggio: non solo Zeno programma di organizzare la sua rievocazione autobiografica in maniera assolutamente consapevole, [...] ma per giunta confessa candidamente di aver comprato e letto un trattato di psicanalisi. Altro che abbandono! Il paziente vuole essere in grado di controllare non solo le proprie parole, ma anche il modo in cui il medico interpretarà quelle parole, impossessandosi preventivamente del codice in base al quale saranno decifrate.[156]

Portanto, o ponto de partida que Zeno deliberadamente estabelece para a sua autobiografia não se deve propriamente a nenhum evento da sua própria vida, mas a algo relacionado ao seu leitor, a saber, o conhecimento teórico que lhe serve de chave de leitura. Depois, Zeno oscila entre a atitude descontraída recomendada pela psicanálise, cujo elemento central é a poltrona e que, ao menos diretamente, não dá bons resultados, e o esforço racional intrínseco à escrita, cujo elemento central é o lápis:

> Dopo pranzato, sdraiato comodamente su una poltrona Club, ho la matita e un pezzo di carta in mano.La mia fronte è spianata perché dalla mia mente eliminai ogni sforzo. Il mio pensiero mi appare isolato da me. Io lo vedo. S'alza, s'abbassa... ma è la sua sola attività. Per ricordargli ch'esso è il pensiero e che sarebbe suo compito di manifestarsi, afferro la matita. Ecco che la mia fronte si corruga perché ogni parola è composta di tante lettere e il presente imperioso risorge ed offusca il passato. Ieri avevo tentato il massimo abbandono. L'esperimento finí nel sonno più profondo [...]
> Mercé la matita che ho in mano, resto desto, oggi.[157]

Com os resultados insatisfatórios obtidos ao tentar seguir a psicanálise, Zeno tende a adotar a disposição simbolizada pelo lápis:

> Strumento di scrittura, e dunque di un'attività intellettuale che richiede concentrazione, la matita, prima ancora di essere usata, impone a Zeno il pensiero dell'atto compositivo che sta per compiere, sovrapponendo così nella sua coscienza l'impegno presente – la sua programmazione ed esecuzione - ai ricordi inseguiti del passato. Ancora una volta, dunque, il

---

[156] STASI, *Svevo*, op. cit., pp. 102-103. Enquanto o médico escrupulosamente sugeriu ao seu paciente não tentar impor uma determinada direção ao seu esforço de memória, este imediatamente declara a intenção de colocar ordem nas suas recordações, o que revela uma vontade de controle racional sobre as recordações decididamente em contraste com a atitude de entrega exigida pela terapia psicanalítica [...]
De mal a pior: não só Zeno planeja organizar a sua lembrança autobiográfica de uma maneira absolutamente consciente, [...] mas também confessa candidamente que havia comprado e lido um tratado sobre psicanálise. Tudo menos entrega! O paciente quer ser capaz de controlar não só as suas próprias palavras, mas também o modo pelo qual o médico interpretará essas palavras, apoderando-se preventivamente do código com base no qual serão decifradas (tradução nossa).

[157] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 626. Depois do almoço, comodamente esparramado numa poltrona de braços, eis-me de lápis e papel na mão. Tenho a fronte completamente descontraída, pois eliminei da mente todo e qualquer esforço. Meu pensamento parece dissociado de mim. Chego a vê-lo. Ergue-se, torna a baixar... e esta é sua única atividade. Para recordar-lhe que é meu pensamento e que tem por obrigação manifestar-se, empunho o lápis. Eis que minha fronte se enruga ao pensar nas palavras que são compostas de tantas letras. O presente imperioso ressurge e ofusca o passado. Ontem tentei um abandono total. A experiência terminou no sono mais profundo [...]
Graças ao lápis que hoje trago à mão, mantenho-me desperto (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 13-14).

> *Preambolo* illumina l'intima contraddizione che vizia all'origine il tentativo di recupero memoriale di Zeno: una consapevole attenzione alla scrittura che prende il sopravvento sull'abbandono tendenzialmente incosciente al flusso di ricordi.[158]

Quanto à poltrona, ela é explicitamente abandonada no início do próximo capítulo, no qual Zeno efetivamente começa a contar o seu passado: "Credo che del fumo posso scrivere qui al mio tavolo senz'andar a sognare su quella poltrona".[159] Ao abandoná-la, também renuncia à postura psicanalítica representada por ela e, portanto, a incentivar que o seu inconsciente se manifeste, como é sucintamente conotado pelo verbo "sonhar", dado que os sonhos são a mais intensa manifestação do inconsciente descoberta pela psicanálise em pessoas livres das psicopatologias. A poltrona é substituída pela mesa, de modo que o narrador agora se apresenta "nell'atteggiamento classico e controllato dello scrittore".[160] Zeno, ao recordar as caixas nas quais se vendiam os primeiros cigarros que fumou, ainda retornará uma última vez à poltrona, aparentemente conseguindo acessar o seu inconsciente, mas reagindo de uma maneira nada promissora:

> Ecco: attorno a una di quelle scatole s'aggruppano subito varie persone con qualche loro tratto, sufficiente per suggerirmene il nome, non bastevole però a commovermi per l'impensato incontro. Tento di ottenere di più e vado alla poltrona: le persone sbiadiscono e al loro posto si mettono dei buffoni che mi deridono. Ritorno sconfortato al tavolo.[161]

Encontramos a mesma recusa em confrontar o próprio inconsciente quando Zeno cobre a cabeça e pensa na acusação feita por Ada: "Poi nell'oscurità rividi il cadavere di Guido e nella sua faccia sempre stampato lo stupore di essere là, privato dalla vita. Spaventato rizzai la testa. Era preferibile affrontare l'accusa di Ada che io

---

[158] STASI, *Svevo*, op. cit., pp. 103-104. Instrumento para escrever e, portanto, de uma atividade intelectual que exige concentração, o lápis, antes mesmo de ser usado, impõe a Zeno o pensamento do ato de composição que está para realizar, sobrepondo, assim, na sua consciência o empenho presente – o seu planejamento e a sua execução – às procuradas recordações do passado. Mais uma vez, portanto, o *Preambolo* ilumina a contradição interna que vicia na origem a tentativa de recuperação de memórias de Zeno: uma atenção consciente à escrita que assume a supremacia sobre a entrega de tendência inconsciente ao fluxo de recordações (tradução nossa).

[159] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 628. Acredito, inclusive, que a respeito do fumo posso escrever aqui mesmo, à minha mesa, sem necessidade de ir sonhar ali naquela poltrona (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 15).

[160] STASI, *Svevo*, op. cit., p. 110. Na atitude clássica e controlada do escritor (tradução nossa).

[161] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 628. Aí está: em volta de uma dessas caixas agrupam-se de repente várias pessoas, mostrando um ou outro traço fisionômico, suficientes para sugerir-lhes o nome mas não tanto para deixar-me comovido pelo inesperado do encontro. Procuro buscar mais e vou para a poltrona: as pessoas esfumam-se, dando lugar a indivíduos cômicos, que escarnecem de mim. Com desconforto, retorno à mesa (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 15).

sapevo ingiusta che guardare nell'oscurità".[162] Assim, como diz o crítico Brian Moloney: "Zeno sente continuamente il bisogno non tanto di rivelare o di cercare la verità su se stesso per poter venire a patti con i suoi problemi e poi progredire verso la guarigione, quanto quello di difendersi".[163]

Ademais, encontramos uma reação complementar a essas quando Zeno comenta, no último capítulo, a sua disposição diante das lembranças que procura obter nas sessões com o doutor S.: "Io avevo già adorata la speranza di poter rivivere un giorno d'innocenza e d'ingenuità. Per mesi e mesi tale speranza mi resse e m'animò. Non si trattava forse di ottenere col vivo ricordo in pieno inverno le rose del Maggio?".[164] Logo, mesmo com o conhecimento obtido pela leitura do tratado de psicanálise, ele não é capaz de confrontar diretamente os seus conflitos inconscientes, esperando do passado apenas reviver as suas alegrias. Isso decide o rumo da autobiografia: "Il riso bufonesco sembra liquidare la praticabilità dell'approccio alla memoria suggerito dal dottore, determinando il ritorno definitivo al tavolo e al controllo razionale del racconto".[165]

Resulta do rumo dado à escrita de Zeno que, assim como Svevo não adota, como já comentamos na introdução, uma caracterização realista do médico e do paciente de uma terapia psicanalítica, ele também rejeita a apropriação de elementos especificamente clínicos até finalmente abordar o tratamento, o que só ocorre no último capítulo do romance. Em suma, evita-se simplesmente representar a situação e as formas discursivas que predominam num contexto clínico. O tratamento direto e circunstanciado dado ao afastamento da associação livre de ideias, procedimento previsto no que Freud chama de regra fundamental da psicanálise, tanto enfatiza a rejeição de uma abordagem mais diretamente clínica quanto pode provocar a suspeita sobre quão Zeno é efetivamente capaz de evitar as manifestações do inconsciente buscadas pelo tratamento, ainda que não adote os procedimentos que procuram

---

[162] Ibid., p. 1043. Depois, na escuridão, revi o cadáver de Guido, e sempre estampado em seu rosto o estupor de estar ali, privado da vida. Espavorido contraí a testa. Era preferível enfrentar a acusação de Ada, que eu sabia injusta, do que fitar a escuridão (Ibid., p. 384).

[163] MOLONEY, *Italo Svevo narratore*. *Lezioni triestine*, op. cit., pp. 85-86. Zeno sente continuamente a necessidade não tanto de revelar ou procurar a verdade sobre si mesmo para poder chegar a um acordo com os seus problemas, e depois progredir rumo à cura, quanto de se defender (tradução nossa).

[164] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1050. Já adorava a esperança de reviver um dia de inocência e ingenuidade. Durante meses e meses essa esperança ergueu-me e animou-me. Não era o mesmo que obter por meio da lembrança em pleno inverno as rosas de maio (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 391)?

[165] STASI, *Svevo*, op. cit., p. 111. O riso bufonesco parece liquidar a viabilidade da abordagem para a memória sugerida pelo médico, determinando o retorno definitivo à mesa e ao controle racional da narração (tradução nossa).

favorecê-las. De fato, o nosso principal objetivo neste capítulo é examinar a função que elas exercem na narração, incluindo alguns casos que são os que mais se assemelham na vida comum aos buscados por meio da associação livre de ideias durante a terapia.

De modo equivalente, é abandonada a temporalidade inerente às recordações traumáticas durante o tratamento. Segue a sua apresentação por Freud:

> [...] nem sempre era um *único* acontecimento que deixava atrás de si os sintomas; para produzir tal efeito uniam-se na maioria dos casos numerosos traumas, às vezes análogos e repetidos. Toda essa cadeia de recordações patogênicas tinha então de ser reproduzida em ordem cronológica e precisamente inversa – as últimas em primeiro lugar e as primeiras por último – sendo completamente impossível chegar ao primeiro trauma, muitas vezes o mais ativo, saltando-os sobre os que ocorreram posteriormente.[166]

Ora, o preâmbulo escrito por Zeno só nos fornece a primeira recordação dessa cadeia: "Vedo, intravvedo delle immagini bizzarre che non possono avere nessuna relazione col mio passato: una locomotiva che sbuffa su una salita trascinando delle innumerevoli vetture; chissà donde venga e dove vada e perché sia ora capitata qui!".[167] Como o próprio narrador explicará, trata-se de uma recordação da morte do pai:

> [...] scopro che l'immagine che m'ossessionò al primo mio tentativo di vedere nel mio passato, quella locomotiva che trascina una sequela di vagoni su per un'erta, io l'ebbi per la prima volta ascoltando da quel sofà il respiro di mio padre. Vanno cosí le locomotive che trascinano dei pesi enormi: emettono degli sbuffi regolari che poi s'accelerano e finiscono in una sosta, anche quella una sosta minacciosa perché chi ascolta può temere di veder finire la macchina e il suo traino a precipizio a valle. Davvero! Il mio primo sforzo di ricordare, m'aveva riportato a quella notte, alle ore più importanti della mia vita.[168]

Como o narrador abandona a abordagem recomendada pela psicanálise, ele prossegue o seu esforço de recordação sem compreender ao que ela se refere, o que só acontece depois de muitas outras lembranças, quando ele recordar justamente a morte do pai. A temporalidade invertida das recordações, por sua vez, só ocorrerá quando Zeno efetivamente estiver em tratamento com o psicanalista. Então, como é relatado no

---

[166] FREUD, *Cinco lições de psicanálise*, op. cit., p. 31.

[167] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 626-627. Vejo, entrevejo imagens bizarras que não podem ter qualquer relação com meu passado: uma locomotiva que resfolega pela encosta acima a arrastar inúmeros vagões; sabe-se lá de onde vem e para onde vai e o que estará fazendo nestas recordações (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 14)?!

[168] Ibid., p. 669. [...] descubro que a imagem que me obcecou desde a primeira tentativa de perscrutar o passado, a locomotiva que arrasta uma série de vagões ladeira acima, surgiu em meu espírito, ouvindo daquele sofá a respiração de meu pai. É exatamente assim que fazem as locomotivas que arrastam pesos enormes: emitem baforadas regulares, que depois aceleram para terminar numa parada, também esta perigosa, porque quem a ouve teme que a máquina e seus vagões se precipitem morro abaixo. Curioso! Meu primeiro esforço para evocar o passado conduziu-me precisamente àquela noite, às horas mais importantes da minha vida (Ibid., p. 53).

último capítulo do romance, terá a sequência de visões que evocam a infância: as duas primeiras com o irmão, sobre as quais o próprio narrador diz que a segunda é muito anterior à primeira; a terceira só com os pais, como se o irmão ainda nem fosse nascido; a quarta só com a mãe, que é entendida como tudo para a criança, o que remete a uma fase ainda anterior da infância.

Para ajudar a esclarecer a disposição narrativa de Zeno, também pode ser útil compreender que ela se afasta igualmente de algumas técnicas narrativas que se contrapõem de modo ostensivo à narração tradicional, o que já foi assinalado por críticos como Sandro Maxia:

> In realtà la *Coscienza di Zeno* non ha nulla a che fare con la tecnica del "monologo interiore", se per "monologo interiore" deve intendersi – secondo la definizione che ne dà Jean Rousset nel suo recente volume *Narcisse romancier*, Parigi, 1973, p. 25 – "un discours sans auditeurs [...] supposé s'enregistrer sans s'écrire" (come è il caso del monologo di Molly nell'ultimo capitolo dell'*Ulysses*). Zeno, al contrario, scrive, e racconta "per qualcuno" (o contro qualcuno). Quanto poi alle "associazioni libere", non è nemmeno il caso di parlarne. Svevo non cerca, né ha mai cercato, di riprodurre naturalisticamente i processi mentali passivi dei suoi personaggi (anche se era ben consapevole del procedimento, come dimostrano i suoi scritti su Joyce).[169]

O crítico Giulio Savelli descarta outras dessas técnicas ao tratar da multiplicidade de contextos implícitos na narração de Zeno (ainda abordaremos essa multiplicidade neste capítulo):

> Si può fare riferimento a Bachtin come anche alla pluralità di soggetti individuata da Auerbach in *To the Lighthouse*. Ciò che è caratteristico della *Coscienza* è che tale molteplicità corrisponde non a "voci" o a "soggetti" [...] non c'è l'intento di dare accesso diretto a uno stato mentale, di fare una radiografia o una fotografia della psiche, di rappresentare oggettivamente il processo del pensiero o della percezione.[170]

Nesse sentido, o título do romance já deixava claro que o primeiro plano seria ocupado pela consciência de um indivíduo; no entanto, a primazia da consciência, em

---

[169] MAXIA, *Svevo e la prosa del Novecento*, op. cit., pp. 37-38. Na verdade, *La coscienza di Zeno* não tem nada a ver com a técnica do "monólogo interior", se por "monólogo interior" deve ser entendido – de acordo com a definição que lhe dá Jean Rousset no seu recente livro *Narcisse romancier*, Paris, 1973, p. 25 – "um discurso sem ouvintes [...] suposto ser registrado sem ser escrito" (como é o caso do monólogo de Molly, no último capítulo de Ulisses). Zeno, pelo contrário, escreve, e conta "para alguém" (ou contra alguém). Quanto às "associações livres", nem vale a pena mencionar. Svevo não tenta, nem nunca tentou, reproduzir de modo naturalista os processos mentais passivos dos seus personagens (mesmo se estava bem ciente do procedimento, como demonstram os seus escritos sobre Joyce) (tradução nossa).

[170] SAVELLI, Giulio. *L'ambiguità necessaria. Zeno e il suo lettore*. Milano: Franco Angeli, 1998, p. 51. Pode-se fazer referência a Bakhtin, bem como à pluralidade de sujeitos identificada por Auerbach em *To the Lighthouse*. O que é característico da *Coscienza* é que tal multiplicidade não corresponde a "vozes" ou "sujeitos" [...] não há a intenção de dar acesso direto a um estado mental, de fazer uma radiografia ou uma fotografia da psique, de representar objetivamente o processo de pensamento ou da percepção (tradução nossa).

Zeno e no romance, parece só existir para ser severamente contestada ao longo de todo o livro. Para compreendermos como a disposição narrativa que examinamos por meio de uma análise do preâmbulo, que encaminharia o livro para uma narração tradicional, é subvertida com o auxílio da psicanálise de forma a constituir um modo inovador de narrar e que contesta a primazia da consciência, propomos estudar a sua constituição a partir de duas características incomuns para o narrador tradicional: Zeno não é confiável nem entende o que está narrando.

A falta de confiabilidade do narrador é uma característica crucial do foco narrativo do romance, pois todos os seus episódios "filtrano attraverso l'immagine che sta in primo piano [...]: un vecchio – più precisamente un vecchio bugiardo – che prende la parola e che scrive con un destinatario preciso – lo psicanalista a cui si è rivolto – da circuire e da ingannare".[171] É esse destinatário que recomenda a Zeno, o velho mentiroso, que escreva a sua autobiografia como preparação para as sessões de psicanálise. Lembremos que essa situação que origina a narração já é posta na primeira seção do livro, o prefácio escrito pelo psicanalista.

Em especial, o prefácio já deixa o leitor em estado de alerta para as mentiras que Zeno escreveu: "Se sapesse quante sorprese potrebbero risultargli dal commento delle tante verità e bugie ch'egli ha qui accumulate!".[172] Na verdade, essa é a única denúncia das mentiras de Zeno externa à narração dele, pois, como o próprio prefácio estabelece, o que o leitor encontrará no livro é justamente a autobiografia desse velho. Dessa maneira, Svevo nunca contrapõe "alle parole del narratore le proprie parole date come 'verità oggetiva', come documento su cui misurare gli scarti e le deviazioni di una menzogna flagrante".[173]

A situação criada com a falta de confiabilidade do narrador ainda é decisivamente reforçada com a ausência do psicanalista, que viaja sem iniciar as sessões de análise com Zeno, antes do último capítulo, fazendo com que ele assuma um curioso aspecto duplo como presença e ausência no romance. Pode-se dizer a respeito do doutor

---

[171] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 213. [...] filtram através da imagem que está em primeiro plano [...]: um velho – mais precisamente um velho mentiroso – que toma a palavra e que escreve com um destinatário específico – o psicanalista contra quem se revoltou – para embrulhar e enganar (tradução nossa).

[172] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 625. Se soubesse quantas surpresas poderiam resultar do comentário de todas as verdades e mentiras que ele aqui acumulou (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 11)!...

[173] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., pp. 222-223. [...] às palavras do narrador as próprias palavras dadas como "verdade objetiva", como documento segundo o qual medir as lacunas e os desvios de uma mentira flagrante (tradução nossa).

S.:

> Zeno racconta le sue storie, cercando di ingannare se stesso più che il lettore. [...] Fisicamente assente, egli [o doutor S.] è sentito ciò nondimeno come una 'presenza' da un capo all'altro del romanzo, poiché anche prima dell'analisi Zeno scrive come se stesse sulla defensiva, come se attribuisse al dottor S. atteggiamenti che sono in verità un'espressione della propria coscienza inquieta.[174]

Como presença, o doutor S., leitor ficcional do livro, torna-se um equivalente narrativo para a consciência na medida em que o acesso desta ao inconsciente é bloqueado pela censura psíquica.

Por sua vez, o doutor S. está ausente, de forma que o autor não fornece ninguém credenciado para servir como fonte de distinção das verdades e mentiras do texto de Zeno, ainda que os seus enunciados viessem filtrados pelo mesmo Zeno, na sua função de narrador. Só haverá tais enunciados filtrados quanto às sessões de análise no último capítulo; ainda assim, estarão comprometidas pelo que podemos chamar da ausência de um bom psicanalista, pois o doutor S. que resulta do texto é uma mera caricatura desse profissional, a começar pela contratransferência (conforme examinamos na introdução), que deveria ter sido evitada. A citação a seguir, ao abordar as posturas contrastantes do doutor S. e do seu paciente, adota o mesmo parecer sobre o tratamento dado ao psicanalista pelo texto:

> il romanzo si guarda bene dal sanare questo dissidio e il lettore, avvertito della sua diffusa inattendibilità, non è in grado di dare credito all'una piuttosto che all'altra voce. Il silenzio osservato dal testo attorno a quel conflitto sembra essere l'effetto di una precisa strategia dell'autore: il romanzo deve allontanare ogni assiologia definitiva e sfrattare ogni criterio di discriminazione del vero dal falso, lasciare aperte tutte le possibilità interpretative [...] un testo la cui recidiva irresponsabilità defrauda il lettore di ogni certezza ermeneutica, invitandolo a una diffidenza continua e radicale.[175]

Diante da falta de confiabilidade do narrador e da recusa do texto a colocar o psicanalista como aquele que decide sobre a veracidade dos enunciados de Zeno,

---

[174] MOLONEY, *Italo Svevo narratore. Lezioni triestine*, op. cit., p. 85. Zeno conta as suas histórias, tentando enganar a si mesmo mais do que ao leitor. [...] Fisicamente ausente, ele [o doutor S.] é sentido, no entanto, como uma "presença" de um lado a outro do romance, uma vez que mesmo antes da análise Zeno escreve como se estivesse na defensiva, como se atribuísse ao doutor S. atitudes que são, na verdade, uma expressão da própria consciência inquieta (tradução nossa).

[175] VITTORINI, *Svevo: guida alla Coscienza di Zeno*, op. cit., p. 38. [...] o romance corretamente evita sanar esse dissídio e o leitor, advertido da sua falta generalizada de credibilidade, não é capaz de dar mais crédito a uma do que a outra voz. O silêncio observado pelo texto em torno daquele conflito parece ser o efeito de uma estratégia deliberada do autor: o romance deve afastar qualquer axiologia definitiva e expulsar todos os critérios de discriminação do verdadeiro e do falso, deixar abertas todas as possibilidades interpretativas [...] um texto cuja irresponsabilidade recorrente priva o leitor de qualquer certeza hermenêutica, convidando-o a uma desconfiança contínua e radical (tradução nossa).

verifiquemos o que podemos dizer sobre a leitura do romance. Em primeiro lugar, o leitor, alertado sobre as mentiras proferidas pelo narrador, é deixado somente para identificá-las. Em segundo lugar, sem um critério garantido para separar as verdades e as mentiras contadas por Zeno, a sua palavra torna-se "per sua natura sospetta, deve avere un doppio fondo, costituito di volta in volta dalla verità o dalla menzogna che tenderanno a sovrapporsi e a integrarsi".[176]

Com a "ausência" do leitor ficcional, surge um lugar vago que o leitor é chamado a preencher; retomando a recusa de Zeno em confrontar o próprio inconsciente, examinada no início deste capítulo, podemos dizer que:

> [...] in generale [Zeno] preferisce non "guardare nell'oscurità", ossia negli intimi recessi del proprio cuore. Ecco il compito del lettore, l'analista assente. Troviamo nel testo, però, indizi che il dottor S. si è dimostrato incapace di adempiere a questo dovere, che dovremo assumerci noi, che siamo i lettori.[177]

Ainda que haja diferenças entre os dois, o leitor torna-se um equivalente narrativo para o psicanalista na medida em que são reproduzidos aspectos básicos da relação clínica com o paciente, a saber, que a fala deste é naturalmente suspeita e que aquele está sozinho na tarefa de diferenciar as verdades e as mentiras dessa fala:

> [...] leggiamo le sue memorie [de Zeno] da un punto di vista simile a quello dell'analista – simile nel senso che cerchiamo di distinguere, per quanto possiamo, la verità dalle bugie – ma anche da un punto di vista diverso, nel senso che non proviamo per Zeno la profonda antipatia che lui ha provocato nell'analista.[178]

Assim, tanto o leitor quanto o psicanalista, independentemente da qualidade dos resultados alcançados por cada um, tornam-se cautelosos e precisam se esforçar para buscar a verdade nas palavras que recebem, pois ela não estará evidente no texto, mas "si delineerà nel corpo delle menzogne più palesi; la confessione potrà essere

---

[176] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 89. [...] por sua natureza suspeita, deve ter um fundo duplo, constituído a cada vez pela verdade ou pela mentira, que tendem a sobrepor-se e integrar-se (tradução nossa).

[177] MOLONEY, *Italo Svevo narratore. Lezioni triestine*, op. cit., p. 86. [...] em geral [Zeno] prefere não "olhar no escuro", ou seja, nos recantos íntimos do próprio coração. Eis a tarefa do leitor, o analista ausente. Encontramos no texto, no entanto, indícios de que o doutor S. demonstrou-se incapaz de cumprir esse dever, que nós, que somos os leitores, deveremos assumir (tradução nossa).

[178] Ibid., p. 88. [...] lemos as suas memórias [de Zeno] a partir de um ponto de vista semelhante ao do analista – semelhante no sentido de que tentamos distinguir, tanto quanto podemos, a verdade das mentiras –, mas também de um ponto de vista diferente, no sentido de que nós não sentimos por Zeno a profunda antipatia que ele causou no analista (tradução nossa).

accetata nella misura in cui apparirà indiretta o preterintenzionale".[179]

Analisada a relação da falta de confiabilidade do narrador com o leitor, ficcional ou não, examinemos a fala do narrador, tornada naturalmente suspeita pela falta de um critério de veracidade. A sua fala requer uma enunciação apresentada e sustentada como verdadeira, mas que, ao mesmo tempo, deixa vestígios que põem em dúvida a sua veracidade. Isso, como bem aponta Lavagetto, é "un problema strettamente letterario, di tecnica letteraria".[180]

O que é necessário para que a fala de Zeno coloque em dúvida a sua veracidade? É preciso que ela seja constituída por uma série de obstáculos que sabotem os mecanismos pelos quais o texto ganha unidade:

> Il pericolo, per il testo, consiste in una sua eventuale coerenza; l'autoapologia non lo dannegia a patto di essere disorganica, di non chiudersi in un sistema funzionale e autosufficiente. Bisognerà che incerteze, errori, contraddizioni ne facciano scricchiolare ad ogni pagina le giunture, impedendo al cerchio di chiudersi su se stesso e di escludere il dubbio o la riserva. Svevo apre nella confessione di Zeno una serie di "bucchi", li apre con discrezione, in maniera metodica e continua.[181]

Pois bem, se o problema é estritamente literário, isso não quer dizer que a solução se dê por meios exclusivamente literários. Na verdade, estamos diante de uma importante contribuição psicanalítica para a literatura:

> [...] per praticare questi "bucchi" nel testo [...] Svevo ha contratto altri debiti nei confronti della psicoanalisi: determinarne l'esatta portata è quasi impossibile, più impossibile ignorarli. Significherebbe, tra l'altro, precludersi la possibilità di vedere Svevo al lavoro con i mezzi che il suo progetto e la sua cultura gli mettevano tra le mani.[182]

Uma maneira convergente de abordar o problema da narração naturalmente suspeita de Zeno é considerar como é a relação entre quem narra e o que ele narra. Em tal abordagem a suspeita se infiltra no seu discurso mediante a perda do seu controle sobre a narração, de forma que outros discursos se misturam e se opõem ao seu por

---

[179] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 89. [...] delinear-se-á no corpo das mentiras mais patentes; a confissão poderá ser aceita na medida em que se apresente indireta ou involuntariamente (tradução nossa).

[180] Ibid., p. 222. [...] um problema estritamente literário, de técnica literária (tradução nossa).

[181] Ibid., pp. 89-90. O perigo, para o texto, consiste em uma eventual coerência; a autoapologia não o prejudica desde que não seja orgânica, que não se feche num sistema funcional e autossuficiente. Será necessário que incertezas, erros, contradições façam ranger as suas articulações a cada página, impedindo que o círculo se feche sobre si mesmo e exclua a dúvida ou a ressalva. Svevo abre na confissão de Zeno uma série de "buracos", abre-os com discrição, de uma maneira metódica e contínua (tradução nossa).

[182] Ibid., p. 90. [...] para praticar esses "buracos" no texto [...] Svevo contraiu outras dívidas no confronto com a psicanálise: determinar o seu alcance exato é quase impossível, mais impossível ainda é ignorá-los. Significaria, entre outras coisas, barrar a possibilidade de ver Svevo no trabalho com os meios que o seu projeto e a sua cultura lhe colocavam nas mãos (tradução nossa).

meio do seu próprio relato deles, tanto discursos dos personagens ou do autor quanto do próprio narrador, mas daquela parte que escapa ao controle da consciência, ou seja, o inconsciente ou o Outro, como também é chamado por alguns psicanalistas:

> Il problema che Svevo ha di fronte è allora quello di circondare la parola di Zeno con un articolato sistema di discreditti, di scalzare – pian piano – il controllo che il narratore esercita sulla narrazione. Il discurso dovrà slittare tra le mani di Zeno: dovrà diventare discorso altrui (dello psicoanalista, del personaggio, dell'autore) o discorso dell'Altro, regolato e messo in scena dall'autore.[183]

Ainda que a abordagem do problema seja outra, a solução continua a ser dada pela psicanálise, pois, conforme lemos em outro trecho da mesma página da citação anterior, é para resolver tal problema:

> [...] che la psicoanalisi si rivela più produttiva tra le mani di Svevo: per sceneggiare la menzogna attraverso l'emergenza dell'inconscio e per articolare l'inconscio sulla base di um codice garantito. Le serie parallele di lapsus, di atti mancati, di sogni, di incoerenze che attraversano tanto il discorso del narratore quanto i gesti, le azioni, le parole del personaggio sono le nervature di un universo discontinuo.[184]

A citação anterior também revela como é constituída a solução dada pela psicanálise. Os mesmos fenômenos que tornam acessíveis à consciência conteúdos inconscientes fornecem elementos que se opõem ao que é ostensivamente afirmado por Zeno, originando no leitor uma grande desconfiança em relação ao que é narrado.

Verifiquemos como Svevo utiliza tais fenômenos desvendados pela psicanálise, iniciando por um que não apareceu na enumeração feita na última citação: a somatização. Ao provocar um distúrbio no corpo,

> [...] l'elemento psichico si traduce allora in un sintomo che può occultarlo completamente, ma può anche conservare il carattere di un segnale. In questo secondo caso è un indizio che rimanda a due classi di cause complementari e che non diventa mai tassativo. Ciò che si tentava di nascondere è allora messo in luce, come se qualcuno avesse suonato di colpo un campanello di allarme. Zeno si accorge con terrore che il suo corpo parla per proprio conto, che è divenuto um significante autonomo.[185]

---

[183] Ibid., p. 223. O problema que Svevo tem pela frente é, então, aquele de circundar a palavra de Zeno com um articulado sistema de descréditos, de minar – lentamente – o controle que o narrador pratica sobre a narração. O discurso deverá escorregar entre as mãos de Zeno: deverá se tornar discurso dos outros (do psicanalista, do personagem, do autor) ou discurso do Outro, regulado e encenado pelo autor (tradução nossa).

[184] Ibid., p. 223. [...] que a psicanálise se revela mais produtiva nas mãos de Svevo: para encenar a mentira por meio da manifestação do inconsciente e para articular o inconsciente com base num código garantido. As séries paralelas de lapsos, de atos falhos, de sonhos, de incoerências que atravessam tanto o discurso do narrador quanto os gestos, as ações, as palavras do personagem são as nervuras de um universo descontínuo (tradução nossa).

[185] Ibid., p. 96. [...] o elemento psíquico se traduz, então, num sintoma que pode ocultá-lo completamente, mas pode também conservar a característica de um sinal. Neste segundo caso, é um indício que remete a duas classes de causas complementares e que nunca se torna taxativo. O que se tentava esconder é, então,

Como bem assinala a crítica Teresa de Lauretis, o próprio Zeno conhece a ligação entre os distúrbios psíquicos e corporais, fornecendo a seguinte citação do romance como evidência[186] (Zeno se sente mal por haver dado o seu primeiro beijo em Carla): "Mi sentivo piccolo, colpevole e malato, e sentivo il dolore al fianco come un dolore simpatico che riverberasse dalla grande ferita alla mia coscienza".[187]

Apesar de a dor no flanco ser bastante importante, destacaremos outra somatização, por provavelmente ser aquela de maior alcance do romance; trata-se de uma manifestação corporal que Lauretis também examina: "nelle memorie di Zeno la prima volta che egli si mette a zoppicare è quando gli viene chiesto di non frequentare più casa Malfenti, e che questo sintomo nevrotico si fa particolarmente acuto in presenza di Guido".[188] A primazia dessa somatização se deve tanto ao fato de Zeno mancar várias vezes quanto à articulação envolvida na origem identificada na citação, que ainda analisaremos neste capítulo, quando compreenderemos por que esse distúrbio é associado em Zeno ao afastamento da mulher desejada ou àquele que provoca o afastamento.

Outros fenômenos que tornam conteúdos inconscientes acessíveis à consciência são os fenômenos estudados por Freud no livro *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, como o mais célebre lapso do romance, o do funeral de Guido, no qual Zeno segue o cortejo fúnebre errado. A principal particularidade desses fenômenos é que, por serem muito menos específicos do que a somatização e os sonhos, a sua frequência é muito maior, a ponto de o romance oferecer

> [...] una serie clamorosa di dimenticanze, sbadataggini, azioni sintomatiche e casuali, atti mancati e combinati [...]. Una vera epidemia sembra aver colpito il mondo del romanzo, investendo i diversi personaggi, contagiandoli, vanificando gli sforzi compiuti dai singoli per stabilizzare il proprio ritratto entro lineamenti controllabili e pacificati. Il fenomeno è tanto massiccio, diffuso e accertabile, quase in ogni pagina del testo, che solo la lettura può

---

colocado à luz, como se alguém houvesse soado de improviso uma campainha de alarme. Zeno compreende com terror que o seu corpo fala por conta própria, que se tornou um significante autônomo (tradução nossa).

[186] O trecho em questão está em LAURETIS, *La sintassi del desiderio: struttura e forme del romanzo sveviano*, op. cit., p. 71.

[187] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 824. Sentia-me diminuído, culpado e doente, e sentia uma dor ao lado como um reflexo, que revelasse a grande ferida que me ia na consciência (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 191).

[188] LAURETIS, *La sintassi del desiderio: struttura e forme del romanzo sveviano*, op. cit., p. 106. [...] nas memórias de Zeno, a primeira vez que ele começa a mancar é quando lhe pedem para não frequentar mais a casa dos Malfenti, e que esse sintoma neurótico se faz particularmente agudo na presença de Guido (tradução nossa).

> documentarne adeguatamente la frequenza.[189]

Vale acrescentar que outra peculiaridade de tais fenômenos é que os lapsos, em razão da sua natureza linguística, são inerentes à narração.

Também é importante notar que é muito mais provável que equívocos linguísticos ou na ação possam ter a sua motivação inconsciente compreendida por outras pessoas do que isso possa ocorrer com as somatizações, pois estas tendem a ter uma ligação muito mais íntima e obscura com essa motivação do que aqueles. Assim, para tais equívocos torna-se relevante a consideração da maneira pela qual Zeno reage, pois não é raro que ele perceba a manifestação do inconsciente. Tal como o equilíbrio instável que se estabelece entre o inconsciente e a consciência, segundo o qual a consciência nem impede completamente que o inconsciente seja expresso nem lhe permite uma expressão direta e plena, também Zeno é incapaz de suprimir essas manifestações, mas, ao mesmo tempo, quando as percebe, prontamente se opõe a elas, tentando desviar a atenção delas, relativizá-las, menosprezar ou distorcer o seu significado. A reação de Zeno vale tanto para ele como personagem quanto como narrador, de modo que a influência psicanalítica contribui para a construção não só do protagonista, mas também da narração.

Encontramos um bom exemplo para as considerações anteriores no trecho a seguir:

> Non so dimenticare una sera che fra tutte fu rilevata da un'espressione di gelosia di Augusta e subito dopo anche da una mia riprovevole indiscrezione. Per farci uno scherzo, Guido e Ada erano andati a sedere lontano da noi, dall'altra parte del salotto, al tavolo Luigi XIV. Cosí io ebbi presto un dolore al collo che torcevo per parlare con loro. Augusta mi disse:
> - Lasciali! Là si fa veramente all'amore.
> Ed io, con una grande inerzia di pensiero, le dissi a bassa voce che non doveva crederlo perché Guido non amava le donne. Cosí m'era sembrato di scusarmi di essermi ingerito nei discorsi dei due amanti.[...]
> Già allora Augusta aveva torto di essere gelosa di Ada. Non era per vedere Ada ch'io a quel modo torcevo il mio collo. Guido, con la sua loquacità, m'aiutava a trascorrere quel lungo tempo. Io gli volevo già bene e passavo una parte delle mie giornate con lui. Ero legato a lui anche dalla gratitudine che gli portavo per la considerazione in cui egli mi teneva e che comunicava agli altri. Persino Ada stava ora a sentirmi attentamente quando parlavo.[190]

---

[189] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 97. [...] uma série clamorosa de esquecimentos, descuidos, atos sintomáticos e casuais, atos falhos e combinados [...]. Uma verdadeira epidemia parece ter atingido o mundo do romance, investindo os diversos personagens, infectando-os, frustrando os esforços dos indivíduos para estabilizar o próprio retrato dentro de feições controláveis e pacificadas. O fenômeno é tão grande, difundido e verificável, quase em todas as páginas do texto, que só a leitura pode documentar adequadamente a sua frequência (tradução nossa).

[190] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 781. Não posso esquecer uma noite, especialmente marcada por uma expressão de ciúme de Augusta e seguida por reprovável indiscrição da minha parte. De

A tentativa de Zeno de conversar com Guido e Ada é tão despropositada, em razão da distância que os separa, que, para olhá-los e dirigir-lhes a palavra, torce o pescoço a ponto de quase pegar um torcicolo, e até mesmo Augusta – geralmente tão pouco perspicaz – é capaz de perceber que o seu noivo não é motivado apenas pelo desejo de conversar e expressa o seu ciúme.

Revelado um desejo que Zeno preferiria ter mantido oculto, ele, seguindo a lógica da reação ao ato falho, sente necessidade de se defender. O protagonista argumenta que não estaria atrapalhando um discurso entre amantes, pois sabia que Guido não amava as mulheres. Zeno se refere à conversa com Guido na qual este falara mal das mulheres, seguindo principalmente as ideias de Weininger. Não sabemos se o argumento convenceu Augusta, mas não pode convencer o leitor, pois, já naquela conversa, o próprio Zeno duvidava da sinceridade de Guido, dizendo que este era capaz de falar apenas para agradar o interlocutor e suspeitando que o seu rival na disputa por Ada tentava curá-lo da derrota nessa competição. Então Zeno, agora como narrador, precisa se defender novamente, alegando que não era por Ada (segundo ele, para vê-la, reduzindo assim a própria acusação, pois o olhar de Zeno também serve, nesse contexto, para vigiá-la, atrapalhando o encontro amoroso com o noivo) que ele torcia demasiadamente o seu pescoço, mas por Guido, dando várias razões para isso. Svevo poderia ter parado nessas defesas, mas resolve ainda colocar uma camada extra: o narrador acrescenta um comentário à última das razões que havia dado, levando-nos de volta ao ponto de partida. De fato, como ele diz que é grato a Guido pela consideração que lhe tinha e que transmitia aos outros e comenta que agora até mesmo Ada o ouvia atentamente, ficamos com a suspeita de que ela é o seu objetivo final e, portanto, ainda é amada por ele, justamente o que Zeno tentou refutar, como protagonista e narrador, nas defesas que analisamos neste parágrafo.

Além dos erros, equívocos ou falhas descritos no livro *Sobre a psicopatologia*

---

brincadeira, Guido e Ada se sentaram longe de nós, do outro lado do salão, junto à mesa Luís XIV. Quase peguei um torcicolo, voltando-me para falar com eles. Augusta repreendeu-me:
- Deixe-os! Eles sim é que sabem tratar de amor.
Eu então, com grande inabilidade, contei-lhe em voz baixa que não devia acreditar naquilo, pois Guido não gostava de mulher. Com isso pensava desculpar-me da minha intromissão no assunto dos dois pombinhos. [...]
A essa época, Augusta já não tinha motivo para ciúmes de Ada. Não foi para vê-la que torci o pescoço daquela maneira. Guido, com sua loquacidade, ajudava-me a preencher o longo tempo. Eu já lhe queria bem e passava boa parte dos meus dias com ele. Queria-lhe igualmente bem pela consideração em que me tinha e que transmitia aos outros. Até mesmo Ada agora me ouvia atentamente quando eu falava (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 151-152).

da vida cotidiana, Freud também analisa nessa obra os atos casuais e fenômenos como a escolha de nomes e números, que são as manifestações do inconsciente na vida cotidiana que mais se aproximam daquelas esperadas do paciente durante a terapia, quando se recomenda que ele se entregue à associação livre de ideias. Assim, Zeno dá respostas, faz escolhas ou tem lembranças que, em certo sentido, devolvem aos seus escritos essas associações que ele pretendia ter afastado, conforme comentamos ao analisar o preâmbulo nas primeiras páginas do presente capítulo.

Encontramos um exemplo de tal retomada da associação livre de ideias numa citação que fizemos no capítulo anterior ao analisar o fetichismo, quando Zeno responde ao comentário cínico do médico: quando o médico comenta que as partes do corpo feminino enumeradas pelo protagonista formam uma mulher inteira, este responde incluindo elementos estranhos ao que estava em questão inicialmente, pois obviamente caráter e inteligência não são partes anatômicas.

Encontramos outro exemplo durante a partida de Ada para Buenos Aires, quando Zeno observa algo que, a princípio, não tem nenhuma relação com o seu relato: "Dal porto tentava di uscire a forza di remi un grande bragozzo le cui vele pendevano inerti dagli alberi. Due soli uomini vogavano e, con colpi innumeri, arrivavano appena a muovere il grosso bastimento".[191] Se lemos isso é porque ele repara nesse evento de tal maneira que não só não o esquece após tantos anos, mas também decide incluí-lo nos seus relatos. Um evento como esse seria normalmente irrelevante, mas a partida de Ada faz com que Zeno perca a finalidade que moveu o seu desejo por tanto tempo, como o vento move um barco por meio das suas velas, de modo que viver passa a exigir um esforço tão grande e com um resultado tão ínfimo quanto o dos dois homens para mover o grande barco. É essa associação inconsciente que torna o acontecimento tão importante para o protagonista e o narrador. Assim, o tradicional artifício literário de exteriorização dos sentimentos ganha uma dimensão psicanalítica na escrita de Zeno.

A associação livre de ideias não precisa ocorrer propriamente no conteúdo do que Zeno escreve. No capítulo dedicado aos atos causais e sintomáticos, Freud também aborda a influência do inconsciente sobre o modo como os pensamentos são expressos:

> Em geral se acredita que se é livre para escolher as palavras com que se revestem os pensamentos ou as imagens com que eles são disfarçados. Uma observação mais atenta mostra que outras considerações determinam essa escolha e que, por trás da forma da expressão do pensamento, vislumbra-se

[191] Ibid., p. 1047. À força de grandes remadas, tentava sair do porto um grande barco de pesca cujas velas pendiam inertes dos mastros. Apenas dois homens remavam e, com inúmeros golpes, mal conseguiam mover o imenso arcabouço (Ibid., p. 387).

um sentido mais profundo, muitas vezes não deliberado.[192]

Encontramos um exemplo dessa influência na narração feita por Zeno no seguinte trecho: "Chi avrebbe potuto prevederlo quando avevo zoppicato da Ada ad Alberta per arrivare ad Augusta?".[193] O uso do verbo "zoppicare" para tratar das transferências de pedido de casamento de Ada para as suas irmãs é apropriado, dado que o ato de mancar é justamente, no caso do protagonista, uma somatização que expressa o afastamento da mulher desejada, mas trata-se de um uso inconsciente da parte de Zeno, pois, como ainda examinaremos neste capítulo, ele pensa que manca em virtude de uma causa totalmente diferente.

Assim, terminamos a nossa abordagem dos fenômenos que permitem a manifestação de conteúdos inconscientes e, como comentamos, revelam a falta de confiabilidade do narrador, pois os sonhos, o mais privilegiado desses fenômenos, já foram devidamente analisados no capítulo anterior, justamente em razão desse privilégio. Em resumo, terminamos de analisar como uma variedade de recursos psicanalíticos é mobilizada para resolver o problema de técnica literária que consiste em instaurar a falta de confiabilidade na escrita de um narrador em primeira pessoa, permitindo a expressão, ainda que indireta, daquilo que Zeno evita abordar.

A influência da psicanálise sobre as técnicas narrativas usadas no romance não se esgota com a contribuição analisada para a construção de narrador que não é confiável, o que podemos confirmar analisando a segunda característica incomum para um narrador tradicional que propusemos estudar, a de que Zeno não entende o que está relatando. Apesar de essa característica obviamente reforçar a desconfiança com relação ao narrador, o nosso estudo se concentrará em analisar como a falta de entendimento permite enfatizar outros aspectos da influência da psicanálise em exame neste capítulo.

Zeno afirma mais de uma vez que o entendimento sobre o que narra é deficiente. Como já assinalava o crítico Eduardo Saccone, há tais afirmações nas primeiras páginas dos capítulos quarto e quinto: "'Ricordo tutto, ma non intendo niente'. E' la dichiarazione folgorante di Zeno che racconta dei suoi rapporti col padre. O, in altro luogo, narrando la storia del suo matrimonio: 'Io sto raccontando una storia

---

[192] FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 6, p. 190.

[193] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 786. Quem haveria de prevê-lo, quando andei saltitando [*sic*] de Ada para Alberta e desta para Augusta (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 157)?

che non conosco bene'".[194] Assim, o narrador é alguém que, sem que nenhuma incapacidade mental lhe seja atribuída, não conhece bem a própria história. O romance até mesmo oferece um contraponto a esse comportamento na reação de Ada à ausência do protagonista no enterro de Guido: "Ti sono grata di non essere intervenuto al funerale perché altrimenti non avrei neppur oggi compreso nulla. Cosí invece vedo e intendo tutto".[195] Ainda assim, mesmo nesse momento, quando Ada compreende um pouco melhor uma parte da vida do cunhado e lhe explica isso, ele ouve a explicação, mas não consegue admiti-la.

Ora, esses aspectos tão importantes da personalidade de Zeno também encontram ampla fundamentação teórica na psicanálise. A começar pela incapacidade de se apropriar do seu próprio material inconsciente mesmo quando outra pessoa o torna manifesto, como Ada faz com Zeno:

> O que, pois, devemos fazer a fim de substituir o que é inconsciente, em nossos pacientes, por aquilo que é consciente? Houve uma época em que pensávamos ser isto algo muito simples: tudo o que tínhamos de fazer era descobrir esse material inconsciente e comunicá-lo ao paciente. Já sabemos, porém, que este é um erro primário. O *nosso* conhecimento acerca do material inconsciente não é equivalente ao conhecimento *dele*; se lhe comunicamos nosso conhecimento, ele não o receberá *em lugar de* seu material inconsciente, mas *ao lado* do mesmo; e isso causará bem pouca mudança no paciente.[196]

Quanto à memória, tanto os esquecimentos são um dos fenômenos estudados no livro de Freud sobre a psicopatologia cotidiana quanto a psicanálise investiga a influência do inconsciente na seleção e distorção das lembranças. Assim, por exemplo, é como se a afirmação algo obscura de Zeno de que não entende nada, ainda que recorde tudo, fosse comentada pelo seguinte trecho: "Nas muitas formas diferentes da neurose obsessiva, em particular, o esquecer restringe-se principalmente à dissolução das vinculações de pensamento, ao deixar de tirar as conclusões corretas e isolar lembranças".[197] Retomando a compreensão alcançada por Ada, ela não expõe novos fatos que fossem desconhecidos de Zeno na explicação que lhe dá; justamente, ela

---

[194] SACCONE, *Malattia e psicanalisi nella Coscienza di Zeno*, op. cit., p. 12. "Recordo tudo, mas não entendo nada." É a declaração fulgurante de Zeno, que conta a sua relação com o pai. Ou, em outro lugar, narrando a história do seu casamento: "Eu estou contando uma história que não conheço bem" (tradução nossa).

[195] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1043. Fico-lhe grata por não ter comparecido ao enterro, porque de outra forma não teria compreendido o que só hoje consegui. Agora, ao contrário, vejo e compreendo tudo (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 383).

[196] FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1915-1916). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 15-16, p. 509.

[197] Ibid., p. 195.

apenas tira as conclusões corretas a partir dos fatos conhecidos por ambos enquanto o cunhado não consegue tirá-las por dissolver determinados vínculos que ligam tais fatos.

Assim, Zeno conta a própria história sem conseguir estabelecer-lhe corretamente os vínculos, isolando os acontecimentos que a compõem ou criando vínculos indevidos. É para compreender melhor esse processo narrativo, no qual se conta uma história que não se conhece bem, que nos parece promissora a proposta de Paul Ricoeur sobre os procedimentos oníricos, citada por Lauretis:

> L'interprétation psychanalytique de la littérature n'aura pas pour ambition de mettre à nu des pulsions [...], mais d'élaborer les structures mêmes de la distorsion, les lois de transformation qui régissent le "montrer-cacher" propre aux effets de sens... Ce qui est important [...] les procédés susceptibles de figurer come *analogues* du déplacement, de la condensation, de la translaboration secondaire, de la mise en scène.[198]

Adotando essa proposta, verificaremos a seguir que Zeno concebe os acontecimentos da própria vida com uma incapacidade tal de vinculá-los corretamente que a expressão consciente que elabora deles torna-se uma representação indireta dos mesmos tal como o conteúdo manifesto do sonho é dos seus pensamentos latentes, e que essa representação pode ser vantajosamente analisada com base nos procedimentos oníricos, enumerados na citação anterior. Assim, a narração do romance, na qual Zeno relata a experiência consciente do que viveu, funciona, em grande medida, tal como o relato que alguém faz dos próprios sonhos. Começaremos a análise proposta pelo deslocamento.

Retomando o tratamento que Zeno dá ao caso considerado há pouco, a compreensão que Ada alcança das relações de ambos com Guido, verificamos que um aspecto crucial dessa abordagem é um deslocamento no qual o cunhado ganha uma importância que camufla aquela de Ada ou do próprio Zeno. Assim, no início do capítulo dedicado a Guido, o narrador fala de um grande afeto e de sentimentos intensos de falta e de vazio como se fossem devidos exclusivamente ao cunhado:

> [...] col tempo fra noi si sviluppò un grande affetto come succede sempre fra gente dabbene che si vede ogni giorno. E fu un grande affetto il mio! Allorché egli scomparve, per lungo tempo sentii com'egli mi mancava ed anzi l'intera mia vita mi sembrò vuota poiché tanta parte ne era stata invasa da lui e dai suoi affari.[199]

---

[198] LAURETIS, *La sintassi del desiderio: struttura e forme del romanzo sveviano*, op. cit., pp. 135-136. A interpretação psicanalítica da literatura não terá a ambição de expor as pulsões [...], mas de elaborar as estruturas mesmas da distorção, as leis de transformação que regem o "mostrar-esconder" próprio aos efeitos de sentido... O que é importante [...] os procedimentos suscetíveis de figurar como *análogos* do deslocamento, da condensação, da elaboração secundária, da encenação (tradução nossa).

[199] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 913. [...] o tempo desenvolveu entre nós um grande afeto, com sempre acontece entre pessoas que se veem todos os dias. E não foi pequena a minha afeição!

Apesar de a citação tratar da relação entre os cunhados, o principal elemento dela, Ada, não é sequer mencionado. Ainda assim, cada trecho da citação remete à mulher desejada por ambos, evidenciando o deslocamento que estrutura as afirmações do narrador: o grande afeto que ele evita precisar melhor é o ódio pelo cunhado por lhe ter roubado a sua amada; os pretextos para os sentimentos alegados – a convivência diária e a vida invadida por Guido e os seus negócios – só ocorrem porque Zeno quer, a todo custo, manter-se próximo de Ada; por fim, só pode ser dito que Guido provoca sentimentos de falta e de vazio em Zeno porque a sua morte causa o afastamento definitivo de Ada, que é o verdadeiro objeto de tais sentimentos.

Há um tipo de deslocamento bastante comum no romance, no qual a importância de uma ação realizada pelo protagonista em benefício próprio é deslocada de modo como se ela fosse ainda mais importante para outra pessoa. O relato das ações de Zeno relativas à morte do cunhado está marcado por esse tipo de deslocamento, atribuindo a importância do que faz a Guido. Assim, ele insiste em declarar que o seu propósito é beneficiar o cunhado, ainda que um lapso possa eventualmente traí-lo: "come a me, ossia al mio povero amico, conveniva",[200] e "Io avrei avuto bisogno di lavorare, proprio lavorare a vantaggio del mio povero defunto amico [...] L'accettai [a proposta de prosseguir a jogar com as ações] con una gioia tale come se cosí fossi riuscito di far rivivere il mio amico".[201] O final da última citação precisa melhor que Zeno espera "reviver" o cunhado, o que – como analisamos no capítulo anterior – significa que o seu objetivo é desfazer as mudanças provocadas pela morte do parente, cujo beneficiário seria ele próprio.

A próxima citação inicia com uma explicação na qual Zeno tenta dar uma fachada racional ao seu comportamento, tal como a elaboração secundária faz no caso dos sonhos, mas cria uma inversão irônica entre ele, que se entrega com alegria à tarefa de salvar o cunhado, e os demais familiares, que se despedem, obviamente com tristeza, do cadáver que aguarda ser enterrado. A propósito, essa é exatamente a principal função da explicação no romance, como ainda examinaremos melhor neste capítulo. A citação

---

Agora que ele não mais existe, senti por muito tempo o quanto me fazia falta, e até minha própria vida pareceu-me vazia com sua ausência, pois grande parte dela estava invadida por ele e por seus negócios (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 270).

[200] Ibid., p. 1034. [...] conforme conviesse a mim, ou seja, ao meu amigo (Ibid., p. 376).

[201] Ibid., p. 1033. Sentia necessidade de trabalhar, trabalhar mesmo em proveito de meu pobre amigo morto [...] Aceitei-a [a proposta de prosseguir a jogar com as ações] com tal alegria como se tivesse conseguido ressuscitar meu amigo (Ibid., p. 375).

a seguir também traz o ápice dessas distorções na narração do "salvamento" do cunhado, quando o protagonista emprega exclusivamente o próprio dinheiro para continuar a jogar com as ações:

> Temendo che qualcuno della famiglia avesse potuto intervenire ad impedirmi l'opera di salvataggio cui m'ero accinto, non parlai a nessuno della liquidazione di metà del mese quando giunse. Pagai tutto io, perché nessun altro si ricordò di quegli impegni, visto che tutti erano intorno al cadavere che attendeva la tumulazione. [...] Era tale il mio dolore per la morte di Guido, che mi pareva di attenuarlo compromettendomi in tutti i modi tanto con la mia firma che con l'esposizione del mio danaro. Fin qui m'accompagnava il sogno di bontà che avevo fatto lungo tempo prima accanto a lui. Soffersi tanto di quell'agitazione, che non giuocai mai più in Borsa per conto mio.[202]

Por fim, Zeno, acossado pela ameaça de exposição do deslocamento por meio de uma pergunta de Nilini, comprometedora a ponto de provocar-lhe o rubor, reage com outro deslocamento, que aparece no final da citação a seguir:

> Il Nilini [...] mi domandò perché non facessi alla Borsa qualche cosa per conto mio.
> - Per il momento – dissi io, e non so perché arrossissi –, io non lavoro che per conto del mio povero amico.
> Quindi, dopo una lieve esitazione, aggiunsi:
> - Poi penserò a me stesso. – Volevo lasciargli la speranza di poter indurmi al giuoco sempre nello sforzo di conservarmelo interamente amico. Ma fra me e me formulai proprio le parole che non osavo dirgli: "Non mi metterò mai in mano tua!".[203]

Ainda que, com ressalvas, possamos admitir, como induz o contexto, que Zeno pense que nunca cairá nas mãos do interlocutor no sentido de que nunca entregaria o destino do seu dinheiro a Nilini, isso não é o mais importante, pois o que realmente lhe perturba no momento é ter sido forçado a pensar que age em causa própria, algo que não ousa admitir nem para si mesmo. Assim, o que ele nunca entregará ao interlocutor são os seus pensamentos mais íntimos, inconfessáveis até para si mesmo.

O relato das ações do protagonista relativas à morte de Guido também oferece

---

[202] Ibid., pp. 1034-1035. Temendo que alguém da família pudesse interferir no sentido de impedir a obra de salvamento a que me entregara, não falei a ninguém da liquidação quinzenal quando esta chegou. Paguei tudo eu mesmo, porque ninguém mais se recordou do compromisso, visto que todos estavam em torno do cadáver que esperava o sepultamento. [...] Era tal minha dor pela morte de Guido que me parecia atenuá-la comprometendo-me de todas as maneiras, tanto com minha assinatura quanto com o risco de meu dinheiro. Até então me acompanhara o sonho de bondade que eu tivera há muito tempo junto dele. Sofria tanto daquela agitação que não joguei mais na Bolsa por minha conta (Ibid., p. 376).

[203] Ibid., pp. 1035-1036. Nilini [...] perguntou por que eu não arriscava na Bolsa algum por conta própria.
- Por ora – respondi, e não sei por que enrubesci – só trabalho por conta do meu pobre amigo.
Ao que, após uma leve hesitação, acrescentei:
- Depois pensarei em mim. – Queria deixar-lhe a esperança de poder induzir-me ao jogo, sempre no esforço de conservá-lo inteiramente meu amigo. Mas de mim para mim formulei as palavras que não ousava dizer-lhe: "Nunca cairei nas suas mãos!" (Ibid., p. 377).

um exemplo de outro tipo de deslocamento usado no romance. É o deslocamento da justicativa para a ação de Zeno, que parece absolutamente convicto do que está fazendo. Ele é importante por não aparecer isoladamente; pelo contrário, ele está integrado a um modo de operação da subjetividade de Zeno que é mantido na narração. Os episódios nos quais ocorrem deslocamentos desse tipo também aludem à justificativa ocultada pelo deslocamento, mas que Zeno não assume plenamente como tal, e terminam com a ação justificada sendo subitamente abandonada com uma explicação, cuja função é dar à desistência uma fachada racional, reafirmando a função principal atribuída às explicações. Assim, o objetivo de agir em proveito do falecido Guido é perseguido por meio do ousado jogo com as ações, que é justificado por uma atitude de um jogador supersticioso e obstinado, que, mesmo diante de resultados desfavoráveis, acredita que será favorecido e que a força do seu desejo pode interferir no acaso:

> Poi, quando il Nilini finalmente poté avvisarmi che tutti i miei ordini erano stati eseguiti, incominciò per me una vera agitazione, aumentata dal fatto che al momento di ricevere gli stabiliti, fui informato che su tutti io perdevo già qualche frazione abbastanza importante. Ricordo quell'agitazione come un vero e proprio lavoro. Ho la curiosa sensazione nel mio ricordo che ininterrottamente, per cinquanta ore, io fossi rimasto assiso al tavolo da giuoco succhiellando le carte.[204]

A confiança do protagonista nessa atividade supersticiosa é reiterada várias vezes; eis o trecho mais incisivo nesse sentido: "Andai all'ufficio a vedere i corsi di chiusa. Erano un po' più deboli, ma non fu questo che mi tolse la fiducia. Sarei tornato a «succhiellare» e non dubitavo che sarei arrivato allo scopo".[205]

Depois de Ada informar a Zeno tudo o que compreendeu com a sua ausência no enterro do marido, a confiança supersticiosa simplesmente abandona o protagonista, como vemos no modo como responde à sogra sobre as ações: "Ma io risposi che non mi fidavo più. Il rischio era enorme e non potevo più osare di trattare a quel modo gl'interessi altrui. Non credevo più nel giuoco di Borsa o almeno mi mancava la fiducia

---

[204] Ibid., p. 1034. Depois, quando Nilini conseguiu avisar-me de que todas as minhas ordens haviam sido seguidas, começou para mim uma verdadeira excitação, aumentada pelo fato de que, no momento em que recebi os avisos, fiquei sabendo que já perdia algumas frações bastantes [*sic*] significativas. Recordo aquela agitação como um verdadeiro e exaustivo trabalho. Tenho a curiosa sensação, em minha lembrança, de haver permanecido à mesa de jogo, ininterruptamente, por cinquenta horas, "chorando as cartas" (Ibid., p. 376).

[205] Ibid., p. 1038. Fui até o escritório para ver as cotações do fechamento. Estavam um pouco mais baixas, mas não o suficiente para me fazerem perder a confiança. Estava determinado a continuar especulando e não tinha dúvida de atingir o meu objetivo (Ibid., pp. 379-380).

che il mio 'succhiellare' potesse regolarne l'andamento".[206] É oferecida uma explicação que, por si mesma, é bastante razoável, mas trata-se apenas de uma fachada racional, pois a explicação era igualmente válida para qualquer momento anterior desse episódio, inclusive no seu início, de modo que, na verdade, nem o protagonista nem o narrador deram uma explicação para o abandono da justificativa em vigor até aquele momento. É apenas pela análise que já fizemos no capítulo anterior sobre outros elementos aludidos no episódio que sabemos que o objetivo de Zeno é esvaziar de sentido o suicídio do cunhado, revertendo o cancelamento póstumo dos erros de Guido. Assim, uma vez que Ada já compreendera o que Zeno estava fazendo, o jogo com as ações perde a sua função e pode ser interrompido imediatamente, como Zeno decide logo após a conversa com ela. Podemos formular os pensamentos envolvidos nos deslocamentos que estudamos nesse episódio do seguinte modo: se, em algum sentido ou grau, Zeno age em interesse de Guido ou deixa-se dominar por uma confiança supersticiosa, é apenas por causa do que realmente importa, ou seja, reverter as mudanças de opinião de Ada sobre Guido, após o seu suicídio.

Examinemos mais um caso de deslocamento de justicativa. Usaremos o último episódio do capítulo sobre o fumo, o tratamento com o doutor Muli. Nesse caso, Zeno começa reconhecendo duas justificativas para a sua decisão:

> Mio figlio aveva da poco compiuti i tre anni quando mia moglie ebbe una buona idea. Mi consigliò, per sviziarmi, di farmi rinchiudere per qualche tempo in una casa di salute. Accettai subito, prima di tutto perché volevo che quando mio figlio fosse giunto all'età di potermi giudicare mi trovasse equilibrato e sereno, eppoi per la ragione più urgente che l'Olivi stava male e minacciava di abbandonarmi per cui avrei potuto essere obbligato di prendere il suo posto da un momento all'altro e mi consideravo poco atto ad una grande attività con tutta quella nicotina in corpo.[207]

A primeira delas é apresentada como mais importante, mas confrontemos tal apreciação com o modo pelo qual cada uma delas é abandonada:

> Da mia moglie ebbi una buona notizia. Ritornando dalla casa di salute s'era imbattuta nel figlio dell'Olivi che le aveva raccontato che il vecchio stava molto meglio dopo di aver presa una medicina prescrittagli da un suo nuovo medico.

---

[206] Ibid., p. 1045. Respondi que não me arriscaria mais. O risco era enorme e não podia mais ousar tratar daquela maneira os interesses de outrem. Não acreditava mais no jogo da Bolsa ou pelo menos me faltava confiança de que minha especulação pudesse regular seu andamento (Ibid., p. 386).

[207] Ibid., pp. 640-641. Meu filho acabava de completar três anos quando minha mulher teve uma ideia excelente. Insistiu para que eu me internasse por algum tempo numa casa de saúde, a fim de desintoxicar-me. Aceitei incontinenti, primeiro porque queria que meu filho, ao chegar à idade da razão, pudesse considerar-me equilibrado e sereno, e também pela razão mais urgente de Olivi andar adoentado e ameaçar abandonar-me. Tendo eu assim de assumir suas atividades de um momento para o outro, considerava-me pouco apto para tamanha atividade com toda aquela nicotina no corpo (Ibid., pp. 26-27).

> Addormentandomi pensai di aver fatto bene di lasciare la casa di salute poiché avevo tutto il tempo per curarmi lentamente. Anche mio figlio che dormiva nella stanza vicina non s'apprestava certamente ancora a giudicarmi o ad imitarmi. Assolutamente non v'era fretta.[208]

A justificativa considerada menos importante deixa de fazer sentido quando Olivi se recupera da doença e é, portanto, apropriadamente abandonada. Por outro lado, a justificativa que seria a mais importante é descartada sem que nenhum fato novo seja introduzido, de modo que Zeno apenas expõe uma opinião contrária àquela que tinha ao decidir aceitar a sugestão de internar-se numa casa de saúde. Isoladamente, essa explicação dá uma fachada racional à ação de Zeno, pois possui uma forma de argumentação e se fundamenta numa opinião sobre um assunto para o qual o senso comum não tem uma resposta definitiva. O problema é que Zeno não só havia apresentado a opinião contrária no início do episódio, mas também considerava que ela era a mais importante das duas justificativas que identificava para a sua decisão, o que deixava implícito que estava convencido da opinião inicial. Ora, a maneira como adota uma opinião inversa no final do episódio, sem maiores considerações sobre a mudança de uma para outra, atesta que houve um deslocamento das justificativas: o que importa a Zeno é estar em boas condições para assumir os negócios caso o adoentado Olivi fique impossibilitado de conduzi-los, e a hipótese do filho, que ainda não completou três anos, julgá-lo ou imitá-lo pode até mesmo lhe ser indiferente.

Para encerrar a análise do deslocamento de justicativa, comentemos brevemente o episódio das sanguessugas, já mencionado no capítulo anterior, no qual afirmamos que a observação final sobre o enfermeiro já haver aplicado as sanguessugas era especialmente irônica, pois a discussão teria iniciado e acabado pela mesma razão. Temos duas diferenças relevantes em relação aos casos anteriores. A primeira é que justamente a mesma justificativa é usada para iniciar a ação e para encerrá-la. Isso é possível porque o que é deslocado muda: Zeno inicia a discussão movido pelo desejo de que o pai morra e desiste de continuá-la em razão da esperança dada pelo médico de reverter o testamento. A segunda diferença é que a justificativa alegada não é apenas um assunto íntimo do protagonista; ela é sustentada contra a opinião de um especialista, o

---

[208] Ibid., p. 652. De minha mulher recebi, mas foi uma boa notícia. Ao voltar da casa de saúde, encontrou na rua o filho de Olivi que lhe contara estar o velho muito melhor depois que tomara um remédio prescrito pelo novo médico a quem consultara.
Ao deitar-me, achei que fizera bem em deixar a casa de saúde, pois tinha tempo suficiente para curar-me aos poucos. Meu filho, que dormia no quarto ao lado, ainda não estava certamente em idade de julgar-me ou imitar-me. Não havia pressa absolutamente nenhuma (Ibid., p. 37).

que cria uma tensão ausente nos deslocamentos anteriores.

Os deslocamentos também são importantes num momento crucial da narração, aquele que liga a vida antes e depois da morte do pai do protagonista. Como analisamos no capítulo anterior, Zeno, como narrador, escreve que, após a morte do pai, é movido pelo desejo de novidade e decide se casar. Também examinamos como o desejo alegado não se sustentava, pois o protagonista continuava tentando vencer o pai e, ao fracassar, repete a relação paterna, tendo Giovanni como substituto. Obviamente, trata-se de um deslocamento, pois a novidade desejada só importa na medida em que seja concretizada como novas oportunidades para que o protagonista tenha condições de repetir a relação com o pai. Outro elemento usado para dissimular a repetição é a inicial dos nomes das filhas do futuro sogro:

> le sue quattro figliuole avevano tutti i nomi dall'iniziale in a, una cosa praticissima, secondo lui [Giovanni], perché le cose su cui era impressa quell'iniziale potevano passare dall'uma all'altra, senz'aver da subire dei mutamenti. [...] Quell'iniziale mi colpí molto più di quanto meritasse. Sognai di quelle quattro fanciulle legate tanto bene insieme dal loro nome. Pareva fossero da consegnarsi in fascio. L'iniziale diceva anche qualche cosa d'altro. Io mi chiamo Zeno ed avevo perciò il sentimento che stessi per prendere moglie lontano dal mio paese.[209]

Zeno termina o relato sobre a letra inicial com uma versão espacial da ideia de novidade, um país distante. Mais uma vez, trata-se de um deslocamento justamente para despistar das duas indicações de repetição relatadas imediatamente antes. A primeira indicação é a impressão de uma inicial, cuja principal menção no romance ocorre no sonho da tinta derrubada. Assim, o casamento com uma das filhas de Giovanni repete o conflito expresso nesse sonho, a competição sexual com o pai. A segunda indicação já é uma associação livre de ideias do próprio Zeno, que imagina comercializá-las em conjunto. Logo, longe de ter ideias amorosas ou eróticas, que deveriam ter alguma prioridade ao pensar na escolha de uma esposa, ele volta a pensar em comércio, justamente o que já havia estabelecido sua ligação com Giovanni como repetição da relação com o pai.

O casamento também funciona como um deslocamento, pois Zeno não

---

[209] Ibid., pp. 692-693. [...] as quatro filhas tinham nomes com a inicial "A", coisa, segundo ele [Giovanni], vantajosamente prática, pois todas as peças de roupa e objetos com aquela inicial podiam passar de uma filha a outra, sem necessidade de qualquer alteração. [...] Essa inicial impressionou-me bem mais do que seria admissível. Sonhava com aquelas jovens atadas umas às outras pelo nome, como mercadoria a ser vendida por atacado. A inicial lembrava algo mais: como me chamo Zeno, tinha a impressão de que, se me quisesse casar, só no estrangeiro poderia encontrar uma mulher cujo nome começasse por "Z" [a tradução perde o deslocamento; mais literalmente está escrito que, por se chamar Zeno, sentia como se estivesse por casar com uma mulher de um país distante do seu] (Ibid., p. 74).

menciona nenhuma tentativa nesse sentido fora da família de Giovanni; pelo contrário, antes mesmo de conhecer as suas filhas, o protagonista rompe com uma mulher justamente quando ela buscava tornar a relação entre eles mais séria, o que é narrado logo após o relato das iniciais:

> Fu forse un caso che prima di presentarmi in casa Malfenti io mi fossi liberato da un legame abbastanza antico con una donna che forse avrebbe meritato un trattamento migliore. Ma un caso che dà da pensare. La decisione a tale distacco fu presa per ragione ben lieve. Alla poverina era parso un bel sistema di legarmi meglio a lei, quello di rendermi geloso. Il sospetto invece bastò per indurmi ad abbandonarla definitivamente. Essa non poteva sapere che io allora ero invaso dall'idea del matrimonio e che credevo di non poter contrarlo con lei, solo perché con lei la novità non mi sarebbe sembrata abbastanza grande. Il sospetto ch'essa aveva fatto nascere in me ad arte era una dimostrazione della superiorità del matrimonio nel quale tali sospetti non devono sorgere. Quando quel sospetto di cui sentii presto l'inconsistenza dileguò, ricordai anche ch'essa spendeva troppo.[210]

As razões apresentadas para o rompimento não inspiram confiança. De fato, a primeira delas é qualificada como pouco grave pelo próprio Zeno, os gastos não parecem ser uma razão mais ponderada, tampouco o critério da novidade, ao qual se apela mais uma vez, pode nos convencer, dada a sua participação no deslocamento da repetição da relação com o pai. Assim, o casamento só se torna importante por si mesmo quando o protagonista conhece Ada e, antes disso, é apenas um modo de aproximar-se cada vez mais de Giovanni e competir com ele; em suma, inicialmente o casamento é um deslocamento equivalente ao da novidade.

Para terminar a análise dos deslocamentos, abordemos aqueles que se baseiam nos resíduos diurnos, bastante comuns na formação dos sonhos e que envolvem o aproveitamento de acontecimentos do dia do sonho. O romance também adota esse procedimento, o que podemos observar, por exemplo, quando Zeno começa a mancar. Isso acontece quando ele encontra Túlio, um antigo colega de escola que precisa usar muleta em razão de um reumatismo:

> Tullio s'era rimesso a parlare della sua malattia ch'era anche la sua principale distrazione. Aveva studiato l'anatomia della gamba e del piede. Mi raccontò ridendo che quando si cammina con passo rapido, il tempo in

[210] Ibid., p. 693. Terá sido por mero acaso que, antes de apresentar-me na casa de Malfenti, eu tivesse desfeito uma ligação bastante antiga, com uma mulher que talvez merecesse um tratamento melhor? Seria um acaso que dá o que pensar. A decisão de concretizar o rompimento foi tomada por motivo bastante fútil. A pobre coitada achou que a melhor maneira de prender-me seria despertando o meu ciúme. A suspeita, ao contrário, foi suficiente para levar-me a abandoná-la de vez. Não podia ela imaginar que, àquela altura, eu estivesse invadido pela ideia de casar-me, só não admitindo fosse com ela por julgar que assim a novidade não me pareceria suficientemente grande. A suspeita que fez nascer em mim por artifício era uma demonstração da superioridade do matrimônio, no qual tais dúvidas não devem existir. Afinal, quando se desfez a suspeita, cuja inconsistência não tardei a sentir, agarrei-me logo ao fato de que aquela mulher gastava muito (Ibid., pp. 74-75).

> cui si svolge un passo non supera il mezzo secondo e che in quel mezzo secondo si movevano nientemeno che cinquantaquattro muscoli. Trasecolai e subito corsi col pensiero alle mie gambe a cercarvi la macchina mostruosa. Io credo di avercela trovata. Naturalmente non riscontrai i cinquantaquattro ordigni, ma una complicazione enorme che perdette il suo ordine dacché io vi ficcai la mia attenzione.
> Uscii da quel caffè zoppicando e per alcuni giorni zoppicai sempre. Il camminare era per me divenuto un lavoro pesante, e anche lievemente doloroso. A quel groviglio di congegni pareva mancasse ormai l'olio e che, movendosi, si ledessero a vicenda.[211]

Até aqui, Zeno teria começado a mancar apenas em virtude do encontro com Túlio e dos pensamentos que se originaram do que eles conversaram. Na verdade, está longe de ser algo tão simples. O encontro ocorre num dos cinco dias nos quais deve ficar afastado da casa dos Malfenti, e o próprio narrador faz a associação com Ada: "Anche questa lesione io la devo ad Ada. Molti animali diventano preda dei cacciatori o di altri animali quando sono in amore. Io fui allora preda della malattia e sono certo che se avessi appreso della macchina mostruosa in altro momento, non ne avrei avuto alcun danno".[212] Apesar de conseguir fazer a associação, esta só ocorre por meio de um deslocamento segundo o qual o amor por Ada seria apenas uma condição necessária para que pudesse ser afetado pelo que chama de doença, ao passo que esse sentimento é, na verdade, crucial.

Para que possamos verificar que o encontro com Túlio e os pensamentos provindos da conversa com ele atuam tal como os resíduos diurnos dos sonhos, citemos o que Freud escreveu a respeito destes:

> [...] são processos de pensamento afetivamente catexizados do dia do sonho, que resistiram ao rebaixamento geral [de energia] pelo sono. [...] São, estritamente falando, apenas o material psíquico para a elaboração onírica, exatamente como os estímulos sensórios e somáticos [...] constituem o material *somático* para a elaboração onírica.
> O estado atual de nosso conhecimento leva-nos a concluir que o fator essencial na construção de sonhos é um desejo inconsciente – geralmente um desejo infantil, agora reprimido – que pode vir a expressar-se nesse material somático ou psíquico (e também nos resíduos diurnos, portanto) e

---

[211] Ibid., p. 731. Tulio voltara a falar da doença, que era sua principal distração. Havia estudado a anatomia da perna e do pé. Contou-me a rir que, quando se anda rápido, o tempo que se gasta para dar um passo não é mais que meio segundo, mas nesse meio segundo nada menos que 54 músculos se movem. Fiquei maravilhado e imediatamente corri com o pensamento para as minhas pernas em busca da máquina monstruosa. Creio havê-la encontrado. Naturalmente não esmiucei as 54 engrenagens; ocorreu, porém, uma complicação enorme que se desengrenou toda a partir do momento em que nela fixei minha atenção.
Saí do café mancando um pouco e durante alguns dias não parei de mancar. O caminhar tornou-se para mim um esforço tremendo, até ligeiramente dolorido. Àquele emaranhado de articulações parecia agora faltar óleo, e elas, ao mover-se, iam-se lesionando cada qual por sua vez (Ibid., p. 108).

[212] Ibid., p. 731. Também esta lesão devo-a a Ada. Muitos animais tornam-se presas dos caçadores ou de outros animais quando estão amando. Eu era então uma presa da doença e estou certo de que se tivessem falado sobre a máquina monstruosa em qualquer outra ocasião não lhe teria dado a menor importância (Ibid., p. 108).

> pode abastecer estes com uma força que os capacita a forçar seu caminho em direção à consciência.[213]

Quanto à primeira parte, a saber, que as vivências cotidianas possam ser aproveitadas oniricamente como mero material para formar representações do inconsciente, o próprio Zeno fornece um exemplo bastante contundente de tal aproveitamento, ainda que fora do domínio dos sonhos, quando ele vai ao clube jogar para tentar se distrair e esquecer o sofrimento causado pelo afastamento da casa dos Malfenti: "Dapprima guadagnai con una fortuna che mi dolse perché mi parve un indennizzo della mia sfortuna in amore. Poi perdetti e mi dolse ancora perché mi parve di soggiacere al giuoco com'ero soggiaciuto all'amore".[214] Assim, as duas vivências opostas atuam como material indiferente dado que produzem efeitos equivalentes no retorno ao sofrimento do qual Zeno tenta escapar.

O encontro com Túlio, como os restos diurnos dos sonhos, atua como mero material. Se não fosse pelo afastamento de Ada e por um desejo inconsciente que remonta à infância, Zeno jamais começaria a mancar repentinamente, por mais que o seu amigo tivesse dificuldades para caminhar e por mais complicado que fosse a estrutura muscular envolvida no ato banal de andar. É um desejo infantil e recalcado, que se manifestará novamente no sonho da ida à escola, que aproveita essa vivência para forçar a sua expressão para a consciência: "l'invidia per il fratello minore, a cui è permesso restare a casa, è la causa del 'passo rilutante' di Zeno bambino mentre viene accompagnato a scoula, e stabilisce il legame tra difficoltà nel camminare, gelosia della madre e invidia verso il fratello".[215] O desejo de ficar junto à mãe é expresso pelo passo relutante do protagonista ainda criança, e esse desejo recalcado encontra as condições para repetir-se quando Zeno deseja ficar junto à Ada, mas não pode em razão da proibição de frequentar a sua casa, e encontra o material pelo qual a repetição se concretiza na conversa com o amigo reumático. A repetição se tornará ainda mais completa com a aparição de Guido, substituto do irmão e diante do qual o cunhado mancará em várias ocasiões.

---

[213] FREUD, *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*, op. cit., pp. 344-345.

[214] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 727. A princípio, ganhei uma pequena fortuna, que me pesou por me parecer uma recompensa pelo meu infortúnio amoroso. Depois, perdi, o que também me pesou por me parecer fracassar no jogo da mesma forma como fracassara no amor (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 105).

[215] LAURETIS, *La sintassi del desiderio*: *struttura e forme del romanzo sveviano*, op. cit., p. 106. [...] a inveja do irmão mais novo, a quem é permitido ficar em casa, é a causa do "passo relutante" de Zeno criança enquanto vai acompanhado à escola e estabelece a ligação entre a dificuldade em caminhar, o ciúme da mãe e a inveja para com o irmão (tradução nossa).

Sem a compreensão de que se está diante da repetição de um desejo recalcado, é francamente absurdo que alguém repentinamente comece a mancar. Assim, as explicações biológicas dadas por Zeno sobre a consciência da complexidade muscular e o animal que se torna presa fácil quando se ocupa do "amor" tentam diminuir o aspecto absurdo do episódio, tal como a elaboração secundária dos sonhos.

Como ocorreu no último exemplo, ao longo da análise da presença dos deslocamentos na narração indicamos também o uso da elaboração secundária, outro dos procedimentos do trabalho onírico, por meio de explicações cuja principal função é dar uma fachada racional ao comportamento de Zeno. Assim, damos uma abordagem psicanalítica bastante precisa a um importante componente narrativo que já havia sido devidamente destacado por outros estudiosos de Svevo, como Savelli (que, na citação a seguir, comenta a afirmação da crítica Carla Benedetti): "'Zeno non narra ma dimostra'. Si può convenirne; in tutti i campioni osservati finora, in quale più in quale meno, l'aspetto argomentativo o esplicativo è determinante, e caratteristico dello stile della *Coscienza di Zeno*".[216] Ao analisar um trecho do romance, ele identifica uma multiplicidade de contextos implícitos no modo como Zeno articula as suas explicações:

> Si può descrivere questa situazione testuale come una sorta di subterraneo policontestualismo. Il discurso appare guidato da attrattori tematici nascosti, così che si distorce e oscilla in direzioni diverse, compone figure mentali bizzarre, corregge continuamente ciò che implicava nella frase precedente per adattare a questa la successiva.[217]

Ainda mais incomum é como ele avalia o resultado de tais explicações: "Il punto problematico è allora rappresentato dal basso rendimento [...] dell'attività esplicativa. *Cosa* cerca Zeno di dimostrare o di spiegare? Niente, a quanto sembra".[218] O próprio crítico aventa a hipótese de uma leitura psicanalítica para essa atividade explicativa, afirmando que ela subtende a construção de

> [...] un soggetto intrinsecamente in dissidio. Ciò implica una soggettività per così dire non euclidea, che viola la regola del senso comune secondo la quale la coerenza è attributo dell'Io. Incoerenza significa una soggettività aperta ossia parzialmente indeterminata [...]. Una certa versione della psicoanalisi può perciò accordarsi con una simile soggettività. In Zeno

---

[216] SAVELLI, *L'ambiguità necessaria. Zeno e il suo lettore*, op. cit., p. 46. "Zeno não narra, mas demonstra". Pode-se convir com isso; em todas as amostras observadas até agora, em algumas mais e em outras menos, o aspecto argumentativo ou explicativo é crucial e característico do estilo de *La coscienza di Zeno* (tradução nossa).

[217] Ibid., p. 50. Pode-se descrever essa situação textual como uma espécie de subterrâneo policontextualismo. O discurso parece guiado por atratores temáticos escondidos, de modo que é distorcido e oscila em direções diversas, compõe imagens mentais bizarras, corrige continuamente o que era implicado na frase anterior para adaptá-la à próxima (tradução nossa).

[218] Ibid., p. 51. O ponto problemático é, então, representado pelo baixo rendimento [...] da atividade explicativa. *O que* Zeno tenta demonstrar ou explicar? Nada, ao que parece (tradução nossa).

> questa incoerenza ha nel principio stilistico del policontestualismo il suo momento esemplare. La presenza di più contesti impliciti, simultanei o in rapida successione e comunque non coordinati secondo una logica argomentativa coerente, gravitanti attorno al discorso, che ne risulta influenzato come le maree dall'azione della luna, può essere intesa come espressione di un dissidio fondamentale, ma anche come un affiorare dell'inconscio.[219]

Não só entendemos que tal hipótese seja válida, mas também que podemos precisar a leitura em termos psicanalíticos da atividade explicativa de Zeno por meio da análise que estamos conduzindo com base na proposta de Ricouer: trata-se de um efeito da elaboração secundária. As citações de Savelli e os exemplos mencionados durante a análise dos deslocamentos encontram uma clara ressonância no comentário do próprio Freud sobre a finalidade dessa função psíquica:

> O que distingue e, ao mesmo tempo, revela essa parte do trabalho do sonho é sua finalidade. Essa função se comporta da maneira que o poeta maliciosamente atribui aos filósofos: preenche as lacunas da estrutura do sonho com trapos e remendos. Como resultado de seus esforços, o sonho perde sua aparência de absurdo e incoerência e se aproxima do modelo de uma experiência inteligível. Mas seus esforços nem sempre são cercados de êxito. Ocorrem sonhos que, a uma visão superficial, pode afigurar-se impecavelmente lógicos e racionais [...]; parecem ter um sentido, mas esse sentido é o mais afastado possível de sua verdadeira significação. [...] Em outros sonhos, essa elaboração tendenciosa tem êxito apenas em parte; a coerência parece prevalecer até certo ponto, mas depois o sonho se torna disparatado ou confuso, embora talvez, mais adiante, possa apresentar pela segunda vez uma aparência de racionalidade.[220]

Por fim, Freud também destaca a ação dessa função na distorção efetuada no relato de sonhos, situação que tem um valor de paradigma para a análise que estamos conduzindo: "É verdade que distorcemos os sonhos ao tentar reproduzi-los; aí reencontramos em ação o processo que descrevemos como a elaboração secundária [...] do sonho pela instância encarregada do pensamento normal".[221]

A próxima função onírica que consideraremos é a representabilidade. É claro que uma autobiografia justamente costuma relatar as ações executadas pelo narrador ao longo da sua vida e, portanto, normalmente já ocorre a equivalência com o relato de um

---

[219] Ibid., pp. 55-56. [...] um sujeito intrinsecamente em dissídio. Isso implica uma subjetividade, por assim dizer, não euclidiana, que viola a regra do senso comum segundo a qual a coerência é um atributo do Eu. Incoerência significa uma subjetividade aberta, ou seja, parcialmente indeterminada [...]. Certa versão da psicanálise pode, portanto, estar de acordo com tal subjetividade. Em Zeno, essa incoerência tem no princípio estilístico do policontextualismo o seu momento exemplar. A presença de múltiplos contextos implícitos, simultâneos ou em rápida sucessão, e, de qualquer modo, não coordenados segundo uma lógica argumentativa coerente, gravitando em torno do discurso, que acaba por ser influenciado por isso como as marés pela ação da lua, pode ser entendida como expressão de um dissídio fundamental, mas também como um manifestar-se do inconsciente (tradução nossa).

[220] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., pp. 452-453.

[221] Ibid., pp. 472-473.

sonho no que se refere à representabilidade do conteúdo onírico. Além disso, os atos de uma pessoa também podem manifestar o seu inconsciente, ainda que a distorção seja maior do que no sonho. Esse tipo de manifestação é apresentado com muita contundência por Freud no seguinte trecho: "o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou *atua-o*. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber o que está repetindo".[222] É o caso, por exemplo, de como Zeno repete com outras pessoas o modo como se relacionava com o pai ou com a mãe, que já estudamos em várias oportunidades neste trabalho. Por fim, destaquemos a importância dada a certos elementos predominantemente visuais dos quais também já nos ocupamos: eles tanto podem ser recorrentes, como o ato de mancar, o sofá, o cigarro e os sapatos femininos, quanto aparecer uma única vez, como a cena dos dois homens remando no dia da partida de Ada para a Argentina.

Resta-nos apenas uma função onírica para analisarmos: a condensação. Encontramos dois grandes efeitos da condensação no romance, ambos em correspondência direta com resultados destacados por Freud para essa função onírica. Quanto ao primeiro desses resultados, diz o criador da psicanálise:

> Os senhores não terão dificuldade em relembrar exemplos de seus próprios sonhos, em que pessoas diferentes são condensadas em uma só. Um personagem composto, deste tipo, pode, talvez, assemelhar-se a A, [...] contudo pode estar vestida [*sic*] como B, executar algo que lembre C, e ao mesmo tempo podemos saber que é D. [...] É possível, naturalmente, formar tal estrutura composta de coisas ou de lugares, do mesmo modo que de pessoas.[223]

Façamos uma breve menção à personalização de Basedow, pois já destacamos esse exemplo de condensação no capítulo anterior como sendo provavelmente o mais elaborado do livro. Trata-se de personagem composto de coisas muito variadas, pois Zeno nos diz que se trata da doença que aflige Ada, mas aspectos da sua aparência, das vestes que usa ou do modo como age assemelham-se ao pai de Zeno, ao lendário Édipo e ao órgão genital masculino.

Personagens compostos apenas de pessoas, seguindo exatamente a descrição dada por Freud, remetem à característica que mencionamos há pouco no caso da representabilidade: a repetição, por parte de Zeno, do modo de relacionamento com pessoas. Desse modo, apenas completaremos a análise das repetições envolvendo Ada,

---

[222] Id., *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*, op. cit., p. 196.
[223] Id., *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, op. cit., p. 205.

o mais complexo dentre os personagens compostos e reais, pois engloba as duas partes do complexo de Édipo. Já comentamos no capítulo anterior que a relação de Zeno com Ada repete sentimentos que ele teve pela mãe. Por outro lado, a mulher com a qual ele deseja casar repete uma das características que o narrador destaca na apresentação da oposição com o pai: ambos são muito sérios. Ao narrar o momento no qual conhece Ada, Zeno fala de tal característica várias vezes, das quais apresentamos algumas na citação a seguir:

> Ada, invece, era già una donna con i suoi occhi serii [...]
> [...] Sembra dunque ch'io non abbia subito vista tutta la grazia e tutta la bellezza di Ada e che mi sia invece incantato ad ammirare altre qualità ch'io le attribuii di serietà e anche di energia, insomma, un po' mitigate, le qualità ch'io amavo nel padre suo. [...]
> Partii cosí alla conquista di Ada e continuai sempre nello sforzo di farla ridere di me e alle spalle mie dimenticando ch'io l'avevo prescelta per la sua serietà.[224]

Quanto ao segundo grande efeito da condensação no romance, encontra-se em determinado uso das palavras. Freud diz que a elaboração onírica "procura condensar dois pensamentos diferentes buscando (como um chiste) uma palavra ambígua na qual os dois pensamentos se possam juntar".[225] De fato, não é incomum Zeno fazer um uso ambíguo das palavras, juntando pensamentos conscientes e inconscientes. Geralmente são referências genéricas que o contexto explícito, específico do trecho e sob o controle consciente do narrador resolve de um modo, mas o contexto mais geral, mantido implícito, resolve em conformidade com pensamentos inconscientes. Já nos deparamos com tais condensações ao analisarmos os deslocamentos presentes na narração de Zeno, mas não as nomeamos como tais nessa ocasião. É o caso do grande afeto que Zeno diz haver sentido por Guido, que é apresentado como se houvesse nascido de uma convivência agradável e da qual ele sentiria falta, mas, como já afirmamos, o afeto em questão é o ódio. Não é diferente quando o protagonista pensa que nunca cairá nas mãos de Nilini: Zeno dá a entender que não lhe confiará o dinheiro, mas o que efetivamente não lhe confia é um pensamento, o de que age em causa própria. Além disso, já havíamos encontrado o mesmo tipo de condensação no capítulo anterior. Pensamos no

---

[224] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 697-699. Ada, ao contrário, já era mulher, com seus olhos sérios [...]
[...] Parece, pois, que não cheguei a ver desde logo toda a graça e beleza de Ada; em vez disso me encantei em admirar uma seriedade e uma energia que lhe atribuí, qualidades essas, um tanto mitigadas, que eu admirava em seu pai. [...]
Parti assim na conquista de Ada e continuei sempre no propósito de fazê-la rir-se de mim ou à minha custa, sem lembrar que a havia escolhido por sua seriedade (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 78-79).

[225] FREUD, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, op. cit., p. 206.

trecho no qual, ao analisarmos a relação de Zeno com o pai, comentamos que aquele qualifica a morte deste como o evento mais importante da sua vida, pois a relevância de tal evento é tratada de dois modos distintos, dependendo de a relação entre pai e filho ser considerada dominada pelo sentimento de amor ou de confronto.

Durante a análise que propusemos a partir de Ricouer, verificamos como as funções da elaboração onírica atuam não só no modo como o protagonista vive e concebe o que acontece com ele, mas também na maneira como o narrador relata a própria vida; observemos apenas que, no caso do narrador, a elaboração secundária e o deslocamento tornam-se muito mais importantes do que as outras funções, pois a narração não cria muitos casos de representabilidade e condensação, limitando-se, em grande medida, a relatar aqueles já atuantes para o protagonista.

Se a narração de Zeno funciona, em grande medida, como se fosse o relato de um sonho, Svevo acresenta-lhe um elemento bastante irônico com o tratado de psicanálise que, já no preâmbulo, o narrador menciona ter lido, mas que não nomeia. O modo mais direto de identificar esse livro é recorrendo, mais uma vez, à afirmação do protagonista de que a morte do pai era o acontecimento mais importante da sua vida, pois essa qualificação, como comentamos no capítulo anterior, é idêntica àquela feita por Freud no livro *A interpretação dos sonhos*. Ora, se esse é o tratado que Zeno menciona ter lido, ele provavelmente tinha conhecimento suficiente para entender alguns dos elementos revelados pelos sonhos, o que é crucial para determinados efeitos do deslocamento ou da elaboração secundária que ocorrem quando ele narra os próprios sonhos. Façamos apenas a ressalva de que alguns desses efeitos, que analisaremos a seguir, se referem aos sonhos obtidos durante as sessões com o doutor S. e que, portanto, provavelmente são provocados também pelo conhecimento adquirido diretamente com o psicanalista, além de estarem no contexto da resistência do protagonista ao tratamento, fenômeno que estudaremos no último capítulo deste trabalho.

Comecemos a análise de como Zeno reage aos sonhos deixando claro que pode até mesmo ocorrer que uma parte do conteúdo do sonho seja tão clara que o próprio protagonista sinta necessidade de defender-se (ou seja, antes da leitura do tratado). É o caso do sonho com Ada, do qual até Augusta, que não é muito perspicaz, compreende um dos elementos, e sobre o qual diz Lavagetto:

> Una tattica più raffinata è quella adottata per il quarto sogno, quando Zeno, svegliandosi di soprassalto, si confida ad Augusta: a partire da quel momento l'erosione progressiva del sogno diventa una specie di obbligo

> familiare; Zeno deve construirsi un alibi e ritrattare. Il senso viene man mano smantellato con l'ironia o con la dilazione di elementi secondari del texto; Basedow serve per parlare "dei miei studi e anche delle applicazioni che avevo fatte".[226]

Feito esse esclarecimento, verifiquemos como a leitura do tratado influencia a reação aos sonhos. Assim, o mecanismo da inversão onírica é a base para distorções feitas por Zeno ao relatar dois dos seus sonhos. É o que acontece com o sonho que o narrador tem com a discussão com o médico Coprosich, que – conforme analisamos no capítulo anterior – busca a realização do desejo edipiano da morte do pai, ainda que distorça isso por meio de uma inversão. Com a leitura do tratado, Zeno sente a necessidade de defender-se, dando outra explicação para a inversão que o sonho faz do que realmente teria ocorrido:

> [...] il sogno smaschera irrimediabilmente Zeno che ha troppa fretta di assolversi e commenta: "Ombre lontane! Io credo che per scorgervi occorra un ausilio ottico e sia questo che vi capovolga". In altri termini: Zeno si accorge benissimo che il sogno equivale a una confessione di colpa e inaugura una tattica a cui ricorrerà com frequenza: scarica la responsabilità sul mezzo ottico (diario, sogno, psicoanalisi o tutto insieme) e cerca un'assoluzione a buon mercato.[227]

Note-se que a explicação dada pelo narrador não está baseada no que ocorreu, no que foi invertido nem no motivo pelo qual o acontecimento foi retomado, mas no meio pelo qual foi retomado. Assim, a inversão deixa de ser um efeito do recalcamento para ser uma consequência intrínseca do processo de trazer imagens tão antigas de volta à consciência. Além disso, a comparação feita entre o funcionamento psíquico e os fenômenos óticos lembra bastante um trecho do tratado lido:

> [...] as representações, os pensamentos e as estruturas psíquicas em geral nunca devem ser encarados como localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso, mas antes, por assim dizer, *entre* eles [...]. Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é *virtual*, tal como a imagem produzida num telescópio.[228]

---

[226] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 95. Uma tática mais refinada é aquela adotada para o quarto sonho, quando Zeno, acordando de repente, se confessa para Augusta: a partir desse momento a erosão progressiva do sonho torna-se uma espécie de obrigação familiar; Zeno deve construir um álibi para si e se retratar. O sentido é gradualmente desmantelado com a ironia ou a ampliação de elementos secundários do texto; Basedow serve para falar "dos meus estudos e também das aplicações que eu havia feito" (tradução nossa).

[227] Ibid., p. 52. [...] o sonho desmascara irremediavelmente Zeno, que tem muita pressa de absolver-se e comenta: "Sombras distantes! Eu acredito que para vos observar seja necessária uma ajuda ótica e seja isso que vos vire de cabeça para baixo". Em outras palavras, Zeno percebe muito bem que o sonho equivale a uma confissão de culpa e inaugura uma tática à qual recorrerá com frequência: joga a responsabilidade no meio óptico (diário, sonho, psicanálise ou tudo junto) e tenta uma absolvição pouco dispendiosa (tradução nossa).

[228] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 553.

A inversão também é usada na reação ao sonho da ida à escola, mas ela própria é um deslocamento (que procura negar a inveja que Zeno sente do irmão), pois não há representação invertida da inveja no sonho, no qual a censura psíquica, conforme já analisamos, se vale de outros meios:

> [...] stimolata da quel sogno, la mia fredda memoria scoperse altri particolari di quell'epoca. Il principale: anche mio fratello invidiava me perché io andavo a scuola. [...] ma non subito ciò bastò ad infirmare la verità del sogno. Più tardi gli tolse ogni aspetto di verità: la gelosia in realtà c'era stata, ma nel sogno era stata spostata.[229]

Além das táticas já mencionadas, Cosini tenta se defender do que é revelado pelos sonhos de outras maneiras. No último capítulo, quando cria um sonho para reforçar o diagnóstico de complexo de Édipo e o psicanalista não percebe que está sendo enganado, Zeno desvaloriza o sonho em si, pois mostra que é perfeitamente possível substituí-lo por uma mera mentira. Outras vezes, diz "'Dio ne sa il perché', 'Dio sa in quale modo'",[230] como se compreender um sonho estivesse além da capacidade humana.

Zeno, enfim, na reação ao diagnóstico dado pelo doutor S., faz uma associação dos sonhos com a mãe e com Carla, conforme comentamos no capítulo anterior. Apesar de correta, essa associação é concebida de modo simplista, pois os sonhos são tratados como se a sua manifestação fosse totalmente transparente, sem remeter a nenhum pensamento latente. Desse modo, a associação é reduzida a uma mera variação, formulada ainda de forma que o sonho com a mãe é colocado como uma variação do sonho anterior, ou seja, como se fosse influenciado pelo sonho com Carla, mas os pensamentos latentes dos dois sonhos estabelecem uma inversão nessa ordem, pois os principais pensamentos com a mãe são muito anteriores aos que surgirão no envolvimento com a amante. Em suma, o narrador reduz a associação ao conteúdo manifesto dos sonhos, como se eles não fossem produzidos a partir de pensamentos que ficam apenas latentes.

Ainda que os sonhos sejam o alvo principal da reação do narrador que se baseia na leitura do tratado psicanalítico, tal reação não se restringe a eles. Podemos verificar

---

[229] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1052. [...] estimulada pelo sonho, minha fria memória descobriu outros pormenores daquela época. O principal: meu irmão também me invejava por eu ir à escola. [...] mas tal fato não bastou para lançar suspeitas imediatas sobre a veracidade do sonho. Mais tarde, retirou-lhe qualquer aspecto de verdade: houvera inveja, é certo, mas no sonho ela aparecia deslocada (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 393).

[230] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 95. "Deus sabe o porquê disso", "Deus sabe de qual modo" (tradução nossa).

isso na explicação de Zeno ao olhar que ele, embriagado, dirige a Ada:

> Io so ora che quella mia occhiata falsò le parole che avevo ideate, semplificandole. Essa per gli occhi di Ada, aveva tentato di penetrare al di là dei vestiti e anche della sua epidermide. E aveva certamente significato: "Vuoi venire intanto subito a letto con me?". Il vino è un grande pericolo specie perché non porta a galla la verità. Tutt'altro che la verità anzi: rivela dell'individuo specialmente la storia passata e dimenticata e non la sua attuale volontà; getta capricciosamente alla luce anche tutte le ideuccie con le quali in epoca più o meno recente ci si baloccò e che si è dimenticate; trascura le cancellature e legge tutto quello ch'è ancora percettibile nel nostro cuore. E si sa che non v'è modo di cancellarvi niente tanto radicalmente, come si fa di un giro errato su di una cambiale. Tutta la nostra storia vi è sempre leggibile e il vino la grida, trascurando quello che poi la vita vi aggiunse.[231]

Novamente encontramos um elemento bastante característico da psicanálise na reação do narrador; mais precisamente, a noção de que podemos, a princípio, lembrar qualquer coisa que havíamos esquecido. Mais uma vez, o que causa estranheza é o modo como esse elemento é utilizado. A suposta verdade revelada pela embriaguez, uma provável alusão à conhecida máxima latina *in vino veritas*, é negada por Zeno com base na noção mencionada, quando seria de esperar que uma abordagem psicanalítica da máxima concluísse pela sua validade como uma manifestação do inconsciente que a bebida tornou possível ao diminuir o controle da consciência. Tal como na distorção que faz da inversão onírica, analisada há pouco, o narrador faz uso distorcido do elemento psicanalítico; no caso da memória, a capacidade de lembrar qualquer coisa é confundida com a indiferença do que é lembrado para quem lembra. É como se a memória não passasse de uma função automática, de modo que aquilo que fosse lembrado não precisasse ter importância para a pessoa no momento da lembrança, tendo ficado completamente no passado, apesar de ainda ser lembrado. Por fim, a influência do vinho no funcionamento da memória não seria a de diminuir o controle consciente, mas a de amplificar qualquer recordação e dar-lhe intensidade máxima, por menor que seja a sua importância no presente. Assim, a noção psicanalítica da memória e a influência do vinho sobre a capacidade de lembrar são distorcidas a fim de desqualificar o olhar cheio

---

[231] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 867-868. Sei hoje que aquele olhar falseava as palavras que eu idealizara, simplificando-as. Através dos olhos de Ada, havia tentado penetrar além dos vestidos e até mesmo da epiderme. E decerto significava: "Quer vir para a cama comigo?" O vinho é um grande perigo, principalmente porque não traz a verdade à tona. Até mesmo o contrário da verdade: revela especialmente nossa história passada e esquecida e não nossa vontade atual; atira caprichosamente à luz as ínfimas ideias com as quais em época mais ou menos recente nos entretivemos e das quais já não lembramos; não faz caso daquilo que esquecemos e lê tudo quanto ainda restou perceptível em nosso coração. E sabemos que não é possível anular nada tão radicalmente, como se faz com uma letra de câmbio mal girada. Toda nossa história é sempre legível, e o vinho grita-a, passando por cima de tudo quanto a vida depois acrescentou a ela (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 228-229).

de desejo dirigido a Ada.

Também podemos verificar esse tipo de reação do narrador no episódio da originalidade da vida, no qual a noção distorcida é a associação livre de ideias, mas deixaremos para abordar esse caso no próximo capítulo, pois ele é importante para a análise da temporalidade do romance.

Desse modo, encerramos a análise proposta a partir de Ricoeur e, com ela, o estudo da falta de confiabilidade e de entendimento do narrador. O que podemos concluir, após esse estudo, sobre o modo como é realizada a narração do romance? Em virtude da ampla interferência do inconsciente de Zeno no que ele escreve, devemos considerar dois níveis: um da construção deliberada do que é narrado e outro da influência do inconsciente na narração.

O primeiro nível é aquele que decorre do que comentamos sobre o preâmbulo: o narrador rejeita a associação livre das ideias e adota deliberadamente uma disposição narrativa tradicional. Considerando essa disposição, verificamos que ele trabalha com duas abordagens tradicionais, uma temática e outra cronológica. É o nível dos capítulos e da organização geral de cada um deles. O primeiro capítulo após o preâmbulo aborda um tema, o fumo, que é tratado de um modo predominantemente cronológico. O início do capítulo seguinte começa com esse padrão, tendo a relação com o pai como tema, porém ele é abandonado quando Zeno começa a narrar a noite na qual o pai é atacado pela enfermidade que o matará. A partir desse episódio, a importância das duas abordagens é invertida. O restante desse capítulo e os capítulos seguintes, até o penúltimo, pertencem a um único desenvolvimento basicamente cronológico, do qual cada capítulo é uma divisão temática: a morte do pai, a história com a família Malfenti até o casamento com Augusta, a vida com a mulher e a amante e, por fim, a associação comercial com o cunhado. Vale ressaltar que há uma sobreposição cronológica entre o fim do sexto capítulo e o início do sétimo, o que resulta em um mesmo intervalo temporal relatado duas vezes, cada vez de acordo com o tema do capítulo correspondente, de modo que o aspecto temático torna-se tão importante quanto o cronológico nesses trechos.

A situação é bem diferente no segundo nível narrativo, no qual devemos considerar a influência do inconsciente sobre o que Zeno relata. Em termos narrativos, esse nível é formado pelos elementos menores, tendo os episódios que compõem cada capítulo como os seus elementos de tamanho máximo. A peculiaridade do segundo nível se deve ao fato de, como mostramos detalhadamente, o inconsciente de Zeno estar

constantemente agindo sobre o seu comportamento e o que registra dele por escrito, e, ainda que não consiga geralmente manifestar-se no relato do narrador, essa ação constante produz uma série de efeitos decisivos sobre a narração:

> [...] tutto il romanzo vive in questo groviglio, e su questo groviglio, di disordini accumulati, di menzogne che tentano di saturare il campo [narrativo], di falle che si riaprono, di cedimenti improvvisi, di mine che fanno vacillare le voci (le incrinano, le impastano insieme), di tensioni che si riproducono nella multipolarità del campo narrativo.[232]

As distorções prevalecem nesse nível, principalmente com a desordem provocada pelos deslocamentos e as explicações de baixo rendimento fornecidas pela elaboração secundária. Quando o inconsciente torna-se explícito no que é narrado, surge uma falha reveladora que permanece isolada no relato do narrador, seja porque ele sequer a percebe, seja porque se contrapõe à revelação com mentiras ou as aparentes explicações da elaboração secundária. Assim, o segundo nível é o produto narrativo do confronto, geralmente implícito, entre a consciência e o inconsciente de Zeno.

Por fim, consideremos a relação entre os dois níveis narrativos. Se o preâmbulo expõe um equivalente para o recalcamento ao rejeitar a associação livre de ideias, propícia para a manifestação do inconsciente, e ao anunciar a adoção da narração tradicional, na qual a consciência dirige o relato, então o primeiro nível é o resultado que a consciência do narrador consegue alcançar ao adotar uma disposição tradicional, mas que está fadado ao fracasso em virtude do segundo nível, cujo confronto entre a consciência e o inconsciente de Zeno desmonta as abordagens temática e cronológica, típicas da narração tradicional.

Trataremos da desmontagem de uma disposição cronológica do texto no próximo capítulo, dedicado à análise da temporalidade no romance. Quanto à desmontagem da abordagem temática, tomemos como exemplo a principal delas: o capítulo sobre o fumo. Ora, tal abordagem deveria expor como se articulam os diferentes aspectos do tema revelados ao longo da narração. Não é o que ocorre quando Zeno escreve sobre o seu vício. Há referências à mãe e ao irmão em episódios isolados, e elas parecem meramente casuais, como se não tivessem relação com o vício, ou como se fosse irrelevante se a pessoa envolvida fosse trocada. Apesar de o pai ser uma

---

[232] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 225. [...] todo o romance vive nesse emaranhado e sobre esse emaranhado de distúrbios acumulados, de mentiras que tentam saturar o campo [narrativo], de falhas que se reabrem, de desistências inesperadas, de minas que fazem vacilar as vozes (racham-nas, amassam-nas juntas), de tensões que se reproduzem na multipolaridade do campo narrativo (tradução nossa).

presença constante na aquisição do vício e também estar na origem dos esforços para livrar-se dele, não somos mais bem informados sobre as suas relações com o filho e o vício deste. Por exemplo, Zeno não tem dinheiro para conseguir os cigarros e, para resolver esse problema, ele rouba o dinheiro para comprá-los ou os cigarros diretamente. Do modo como é relatado pelo narrador, afigura-se uma mera questão de oportunidade que o roubado nos dois casos seja o pai, havendo apenas uma relação externa àquela entre os dois parentes. Apenas depois da leitura do quarto capítulo é que o narrador expõe a relação de rivalidade com o pai e, então, o leitor pode pensar que roubar o pai seja uma expressão dessa rivalidade e, portanto, que o vício de Zeno e os fenômenos a ele relacionados sejam internos à relação entre o filho e o pai. Se o leitor pode aventar essa hipótese, Zeno, o narrador que não entende nada, não faz jamais tal conexão, que é crucial para a compreensão da sua vida.

Sem fazer tal conexão fundamental, dificilmente Zeno conseguirá estabelecer outras que lhe são dependentes. É o caso do administrador Olivi, por exemplo, cuja principal relação com Zeno é ser um substituto paterno, dado que o testamento do pai do protagonista determina que a herança seja colocada sob a tutela de Olivi. Na verdade, é o mais importante substituto paterno após a morte de Guido e a partida de Ada. Portanto, não é um mero acaso que o administrador apareça quando se fala do vício do protagonista, mais precisamente nos episódios finais dos esforços de Zeno para parar de fumar, o que inclui o deslocamento de justificativa ocorrido quando decide submeter-se ao tratamento com o doutor Muli, que comentamos quando analisamos os deslocamentos no romance.

Aliás, a sucessão de episódios nos quais Zeno tenta parar de fumar, que fecha o capítulo, torna mais explícito esse modo de narrar no qual quase todas as relações entre o episódio e o protagonista são expostas como se fossem meramente casuais. Logo, esses episódios são tratados pelo narrador da mesma maneira como ele próprio qualifica a relação entre os seus dois sonhos envolvendo canibalismo: variações. A reação mais imediata do leitor a essas variações é deixar-se dominar pela expectativa, cada vez mais tomada pelo humor, de como fracassará a próxima tentativa de Zeno para parar de fumar, e culmina com o humor generalizado do último episódio, no qual o protagonista se interna numa clínica só para, algumas horas depois, se embriagar com uma funcionária e fugir do local. O acúmulo de variações e a baixa articulação realizada pelo narrador dos elementos expostos resultam na desmontagem da abordagem temática numa perspectiva tradicional. Desse modo, Zeno fracassa em conduzir sua narração por

meio da consciência, como sugeria o preâmbulo, e o leitor precisa adotar uma disposição adequada a esse fracasso. Já havíamos feito comentários sobre a atitude exigida do leitor ao analisar as consequências do narrador suspeito para a leitura do romance, mas podemos formulá-la de modo mais preciso agora, depois de estudar detalhadamente a influência da psicanálise nas técnicas narrativas usadas no livro: o leitor deve buscar a presença, em variados graus de distorção, do inconsciente no que é narrado a fim de recuperar, na medida do possível, as articulações que Zeno suprime.

Capítulo 3
A PSICANÁLISE E A TEMPORALIDADE

Dedicaremos este capítulo ao estudo da temporalidade no livro *La coscienza di Zeno* na medida em que esteja relacionada com a psicanálise ou seja útil ao estudo dessa relação. É importante ressaltar que ainda não abordaremos o diário que encerra o romance, uma vez que trataremos dele no capítulo seguinte deste trabalho.

Iniciaremos o estudo proposto examinando dois momentos do livro nos quais diferentes disposições temporais são tratadas, nem todas explicitamente. O primeiro está estrategicamente localizado no começo do quinto capítulo, quando Zeno começa a narrar a sua vida após a morte do pai. O segundo é o célebre episódio da originalidade da vida, que, porém, se baseia numa repetição, a do passeio noturno do protagonista com Guido. Eis como começa o primeiro momento:

> Nella mente di un giovine di famiglia borghese il concetto di vita umana s'associa a quello della carriera e nella prima gioventù la carriera è quella di Napoleone I. Senza che perciò si sogni di diventare imperatore perché si può somigliare a Napoleone restando molto ma molto più in basso. La vita più intensa è raccontata in sintesi dal suono più rudimentale, quello dell'onda del mare, che, dacché si forma, muta ad ogni istante finché non muore! M'aspettavo perciò anch'io di divenire e disfarmi come Napoleone e l'onda.
> La mia vita non sapeva fornire che una nota sola senz'alcuna variazione, abbastanza alta e che taluni m'invidiano, ma orribilmente tediosa. [...]
> Può perciò essere che l'idea di sposarmi mi sia venuta per la stanchezza di emettere e sentire quell'unica nota.[233]

No começo da citação, observamos um contraste irônico e paradoxal entre a concepção burguesa da vida humana, capaz de estabelecer para si uma direção e um destino, e a onda, cuja existência é reduzida à própria mudança, sem aludir a nenhuma ordem ou finalidade. Para entender essa ligação entre elementos tão díspares, precisamos primeiro analisar o restante da citação. Ao referenciar o som da onda, o contraste mencionado também se estabelece num patamar sonoro, usado para opor

---

[233] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 685. No espírito de um jovem de origem burguesa o conceito da vida humana associa-se ao da carreira e, na mocidade, o que se entende por carreira é a de Napoleão. Não que necessariamente o jovem sonhe em tornar-se imperador, já que é possível assemelhar-se a Napoleão permanecendo em escala muito inferior. A vida mais intensa pode ser sintetizada pelo mais rudimentar dos sons, o da onda do mar, que, a partir do momento em que se forma, muda sem cessar até o instante em que morre! Eu também aspirava a transformar-me e desfazer-me, a exemplo de Napoleão e da onda.
Minha vida constituía-se de uma única nota, sem variações, certamente alta e invejada por muitos, mas horrivelmente tediosa para mim. [...]
Daí talvez ter-me vindo a ideia de casar-me apenas pelo cansaço de emitir e ouvir aquela mesma nota (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 67).

ambas as concepções de existência baseadas na mudança em relação à concepção da nota única, na qual não há nenhuma variação e o tédio domina. Essa é a temporalidade na qual o protagonista inicia o capítulo.

Se lembrarmos que Zeno encontra-se na situação de tédio da nota única por causa da morte do pai, verificaremos que já tratamos dela no primeiro capítulo, ao analisarmos o que ocorre com o protagonista quando o pai morre ou Ada parte para Buenos Aires. Assim, faremos apenas uma exposição sucinta do que sabemos sobre a temporalidade da nota única. Ela se instala no espírito de Zeno quando há uma crise do desejo, ou seja, quando o desejo que o dominava não pode mais ser sustentado em virtude da perda do seu objeto, sem que haja nenhum outro objeto que já se apresente como substituto nem outro desejo de importância comparável que já existisse antes dessa perda. Então ocorre o esvaziamento do futuro em razão da perda de propósitos, como observamos a respeito da morte do pai, e viver passa a se resumir a um esforço brutal e inútil, como notamos no tocante ao relato sobre os dois homens que tentam mover um grande barco após a partida de Ada (esse episódio foi comentado no capítulo anterior). É óbvio que não haverá variações relevantes para alguém nessas condições e ele será dominado pelo tédio.

A propósito, o período inicial do segundo parágrafo da última citação nos dá uma indicação de que a temporalidade da nota única também vigora para o narrador, graças a uma mistura de tempos verbais que transfere o sentido entre a época narrada e o presente do narrador e na qual se alude com muita sutileza a outra temporalidade, a de repetição. Eis como tal indicação é exposta pela estudiosa Micaela Claar:

> Poiché è chiaro che il passato appartiene ai fatti rievocati e il presente all'analisi di Zeno, l'accostamento all'imperfetto della narrazione (*sapeva*) di un improvviso presente (*mi invidiano*) che trasferisce l'effetto dell'invidia nel presente-attualità del protagonista, impedisce al lettore di capire chiaramente se la considerazione sulla monotonia della sua vita appartenga allo Zeno dell'epoca dei fatti narrati o allo Zeno narrante.[234]

A menção à repetição é limitada a esse registro implícito. O que é explicitamente tratado é como Zeno supostamente sai da situação da nota única: ele se casa, o que seria uma adesão à temporalidade da ordem burguesa, mas apenas para

---

[234] CLAAR, Micaela Pretolani. *Guida alla lettura di Svevo*. Milano: Mondadori, 1986, p. 142. Já que é claro que o passado pertence aos fatos relembrados e o presente à análise de Zeno, a aproximação do pretérito imperfeito da narração (*sabia*) a um presente imprevisto (*me invejam*), que transfere o efeito da inveja para o presente-atualidade do protagonista, impede o leitor de entender claramente se a consideração sobre a monotonia da sua vida pertence ao Zeno da época dos fatos narrados ou ao Zeno narrador (tradução nossa).

acabar com o tédio, ou seja, pela mudança em si, o que é próprio da temporalidade da onda, caracterizada pela mudança constante e sem finalidade. Assim, os primeiros parágrafos do quinto capítulo colocam Zeno no cruzamento de quatro temporalidades: uma que corresponde à sua situação inicial, a da nota única; outra que é aludida sutilmente a respeito do narrador, a de repetição; outras duas – as da ordem burguesa e da onda – que, em conflito entre si, substituiriam a temporalidade da situação inicial.

Para entendermos quais são as relações entre as quatro temporalidades presentes no início do quinto capítulo, retomemos o exame que fizemos dele no capítulo anterior deste trabalho, ao estudarmos os deslocamentos do texto, mas ressaltando agora os aspectos temporais das distorções operadas pelo narrador. Comecemos observando que a temporalidade da onda é tratada na continuação do trecho citado do romance como desejo de novidade, que, como analisamos nos capítulos anteriores, Zeno buscaria satisfazer não só com o casamento em si, mas também com a inicial do nome da futura esposa, que está no extremo oposto do alfabeto em relação àquela do próprio nome, e até mesmo com a figura do futuro sogro, do qual é tão diferente. Também já analisamos que essa suposta busca pela novidade é um deslocamento da repetição, cuja exposição revelaria o complexo de Édipo, que, por sua vez, determina tanto a ida do protagonista ao Tergesteo quanto a relação que estabelece com Giovanni, que conhece nesse local, como substituto do pai.

Além da questão da novidade em si, a sequência dos acontecimentos também é alterada na narração de Zeno, que apresenta a hipótese segundo a qual decidira se casar para escapar da condição da única nota e só depois relata como conheceu o seu futuro sogro, como se já estivesse decidido a casar-se nesse momento; sabemos, no entanto, ao conhecermos as distorções introduzidas por Zeno, que ele primeiro conheceu casualmente e estabeleceu uma relação edipiana com o futuro sogro e só depois cogitou a possibilidade de se casar. Assim, a narração de uma transição tão decisiva na vida de uma pessoa, do núcleo familiar no qual nasceu para a fase adulta, está distorcida por uma inversão temporal. Mais uma vez, o recurso usado na narração por Svevo está descrito, como fenômeno psíquico, na obra de Freud, que, a propósito, dava-lhe muita importância:

> [...] a inversão *cronológica* não deve ser negligenciada. Uma técnica bastante comum da distorção do sonho consiste em representar o resultado de um acontecimento ou a conclusão de uma cadeia de ideias no início de um sonho, e em colocar em seu final as premissas em que se basearam a conclusão ou as causas que levaram ao acontecimento. Quem quer que deixe de ter em mente esse método técnico adotado pela distorção onírica ficará

> inteiramente perdido quando se deparar com a tarefa de interpretar um sonho.[235]

A inversão temporal está associada à referência à temporalidade da ordem burguesa, segundo a qual Zeno, ao se casar, em primeiro lugar passaria à próxima etapa dentro de uma ordem previamente estabelecida, pois desautoriza que se pense em outra ordem para os fatos apresentados. Assim, essa temporalidade é um deslocamento por inversão que visa justamente censurar a própria inversão temporal. O efeito conjunto desses componentes temporais é o deslocamento da repetição, substituída por uma versão da história que seguiria a progressão burguesa da vida humana.

Com base em todas as considerações anteriores, chegamos à conclusão de que é a temporalidade de repetição que sobrepuja aquela da nota única, mas essa transição é distorcida pelos deslocamentos baseados nas temporalidades da ordem burguesa e da onda.

O segundo momento do livro que escolhemos para iniciar este capítulo sobre a temporalidade do romance é a passagem da originalidade da vida. Novamente há um importante confronto de temporalidades, e as distorções de Zeno apelam para uma temporalidade que despreza a repetição. A passagem ocorre logo após o protagonista apresentar ao cunhado o balanço desastroso do primeiro ano de exercício da empresa; eis como Zeno narra a transição entre os episódios e inicia o da originalidade:

> [Guido] mi propose di andar a pigliare una boccata d'aria. Volli compiacerlo. Supponevo che non avesse ancora digerito bene il bilancio e volesse moversi per cacciarlo giù.
> La passeggiata mi ricordò quella della notte dopo il mio fidanzamento. Mancava la luna perché in alto c'era molta nebbia [...]. Anche Guido ricordò quella sera memoranda:
> - È la prima volta che camminiamo di nuovo insieme di notte. Ricordi? Tu allora mi spiegasti che anche nella luna ci si baciava come quaggiù. Adesso invece nella luna continuano il bacio eterno; ne sono sicuro ad onta che questa sera non si veda. Quaggiù, invece...
> [...] Tentavo di allontanarmi da tutte le sue questioni, cioè bilancio e Ada [...]. Ma lui, per liberarsi dal bilancio, non trovava di meglio che lagnarsi delle altre sue disgrazie. Come avevo presentito, disse male di Ada. Cominciò col rimpiangere che quel suo primo anno di matrimonio fosse stato per lui tanto disastroso. [...] Egli pensava che la malattia la [Ada] rendesse irascibile, gelosa e nello stesso tempo poco affettuosa.[236]

---

[235] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 313.

[236] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 971-972. [Guido] me propôs tomar um pouco de ar. Desejei satisfazê-lo. Supunha que ainda não tivesse digerido bem o balanço e quisesse exercitar-se um pouco para consegui-lo.
O passeio recordou-me o da noite de meu noivado. Faltava lua, pois havia muita névoa no céu [...]. Guido também recordou aquela noite memorável:
- É a primeira vez que caminhamos novamente juntos à noite. Você se lembra? Você então me explicou que na lua também se beija como aqui. Embora hoje não se possa ver, estou certo de que na lua aquele beijo continua eterno, ao passo que aqui...

Todo o episódio se estrutura como uma repetição do passeio noturno de ambos depois de Ada recusar o pedido de casamento de Zeno, mas nem tudo é igual. Comecemos a tratar das diferenças entre as duas ocasiões pela parte mais fácil, o passeio em si, que é marcado por uma única diferença, bastante enfatizada pelo texto: a lua enorme do primeiro passeio está ausente do novo. Se considerarmos agora a parte mais difícil, a vida dos cunhados, o que é obviamente ressaltado pelo texto é que a mudança da presença da lua no céu é acompanhada pela mudança da relação entre Ada e o seu marido, cujo amor passou do ápice para o desastre.

Não haveria dificuldade se o episódio se resumisse às diferenças já mencionadas, mas ele também trata de outra diferença referente à vida do protagonista e de Guido: o balanço. Zeno o menciona três vezes, sempre remetendo-o ao cunhado; em duas delas, o balanço seria uma motivação implícita do comportamento de Guido, que tanto sugeriria o passeio para conseguir digeri-lo quanto reclamaria da esposa para livrar-se de pensar nele. Tais suposições são até plausíveis, mas o que é, de fato, dificilmente discutível é que Zeno pensa continuamente no balanço. Assim, deve-se tratar de mais um deslocamento, especialmente marcado quando Zeno o inclui ao dizer que tenta se afastar dos problemas do cunhado: mas Guido não o perturba com uma única palavra sobre isso e só o importuna com os seus lamentos a respeito de Ada! Logo, trata-se de um elemento decisivo para o episódio, inclusive, como examinaremos, no que se refere à comparação com o primeiro passeio. Retomemos o episódio com a avaliação que Guido faz da vida tendo em vista a sua atual situação:

> - La vita è ingiusta e dura!
> A me sembrava assolutamente che mi fosse vietato di dire una sola parola che implicasse un mio giudizio fra lui e Ada. Ma mi pareva di dover pur dire qualche cosa. Egli aveva finito col parlare della vita e le aveva appioppati due predicati che non peccavano di soverchia originalità. Io scopersi il meglio proprio perché m'ero messo a fare la critica di quello ch'egli aveva detto. Tante volte si dicono delle cose seguendo il suono delle parole come s'associarono casualmente. Poi, appena, si va a vedere se quello che si disse valeva il fiato che vi si è consumato e qualche volta si scopre che la casuale associazione partorì un'idea. Dissi:
> - La vita non è né brutta né bella, ma è originale!
> Quando ci pensai mi parve d'aver detta una cosa importante.[237]

[...] Tentava afastar-me de todos os seus problemas, do balanço e de Ada [...]. Mas ele, a fim de se livrar do balanço, não encontrava nada melhor para se lamentar de seus outros infortúnios. Como havia pressentido, começou a falar mal de Ada. A queixar-se de seu primeiro ano de casado, que achava desastroso. [...] Afirmava que a moléstia a [Ada] tornava irascível, ciumenta e ao mesmo tempo pouco afetuosa (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 321).

[237] Ibid., p. 972. - A vida é injusta e dura!
Parecia-me absolutamente interdito dizer uma só palavra que implicasse uma posição minha entre ele e Ada. Achava, no entanto que devia dizer algo. Ele acabara de falar a respeito da vida e lhe pespegara dois

O que imediatamente chama a atenção em relação ao início do episódio é que Zeno, ao elaborar a resposta à avaliação do cunhado, não menciona o balanço; no entanto, após descartar responder considerando a relação com Ada, declara que deveria dizer qualquer coisa, o que, segundo o seu encadeamento prévio de pensamentos, só poderia ser causado pelo balanço, que agora é suspeitosamente omitido. Quanto à resposta encontrada, a da originalidade da vida, Zeno opina que ela é uma ideia produzida por associação casual; retomaremos essa opinião no final da presente análise. Confrontando essa resposta com a afirmação que fizemos de que o episódio se estrutura como uma repetição que não é idêntica, não podemos considerar inocente a avaliação da vida como original: ela se opõe a tal estrutura. A etapa seguinte do episódio é ainda mais adequada para a devida apreciação de tais considerações:

> Senza esserci accordati sulla direzione della nostra passeggiata, avevamo finito come l'altra volta sull'erta di via Belvedere. Trovato il muricciuolo su cui s'era steso quella notte, Guido vi salì e vi si coricò proprio come l'altra volta. Egli canticchiava, forse sempre oppresso dai suoi pensieri, e meditava certamente sulle inesorabili cifre della sua contabilità. Io invece ricordai che in quel luogo l'avevo voluto uccidere, e confrontando i miei sentimenti di allora con quelli di adesso, ammiravo una volta di più l'incomparabile originalità della vita. Ma improvvisamente ricordai che poco prima e per una bizza di persona ambiziosa, avevo imperversato contro il povero Guido e ciò in una delle peggiori giornate della sua vita. Mi dedicai ad un'indagine: assistevo senza grande dolore alla tortura che veniva inflitta a Guido dal bilancio messo insieme da me con tanta cura e me ne venne un dubbio curioso e subito dopo un curiosissimo ricordo. Il dubbio: ero io buono o cattivo? Il ricordo, provocato improvvisamente dal dubbio che non era nuovo: mi vedevo bambino e vestito (ne sono certo) tuttavia in gonne corte, quando alzavo la mia faccia per domandare a mia madre sorridente: "Sono buono o cattivo, io?". Allora il dubbio doveva essere stato ispirato al bimbo dai tanti che l'avevano detto buono e dai tanti altri che, scherzando, l'avevano qualificato cattivo. Non era affatto da meravigliarsi che il bimbo fosse stato imbarazzato da quel dilemma. Oh incomparabile originalità della vita! Era meraviglioso che il dubbio ch'essa aveva già inflitto al bimbo in forma tanto puerile, non fosse stato sciolto dall'adulto quando aveva già varcata la metà della sua vita.[238]

---

predicados que não pecavam por excesso de originalidade. Eu seria capaz de formular coisa melhor, mesmo porque mentalmente fazia a crítica daquilo que ele dissera. No mais das vezes dizemos coisas que seguem o som das palavras numa associação casual. Depois é que se vai ver se aquilo que se disse vale o esforço da emissão, e vez por outra descobrimos que a associação casual partejou uma ideia. Disse:
- A vida não é boa nem má; é original!
Tive a impressão de haver exprimido algo importante (Ibid., pp. 321-322).

[238] Ibid., pp. 973-974. Sem que nos déssemos conta da direção tomada por nosso passeio, acabamos por chegar, como da outra feita, à ladeira da Via Belvedere. Topando com a mureta sobre a qual se estendera aquela noite, Guido pulou para ela e deitou-se exatamente como da vez anterior. Cantarolava, talvez oprimido pelos pensamentos, e meditava certamente sobre as cifras inexoráveis da sua contabilidade. De minha parte, recordei que tive vontade de assassiná-lo ali naquele lugar, e confrontando meus sentimentos de então com os de agora admirava mais uma vez a incomparável originalidade da vida. De súbito recordei que pouco antes e por capricho de pessoa ambiciosa me havia irritado com o pobre Guido, e isto num dos piores dias de sua vida. Concentrei-me numa indagação: assistia sem compaixão à tortura infligida a Guido pelo balanço que eu preparara com tamanho cuidado, e me veio uma dúvida curiosa,

O parágrafo citado apresenta um movimento de contraste em duas fases, e, em cada qual, a estrutura repetitiva do episódio se realiza de modo mais íntimo para Zeno, que reage reafirmando a originalidade na parte final da fase. Que a reafirmação, em ambos os casos, seja feita recorrendo ao adjetivo "incomparável" só reforça o contraste. Na primeira fase, repete-se a situação na qual o protagonista sentiu-se tentado a matar Guido; na fase seguinte, Zeno volta a ter uma dúvida que já tivera na infância diante da mãe: ele seria bom ou mau? De fato, a segunda fase explicita de modo inequívoco o contraste, que ganha uma forma paradoxal, dado que Zeno se admira da incomparável originalidade da vida ao constatar que duas situações psíquicas separadas por metade de uma vida não são apenas comparáveis, mas iguais. Assim, concluímos que a avaliação de Zeno é mais um deslocamento da temporalidade de repetição.

Se a concepção da vida como original, a principal oposição à estrutura repetitiva do episódio, é apenas uma distorção, as únicas diferenças que realmente contradizem a repetição entre os dois passeios noturnos são a existente no passeio em si, a ausência da lua, e aquela que lhe é correlata, o declínio do amor entre Guido e Ada. A outra diferença – o balanço – é, antes de tudo, uma consequência do primeiro passeio. Isso é confirmado na última citação, na qual Zeno volta a comentar que o cunhado deve estar pensando no balanço e, em seguida, recorda o desejo de matar Guido naquele local, justamente porque o balanço é uma etapa no processo de vencer o cunhado sem matá-lo (o confronto de sentimentos mencionado por Zeno é mais um deslocamento). Finalmente, o protagonista tem um sentimento de que as manifestações de agressividade proporcionadas pelo balanço poderiam dar origem a um mau julgamento a seu respeito, provocando a recordação materna, mas qual julgamento e quem seria o juiz? O substituto da mãe nesse contexto só pode ser Ada, e Zeno recearia que ela pudesse julgá-lo um inimigo do marido se continuasse a agir de modo hostil por causa do balanço; portanto, mais uma vez o protagonista retrocede no confronto com Guido em razão do desejo por Ada.

Comparando a concepção da vida como original com a temporalidade da onda,

---

seguida de uma curiosíssima recordação. A dúvida: eu era bom ou mau? A recordação, provocada repentinamente pela dúvida que não era nova: via-me em criança e vestido (estou certo) ainda em calças curtas, erguendo o rosto para perguntar à minha mãe sorridente: "Eu sou bom ou sou mau?". Essa dúvida devia ter sido inspirada ao menino por todos que o achavam bom, e por tantos outros que, de brincadeira, o qualificavam de mau. Não era, portanto, de admirar que a criança se sentisse embaraçada por tal dilema. Oh! Incomparável originalidade da vida! Era extraordinário que a dúvida já infligida por ela à criança, de forma tão pueril, não fosse resolvida pelo adulto depois de transposta metade de sua existência (Ibid., pp. 322-323).

verificamos que não há nenhuma diferença relevante, pois ambas expressam uma mudança incessante e sem finalidade. Assim, concluímos que mais uma vez Zeno apela à temporalidade da onda como deslocamento para a temporalidade de repetição que vigora na sua vida.

Para finalizar a presente análise, retomemos a opinião de Zeno de que a originalidade da vida é uma ideia obtida por associação casual. É mais uma das reações do narrador que se baseia na leitura do tratado psicanalítico, tais como outras que examinamos no capítulo anterior, pois ele faz uso de um elemento fundamental da psicanálise – a associação livre de ideias – para que a originalidade da vida seja entendida como uma manifestação do inconsciente, em vez de uma distorção temporal, como concluímos na nossa análise.

Neste início de capítulo, examinamos com detalhes o deslocamento feito por Zeno por meio das temporalidades da ordem burguesa e da onda. Ainda neste capítulo, retomaremos essas disposições temporais, mas em outro contexto. As temporalidades efetivas da vida de Zeno são as outras duas, a da nota única e a de repetição. Sobre a primeira delas não há nada para acrescentarmos, pois a sua função no romance é bem restrita. Ainda precisamos nos dedicar à análise da temporalidade de repetição.

Comecemos ressaltando que o deslocamento feito com a ideia de novidade no início do quinto capítulo explora uma característica importante da temporalidade de repetição, pois a mudança não está ausente dela, pois o desejo se repete, mas o seu objeto pode ser substituído, como Giovanni substitui o pai de Zeno. É esse duplo aspecto que Teresa de Lauretis comenta ao constatar que o mancar do protagonista quando está com Guido

> [...] è la sintomatica ripetizione di un avvenimento della sua infanzia quando, per protesta contro il fratello minore a cui si permetteva di restare a casa vicino alla madre, Zeno si mette a strascinare [*sic*] i piedi andando a scuola. Il contenuto, gelosia edipica, rimane immutato negli anni, come se il tempo non fosse passato. D'altro canto, il tempo del desiderio è diacronico, poiché esso investe successivamente oggetti diversi, tutti approssimazioni metonimiche dell'archetipo nell'edipo.[239]

A citação caracteriza bem a duplicidade temporal da repetição do desejo por meio do investimento em novos objetos. Não voltaremos a tratar desse processo, pois já

---

[239] LAURETIS, *La sintassi del desiderio*: *struttura e forme del romanzo sveviano*, op. cit., p. 161. [...] é a sintomática repetição de um acontecimento da sua infância, quando, em protesto contra o seu irmão mais novo, que foi autorizado a ficar em casa com a mãe, Zeno se põe a arrastar os pés ao ir à escola. O conteúdo, ciúme edipiano, permanece inalterado ao longo dos anos, como se o tempo não houvesse passado. Por outro lado, o tempo do desejo é diacrônico, uma vez que investe subsequentemente diferentes objetos, todos aproximações metonímicas do arquétipo edipiano (tradução nossa).

o exploramos diversas vezes no nosso trabalho. Agora precisamos analisar aspectos importantes da repetição que escaparam às nossas abordagens anteriores, tanto porque são outros modos pelos quais o desejo se repete quanto porque tornam mais complexo o modo de repetição já abordado. Introduzamos o primeiro desses aspectos – uma modalidade oscilatória de repetição – com a seguinte citação de Freud, que trata de um ato sintomático ou causal, um dos fenômenos da psicopatologia da vida cotidiana:

> Aceitei certa vez o encargo de fazer algo pelo casamento de um homem muito inteligente cujas desavenças com sua jovem esposa, que o amava ternamente, sem dúvida podiam reclamar para si alguns fundamentos reais, mas, como ele mesmo admitia, não eram assim inteiramente explicadas. Ele se ocupava incessantemente com a ideia do divórcio, que então voltava a descartar por amar muito ternamente seus dois filhos pequenos. Apesar disso, voltava constantemente a sua intenção e não buscava nenhum meio de fazer com que sua situação se tornasse suportável. Tal incapacidade de pôr termo a um conflito é vista por mim como prova de que motivos recalcados e inconscientes contribuíram para fortalecer os motivos conscientes que lutam entre si.[240]

Logo a seguir, Freud relata como elucidou esse caso, no qual o paciente tinha associado inconscientemente o divórcio entre os pais com a morte de um filho, de modo que o desejo de divorciar-se da esposa equivale a desejar a morte dos filhos. Trata-se de uma repetição na qual o sujeito, incapaz de resolver o seu conflito psíquico, oscila continuamente entre os seus dois extremos.

A modalidade oscilatória aparece pela primeira vez no romance quando Zeno fica doente e o médico lhe prescreve a abstenção de fumar. Em primeiro lugar, observemos que a doença faz com que o conflito com o pai se torne direto (antes se dava por meio dos roubos de moedas ou restos de charutos que o pai acabava por coibir sem nem mesmo sabê-lo) e com que o próprio cigarro torne-se o objeto da disputa com as proibições expressas do pai fumante para que Zeno não fume:

> Quando il dottore mi lasciò, mio padre (mia madre era morta da molti anni) con tanto di sigaro in bocca restò ancora per qualche tempo a farmi compagnia. Andandosene, dopo di aver passata dolcemente la sua mano sulla mia fronte scottante, mi disse:
> - Non fumare, veh!
> [...] Mio padre andava e veniva col suo sigaro in bocca dicendomi:
> - Bravo! Ancora qualche giorno di astensione dal fumo e sei guarito!
> Bastava questa frase per farmi desiderare ch'egli se ne andasse presto, presto, per permettermi di correre alla mia sigaretta. Fingevo anche di dormire per indurlo ad allontanarsi prima.[241]

---

[240] FREUD, *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, op. cit., p. 168.

[241] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 631-632. Quando o doutor se foi, meu pai (mamãe já havia morrido há muitos anos), com uma guimba de charuto na boca, ainda ficou algum tempo me fazendo companhia. Ao ir-se embora, depois de me haver passado ternamente a mão sobre a testa escaldante, disse:
- E nada de fumar, está ouvindo?

Em segundo lugar, observemos que a impressão que o protagonista tem logo após ouvir a proibição pela primeira vez (antes mesmo de o pai proibir-lhe de fumar) é crucial para a nossa análise: "Il dottore prescrisse il letto e l'assoluta astensione dal fumo. Ricordo questa parola *assoluta*! Mi ferì e la febbre la colorì: Un vuoto grande e niente per resistere all'enorme pressione che subito si produce attorno ad un vuoto".[242] Assim, a reação imediata de Zeno à primeira recomendação que recebe para abster-se de fumar, ou seja, da sua principal expressão do complexo de Édipo, já anuncia a reação que terá quando o seu desejo efetivamente entrar em crise com a morte do pai: o vazio da temporalidade da nota única. Como ele ainda não está diante de um obstáculo definitivo, mas apenas diante de uma recomendação que pode ignorar, mesmo que furtivamente e pondo em risco a própria saúde, o resultado é bem diferente:

> Mi colse un'inquietudine enorme. Pensai: "Giacché mi fa male non fumerò mai più, ma prima voglio farlo per l'ultima volta". Accesi una sigaretta e mi sentii subito liberato dall'inquietudine ad onta che la febbre forse aumentasse e che ad ogni tirata sentissi alle tonsille un bruciore come se fossero state toccate da un tizzone ardente. Finii tutta la sigaretta con l'accuratezza con cui si compie un voto. E, sempre soffrendo orribilmente, ne fumai molte altre durante la malattia.[243]

Combinando ambas as observações *supra*, o conflito expresso pelo ato de fumar ganha, diante da ameaça de supressão desse hábito, uma nova expressão, que é – contrariamente àquela original – abertamente uma disputa. De expressão do conflito, o ato de fumar passa a ser apenas um dos elementos da nova expressão, representando o desejo recalcado na disputa. Como afirmamos na primeira observação, o pai passa a aparecer explicitamente do outro lado do conflito, mas, ainda assim, de uma maneira invertida, dado que a oposição ao pai surge nessa disputa como se fosse causada por ele proibir os cigarros ao tentar ajudar o filho a se curar da doença e, no entanto, sabemos

---

[...] Meu pai ia e vinha com seu charuto na boca, dizendo:
- Muito bem! Mais alguns dias de abstenção e estará curado!
Bastava esta frase para me fazer desejar que ele se fosse logo, a fim de que eu pudesse correr imediatamente para o cigarro. Às vezes fingia mesmo dormir para induzi-lo a ir-se mais depressa (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 18-19).

[242] Ibid., p. 631. O médico prescreveu-me repouso e abstenção absoluta de fumar. Recordo a impressão que a palavra *absoluta* me causou, enfatizada pela febre: abriu-se diante de mim um vazio enorme sem que houvesse alguém que me ajudasse a resistir à intensa pressão que logo se produz em torno de um vazio (Ibid., p. 18).

[243] Ibid., p. 632. Fui invadido por enorme inquietude. Pensei: "Já que me faz mal, nunca mais hei de fumar, mas antes disso quero fazê-lo pela última vez". Acendi um cigarro e logo me senti relevado da inquietude, apesar de a febre talvez aumentar e de sentir a cada tragada que as amígdalas me ardiam como se tocadas por um tição. Fumei o cigarro até o fim com a determinação de quem cumpre uma promessa. E, sempre experimentando dores horríveis, fumei muitos outros enquanto estive acamado (Ibid., p. 19).

que Zeno começou a fumar em virtude da oposição ao pai, inerente ao complexo de Édipo. Finalmente, a disputa também se estabelece como uma oposição entre a doença e a saúde, que justamente está na origem da proibição de fumar e que retomaremos no próximo capítulo.

A partir da análise anterior, concluímos que a disputa explícita que Zeno apresenta entre parar de fumar ou persistir no vício é condizente com a situação psíquica descrita no último trecho citado de Freud, na qual motivos recalcados fortalecem motivos conscientes que lutam entre si. Assim, não é surpresa que Zeno seja incapaz de resolver o conflito e oscile indefinidamente entre os dois lados da disputa:

> Quella malattia mi procurò il secondo dei miei disturbi: lo sforzo di liberarmi dal primo. Le mie giornate finirono coll'essere piene di sigarette e di propositi di non fumare più e, per dire subito tutto, di tempo in tempo sono ancora tali. La ridda delle ultime sigarette, formatasi a vent'anni, si muove tuttavia.[244]

Ele próprio reconhece, ao comentar a respeito do distúrbio dos últimos cigarros, que vive sob uma temporalidade especial, marcada pela repetição: "il tempo, per me, non è quella cosa impensabile che non s'arresta mai. Da me, solo da me, ritorna"[245] (Outro reconhecimento da repetição ocorre no final do capítulo, quando Zeno está fugindo no primeiro dia de internação na clínica do doutor Muli e diz para a mulher que lhe abre a porta para sair da clínica que da próxima vez lhe dará uma gorjeta: "Non si può mai conoscere il futuro. Da me le cose si ripetono: non era escluso ch'io fossi ripassato per di là".[246]) Essa afirmação excepcional da temporalidade de repetição é feita em detrimento do tempo pensado como sucessão, ou seja, o contrário do que concluímos a respeito do início do quinto capítulo. Se a afirmação da repetição termina o trecho que o narrador dedicou aos últimos cigarros, ele destina quase todo o texto entre as duas últimas citações a distorcer algum aspecto do seu comportamento repetitivo. Isso é feito basicamente de duas maneiras.

A velhice do narrador é o primeiro dos modos de distorção e é usada para sugerir que essa nova etapa da vida poderia superar a repetição, trazendo em si própria outra disposição existencial, contrária em relação à temporalidade de repetição. Essa

---

[244] Ibid., p. 632. Aquela enfermidade foi a causa de meu segundo distúrbio: o esforço para libertar-me do primeiro. Meus dias acabaram por ser um rosário de cigarros e de propósitos de não voltar a fumar, e, para ser franco, de tempos em tempos são ainda assim. A ciranda do último cigarro começou aos vinte anos e ainda hoje está a girar (Ibid., p. 19).

[245] Ibid., p. 635. O tempo para mim não é essa coisa insensata que nunca para. Para mim, só para mim, ele retorna (Ibid., p. 21).

[246] Ibid., p. 651. Não se pode prever o futuro. Comigo as coisas costumam repetir-se: não se excluía a hipótese de eu voltar a passar por ali (Ibid., p. 36).

sugestão do narrador está na continuação do próprio parágrafo citado, no qual ele apresenta o distúrbio dos últimos cigarros: “Meno violento è il proposito e la mia debolezza trova nel mio vecchio animo maggior indulgenza. Da vecchi si sorride della vita e di ogni suo contenuto. Posso anzi dire, che da qualche tempo io fumo molte sigarette... che non sono le ultime”.[247] Podemos suspeitar de tal argumentação por pelo menos dois motivos, mesmo admitindo que o enfraquecimento da repetição seja real. O primeiro é que, decorridos vinte anos, continua a ser mais relevante que a repetição dos últimos cigarros ainda persista do que um mero enfraquecimento do distúrbio. O segundo é que a novidade implica o fortalecimento de algo ainda mais antigo do que os últimos cigarros: o ato de fumar, que, como examinamos, é outra expressão para o mesmo conflito psíquico. Acrescentemos à suspeita da validade da argumentação a desqualificação que o próprio narrador faz do alegado enfraquecimento ao usar, alguns parágrafos depois, a persistência dos últimos cigarros na velhice para colocar em dúvida uma hipótese sobre o seu distúrbio; de fato, ele diz que aventa “tale ipotesi per spiegare la mia debolezza giovanile, ma senza una decisa convinzione. Adesso che sono vecchio e che nessuno esige qualche cosa da me, passo tuttavia da sigaretta a proposito, e da proposito a sigaretta. Che cosa significano oggi quei propositi?”.[248]

Na verdade, a introdução pelo narrador de uma etapa de vida serve antes para aludir ao fato de que a repetição justamente põe em xeque a própria noção de etapa de um desenvolvimento no caso de Zeno. A constante repetição de situações anteriores faz com que haja interferência entre as supostas etapas, comprometendo o desenvolvimento psíquico do protagonista. Isso é abordado de modo menos indireto por meio das dificuldades de Zeno com o violino; destacamos o trecho a seguir, no qual a abordagem é especialmente incisiva e também identifica a saúde com a exatidão rítmica:

> Se tuttavia continuo a sonare [o violino, que ele toca muito mal], lo faccio per la stessa ragione per cui continuo a curarmi. Io potrei sonare bene se non fossi malato, e corro dietro alla salute anche quando studio l’equilibrio sulle quattro corde. C’è una lieve paralisi nel mio organismo, e sul violino si rivela intera e perciò più facilmente guaribile. Anche l’essere più basso quando sa che cosa sieno le terzine, le quartine o le sestine, sa passare dalle une alle altre con esattezza ritmica come il suo occhio sa passare da un colore all’altro. Da me, invece, una di quelle figure, quando l’ho fatta, mi si appiccica e non me ne libero più, così ch’essa s’intrufola nella figura

[247] Ibid., p. 632. Minhas resoluções são agora menos drásticas e, à medida que envelheço, torno-me mais indulgente para com minhas fraquezas. Ao envelhecermos, sorrimos da vida e de todo o seu conteúdo. Posso assim dizer que, desde há algum tempo, tenho fumado muitos cigarros... que não serão os últimos (Ibid., p. 19).

[248] Ibid., p. 633. Esta hipótese para explicar minha fraqueza juvenil, embora sem convicção definida. Agora que sou velho e que ninguém exige nada de mim, passo com frequência dos cigarros aos bons propósitos e destes novamente aos cigarros. Que significam hoje tais propósitos (Ibid., p. 20)?

> seguente e la sforma. Per mettere al posto giusto le note, io devo battermi il tempo coi piedi e con la testa, ma addio disinvoltura, addio serenità, addio musica. La musica che proviene da un organismo equilibrato è lei stessa il tempo ch'essa crea ed esaurisce. Quando la farò così sarò guarito.[249]

O segundo modo de distorção é mais complexo e procura deslocar a causa da repetição para fora do sujeito, como se ela não pudesse ocorrer sem a contribuição de um fator externo a ele. Verifiquemos como Freud entende esse tipo de distorção, que ele presume que seja uma das causas psíquicas da superstição:

> Outra indicação de que possuímos um conhecimento inconsciente e deslocado de motivação dos atos casuais e dos atos falhos encontra-se no fenômeno da superstição.
> [...] diferencio-me de uma pessoa supersticiosa pelo seguinte:
> Não creio que um acontecimento de cuja ocorrência minha vida anímica não tenha participado possa ensinar-me algo oculto sobre a forma futura da realidade; acredito, porém, que uma manifestação inintencional de minha própria atividade anímica de fato revele alguma coisa oculta, muito embora seja algo que só pertence a minha vida anímica; creio no acaso (real) externo, sem dúvida, mas não em casualidades (psíquicas) internas. Com o supersticioso acontece o contrário: ele nada sabe da motivação de seus atos casuais e seus atos falhos, e acredita que existem casualidades psíquicas; por outro lado, ele tende a atribuir ao acaso externo um sentido que se manifestará em acontecimentos reais, e a ver no acaso um meio de expressão de algo que se oculta dele no mundo externo. São duas as diferenças entre mim e o supersticioso: primeiro, ele projeta para fora uma motivação que eu procuro dentro; segundo, ele interpreta mediante um acontecimento o acaso cuja origem atribuo a um pensamento. Mas o oculto para ele corresponde ao que para mim é inconsciente, e é comum a nós dois a compulsão a não encarar o acaso como acaso, mas a interpretá-lo.
> Presumo que esse desconhecimento consciente e esse saber inconsciente da motivação das casualidades psíquicas sejam uma das raízes psíquicas da superstição. *Porque* o supersticioso nada sabe da motivação de seus próprios atos casuais, e *porque* o fato dessa motivação pressiona pela obtenção de um lugar no campo de seu reconhecimento, ele se vê forçado a situá-la, por deslocamento, no mundo externo.[250]

É esse tipo de distorção que Zeno realiza ao identificar motivações no mundo externo para os últimos cigarros. Assim, ele dá uma causa aparente a mais uma repetição, que permaneceria sem explicação caso não recorresse a esse subterfúgio. Algumas das motivações são identificadas sem o auxílio da superstição, pois ele se

---

[249] Ibid., p. 742. Se, apesar disso, continuo a tocar [o violino, que ele toca muito mal], faço-o pela mesma razão por que continuo a me tratar. Poderia tocar bem se não estivesse doente e corro atrás da saúde mesmo quando pratico o equilíbrio nas quatro cordas do violino. Há uma leve paralisia no meu organismo que se revela em sua integridade quando toco violino e por isso é mais facilmente curável. Até o ser mais rude, quando sabe o que são as terças, as quartas e as sextas, passa de umas às outras com exatidão rítmica como a sua vista sabe passar de uma cor a outra. Comigo, ao contrário, quando executo uma daquelas figuras, a ela me apego e não me liberto mais, e assim ela se intromete na figura seguinte e a deforma. Para manter as notas em seu lugar preciso, tenho que marcar o tempo com o pé e com a cabeça, mas adeus desenvoltura, adeus serenidade, adeus música. A música que provém de um organismo equilibrado é, ela própria, o tempo que ela cria e exaure. Quando eu a produzir assim, estarei curado (Ibid., pp. 117-118).

[250] FREUD, *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, op. cit., pp. 222-223.

propõe a fumar o último cigarro a fim de festejar os acontecimentos importantes: "Molti avvenimenti, anzi tutti, dalla morte di Pio IX alla nascita di mio figlio, mi parvero degni di essere festeggiati dal solito ferreo proposito. Tutti in famiglia si stupiscono della mia memoria per gli anniversarii lieti e tristi nostri".[251] Entre tais acontecimentos estão a mudança de interesse dos estudos do direito para aqueles da química (a troca inversa será igualmente festejada), que introduz um elemento que terá desenvolvimento próprio, a data que situa no tempo tanto o evento festejado quanto o último cigarro: "'Oggi, 2 Febbraio 1886, passo dagli studii di legge a quelli di chimica. Ultima sigaretta!!'".[252] Algumas das datas ganham um valor próprio como fator de distorção: sem ligá-las a qualquer acontecimento, Zeno abandona qualquer aparência racional e adota uma disposição supersticiosa, que funciona de acordo com a elucidação presente na última citação que fizemos de Freud. É o que pode ser verificado a seguir:

> Del secolo passato ricordo una data che mi parve dovesse sigillare per sempre la bara in cui volevo mettere il mio vizio: "Nono giorno del nono mese del 1899». Significativa nevvero? Il secolo nuovo m'apportò delle date ben altrimenti musicali: «Primo giorno del primo mese del 1901". Ancor oggi mi pare che se quella data potesse ripetersi, io saprei iniziare una nuova vita.
> Ma nel calendario non mancano le date e con un po' d'immaginazione ognuna di esse potrebbe adattarsi ad un buon proponimento. Ricordo, perché mi parve contenesse un imperativo supremamente categorico, la seguente: "Terzo giorno del sesto mese del 1912 ore 24". Suona come se ogni cifra raddoppiasse la posta.
> [...] il terzo giorno del secondo mese del 1905 ore sei! Ha un suo ritmo quando ci si pensa, perché ogni singola cifra nega la precedente.[253]

O deslocamento da causa da repetição para fora do sujeito é reforçado pelo registro por escrito das datas, que carrega a ambivalência de ter uma existência independente do próprio sujeito e, ao mesmo tempo, de não ser impessoal, possuindo alguma marca particular daquele que o gerou. Assim, a primeira das datas é apresentada

---

[251] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 634-635. Muitos acontecimentos, quase todos, desde a morte de Pio IX ao nascimento de meu filho, pareceram-me dignos de ser festejados com o férreo propósito de sempre. Todos na família se admiram de minha memória para os aniversários alegres ou tristes (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 21).

[252] Ibid., p. 632. "Hoje, 2 de fevereiro de 1886, deixo de estudar leis para me dedicar à química. Último cigarro!" (Ibid., p. 19).

[253] Ibid., p. 634. Recordo uma data do século passado que me pareceu a lápide capaz de selar para sempre o túmulo de meu vício: "Nono dia do nono mês de 1899". Significativa, não é mesmo? O novo século trouxe-me datas igualmente musicais: "Primeiro dia do primeiro mês de 1901". Ainda hoje sinto que se fosse possível repetir a data eu saberia como iniciar nova vida.
Mas outras datas viriam e, com um pouco de imaginação, qualquer uma delas poderia adaptar-se a uma boa intenção. Recordo, pelo fato de que me pareceu conter um imperativo supremamente categórico, a seguinte data: "Terceiro dia do sexto mês de 1912 às 24 horas". Soa como se cada número dobrasse a parada do antecedente.
[...] o terceiro dia do segundo mês de 1905, às seis horas! Nesta há também um ritmo, quando se observa que cada uma das cifras é como uma negação da precedente (Ibid., p. 21).

de modo a explicitar características que remetem ao próprio ato de escrever de Zeno: "Sul frontispizio di un vocabolario trovo questa mia registrazione fatta con bella scrittura e qualche ornato".[254] Depois ele não se exime de informar sobre a sua preferência pelos objetos nos quais escreveu algumas das datas: "Molte date che trovo notate su libri o quadri preferiti".[255] Finalmente, as datas com as quais Zeno cobre as paredes do seu quarto não se diferenciam apenas pelas datas em si; a cor e o material usados em cada ocasião mudam e a intensidade da cor é até mesmo explicitamente qualificada como expressão subjetiva: "Le date sulle pareti della mia stanza erano impresse coi colori più varii ed anche ad olio. Il proponimento, rifatto con la fede più ingenua, trovava adeguata espressione nella forza del colore che doveva far impallidire quello dedicato al proponimento anteriore".[256]

Não podemos desprezar o fato de que as datas, o elemento mais elaborado do segundo modo de distorção de aspectos do comportamento repetitivo de Zeno, também sejam intrinsecamente temporais, tal como a velhice no primeiro modo. Assim, as datas devem desempenhar uma função propriamente temporal, sem estar limitadas à apropriação supersticiosa da sua representação numérica, que distorce a origem da repetição dos últimos cigarros por meio da criação de motivações no mundo externo. Tal função, em mais uma volta do parafuso, confirma o comportamento repetitivo de Zeno em vez de distorcê-lo: a engenhosa descoberta de padrões de repetição nas relações numéricas dos dígitos das datas subverte o aspecto temporal predominante dessa representação que nunca se repete, a saber, a sucessão indefinida dos dias, preparando a afirmação excepcional da temporalidade de repetição, que citamos há pouco.

Examinada a modalidade oscilatória, o segundo aspecto importante da repetição que ainda precisamos analisar é que duas ou mais repetições podem acontecer simultaneamente e interferir entre si. O capítulo sobre o fumo termina com dois exemplos desse fenômeno; mais precisamente, são duas interferências nas quais duas das repetições envolvidas são as mesmas: a obsessão pelo último cigarro e a relação conflituosa com Olivi, substituto do pai que impede que Zeno administre os próprios negócios. Eis o primeiro exemplo:

---

[254] Ibid., p. 632. Na folha de rosto de um dicionário encontro um registro meu feito com bela caligrafia e alguns ornatos (Ibid., p. 19).
[255] Ibid., p. 634. Muitas datas, que encontro consignadas em livros ou quadros preferidos (Ibid., p. 21).
[256] Ibid., p. 634. As datas inscritas nas paredes de meu quarto eram de cores variadas e algumas até a óleo. O propósito, refeito com a fé mais ingênua, encontrava expressão adequada no vigor do colorido que devia fazer esmaecer o da intenção precedente (Ibid., pp. 20-21).

> Quella canaglia dell'Olivi mi diede un giorno un'idea: fortificare il mio proposito con una scommessa.
> [...] Ha lavorato e lavora per me, ma io non l'amo perché penso che mi ha impedito il lavoro che fa lui.
> Scommettemmo! Il primo che avrebbe fumato avrebbe pagato eppoi ambedue avrebbero ricuperato la propria libertà. Così l'amministratore, impostomi per impedire ch'io sciupassi l'eredità di mio padre, tentava di diminuire quella di mia madre, amministrata liberamente da me!
> La scommessa si dimostrò perniciosissima. [...] Fumai subito. Poi pensai di truffarlo continuando a fumare di nascosto. Ma allora perché aver fatta quella scommessa? Corsi allora in cerca di una data che stesse in bella relazione con la data della scommessa per fumare un'ultima sigaretta che così in certo modo avrei potuto figurarmi fosse registrata anche dall'Olivi stesso. Ma la ribellione continuava e a forza di fumare arrivavo all'affanno. Per liberarmi di quel peso andai dall'Olivi e mi confessai.
> Il vecchio incassò sorridendo il denaro e, subito, trasse di tasca un grosso sigaro che accese e fumò con grande voluttà.[257]

Esse exemplo permite mostrar uma interferência destrutiva, na medida em que a realização do desejo de uma das repetições implica a frustração do desejo da outra; o mais comum no romance, entretanto, é que a interferência seja construtiva, de modo que uma repetição sirva como meio para que outra repetição também aconteça. É o caso do segundo exemplo, a internação na clínica do doutor Muli. Conforme comentamos no capítulo anterior, ao analisar os deslocamentos de justificativa desse episódio, Zeno quer parar de fumar para estar em condições de assumir os negócios, dado que Olivi está muito doente; além do que já havíamos observado, porém, é preciso acrescentar que é muito suspeita a associação entre fumar e não estar em condições de fazer algo, que é muito próxima da associação que deu origem aos últimos cigarros, entre esse vício e estar doente. Assim, o protagonista usaria a possível morte de Olivi como mais uma motivação projetada no mundo externo para supostamente parar de fumar. Logo, a rivalidade com o administrador, que encontra satisfação não só na sua esperada morte, mas também na vitória completa que seria finalmente assumir os negócios, está na origem de mais uma oportunidade para que Zeno fume vários cigarros que seriam os

---

[257] Ibid., p. 640. O safado do Olivi um dia deu-me uma ideia: fortalecer minha resolução mediante uma aposta.
[...] Trabalhou e trabalha para mim, mas não gosto dele, pois penso que me impediu de fazer o trabalho que ele faz.
Vamos apostar! Quem fumar primeiro paga a aposta e depois ambos recuperamos a liberdade de fumar. Dessa forma, o procurador, que me fora imposto para impedir que eu dilapidasse a herança de meu pai, tentava diminuir a de minha mãe, então administrada livremente por mim!
A aposta revelou-se perniciosa. [...] Logo voltei a fumar. Depois pensei enganá-lo, fumando às escondidas. Mas, neste caso, para que a aposta? Tratei de procurar uma data que guardasse certa relação com a do início da aposta para poder fumar um último cigarro e assim, de certa forma, iludir-me de estar a cumpri-la. Mas a rebelião continuava, e fumei tanto que acabei angustiado. Para libertar-me do peso da consciência, fui a Olivi e confessei-lhe tudo.
O velho embolsou sorridente o dinheiro da aposta e, em seguida, sacou um grosso charuto, que acendeu e se pôs a fumar com volúpia (Ibid., p. 26).

últimos. Além disso, assumir os negócios não seria derrotar apenas Olivi, mas também finalmente vencer o pai, de modo que a rivalidade original é repetida diretamente.

Quanto ao doutor Muli, ele inicialmente repete a figura do médico que originalmente prescreveu a proibição de fumar e depois serve como rival no desencadeamento de mais uma repetição no episódio, começando pela associação que o próprio Zeno faz a partir de um comentário do médico sobre a impossibilidade de fugir da clínica: "– [...] Non c'è male nevvero per una casa di salute destinata a bambini e puerpere? E si mise a ridere, forse all'idea di avermi rinchiuso fra bambini".[258] O fato de ficar confinado faz Zeno se sentir uma criança. Depois, surge um sentimento em relação à esposa, envolvendo o seu sorriso e os seus pés, elementos que, como analisamos no primeiro capítulo, estão ligados à mãe:

> Mia moglie si congedò da me insieme al dottore. Mi disse sorridendo:
> - Giacché hai deciso così, sii forte.
> Il suo sorriso che io amavo tanto mi parve una derisione e fu proprio in quell'istante che nel mio animo germinò un sentimento nuovo [...]. Una folle, amara gelosia per il giovine dottore. Lui bello, lui libero! Lo dicevano la Venere fra' Medici. Perché mia moglie non l'avrebbe amato? Seguendola, quando se ne erano andati, egli le aveva guardato i piedi elegantemente calzati. Era la prima volta che mi sentivo geloso dacché m'ero sposato. [...] Lottai! Il sorriso di mia moglie era il suo solito sorriso e non una derisione per avermi eliminato dalla casa. [...] Eppoi non ricordavo che non era tanto facile d'innamorarsi di mia moglie? Se il dottore le aveva guardato i piedi, certamente l'aveva fatto per vedere quali stivali dovesse comperare per la sua amante.[259]

Antes, Zeno nunca sentira ciúmes da esposa nem se interessara pelos seus pés, apesar da capacidade que essa parte da anatomia feminina tem de lhe despertar o desejo sexual. Assim, o que ocorre é outra repetição, dessa vez da disputa sexual pela mãe que o protagonista inconscientemente experimentara na infância. O que faz a disputa ressurgir é o confinamento, que recria a situação psíquica da separação física entre Zeno e o rival e a mulher disputada, experimentada quando ia para a escola enquanto o irmão ficava em casa com a mãe. Com a repetição dos últimos cigarros, a disputa sexual

---

[258] Ibid., p. 642. - [...] O que não é mau para uma casa de saúde destinada a recém-nascidos e parturientes. E pôs-se a rir, talvez ante a ideia de me haver trancado junto com as crianças (Ibid., p. 28).

[259] Ibid., p. 644. Minha mulher despediu-se de mim juntamente com o doutor. Disse-me sorrindo:
- Já que você assim resolveu, aguente firme.
Seu sorriso, que eu amava tanto, pareceu-me zombeteiro e foi exatamente nesse instante que germinou em meu espírito um sentimento novo [...]. Um estúpido e amargo ciúme pelo jovem doutor. Ele era bonito, livre! Por que minha mulher não haveria de gostar dele? Seguindo-a, ao saírem, ele havia observado seus pés elegantemente calçados. Desde que me casara, era a primeira vez que sentia ciúmes. [...] Lutei! O sorriso de minha mulher era o seu sorriso de sempre e não um escárnio por me haver afastado de casa. [...] Além de tudo, não era nada fácil para alguém enamorar-se de minha mulher. Se o doutor lhe havia reparado os sapatos, era certamente porque queria comprar uns iguais para a sua amante (Ibid., pp. 29-30).

conduz o desfecho do episódio para mais uma tentativa fracassada de Zeno em parar de fumar.

Encontramos o terceiro e último aspecto importante da repetição que ainda precisamos analisar examinando como o protagonista reage quando Ada recusa a sua proposta de casamento. Já abordamos as reações distintas de Zeno a dois modos de perda do objeto do desejo. A primeira reação é uma repetição oscilatória, como no caso da proibição de fumar, que é uma perda meramente potencial e sob o seu controle. A segunda reação é a instalação da temporalidade da nota única, como no caso da morte do pai, que é uma perda definitiva sem que haja perspectiva de nenhum outro objeto no qual o desejo possa ser investido. No caso da recusa de Ada, encontramos uma terceira reação, cuja principal característica é a mesma que Freud identificou num dos seus próprios pacientes, o "Homem dos Lobos":

> [...] havia, de um modo geral, sua característica (que já vimos exemplificada) de rechaçar todas as novidades. Qualquer posição da libido que já tivesse sido assumida era obstinadamente defendida por ele, por medo do que perderia, abandonando-a, e por desconfiança da probabilidade de ser propiciado um substituto completo mediante a nova posição que estava à vista. Esta é uma peculiaridade psicológica importante e fundamental, que descrevi em meus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.[260]

Assim, Zeno pede Alberta e depois Augusta em casamento a fim de evitar a ruptura com a mulher desejada, mantendo um relacionamento bem menos íntimo do que esperava, mas na expectativa de ainda conseguir satisfazer o seu desejo por Ada. Saccone já comentava essa característica do protagonista:

> [...] il successo (se si può chiamare tale un compromesso) nevrotico di Zeno, la sua riuscita nell'evitare una conclusione definitiva, emerge bene da un passo come il seguente, dalle pagine in cui è narrato il rifiuto di Ada: "Quando, tardi, la compagnia si sciolse, Augusta lietamente disse: -A domani! –L'invito mi piacque perché provava che avevo raggiunto il mio scopo e che niente era finito e tutto avrebbe continuato il giorno appresso".[261]

É também o que evita que Zeno mate o homem escolhido por Ada como marido, como podemos verificar na citação a seguir, na qual até mesmo aparece a ligação com a decisão de noivar com Augusta, apenas deslocando o que realmente

---

[260] FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1919). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 17, p. 144.

[261] SACCONE, *Malattia e psicanalisi nella Coscienza di Zeno*, op. cit., p. 35. O sucesso (se pode se chamar assim um compromisso) neurótico de Zeno, o seu êxito em evitar uma conclusão definitiva, é evidente numa passagem como a seguinte, nas páginas nas quais é narrada a recusa de Ada: "Quando, já tarde, a reunião se desfez, Augusta alegremente disse: - Até amanhã! – O convite me agradou porque provava que eu havia atingido meu objetivo e que nada havia acabado e tudo continuaria no dia seguinte" (tradução nossa).

importa – não perder Ada – sob a ingênua alegação de garantir uma boa noite de sono: "avevo accettato di fidanzarmi ad Augusta per essere sicuro di dormir bene quella notte. Come avrei potuto dormire se avessi ammazzato Guido? Quest'idea salvò me e lui".[262]

A reação à recusa de Ada cria um enorme descompasso temporal entre Zeno, que continua a desejá-la, e ela própria, Augusta e Guido, que assumem plenamente os noivados e depois os casamentos, deixando a situação anterior definitivamente no passado.

Ao conhecermos os modos de repetição presentes no romance e o mecanismo da interferência entre duas ou mais repetições, podemos compreender com muita clareza a construção do sexto capítulo, pois o comportamento repetitivo, importante para todos os capítulos, se destaca nessa construção por concentrar uma variedade de aspectos das repetições de Zeno só comparável com o capítulo sobre o fumo.

O foco inicial do sexto capítulo é Augusta, que não é objeto direto de um desejo, mas apenas um meio de sustentar uma situação que permita Zeno voltar a tentar satisfazer o seu desejo por Ada. Assim, a sua relação com Augusta inicia sem ser dominada pela repetição de nenhuma relação anterior, e a convivência com ela gera sentimentos agradáveis e desagradáveis sem que nenhum deles sobrepuje os demais. A situação só mudará depois de a esposa desempenhar uma função característica em uma das repetições de Zeno, mais precisamente quando ele tentar mais uma vez participar dos negócios administrados por Olivi. Após fracassar mais uma vez, sendo afastado da firma por Olivi e pelo sogro, Zeno não é apoiado pela esposa; pelo contrário, ela fica do lado dos seus rivais e também tenta dissuadir o marido de intervir na firma, tornando-se, portanto, mais um substituto do pai. Isso pode ser observado tanto na reação emocional do protagonista quanto na repetição de disposições psíquicas que tinha quando convivia com o pai:

> Anche Augusta fu indotta dal padre a convincermi di non ingerirmi più nei miei propri affari.
> - Pare che la tua bontà e la tua ingenuità - mi disse - ti rendano disadatto agli affari. Resta a casa con me.
> Io, irato, mi ritirai nella mia tenda, ossia nel mio studiolo. Per qualche tempo leggiucchiai e suonai, poi sentii il desiderio di una attività più seria e poco mancò non ritornassi alla chimica eppoi alla giurisprudenza. Infine, e non so veramente perché, per qualche tempo mi dedicai agli studi di religione. Mi parve di riprendere lo studio che avevo iniziato alla morte di mio padre. Forse questa volta fu per un tentativo energico di avvicinarmi ad Augusta e alla sua salute. [...] Ne dico qui solo per rilevare quale grande desiderio

[262] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 775. Tinha concordado em casar-me com Augusta para ficar seguro de dormir bem aquela noite. Como dormiria em paz se viesse a assassinar Guido? Esta reflexão salvou-me a mim e a ele (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 147).

> m'attaccasse ad Augusta.[263]

Baseado num traço comum entre o pai e Augusta, a tranquilidade de espírito proporcionada pelas convenções burguesas, Zeno tenta repetir com a esposa a oposição (distorcida na citação, por meio de generalização vaga, como aproximação e desejo) que dedicava ao pai por meio da inquietação intelectual; a repetição, no entanto, fracassa:

> E lei questo desiderio [de ligar-se a ela] non indovinò quando mi vide nelle mani i Vangeli in edizione critica. Preferiva l'indifferenza alla scienza e così non seppe apprezzare il massimo segno d'affetto che le avevo dato. Quando, come soleva, interrompendo la sua *toilette* o le sue occupazioni in casa, s'affacciava alla porta della mia stanza per dirmi una parola di saluto, vedendomi chino su quei testi, torceva la bocca:
> - Sei ancora con quella roba?
> [...] Poi nella mia stanzetta magnificamente organizzata venne talvolta la noia. Era piuttosto un'ansia perché proprio allora mi pareva di sentirmi la forza di lavorare, ma stavo aspettando che la vita m'avesse imposto qualche compito. Nell'attesa uscivo frequentemente e passavo molte ore al Tergesteo o in qualche caffè.
> Vivevo in una simulazione di attività. Un'attività noiosissima.[264]

Augusta não confronta diretamente o marido, de modo que a relação de oposição não se repete. Assim, Zeno é obrigado a conformar-se com o fracasso completo da sua investida para assumir os negócios e também com a sua tentativa de oposição intelectual à esposa, acabando por ser tomado pelo tédio. A chegada de Copler, antigo amigo que o apresentará à sua futura amante, Carla, muda decisivamente a situação, a ponto de a chegada ser apresentada com a evocação da deusa grega da vingança: "La visita di un amico d'Università [...] fu la mia Nemesi".[265] De fato, o texto

---

[263] Ibid., pp. 799-800. Até Augusta foi induzida pelo pai a convencer-me de não me intrometer em meus próprios negócios.
- Parece que a bondade e a ingenuidade – me disse – fazem você inapto para os negócios. Fique em casa comigo.
Irado, retirei-me para a minha tenda, ou seja, para o meu estúdio. Por algum tempo ao acaso arranhei o violino; depois senti desejo de uma atividade mais séria; pouco faltou para que retornasse à química e em seguida ao direito. Por fim, e não sei verdadeiramente por que, dediquei-me por algum tempo aos estudos religiosos. Pareceu-me voltar àqueles iniciados quando da morte de meu pai. Talvez a volta fosse uma enérgica tentativa de aproximar-me de Augusta e de sua saúde. [...] Só me refiro a isto para mostrar o desejo de ligar-me a Augusta (Ibid., p. 169).

[264] Ibid., p. 800. Ela não percebeu esse desejo [de ligar-se a ela] quando me viu com uma edição crítica do Evangelho nas mãos. Preferia a indiferença à ciência; assim, não soube apreciar o máximo indício de afeto que lhe dava. Quando, como de hábito, interrompendo sua toalete ou suas ocupações caseiras, chegava à porta de meu quarto para dizer-me uma palavra qualquer, vendo-me inclinado sobre aqueles textos, torcia a boca:
- Ainda metido nisto?
[...] Meu refúgio magnificamente organizado era vez por outra visitado pelo tédio. Tratava-se mais de uma ânsia, pois, embora me sentisse com forças para trabalhar, estava sempre à espera de que a vida me impusesse alguma tarefa. Nessa expectativa saía muitas vezes e passava horas seguidas no Tergesteo ou num café.
Vivia numa simulação de atividade, uma atividade aborrecidíssima (Ibid., pp. 169-170).

[265] Ibid., pp. 800-801. A visita de um amigo da Universidade [...] foi a minha Nêmesis (Ibid., p. 170).

passa a sugerir uma relação praticamente causal do ócio e do tédio aos quais Zeno foi relegado pelo fracasso com o desejo por Carla:

> Nella mia inerzia subito fui preso dal desiderio di rivedere Carla. [...]
> Perché il mio desiderio avrebbe dovuto darmi un rimorso quando pareva fosse proprio venuto a tempo per salvarmi dal tedio che in quell'epoca mi minacciava? [...]
> - Quell'Olivi! Me l'ha fatta grossa condannandomi a tanta inerzia.[266]

Ao se tornar amante de Zeno, Carla adquire uma dupla função na repetição da rivalidade edipiana: é uma vingança contra Olivi, Giovanni e Augusta, que o impediram de intervir nos próprios negócios, e também é um objeto de desejo sexual que é interditado a Zeno por ser casado, de modo que a pressão pela renúncia do desejo sexual transforma em substitutos do pai tanto a esposa quanto Copler, que está em uma situação privilegiada para denunciar uma traição com Carla por ser o único elo entre ela e a família do marido infiel. É claro que a pressão para renunciar ao desejo por Carla não se deve ao casamento em si; deve-se ao desejo por Ada, causa efetiva do casamento com Augusta. Assim, cria-se um impasse: por um lado, a traição, que permite a satisfação tanto do desejo sexual por Carla quanto do desejo de vingança contra os rivais edipianos; por outro lado, o desejo por Ada. O próprio protagonista ligará os dois lados opostos, planejando dizer a Carla que ama a esposa (a da ordem do desejo, não da realidade) e, quando a amante quiser ver a sua cônjuge, será Ada que ele lhe mostrará. Incapaz de resolver o impasse, a relação com Carla ocorre segundo uma modalidade oscilatória de repetição, de forma que não deve causar surpresa que o próprio Zeno se refira aos bons propósitos de parar de fumar quando chega sozinho à porta da casa de Carla com o pretexto de entregar-lhe um livro:

> [...] ora avrei potuto fermarmi a quella porta, consegnare quel libro compromettente e andarmene pienamente soddisfatto. Fu un breve istante pieno di buoni propositi. Ricordai persino un consiglio strano che m'era stato dato per liberarmi dall'abitudine del fumo e che poteva valere in quell'occasione: talvolta, per contentarsi, bastava accendere il cerino e gettare poi via e sigaretta e cerino.[267]

Depois desse primeiro encontro sem a presença de Copler, os pensamentos

---

[266] Ibid., pp. 812-815. Na minha ociosidade, fui tomado da vontade de rever a moça. [...]
Por que o meu desejo haveria de infundir-me remorsos quando parecia destinado a salvar-me do tédio que àquela época me assaltava? [...]
- Aquele Olivi! Não sabe o mal que me faz, condenando-me a tamanha ociosidade (Ibid., pp. 180-182).

[267] Ibid., p. 817. Agora poderia parar diante daquela porta, entregar aquele livro comprometedor e vir-me embora plenamente satisfeito. Foi um breve instante cheio de bons propósitos. Recordei-me até mesmo de um estranho conselho que me fora dado para libertar-me do fumo e que me podia valer também naquela ocasião: vez por outra, para satisfazer a vontade de fumar, bastava acender o fósforo e em seguida jogar fora com ele o cigarro (Ibid., pp. 184-185).

sobre a traição com Carla são acompanhados várias vezes por propósitos de vê-la pela última vez ou pelo registro da data da última traição; destacamos alguns exemplos a seguir:

> [...] cercai il sollievo in un proposito ferreo: 'Non la rivedrò più - pensai - e se, per riguardo, la dovrò rivedere, sarà per l'ultima volta'.[268]
> Al Giardino Pubblico sedetti su una panchina e, col bastone, segnai distrattamente sulla ghiaia la data di quel giorno. Poi risi amaramente: sapevo che quella non era la data che avrebbe segnata la fine dei miei tradimenti.[269]
> Fu marcata in quelle ore angosciose in caratteri grandi nel mio vocabolario alla lettera C (Carla) la data di quel giorno con l'annotazione: "ultimo tradimento".[270]

Mais tarde, os mecanismos da repetição oscilatória se manifestarão mesmo quando a ameaça ao relacionamento com Carla deixa de ser um mero propósito de Zeno para tornar-se real diante do pedido de casamento feito à amante pelo professor de canto, o maestro Vittorio Lali; de fato, a reação de Zeno ao saber do pedido consiste em novos propósitos que perpetuem a oscilação: "Il mio proposito in quel momento dev'essere stato circa il seguente: 'Domani la pregherò di accettare la proposta del maestro, ma oggi gliel'impedirò'",[271] e, logo antes de contar que ele e a amante decidem manter Lali como professor, "Io non volevo mica perderlo, io volevo salvarlo, ma per il giorno dopo".[272]

Quando finalmente Carla der fim ao relacionamento com o amante e ele não tiver mais esperança de reatar com ela, Zeno passa a repetir comportamentos que já comentamos. Primeiro, tal como ocorreu ao pedir Alberta e Augusta em casamento após ser rejeitado por Ada, ele tenta evitar uma ruptura completa; dessa vez, tenta manter um vínculo com a mãe da amante e lhe oferece o dinheiro que dava para a filha: "Avrei continuato a passarle il mensile che fino ad allora avevo concesso a Carla. Io volevo oramai mantenere qualcuno! Volevo tenere con me la vecchia che mi pareva parte della

---

[268] Ibid., p. 824. Procurei alívio num férreo propósito: "Não volto mais lá", pensei, "ou, se por precaução, tiver que revê-la, será pela última vez" (Ibid., p. 191).
[269] Ibid., p. 838. No jardim público sentei-me a um banco e, com a bengala, tracei distraídamente no saibro aquela data. Depois ri amargamente: sabia que tal data não assinalaria o fim de minhas traições (Ibid., p. 203).
[270] Ibid., p. 840. Nas horas angustiosas de então, marquei em grossos caracteres no meu livro de endereços, na letra C (Carla), aquela data com a seguinte nota: "última traição" (Ibid., p. 204).
[271] Ibid., p. 884. Meus propósitos deviam girar em torno do seguinte: "Amanhã vou insistir com ela para que aceite a proposta do maestro, mas hoje farei tudo para impedir" (Ibid., p. 243).
[272] Ibid., p. 885. Não queria de modo algum perdê-lo, queria salvá-lo, mas no dia seguinte (Ibid., p. 244).

figlia".[273] Após a recusa da sua oferta, Zeno reconhece que não tem mais nenhuma perspectiva de reverter minimamente o rompimento, mas é incapaz de se despedir sem deixar uma oportunidade de reaproximação em aberto, por mais impossível que seja:

> Ritornavo a quella grande solitudine dove non c'era Carla e neppure visibile una via che conducesse a lei. Ricordo che feci um ultimo sforzo per illudermi che quella via potesse rimanere almeno segnata. Dissi alla vecchia, prima di andarmene, che poteva avvenire che di lì a qualche tempo essa fosse di altro umore. La pregavo allora di voler ricordarsi di me.[274]

Com o fracasso de sua tentativa de evitar o rompimento completo, só resta a Zeno encontrar uma substituição para Carla que lhe permita retomar a repetição oscilatória que mantinha com ela. Dessa vez, ele é bem-sucedido; tal como os cigarros, ele pode pagar prostitutas para trair a esposa. Só o encontro com a primeira delas nos é relatado, mas o propósito que surge disso é o suficiente para enterdermos que ele achou uma substituição para prosseguir com as traições:

> [...] era imperdonabile che soffrissi tanto perché mi veniva offerta una opportunità unica di svezzamento. Carla non c'era più proprio come tante volte l'avevo desiderato.
> Con tale chiarezza nell'animo, quando poco dopo, in una via eccentrica della città, cui ero pervenuto senz'alcun proposito, una donna imbellettata mi fece un cenno, io corsi senz'esitazione a lei. [...]
> Naturalmente nella lunga notte che seguì arrivai al proposito. Il primo fu il più ferreo. Mi sarei procurata un'arma per abbattermi subito quando mi fossi sorpreso avviato a quella parte della città. Mi fece bene quel proposito e mi mitigò.[275]

Uma vez que analisamos, com o devido cuidado, os diversos aspectos do comportamento repetitivo de Zeno, é imperativo que observemos que ele próprio só é consciente de uma pequena parte das repetições, como aquelas relacionadas ao cigarro e às traições, e, mesmo assim, apenas na medida em que esses fatos se repetem e não no que se refere às situações psíquicas anteriores que são repetidas por eles. Logo, Zeno não conta as suas vivências segundo a temporalidade de repetição; pelo contrário,

---

[273] Ibid., p. 907. Eu continuaria a dar-lhe o estipêndio mensal que até então vinha concedendo a Carla. Queria manter fosse quem fosse! Queria conservar comigo a velha, que me parecia parte da filha (Ibid., p. 263).

[274] Ibid., p. 907. Retornei à grande solidão onde não havia Carla, nem mesmo um caminho visível que conduzisse a ela. Recordo que fiz um último esforço para iludir-me de que aquela via pudesse permanecer pelo menos assinalada. Disse à velha, antes de me retirar, que podia ocorrer viesse a mudar de ideia dali a algum tempo. Pedi-lhe então que não deixasse de se lembrar de mim (Ibid., p. 263).

[275] Ibid., p. 908. Era imperdoável que sofresse tanto quanto [*sic*] me era oferecida uma oportunidade única de ruptura.
Clareei de tal forma o ânimo que pouco depois, numa rua alegre da cidade, a que fora dar sem nenhuma intenção, ao ver uma mulher muito pintada fazendo-me sinais, acompanhei-a sem a menor hesitação. [...]
Naturalmente, na longa noite que se seguiu, cheguei aos propósitos. O primeiro foi o mais férreo. Haveria de munir-me de uma arma com a qual me suicidaria imediatamente, se me surpreendesse a correr para aquela parte da cidade. Tal propósito fez-me bem e aliviou-me (Ibid., p. 264).

justamente iniciamos o capítulo com as distorções que procuram evitar que se compreenda a transição de Zeno para a vida afastada do núcleo familiar como uma repetição. Além disso, mesmo quando o texto assume abertamente a ocorrência de uma repetição, ela também sofre algum grau de distorção que restringe o seu alcance, como examinamos nos casos dos últimos cigarros e da originalidade da vida: no primeiro caso, o protagonista recorre a acontecimentos e datas para fumar mais um último cigarro, e o narrador apela à própria condição da velhice para enfraquecer a repetição; no segundo caso, o protagonista tenta evitar, com a concepção da originalidade, os pensamentos sobre o que mais está se repetindo além do passeio noturno, e o narrador busca fazer a tentativa de o protagonista passar por uma associação livre de ideias para evitar que a sua natureza de distorção seja identificada.

Diante da rejeição da temporalidade de repetição, precisamos verificar qual é a experiência temporal proporcionada pela narração. Iniciaremos essa análise tratando de um fenômeno intrinsecamente associado ao tempo e que, obviamente, é de extrema importância no caso de alguém que escreve sobre as próprias vivências: a memória.

Ao estudarmos os aspectos narrativos do romance no capítulo anterior, já tivemos a oportunidade de nos confrontarmos com aspectos da concepção psicanalítica de memória. Inclusive, ao tratar da representabilidade do inconsciente nos atos das pessoas, citamos um trecho no qual Freud conecta o esquecimento à repetição, afirmando que aquilo que uma pessoa recalca não é reproduzido como lembrança, mas repetido como ação.

Na presente análise, o que nos importa é o caráter ativo que a psicanálise concede à memória. Isso foi crucial no início do capítulo anterior, no qual examinamos como Zeno, em vez da associação livre de ideias, adota uma operação sistemática da memória, o que permite, segundo a psicanálise, a ação da censura psíquica. Também o esquecimento, em vez de ser apenas uma falha da memória, pode ser propriamente uma atividade psíquica; eis como Freud explica, por exemplo, o esquecimento temporário de palavras:

> [...] a pretendida reprodução do nome sofre a interferência de uma cadeia de pensamentos estranha, não consciente no momento. Entre o nome assim perturbado e o complexo perturbador existe uma conexão preexistente; ou essa conexão se estabelece, quase sempre de maneiras aparentemente artificiais, através de associações superficiais (externas). [...]
> Um nome com mais de um sentido e, portanto, pertencente a mais de um grupo de pensamentos (complexos) é muitas vezes perturbado em sua relação com uma sequência de pensamentos, em virtude de sua participação em outro complexo mais forte.
> Entre os motivos para essas interferências destaca-se o propósito de evitar

> que as lembranças despertem desprazer.
> Em geral, podem-se distinguir dois tipos principais de esquecimento de nomes: os casos em que o próprio nome toca em algo desagradável e aqueles em que ele se liga a outro nome que tem esse efeito.[276]

Pois bem, verifiquemos qual é o tratamento predominante no romance para o caráter ativo da memória. Ao contrário da repetição, que geralmente é objeto de distorção, a ligação pouco confiável que a memória realiza entre presente e passado é diversas vezes abordada pelo próprio texto, de maneira mais ou menos direta.

O início do preâmbulo justamente é um ótimo exemplo para as nossas considerações: "Vedere la mia infanzia? Più di dieci lustri me ne separano e i miei occhi presbiti forse potrebbero arrivarci se la luce che ancora ne riverbera non fosse tagliata da ostacoli d'ogni genere, vere alte montagne: i miei anni e qualche mia ora".[277] De fato, o narrador não reduz o problema de recordar a infância às décadas que o separam dela. A lembrança também é afetada pelo momento atual, como podemos deduzir da referência tanto aos olhos cansados de Zeno quanto às horas que antecedem o ato de lembrar. Além disso, essas horas são uma influência de tal importância a ponto de serem qualificadas de altas montanhas e colocadas em pé de igualdade com as dezenas de anos já vividos, que, por sua vez, não são uma mera redundância do grande intervalo temporal (os dez lustros) mencionado, pois o pronome possessivo "miei" os diferencia a fim de expressar que são as vivências de Zeno nesse tempo que importam. Logo, a recordação está muito longe de ser uma mera exposição do que foi vivido num determinado momento do passado.

O caráter ativo do esquecimento é aludido no episódio de Zeno com a mãe no sofá, que já citamos no primeiro capítulo, ao analisar a relação com o irmão. O narrador lembra-se de vários detalhes do episódio, mas é incapaz de se recordar de algo bastante importante: se o irmão está ou não com ele e a mãe no sofá. Como comentamos ao citar esse trecho do romance, a presença do irmão não é efetivamente recordada, mas apenas deduzida, e tal situação pressupõe que o esquecimento é produzido pelos conflitos psíquicos que vigoram na relação com o irmão, os quais devem ser de tal intensidade que nem mesmo a convicção de Zeno de que o irmão estava lá é capaz de fazê-lo lembrar-se disso.

---

[276] FREUD, *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, op. cit., p. 51.
[277] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 626. Rever a minha infância? Já lá se vão mais de dez lustros, mas minha vista cansada talvez pudesse ver a luz que dela ainda dimana, não fosse a interposição de obstáculos de toda espécie, verdadeiras montanhas: todos esses anos e algumas horas de minha vida (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 13).

Um trecho que mostra claramente como as lembranças do protagonista dependem dos seus interesses atuais é aquele no qual ele se recorda dos axiomas de Giovanni. Ele decide procurar Giovanni para obter Ada ou saber imediatamente que a havia perdido em definitivo, mas, no caminho, finalmente compreende que a família Malfenti quer que ele se case com Augusta, e não com Ada. Então, ao ter certeza de que Ada lhe será negada, Zeno recorda dois axiomas do futuro sogro, cujo intuito é evitar perdê-la. A citação inicia com a suposição da resposta que Giovanni lhe daria:

> Forse m'avrebbe detto addirittura: "Perché vuoi sposare Ada? Vediamo! Non faresti meglio di sposare Augusta?". Perché egli aveva un assioma che ricordavo e che avrebbe potuto guidarlo in questo caso: "Devi sempre spiegare chiaramente l'affare al tuo avversario perché allora appena sarai sicuro d'intenderlo meglio di lui!". E allora? Ne sarebbe conseguita un'aperta rottura. Solo allora il tempo avrebbe potuto camminare come voleva, perché io non avrei più avuta alcuna ragione d'ingerirmene: sarei arrivato al punto fermo!
> Ricordai anche un altro assioma di Giovanni e mi vi attaccai perché mi procurava una grande speranza. Seppi restarvi attaccato per cinque giorni, per quei cinque giorni che convertirono la mia passione in malattia. Giovanni soleva dire che non bisogna aver fretta di arrivare alla liquidazione di un affare quando da questa liquidazione non si può attendersi un vantaggio: ogni affare arriva prima o poi da sé alla liquidazione, come lo prova il fatto che la storia del mondo è tanto lunga e che tanto pochi affari sono rimasti in sospeso. Finché non si è proceduti alla sua liquidazione, ogni affare può ancora evolversi vantaggiosamente.
> Non ricordai che v'erano altri assiomi di Giovanni che dicevano il contrario e m'attaccai a quello. Già a qualche cosa dovevo pur attaccarmi. Feci il proposito ferreo di non movermi finché non avessi appreso che qualche cosa di nuovo avesse fatto evolvere il mio affare in mio favore.[278]

Como o último parágrafo da citação deixa claro quanto ao segundo axioma, Zeno poderia lembrar outros axiomas, o que podemos obviamente considerar também no caso do primeiro, ainda mais que ambos servem ao mesmo fim, o de evitar a perda imediata de Ada com o intuito de poder revertê-la. Como já sabemos, nem quando ela

---

[278] Ibid., pp. 724-725. Talvez me dissesse de improviso: "Por que quer casar com Ada? Ora essa! Não seria melhor se casasse com Augusta?". Ele tinha um axioma de que me lembrava e que poderia guiá-lo naquele caso: "Deve-se sempre explicar claramente o negócio ao nosso adversário porque só assim se pode estar certo de que o compreendemos melhor do que ele!". E então? A consequência seria um rompimento formal. O tempo então poderia caminhar ao seu bel-prazer, pois eu já não teria qualquer motivo para inserir-me em sua marcha: teria chegado ao ponto morto!
Recordei-me ainda de outro axioma de Giovanni e a ele me agarrei porque me propiciava grande esperança. Soube agarrar-me a ele durante cinco dias, durante cinco dias que converteram a minha paixão em doença. Giovanni costumava dizer que não se devia ter pressa de chegar à liquidação de um negócio quando dessa liquidação não se esperava alguma vantagem: todos os negócios acabam por se liquidarem mais cedo ou mais tarde, coisa que se prova pelo fato de, na história do mundo, que é tão longa, tão poucos assuntos ficarem em suspenso. Desde que não se proceda à sua liquidação, qualquer negócio pode evoluir para uma situação vantajosa.
Não me lembrei de outros axiomas de Giovanni que provavam o contrário, agarrei-me, portanto, àquele. Já era algo a que podia agarrar-me. Pus-me na firme determinação de não agir antes de saber qualquer coisa de novo que fizesse o assunto pender a meu favor (Ibid., p. 102).

rejeita o seu pedido de casamento, o protagonista desiste de tentar manter a mínima chance de reverter a sua perda, evitando uma ruptura definitiva. Nesse momento crucial é também uma recordação, dessa vez de uma recomendação do pai, que é ativamente resgatada do passado para lhe inspirar o meio de manter alguma ligação com a mulher desejada: pedir a irmã dela em casamento. Não só Zeno não se lembrou dessa recomendação quando escolheu Ada para casar, mas também provavelmente é a única orientação do seu pai que ele resolve seguir em todo o romance:

> Io cessai dall'analizzarmi perché mi vidi intero! Per avere la pace io avrei dovuto fare in modo che quel salotto non mi fosse mai più interdetto. Guardai Alberta! Somigliava ad Ada! Era un po' di lei più piccola e portava sul suo organismo evidenti dei segni non ancora cancellati dell'infanzia. [...] Curioso! In quel momento ricordai una raccomandazione di mio padre: "Scegli una donna giovine e ti sarà più facile di educarla a modo tuo". Il ricordo fu decisivo.[279]

Uma vez que examinamos como Zeno trata de modo pouco distorcido o caráter ativo da memória, entendemos que temos os elementos necessários para analisar a experiência temporal proporcionada pela narração. Assim como trabalhamos com dois níveis narrativos no capítulo anterior, também consideraremos dois níveis para a experiência temporal produzida pela narração: um da construção deliberada da temporalidade pelo narrador e outro que resulta da perda de controle consciente sobre os aspectos temporais da narração, provocando a desmontagem da temporalidade vigente no primeiro nível. Dedicaremos o restante deste capítulo à investigação dos dois níveis.

Quanto ao primeiro nível, identifiquemos qual é a temporalidade que o narrador propõe a adotar para o seu relato. Ao analisar o preâmbulo no início do capítulo anterior, adiantamos que, com a entrega à associação livre de ideias, o narrador abandona a temporalidade invertida de recordações prevista pelo tratamento psicanalítico, precisamente ao encontrar aquela que iniciaria o processo em direção ao passado: a imagem da locomotiva, associada à morte do pai. Tampouco Zeno adota a temporalidade de repetição que perpassa a sua vida, conforme analisamos no presente capítulo.

Adiantamos a temporalidade escolhida por Zeno quando afirmamos no capítulo anterior que ele adota duas abordagens narrativas tradicionais: a temática e a

---

[279] Ibid., p. 761. Cessei de analisar-me porque me vi inteiro! Para obter a paz, devia proceder de modo a que minha presença jamais fosse interdita naquele salão. Contemplei Alberta! Parecia-se com Ada! Era um pouco mais nova e trazia no semblante sinais ainda não desvanecidos da infância. [...] Curioso! Nesse instante recordei-me de uma recomendação de meu pai: "Escolha uma mulher jovem, pois será mais fácil educá-la a seu modo". A recordação foi decisiva (Ibid., p. 134).

cronológica. Essas abordagens operam de modo harmônico, de forma que o tratamento temporal é predominantemente cronológico mesmo quando a abordagem é temática, como no caso do capítulo sobre o fumo. Assim, no primeiro nível, o dos capítulos (até o penúltimo) e da organização geral de cada um deles, o narrador justapõe dois blocos cronológicos: um relato cronológico da propensão ao fumo no terceiro capítulo e um relato da sua vida que inicia com o convívio com o pai e prossegue com os desdobramentos da doença e da morte do pai até a partida de Ada para Buenos Aires.

A temporalidade cronológica funciona perfeitamente para contar a vida tal como ela é concebida pela temporalidade da ordem burguesa, que justamente é usada no romance como distorção para a repetição. De modo similar, a narração cronológica é um fator de distorção das repetições da vida de Zeno ao focar na sucessão dos fatos. Obviamente a cronologia também é um obstáculo para a terapêutica psicanalítica, que trabalha com uma temporalidade invertida de recordações, ou seja, o oposto da ordem cronológica.

A cronologia é a temporalidade que vigora numa visão global do romance e de cada capítulo, mas ela perde esse posto se começamos a analisar os elementos que compõem um determinado capítulo. De fato, ao passarmos para o segundo nível da experiência temporal, no qual consideramos desde os menores segmentos narrativos do texto até os episódios relatados, verificamos que Zeno não consegue mais sustentar a disposição cronológica do primeiro nível. Podemos observar a transição entre os níveis recorrendo ao levantamento feito por Lavagetto (com base nos estudos de ordem temporal de Gérard Genette) da relação entre as séries dos acontecimentos na história e da sua apresentação no discurso narrativo no terceiro capítulo do livro. Ele identificou os vinte e cinco segmentos temporais contínuos que compõem o discurso narrativo do capítulo, nomeados por letras (a propósito, ele esquece a letra W), e a posição relativa no tempo de cada um dos segmentos, desde 1 para o segmento que narra os acontecimentos mais antigos até 13 para o dos acontecimentos mais recentes, e usando o zero para indicar o presente do narrador (por isso, também chamado de ponto zero). O resultado a que chegou foi:

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
0	1	0	2	3	4	5	0	6	7	0	6/7	0
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Y	Z	
6/7	9	10	12	13	11	5	0	5	?	?	8[280]	

[280] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 79.

O esquema de Lavagetto nos interessa na medida em que nos torna fácil observar tanto que há uma temporalidade cronológica que se sustenta durante a maior parte do capítulo quanto que ela é insistentemente quebrada por intromissões do presente do narrador e por dúvidas quanto à posição relativa de eventos no tempo e, por fim, ela é completamente abolida após o segmento R. A dúvida pode ser uma simples indecisão entre duas possibilidades (os intervalos temporais 6 e 7) no caso dos segmentos L e N ou uma indeterminação radical, indicada pelo ponto de interrogação, como ocorre com os segmentos X e Y. Apesar da facilidade proporcionada pelo esquema *supra*, há dois aspectos relevantes que ele não contempla.

O primeiro aspecto é que o segmento Z não pode ser tratado como os demais, pois é muito maior do que eles (quase a metade de todo o capítulo). Por ser relatado cronologicamente, o último segmento recupera a cronologia que havia sido abolida no segmento S, de modo que o capítulo é composto por dois blocos cronológicos separados por um bloco que interrompe essa disposição temporal.

O segundo aspecto envolve a determinação da temporalidade que vigora no bloco intermediário. As séries relacionadas pelo esquema só consideram o conteúdo do texto no que se refere às posições temporais do que é contado, o que, obviamente, não é a fonte exclusiva da temporalidade dos acontecimentos narrados. De fato, o capítulo como um todo, por estar dedicado a um tema que é um dos principais elementos do comportamento repetitivo de Zeno – o fumo –, é perpassado por uma temporalidade de repetição, mas o narrador só fornece elementos para que ela se torne relevante diante da tendência cronológica depois de relatar como se originou o seu distúrbio dos últimos cigarros, quando o leitor passa a acompanhar as variações das tentativas de Zeno de parar de fumar. O bloco intermediário, justamente, é todo dedicado a essas tentativas.

O segundo aspecto nos serve exatamente para assinalar que um dos modos pelos quais a cronologia deixa de ser sustentada no segundo nível da experiência temporal são os efeitos diretos da repetição na narração, mas a situação descrita pelo parágrafo anterior é excepcional: a abordagem cronológica domina a abordagem temática nos próximos capítulos e o narrador só voltará a dar a mesma relevância à repetição no que se refere às traições com Carla. Que a repetição só consiga ser o foco da narração nesses dois casos não significa que a perturbação que ela causa à cronologia se resuma a isso.

Quando a repetição se torna relevante para o comportamento de Zeno, mas a narração não se dedica a relatar a repetição em si, como nos casos mencionados no

parágrafo anterior, nem a dar uma explicação com o mínimo de elaboração para resgatar uma linearidade temporal e distorcer a repetição, como no caso da ordem burguesa na suposta decisão de se casar, a cronologia também é perturbada.

Consideremos, por exemplo, as duas repetições que antecedem a chegada de Copler no sexto capítulo, nas quais Zeno tenta novamente participar dos negócios administrados por Olivi e se contrapor à esposa por meio da inquietação intelectual pela qual já se opusera ao pai. Como o narrador trata a temporalidade desses episódios? Por um lado, ele apenas dá vagas indicações, na melhor das hipóteses, de que se trata de repetições, mas, de maneira alguma, as reconhece como tais. Por outro lado, ele apresenta as suas decisões de trabalhar e dedicar-se aos estudos de religião como se fossem consequências do casamento com Augusta: "Un giorno volli farle [para Augusta] un altro grande regalo: lavorare! Essa lo desiderava ed io stesso pensavo che il lavoro sarebbe stato utile per la mia salute",[281] e, quanto aos estudos religiosos, "Forse questa volta fu per un tentativo energico di avvicinarmi ad Augusta e alla sua salute".[282] Haveria um desenvolvimento adequado da narrativa se, por exemplo, tais tentativas de se aproximar da esposa fossem compatíveis com as expectativas criadas pelo narrador, mas elas são justamente contrárias ao que sabemos sobre os cônjuges: Augusta nunca apresentou nenhum pendor intelectual e Zeno nunca trabalhou e é reconhecidamente incapaz para os negócios. Além disso, o nosso conhecimento sobre eles só é desafiado para ser plenamente confirmado pelo fracasso das tentativas: Zeno não mostra nenhuma aptidão para os negócios e Augusta, nenhum interesse pelos estudos religiosos do marido. Assim, as intenções alegadas pelo narrador são claramente inconsistentes e ele não busca sanar tal deficiência, deixando a cadeia dos episódios como uma mera sucessão do mais antigo para o mais recente.

A mera sucessão perturba a cronologia porque, em última instância, a torna arbitrária. Por exemplo, pelo modo segundo o qual o narrador apresenta os episódios em análise, não haveria nenhum problema se eles tivessem ocorrido na ordem inversa: não há nenhum motivo para que Zeno, entregue como sempre ao ócio, não tentasse primeiro se aproximar da esposa pelos estudos religiosos e depois buscasse agradá-la com a decisão de trabalhar. Não por acaso é a falta de ordem que caracteriza a temporalidade

---

[281] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 796. Um dia quis dar-lhe [para Augusta] uma grande satisfação: iria trabalhar! No íntimo ela assim o desejava, e eu próprio achei que seria útil à minha saúde (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 166).

[282] Ibid., p. 800. Talvez a volta fosse uma enérgica tentativa de aproximar-me de Augusta e de sua saúde (Ibid., p. 169).

de onda, diferenciando-a da temporalidade de ordem burguesa. Assim, é recorrente que os episódios se encadeiem segundo uma temporalidade de onda, que funciona como um compromisso entre a temporalidade de repetição e a cronologia tradicional, compatível com a temporalidade da ordem burguesa. Dessa perspectiva, a singularidade do episódio da originalidade da vida estaria justamente em que o compromisso deixa de existir para que a repetição seja distorcida pela própria temporalidade de onda.

Não podemos deixar de registrar a convergência com os resultados obtidos no capítulo anterior com a análise da desmontagem da abordagem temática. Tal como essa abordagem mantinha a unidade temática, mas falhava em articular os diferentes aspectos do tema que são revelados ao longo da narração, a abordagem cronológica mostra a sucessão temporal, mas falha em articular os diversos episódios narrados. Em ambos os casos – variações de um tema e temporalidade de onda –, o acúmulo de elementos elencados com baixa articulação dá ao relato do narrador uma forte sensação de acaso, como se tanto as relações entre os aspectos do tema quanto a relação temporal entre os episódios fossem, em grande parte, casuais.

Além dos efeitos da repetição, seja ela parcialmente reconhecida ou encoberta pela sucessão casual, sobre os aspectos temporais resultantes do modo de narrar de Zeno, há mais uma maneira pela qual a progressão cronológica deixa de ser sustentada no segundo nível da experiência temporal. Retomando o esquema de Lavagetto, além da ruptura em grande escala da cronologia que ocorre no seu bloco intermediário, o primeiro bloco cronológico é pontuado por ocorrências do presente do narrador: são pequenas interrupções que, de modo persistente, perturbam a cronologia sem efetivamente rompê-la.

É nesse contexto que recorremos à análise que fizemos do caráter ativo da memória, pois as pequenas interrupções que mencionamos são resultado do seu correspondente narrativo: o caráter ativo da narração. Tal como a lembrança e o esquecimento são assumidos em trechos do romance como uma atividade da memória daquele que tenta se lembrar de algo, a atividade da narração se realiza como uma constante interferência do narrador, que dissolve a tradicional hierarquia na qual o passado é reduzido a uma sequência de eventos plenamente constituídos, e o presente serve apenas para que os eventos sejam passivamente relatados tal como aconteceram e, no máximo, comentados de maneira distanciada. Em vez de um narrador de pouca importância, temos um modo de narrar no qual ele constantemente interage com o que está contando a ponto de a relação entre o presente do narrador e o passado do

protagonista também ser relevante para entendermos a própria vida de Zeno.

As principais interferências do narrador ocorrem de dois modos no romance. O primeiro deles é diretamente temporal e já assinalamos a sua presença no primeiro bloco cronológico do esquema do capítulo sobre o fumo: o recorrente presente do narrador que interrompe a história contada por ele. Nas palavras de Lavagetto:

> L'oscillazione del testo tra il piano della narrazione e il piano del racconto è continua, si rappresenta con una serie di ritorni al punto zero e, sul piano grammaticale, attraverso una irregolare alternanza dei tempi che si intrecciano, si sovrappongono, si contaminano reciprocamente.[283]

O segundo modo de interferência do narrador, tão importante quanto o primeiro, não recorre ao presente do indicativo; na verdade, não precisa nem mesmo de um tempo verbal e de um segmento textual só para si: é o mesmo tempo e o mesmo segmento que são tratados de um modo ambíguo, de forma que eles tanto podem ser uma opinião do próprio narrador (ou seja, no presente da narração) quanto podem ser um pronunciamento de um personagem (ou seja, num momento passado em relação à narração), ainda que o sentido do texto comum seja diferente para cada um deles. O tratamento ambíguo se ampara no discurso indireto livre e em tempos verbais que permitam essa ambiguidade. Examinemos alguns exemplos dos dois modos mencionados de interferência para compreendermos melhor o seu funcionamento.

Um presente do narrador muito comum no romance é o que possui uma função de distorção, como já examinamos em vários casos, por exemplo: quando Zeno recorre à velhice ao tratar dos últimos cigarros ou reage às manifestações do inconsciente por meio do que leu no tratado de psicanálise. Mesmo sem entendermos que se trata de uma distorção, o efeito direto da narração é a necessidade que o narrador tem de intervir no sentido do que viveu, propondo uma interpretação diferente daquela que predomina no seu relato do passado.

Já abordamos, neste capítulo, uma situação na qual o presente do narrador não funciona como distorção. Trata-se da análise que fizemos do trecho no qual aparece a metáfora da nota única. Nessa ocasião, comentamos que o uso de verbos no presente e no pretérito perfeito em orações de um mesmo período exprimia o compartilhamento do sentimento de tédio entre os dois momentos. Repitamos a citação do período, pois abordaremos um aspecto diferente: "La mia vita non sapeva fornire che una nota sola

---

[283] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 243. A oscilação do texto entre o plano da narração e o plano da narrativa é contínua, é representada por uma série de retornos ao ponto zero e, no plano gramatical, por meio de uma alternância irregular de tempos que se entrelaçam, se sobrepõem, se contaminam reciprocamente (tradução nossa).

senz'alcuna variazione, abbastanza alta e che taluni m'invidiano, ma orribilmente tediosa".[284] Daquela vez, não exploramos o silêncio do narrador sobre o tédio no qual se encontra e que ele se restringe a mencionar a existência. A desorientação do leitor ainda é agravada pela vaga referência – e única, em todo romance – a pessoas que invejam a vida monótona do narrador. É um deslocamento, como se o que importasse fosse a inveja dos outros e não a repetição do tédio. De qualquer maneira, essa compreensão só é possível após um árduo trabalho de análise do texto, pois o texto produzido pelo narrador não buscará conduzir a ela: quanto à inveja, não será mais mencionada; quanto ao tédio que se repete, só saberemos que é causado pela partida de Ada para Buenos Aires após centenas de páginas, de modo que a expectativa sobre ele precisaria ser mantida por meio de retomadas periódicas, o que não acontece. Mais uma vez, o que importa como efeito direto da narração é a forte influência do relato sobre o próprio narrador como parte da contínua marcação da incapacidade de manter o distanciamento entre os tempos da enunciação e do enunciado.

Examinemos um exemplo de tratamento ambíguo de um segmento textual:

> Io credo che gli sposi, per celare ogni traccia dei baci che si erano scambiati, volessero darci ad intendere che avessero discusso di scienza. Era una sciocchezza, forse anche sconveniente! Volevano allontanarci dalla loro intimità o credevano che i loro baci potessero dolere a qualcuno? Ciò però non guastò il mio buon umore.[285]

O discurso indireto livre e o pretérito imperfeito são usados de modo que podemos perguntar, como faz Lavagetto: "Chi parla in realtà? Il personaggio che rincorre la propria indifferenza o il narratore che a quell'indifferenza cerca di garantire un successo postumo?".[286] De fato, não há como decidir somente por um deles. Novamente o narrador se deixa envolver pelo que está contando, com a diferença de que ele não é lembrado de algo parecido que está vivendo, pois sente o mesmo ciúme de Ada que sentira quando presenciou os acontecimentos relatados. A coincidência de sentimento amplia o efeito direto da narração, tanto no que se refere ao protagonista quanto ao narrador. Quanto a este, o leitor é informado de que, mesmo no momento da

---

[284] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 685. Minha vida constituía-se de uma única nota, sem variações, certamente alta e invejada por muitos, mas horrivelmente tediosa para mim (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 67).

[285] Ibid., p. 851. Creio que os noivos, para ocultar o traço dos beijos que haviam trocado, queriam dar a impressão que estavam discutindo ciência. Era uma tolice, mas igualmente uma impropriedade! Queriam afastar-nos da sua intimidade ou pensavam que seus beijos podiam magoar alguém? Isto talvez tenha prejudicado meu bom humor (Ibid., p. 214).

[286] LAVAGETTO, *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*, op. cit., p. 99. Quem fala realmente? O personagem que persegue a própria indiferença ou o narrador, que a essa indiferença tenta assegurar um sucesso póstumo (tradução nossa)?

narração, Zeno ainda não superou o amor por Ada; quanto àquele, a força do sentimento que resiste à passagem do tempo ajuda a compreender que o ciúme contribui para que o protagonista esteja com Carla na próxima oportunidade que surgir, o que acontece na mesma tarde, quando recebe a notícia de que Copler está gravemente doente.

O tempo verbal desempenha uma função importante, como observa Savelli: "l'imperfetto sembra avere la funzione di tempo intermedio fra il presente del narratore e il perfetto dello Zeno personaggio".[287] Parece-nos que uma formulação mais precisa seria: o pretérito imperfeito funciona como um tempo de ligação entre os tempos do narrador e do protagonista. Se a ligação no exemplo *supra* era uma identidade, nada impede que ela seja, no outro extremo, da mais intensa oposição, como na citação a seguir, que também se destaca por englobar mais de um modo de interferência temporal:

> Quella prima visita io la ricordo come se l'avessi fatta ieri. Era un pomeriggio fosco e freddo d'autunno; e ricordo persino il sollievo che mi derivò dal liberarmi del soprabito nel tepore di quella casa. Stavo proprio per arrivare in porto. Ancora adesso sto ammirando tanta cecità che allora mi pareva chiaroveggenza. Correvo dietro alla salute, alla legittimità. Sta bene che in quell'iniziale *a* erano racchiuse quattro fanciulle, ma tre di loro sarebbero state eliminate subito e in quanto alla quarta anch'essa avrebbe subito un esame severo. Giudice severissimo sarei stato. Ma intanto non avrei saputo dire le qualità che avrei domandate da lei e quelle che avrei abbominate.[288]

Quanto ao início do parágrafo, reencontramos as frequentes interrupções da narração do que ocorreu no passado por meio do presente do narrador, chegando até mesmo a destacá-los ao fazê-los interromper procedimentos narrativos tradicionais, como a dizer que não se deve esperar que tal maneira de narrar e a clara separação dos intervalos temporais que a caracteriza sejam levadas a sério nesse romance, como aponta Savelli:

> La prima frase, "Quella prima visita io la ricordo come se l'avessi fatta ieri", - che in effetti istruisce il dibattimento interiore – sembra debba preparare a un abbandonarsi al ricordo. La seconda, con un piglio dei più "narrativi" secondo la tradizione del grande romanzo ottocentesco, "era un pomeriggio fosco e freddo d'autunno", annuncia l'avvio di una storia; ma subito il ricorso a un nuovo "io ricordo", al presente temporale e verbale, interrompe

---

[287] SAVELLI, *L'ambiguità necessaria. Zeno e il suo lettore*, op. cit., p. 30. O pretérito imperfeito parece ter a função de tempo intermédio entre o presente do narrador e pretérito perfeito do Zeno personagem (tradução nossa).

[288] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 694. Recordo-me dessa primeira visita como se tivesse sido ontem. Era uma tarde acinzentada e fria de outono; recordo até mesmo a satisfação que me invadiu ao tirar o sobretudo na tepidez da sala. Sentia-me como se entrasse num porto seguro. Ainda agora me admiro da cegueira que então me parecia clarividência. Eu buscava a salvação, a honorabilidade. É certo que naquela inicial "A" estavam encerradas quatro moças; três delas seriam logo eliminadas e a quarta haveria de ser submetida a um exame severíssimo. Devo ter sido um juiz bastante rigoroso, embora não saiba descrever ao certo as qualidades que viria a exigir de minha futura esposa (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 75-76).

il promesso slancio.[289]

Depois de as interrupções do presente do narrador impedirem que o relato seja completamente dedicado às recordações, o parágrafo finalmente cede espaço a sentenças compartilhadas entre narrador e protagonista por meio do uso combinado do discurso indireto livre com tempos verbais apropriados – inicialmente o pretérito imperfeito e depois o futuro do pretérito –, resultando em sentidos diferentes conforme se considere quem seja o autor dessas declarações.

No compartilhamento de sentenças do parágrafo em análise, os tempos verbais são usados de forma a confrontar temporalmente narrador e protagonista: este expressa expectativas ou propósitos em relação ao seu futuro imediato, enquanto aquele os avalia quando esse futuro já se transformou em passado. Assim, em orações com verbos no futuro do pretérito no final do parágrafo citado, o protagonista expressa o seu propósito de escolher rigorosamente qual será a esposa, mas o narrador, mesmo sem expor o que efetivamente ocorrerá, avalia que ele não tinha nenhum critério para fazer a sua escolha. O cerne da postura do narrador está em que ele sabe dos resultados frustrantes a que chegaram as expectativas ou os propósitos do protagonista, o que é brevemente aludido pelo trecho "Ancora adesso sto ammirando tanta cecità che allora mi pareva chiaroveggenza". Logo, quando Zeno escreve "Stavo proprio per arrivare in porto", "Correvo dietro alla salute, alla legittimità" e "Giudice severissimo sarei stato", sem afastar a possibilidade que ele próprio como narrador enuncie tais sentenças, é impossível evitar a ironia com que ele as enunciaria, na medida em que, se elas possuem alguma verdade, estão muito longe do sentido que realmente importa ao protagonista quando as enuncia, a saber, de que escolheria uma esposa para se casar.

Portanto, o segundo nível da experiência temporal instala uma constante perturbação da cronologia, temporalidade vigente no primeiro nível. A perturbação é proporcionada tanto pelos efeitos que analisamos da repetição, seja ela parcialmente reconhecida ou encoberta pela sucessão casual da temporalidade de onda, quanto pelo caráter ativo da narração, concretizada pelas interferências do narrador que desestabilizam a separação entre os tempos da enunciação e do enunciado. Como

---

[289] SAVELLI, *L'ambiguità necessaria. Zeno e il suo lettore*, op. cit., p. 28. A primeira frase, "Recordo-me dessa primeira visita como se tivesse sido ontem" – que na verdade informa sobre o conflito interior –, parece preparar para uma entrega à recordação. A segunda, com um toque dos mais "narrativos" na tradição do grande romance do século XIX, "Era uma tarde acinzentada e fria de outono", anuncia o início de uma história; mas subitamente o uso de um novo "recordo", no presente temporal e verbal, interrompe o impulso prometido (tradução nossa).

resultado final da relação entre os dois níveis, a constante perturbação da cronologia redunda no fracasso dessa temporalidade tradicional que o narrador tenta adotar para o seu relato, correspondendo ao fracasso narrativo que analisamos no capítulo anterior.

Capítulo 4
O ÚLTIMO CAPÍTULO: O TRATAMENTO PSICANALÍTICO E AS CURAS DE ZENO

Dedicaremos este capítulo ao estudo do último capítulo do romance, no qual Zeno relata as sessões de psicanálise com o doutor S. e também o que acontece depois que ele desiste do tratamento. A narração ganhou a forma de um diário, no qual estão registradas quatro datas.[290] Chamaremos o que foi escrito em cada uma dessas datas de uma seção do diário. Em grande medida, a nossa análise acompanhará essa divisão, examinando as questões de relevância geral no trecho no qual entendemos que elas se revelam decisivas.

A primeira seção do diário trata tanto das sessões de psicanálise quanto das primeiras reações após a interrupção do tratamento. Consideraremos duas etapas das sessões: uma anterior ao diagnóstico do doutor S. e outra a partir desse parecer.

A etapa inicial das sessões de psicanálise é dominada pelos quatro sonhos que elas propiciam. Já examinamos, nos dois primeiros capítulos, tanto os pensamentos latentes de tais sonhos quanto a ordem na qual ocorrem, em perfeita conformidade com a temporalidade invertida das recordações traumáticas, sobre a qual Freud escrevera. O que nos importa ressaltar no presente capítulo é o sucesso clínico (ainda que parcial, como ficará claro quando analisarmos a próxima etapa das sessões) obtido com esses sonhos; de fato, eles permitem que elementos cruciais do inconsciente do protagonista ganhem expressão: as suas relações com o irmão e a mãe, o canibalismo e o fetichismo. As referências a tais elementos nos capítulos anteriores do romance são tão pontuais e esparsas que essa expressão obtida durante o tratamento é decisiva, dando suporte à sua compreensão adequada. Podemos fazer a mesma afirmação no que se refere à compreensão das associações que Zeno estabelece para dois elementos já usados nos seus relatos: a dificuldade para caminhar e a letra inicial dos nomes.

Que o tratamento tenha efetivamente dado expressão onírica ao inconsciente do paciente também é atestado por declarações de Zeno sobre os sonhos obtidos nas sessões, das quais destacaremos duas. A primeira delas começa com uma comparação das imagens desses sonhos, que seriam:

> [...] come quelle della febbre, che camminano per la stanza perché le vediate da tutti i lati e che poi anche vi toccano. Avevano la solidità, il colore, la

[290] São elas: 3 e 15 de maio de 1915, 26 do mês seguinte e 24 de março de 1916.

> petulanza delle cose vive. A forza di desiderio, io proiettai le immagini, che non c'erano che nel mio cervello, nello spazio in cui guardavo, uno spazio di cui sentivo l'aria, la luce ed anche gli angoli contundenti che non mancarono in alcuno spazio per cui io sia passato.[291]

Esse trecho é dedicado a quem ainda tenha alguma dúvida sobre a natureza dessas imagens, como parece ser o caso do próprio Zeno ao afirmar vagamente que elas só existem no seu cérebro. Dado que a ênfase do trecho recai sobre uma característica especialmente distintiva dos sonhos, que Freud chamou de representabilidade em imagens sensoriais, a dúvida torna-se pouco defensável.

A segunda declaração destacada por nós trata da reação emocional de Zeno aos sonhos que teve durante as sessões:

> Il dottore mi confessò che, in tutta la sua lunga pratica, giammai gli era avvenuto di assistere ad un'emozione tanto forte come la mia all'imbattermi nelle immagini ch'egli credeva di aver saputo procurarmi. Perciò anche fu tanto pronto a dichiararmi guarito.
> Ed io non simulai quell'emozione. Fu anzi una delle più profonde ch'io abbia avuta in tutta la mia vita. Madida di sudore quando l'immagine creai, di lagrime quando l'ebbi.[292]

A intensidade emocional da reação, capaz de provocar lágrimas, também é própria das manifestações de pensamentos inconscientes que estão submetidas a um severo recalcamento. Quanto ao suor presente na citação, trataremos dele ao analisarmos a segunda etapa das sessões.

Por fim, há mais um aspecto do sucesso clínico relativo aos sonhos das sessões que merece ser mencionado. Como eles seguem uma ordem regressiva, conforme a temporalidade invertida das recordações traumáticas, há indícios de que a sequência dessas recordações, iniciada (e interrompida) com a imagem da locomotiva no preâmbulo, foi completa. De fato, o último sonho já remete a uma fase muito antiga da infância, pois a mãe é entendida pela criança como o único objeto existente no mundo, e também é fornecido um indício direto quando não são obtidos novos sonhos numa

---

[291] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 1050-1051. [...] como as nascidas da febre, que caminham pelo quarto para que possamos vê-las de todos os ângulos, inclusive tocá-las. Tinham a solidez, as cores, a petulância das coisas vivas. À força de desejo, projetei as imagens, que existiam apenas em meu cérebro, no espaço em que as guardava, um espaço do qual sentia o ar, as luzes e até os ângulos contundentes, que não faltaram em nenhum daqueles por onde passei (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 391).

[292] Ibid., p. 1050. O médico confessou-me que, em toda a sua longa prática, jamais assistira a uma emoção tão forte quanto a minha ao me defrontar com imagens que conseguiu despertar em mim. Daí talvez a sua pressa em me declarar curado.
E não simulei tal emoção. Foi mesmo uma das mais profundas que senti em toda a minha vida. Encharquei-me de suor ao criar essas imagens, chorei de fato ao relembrar as lágrimas (Ibid., p. 391).

tentativa do doutor S. de superar dificuldades no tratamento: “Tentava di nuovo i sogni, ma di autentici non ne ebbimo più alcuno”.[293]

Apesar do sucesso obtido na expressão onírica do inconsciente do protagonista, não há uma aceitação plena desse material pelo paciente; de fato, para abordar esse tipo de estranha reação do doente, a psicanálise até mesmo elaborou uma noção, a de resistência: “quando assumimos a tarefa de recuperar um paciente para a saúde, aliviá-lo dos sintomas de sua doença, ele nos enfrenta com uma resistência intensa e persistente, que se prolonga por toda a duração do tratamento”.[294]

A resistência pode assumir diversas formas, das quais trataremos devidamente ao examinarmos a próxima etapa das sessões. Anteciparemos apenas a abordagem da resistência intelectual, pois opera contra os sonhos obtidos durante as sessões. Freud apresenta essa resistência dizendo que ela

> [...] luta com argumentos e explora todas as dificuldades e improbabilidades que um pensar normal, porém não instruído, encontra nas teorias da análise. [...] o paciente está desejoso de argumentar; anseia fazer com que passemos a instruí-lo, ministrar-lhe ensinamentos, contradizê-lo, iniciá-lo na literatura, de modo que possa adquirir mais conhecimentos. [...] Mas reconhecemos esta curiosidade como sendo resistência, como manobra tendente a nos desviar de nossas tarefas específicas, e repelimo-la.[295]

Assim, os sonhos produzidos durante a terapia psicanalítica sofrem distorções não só em virtude da elaboração secundária, que pode afetar o sonho de qualquer pessoa, mas também devido à resistência intelectual, como é o caso, no romance, da suposta inversão da inveja no sonho da ida à escola. Não prosseguiremos a análise dessas distorções, pois já fizemos isso ao tratar das reações de Zeno aos sonhos no segundo capítulo deste trabalho.

Comecemos a análise da segunda etapa das sessões de psicanálise destacando que o sucesso clínico obtido pelo protagonista na primeira etapa não é bem aproveitado, comprometendo o diagnóstico do doutor S. Inicialmente, o psicanalista até parece diagnosticar corretamente: após o último sonho relatado por Zeno, uma representação onírica do desejo pela mãe, o doutor S. conclui que o paciente é acometido pelo complexo de Édipo. Apesar disso, essa conclusão correta é o ponto de partida para os dois principais problemas na condução do tratamento pelo psicanalista.

---

[293] Ibid., p. 1056. Tentava novamente os sonhos, mas não tivemos mais nenhum autêntico (Ibid., pp. 396-397).
[294] FREUD, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, op. cit., p. 337.
[295] SVEVO, *Romanzi e “continuazioni”*, op. cit., p. 341.

O primeiro problema é a concepção demasiado restrita que o doutor S. tem dos efeitos do complexo de Édipo no seu paciente. O amor pela mãe é tratado somente como o início da animosidade com o pai, de forma que Zeno repetiria apenas a relação de rivalidade paterna. Assim, são simplesmente desconsiderados o canibalismo e o fetichismo que compõem a sexualidade do paciente; o silêncio sobre o primeiro componente é, inclusive, apontado pelo próprio Zeno quando compara o último sonho com aquele com Carla, como já examinamos no primeiro capítulo. Também permanece ignorada a importante repetição do desejo materno na relação com Ada. Mesmo um aspecto crucial da rivalidade com o pai é ignorado: nada é dito sobre as sucessivas tentativas do protagonista de assumir os negócios paternos. Lacunas de tanta importância também impossibilitam que a série de traições iniciada com Carla seja devidamente compreendida. Desse modo, a relação de Zeno com as mulheres torna-se o principal equívoco da compreensão do doutor S., que reduz a conduta do paciente com as irmãs Malfenti e as traições a modos de exercer o ódio contra Giovanni, reconhecido como um substituto do pai (diga-se, de passagem, tal entendimento é defensável no início, quando Zeno é informado sobre as filhas do futuro sogro, mas torna-se problemático quando vê Ada pela primeira vez e já não faz mais nenhum sentido quando conclui que a ama):

> [...] egli [o doutor S.] asseriva ch'io avessi odiato anche il vecchio Malfenti che avevo messo al posto di mio padre. [...] Ne sposai una o l'altra delle figliuole ed era indifferente quale perché si trattava di mettere il loro padre ad un posto dove il mio odio potesse raggiungerlo. Eppoi sfregiai la casa che avevo fatta mia come meglio seppi. Tradii mia moglie ed è evidente che se mi fosse riuscito avrei sedotta Ada ed anche Alberta.[296]

O outro problema na condução do tratamento pelo psicanalista é o modo como ele, uma vez que supostamente compreendeu a patologia do paciente, tenta curá-lo. Para um entendimento adequado desse problema, examinemos alguns aspectos da concepção básica de Freud sobre a terapia psicanalítica. O primeiro aspecto importante para a nossa análise é que o tratamento é concebido em duas fases: "Primeiro, a busca pela repressão e, depois, a remoção da resistência que mantem a repressão".[297] A terapia também é dividida em duas partes pelo doutor S., que, após chegar ao diagnóstico,

---

[296] Ibid., pp. 1059-1060. [o doutor S.] me atribuía ódio também ao velho Malfenti, a quem eu entronizara no lugar de meu pai. [...] Casei-me com uma ou outra das filhas do velho, sendo-me indiferente qualquer uma delas, porque meu objetivo era colocar o pai delas num lugar onde meu ódio o pudesse alcançar. Depois aviltei a casa que fizera minha com todo o meu requinte. Traí minha mulher e é evidente que, se tivesse conseguido, seduziria Ada e mesmo Alberta (Ibid., p. 399).

[297] FREUD, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, op. cit., p. 509.

muda a condução das sessões, como observa Zeno: "m'adattai a quanto doveva seguire, cioè non più indagini, ricerche, meditazioni, ma una vera e assidua rieducazione".[298] Cada um dos problemas que estamos analisando refere-se, respectivamente, a cada uma das duas fases da terapia.

O problema da segunda fase talvez já seja indicado pela própria denominação que lhe é dada no romance; de fato, reeducação, numa concepção pedagógica tradicional, pode ser entendida como uma mera transmissão de conhecimentos. Já analisamos, no segundo capítulo, um trecho do livro no qual ocorre um fracasso ao se tentar transmitir conhecimentos relacionados ao inconsciente de Zeno: é o trecho no qual Ada lhe conta o que descobriu em razão da ausência dele no enterro de Guido. Nessa análise, citamos um texto no qual Freud se perguntava como tornar o paciente consciente do material inconsciente e considerava que a tentativa de fazer isso pela mera comunicação desse material ao paciente era um erro primário, que fora cometido nos primeiros anos da clínica psicanalítica. Assim, a segunda fase do tratamento não se reduz a tal comunicação e deve, como já afirmava a última citação que fizemos de Freud, remover a resistência do paciente. Verifiquemos como é descrita a realização dessa tarefa:

> Como removemos a resistência? Da mesma forma: descobrindo-a e mostrando-a ao paciente. Na realidade, também a resistência deriva de uma repressão – da mesma repressão que nos esforçamos por solucionar, ou de uma repressão que se realizou anteriormente. Foi provocada pela anticatexia, que surgiu a fim de reprimir o impulso censurável. Assim, fazemos o mesmo que tentamos fazer inicialmente: interpretar, descobrir, comunicar; mas, então, estamos fazendo-o no lugar certo. A anticatexia ou a resistência não fazem parte do inconsciente, e sim do ego, que é nosso colaborador, sendo-o, ainda que não consciente.[299]

O doutor S. se restringe justamente a comunicar o material inconsciente que descobriu a Zeno, confundindo o próprio conhecimento com o do paciente. Consequentemente, não considera devidamente as reações do paciente ao tentar curá-lo, deixando que a resistência aja livremente. O melhor exemplo desse descompasso na condução do tratamento é a tentativa de curar o protagonista do que este considera uma doença, o seu hábito de fumar:

> Ecco le sue parole: il fumo non mi faceva male e quando mi fossi convinto ch'era innocuo sarebbe stato veramente tale. Eppoi continuava: Oramai che i rapporti con mio padre erano stati riportati alla luce del giorno e ripresentati

---

[298] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1056. [...] adaptei-me a tudo quanto se seguiria, ou seja, não mais indagações, pesquisas, meditações, mas uma autêntica e assídua reeducação (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 396).

[299] FREUD, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, op. cit., p. 509.

> al mio giudizio di adulto, potevo intendere che avevo assunto quel vizio per competere con mio padre e attribuito un effetto velenoso al tabacco per il mio intimo sentimento morale che volle punirmi della mia competizione con lui.
> Quel giorno lasciai la casa del dottore fumando come un turco. Si trattava di fare una prova ed io mi vi prestai volontieri. Per tutto il giorno fumai ininterrottamente. Seguì poi una notte del tutto insonne. La mia bronchite cronica aveva rifiorito e di quella non c'era dubbio perché era facile scoprirne le conseguenze nella sputacchiera.[300]

A divisão dos parágrafos é bem clara. No primeiro, o doutor S. argumenta que a relação do paciente com o fumo era baseada na competição com o pai e, agora que Zeno sabia disso, não havia mais razão para ele achar que esse hábito lhe fizesse mal. Logo, o primeiro parágrafo é dedicado ao que Freud chamou de erro primário: o psicanalista apresenta o material inconsciente relacionado ao hábito de fumar e espera que o paciente mude de atitude diante de tal conhecimento. Já o segundo parágrafo mostra como a resistência possibilita que Zeno recuse o conjunto das afirmações do psicanalista ao negar-lhe a conclusão: fumar lhe faz mal. Assim, o doutor S. precisaria descobrir esse efeito da resistência, mostrar ao paciente a confusão entre as doenças, uma psíquica e outra física, e a necessidade de adequar a frequência com que fuma aos efeitos provocados na sua bronquite crônica.

Para agravar a situação, além de o psicanalista não se atentar para a resistência, o próprio paciente a conserva oculta. Eis um comentário de Freud sobre esse ocultamento:

> No caso de um paciente obsessivo, haveremos de esperar táticas de resistência especiais. Frequentemente, permitirá que a análise prossiga sem empecilhos em seu caminho, de modo que ela possa esclarecer, cada vez melhor, o enigma de sua doença. Começamos a nos admirar, por fim, de este aclaramento não se acompanhar de nenhum efeito prático, nenhuma diminuição dos sintomas. Então conseguimos perceber que a resistência se refugiou dentro da dúvida, que é própria da neurose obsessiva, e desta posição ela consegue resistir-nos. É como se o paciente dissesse: "Sim, está tudo muito bem, muito interessante, e terei muita satisfação em prosseguir ainda mais. Eu mudaria um bocado minha doença, se tudo isto fosse verdade. Mas não acredito, nem um pouco, que seja verdade; e, na medida

---

[300] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1059. Eis as suas palavras: o fumo não me fazia mal e, se me convencesse que era inócuo, ele realmente passaria a sê-lo. E continuava: agora que as relações com meu pai tinham sido analisadas à luz do dia e apresentadas ao meu julgamento de adulto, podia compreender que adquirira aquele vício para poder competir com meu pai, e que a atribuição de um efeito venenoso ao tabaco fora feita por um íntimo sentimento moral, desejoso de punir-me por haver competido com meu pai.
Nesse dia, deixei o consultório do médico fumando como um turco. Tratava-se de submeter-me a uma prova e prestei-me de bom grado a isso. Durante todo o dia fumei ininterruptamente. Seguiu-se daí uma noite inteiramente insone. Minha bronquite crônica voltou a manifestar-se e dela eu não podia duvidar, pois que era fácil descobrir suas consequências na escarradeira (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 398-399).

> em que não acredito, não faz qualquer diferença para minha doença”.[301]

Observamos tal tática no romance em todas as objeções que o protagonista fez durante o tratamento e não comunicou ao doutor S., mas citaremos apenas dois trechos nos quais é explicitamente mencionado que a objeção não foi informada. O primeiro trecho relata o que ocorre quando Zeno conta ao psicanalista as suas observações sobre as cores, nas quais consegue ver no céu uma cor diferente da original:

> Il dottore mi saldò dicendomi che io avevo la rètina più sensibile causa la nicotina. Quasi mi sarei lasciato scappar detto che in allora anche le immagini, che noi avevamo attribuite a riproduzioni di avvenimenti della mia gioventù, potevano invece esser derivate dall’effetto dello stesso veleno. Ma così gli avrei rivelato che non ero guarito ed egli avrebbe cercato d’indurmi a ricominciare la cura da capo.[302]

O segundo trecho apresenta a objeção do protagonista à concordância do doutor S. com Ada quanto à sua ausência no funeral de Guido: “Non ricordò ch’io ero allora intento nella mia opera d’amore di salvare il patrimonio di Ada, né io mi degnai di ricordarglielo”.[303]

Após abandonar o tratamento, o próprio Zeno descreve a relação com o psicanalista de tal modo que comprova a grande importância da tática mencionada:

> Ogni sincerità fra me e il dottore era sparita ed ora respiro. Non m’è più imposto alcuno sforzo. Non debbo costringermi ad una fede né ho da simulare di averla. Proprio per celare meglio il mio vero pensiero, credevo di dover dimostrargli un ossequio supino e lui ne approfittava per inventarne ogni giorno di nuove.[304]

Há também aquela forma de resistência cuja superação Freud considera que “está entre os problemas técnicos mais difíceis”.[305] É a transferência, negativa ou positiva (esta só opera como uma forma de resistência em certas condições), que já conceituamos na introdução deste trabalho. Eis uma apresentação detalhada que Freud faz da transferência negativa:

---

[301] FREUD, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, op. cit., p. 341.

[302] SVEVO, *Romanzi e “continuazioni”*, op. cit., p. 1058. O doutor acabou logo com a história, dizendo que minhas retinas eram hipersensíveis por causa da nicotina. Quase deixei escapar que, neste caso, até as imagens que atribuíramos a acontecimentos de minha juventude também podiam perfeitamente ser derivadas dos efeitos desse veneno. Assim, porém, lhe revelaria não estar curado e ele quereria induzir-me a recomeçar o tratamento desde o princípio (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 398).

[303] Ibid., p. 1060. Não percebeu que eu estava então entregue à minha obra de amor para salvar o patrimônio de Ada, nem me dignei recordar-lhe isto (Ibid., p. 400).

[304] Ibid., p. 1049. Toda a sinceridade entre o doutor e mim havia desaparecido e hoje respiro aliviado. Nenhum esforço me é mais imposto. Não devo estar constrito a uma fé nem preciso simular que a tenha. Com o propósito de melhor ocultar meu pensamento, acreditava dever demonstrar-lhe um respeito servil, e ele se aproveitava disto para inventar todos os dias novas tramas (Ibid., p. 390).

[305] FREUD, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, op. cit., p. 342.

> Se o paciente é um homem [único caso que nos interessa neste trabalho], geralmente extrai este material de sua relação com seu pai, em cujo lugar coloca o médico, e dessa forma constrói resistências que surgem a partir de seu esforço de se tornar independente, em si próprio e em suas opiniões, a partir de sua ambição, cujo objetivo primeiro consistia em fazer as coisas tão bem como seu pai, ou superá-lo; ou a partir de sua aversão a se endividar, pela segunda vez na vida, com uma carga de gratidão. Assim, às vezes, tem-se a impressão de que o paciente substituiu inteiramente sua melhor intenção de pôr um fim à doença, pela intenção alternativa de negar que o médico tenha razão, de fazer com que este reconheça sua impotência e de triunfar sobre ele.[306]

Identifiquemos as principais formas pelas quais se manifesta a transferência negativa de Zeno. A manifestação mais direta é o uso de um termo ofensivo para se referir ao doutor S., por exemplo, em "quel bestione".[307]

Outra manifestação da transferência negativa é o modo como Zeno enfatiza o efeito ridículo das mentiras que conta ao crédulo psicanalista. Assim, na citação a seguir, o ridículo é enfatizado pela qualificação de observador profundo e pelas teorias fabricadas mesmo a partir de uma mentira: "In quel momento ricordai che fra le tante bugie che avevo propinate a quel profondo osservatore ch'era il dottor S., c'era anche quella ch'io non avessi più tradita mia moglie dopo la partenza di Ada. Anche su questa bugia egli fabbricò le sue teorie".[308]

A ênfase no efeito ridículo das mentiras também aparece no trecho no qual o doutor S. confessa que ficou impressionado com a força da emoção que o protagonista sente nos sonhos que teve durante as sessões. A princípio, não haveria nenhum problema com essa confissão, dado que, como comentamos no início deste capítulo, a intensidade emocional é uma característica previsível nessa situação. O efeito ridículo surge porque um dos sonhos em questão é inteiramente simulado por Zeno e é enfatizado quando ele confirma que as emoções provocadas por tais sonhos estão entre as mais profundas da sua vida, ainda que aquela do sonho simulado provenha do esforço para criá-lo, deixando o seu criador encharcado de suor, e não de lágrimas.

Outra manifestação da transferência negativa surge do seguinte contraste: por um lado, o doutor S. se revela incapaz de perceber as mentiras do paciente e a sua rejeição da avaliação clínica em virtude da resistência; por outro lado, o psicanalista se mostra confiante nos supostos avanços feitos no tratamento. O resultado desse contraste

---

[306] Ibid., p. 342.

[307] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1058. o idiota (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 398).

[308] Ibid., p. 1066. Naquele momento, recordei que, entre tantas mentiras que preguei ao profundo observador que era o dr. S., havia também a de que eu não traíra mais minha mulher depois da partida de Ada. Até sobre essa mentira ele fabricou as suas teorias (Ibid., p. 405).

é que Zeno considera o psicanalista uma pessoa ridícula dominada pela presunção e o orgulho. O melhor exemplo desse caso de transferência negativa é o final do episódio da desastrada tentativa de curar o protagonista do comportamento patológico em relação ao cigarro. Omitindo a crise de bronquite crônica, Zeno simplesmente diz ao doutor S. que fumou muito e que não se importa mais com isso. Eis como termina o relato do episódio: "Il dottore mi guardò sorridendo e io indovinai che il petto gli si gonfiava dall'orgoglio. Con calma riprese la mia rieducazione! Procedeva con la sicurezza di veder fiorire ogni zolla su cui poneva il piede".[309] Depois de abandonar o tratamento, o narrador sustenta uma avaliação que é uma generalização do caso recém-citado: "come potevo sopportare la compagnia di quell'uomo ridicolo, con quel suo occhio che vuole essere scrutatore e quella sua presunzione che gli permette di aggruppare tutti i fenomeni di questo mondo intorno alla sua grande, nuova teoria?".[310]

Como última manifestação da transferência negativa mencionemos a intensa rejeição de Zeno ao mero pensamento de rever o doutor S. depois de já ter começado a tentar outros tratamentos. Assim, depois de consultar um médico na primeira dessas tentativas, nem a possibilidade de zombar do psicanalista vence o desgosto de revê-lo: "Ma di quell'individuo ne avevo avuto abbastanza e non volevo rivederlo neppure per deriderlo".[311] Da mesma maneira, mesmo quando finalmente decide que não retomará a terapia, o paciente continua a descartar o riso; pelo contrário, cogita tornar física a hostilidade pelo doutor S.: "Se fossi ben sicuro di saper ridere di lui senz'adirarmi, sarei anche capace di rivederlo. Ma ho paura che finirei col mettergli le mani addosso".[312]

Finalizemos a análise da resistência de Zeno e da segunda etapa das sessões de psicanálise com mais dois exemplos de resistência intelectual, que se destacam por abordarem os próprios conceitos freudianos que lidam com as dificuldades da relação entre paciente e psicanalista.

O primeiro desses exemplos de resistência intelectual consiste em usar a própria noção de resistência como base para uma comparação desfavorável da

---

[309] Ibid., p. 1059. O médico olhou-me sorridente e advinhei que seu peito se inflava de orgulho. Retomou com calma a minha reeducação! Procedia com a segurança de ver florir cada torrão sobre o qual punha o pé (Ibid., p. 399).

[310] Ibid., p. 1049. [...] como poderia suportar a companhia daquele homem ridículo, com um olhar que se pretendia escrutador e uma presunção que lhe permite agrupar todos os fenômenos deste mundo em torno de sua grande e nova teoria (Ibid., p. 390)?

[311] Ibid., p. 1063. Mas já estava farto daquele indivíduo e não queria revê-lo nem mesmo para gozá-lo (Ibid., p. 402).

[312] Ibid., p. 1048. Se estivesse bastante seguro de poder rir dele sem me irritar, seria até capaz de voltar a vê-lo. Tenho medo, porém, de chegar às vias de fato (Ibid., p. 389).

psicanálise, na qual quem é observado tenta enganar o observador, em relação a uma ciência amplamente reconhecida, a química:

> Ecco finalmente una vera analisi e non più una psico-analisi. Mi ricordai con simpatia e commozione del mio passato lontano di chimico e di analisi vere: Io, un tubetto e un reagente! L'altro, l'analizzato, dorme finché il reagente imperiosamente non lo desti. La resistenza nel tubetto non c'è o cede alla minima elevazione della temperatura e la simulazione manca del tutto. In quel tubetto non avveniva nulla che potesse ricordare il mio comportamento quando per far piacere al dottor S. inventavo nuovi particolari della mia infanzia che dovevano confermare la diagnosi di Sofocle. Qui, invece, tutto era verità.[313]

O segundo exemplo de noção aproveitada pela resistência intelectual é a contratransferência. Encontramos uma sugestão dessa noção após Zeno chamar a avaliação clínica de edifício de acusações e suspeitas: "Chissà perché si sia preso di tale odio per me? Anche lui dev'essere un istericone che per aver desiderata invano sua madre se ne vendica su chi non c'entra affatto".[314] No momento no qual é escrita, a sugestão é infundada, mas, como analisamos na introdução, há contratransferência no prefácio escrito pelo doutor S., de modo que a sua última participação, em termos cronológicos, expõe mais essa falha como psicanalista.

Como o doutor S. não trata a resistência do protagonista, a consequência é que este deixa de comparecer às sessões de psicanálise. Assim, terminaremos a análise da primeira seção do diário estudando as primeiras reações de Zeno depois de interromper a terapia. O ponto de partida para esse estudo é observar que o abandono das sessões por Zeno não implica que ele saiu incólume do tratamento, o que é anunciado já nas primeiras frases do capítulo final: "L'ho finita con la psico-analisi. Dopo di averla praticata assiduamente per sei mesi interi sto peggio di prima".[315] Há, na verdade, um duplo aspecto em tal piora, que Moloney destaca: "Zeno ora attribuisce la sua malattia alla cura, il che può essere una mezza verità interessante, dato che nel corso di

---

[313] Ibid., p. 1062. Era finalmente uma análise de fato, não uma psicanálise. Recordei-me com emoção e simpatia de meu remoto passado de químico a fazer análises semelhantes: eu, um tubo de ensaio e um reagente! O outro, analisado, dorme até o momento em que o reagente irá imperiosamente despertá-lo. Não existe resistência no interior do tubo ou, pelo menos, ela cede à menor elevação da temperatura; também não há lugar para simulações. Naquele tubo nada ocorria que pudesse recordar minha atitude de agradar o dr. S., inventando novos pormenores de minha infância, que iriam confirmar o diagnóstico de Sófocles. Aqui, ao contrário, tudo era autêntico (Ibid., pp. 401-402).

[314] Ibid., p. 1061. Quem sabe o motivo de me votar tamanho ódio? Decerto não passava de um grande histérico que, tendo desejado a mãe em vão, se vingava em quem nada tinha a ver com isso (Ibid., pp. 400-401).

[315] Ibid., p. 1048. Acabei com a psicanálise. Depois de havê-la praticado assiduamente durante três [*sic*] meses inteiros, sinto-me pior do que a princípio (Ibid., p. 389).

un'analisi il paziente tende a sentirsi peggio prima di sentirsi meglio".[316] É exatamente esse duplo aspecto que encontramos no relato do reencontro de Zeno com o psicanalista, no qual este fala de mudança como aproximação da saúde, mas aquele pensa nela como o surgimento de novas doenças:

> - Se lei esamina il suo animo, lo troverà mutato. Vedrà che ritornerà subito a me solo che s'accorga come io seppi in un tempo relativamente breve avvicinarla alla salute.
> Ma io, in verità, credo che col suo aiuto, a forza di studiare l'animo mio, vi abbia cacciato dentro delle nuove malattie.[317]

Abordaremos em que medida a psicanálise mudou Zeno no sentido de melhorar a sua condição quando examinarmos a segunda seção do diário, pois só então tal questão é efetivamente desenvolvida no romance. A presente etapa da análise contemplará as reações do protagonista ao que entende como novas aflições produzidas pelo tratamento.

Para compreendermos as reações de Zeno, verifiquemos o que exatamente ele chama de "novas doenças". A identificação delas é feita na primeira menção que ele faz à intenção de abandonar as sessões: "Finì che mi sentii molto stanco di quella lotta che dovevo sostenere col dottore ch'io pagavo. Credo che anche quei sogni non m'abbiano fatto bene, eppoi la libertà di fumare quanto volevo finì com l'abbattermi del tutto".[318]

A liberdade para fumar permite esclarecer a primeira reação de Zeno, que é recorrer a médicos: seja pessoalmente, no caso do doutor Paoli, seja pela produção teórica, no caso do livro sobre neurastenia do doutor Beard. Retomemos sucintamente a situação na qual o protagonista recorreu a médicos pela primeira vez. Conforme analisamos no capítulo anterior ao examinar a repetição oscilatória oriunda da prescrição médica para parar de fumar, surge uma disputa entre fumar e deixar de fumar, que também se estabelece como uma oposição entre a doença e a saúde. Tal como recorremos a médicos para tratarmos de doenças, Zeno também recorre a eles para não fumar mais. Encontramos essa situação duas vezes no capítulo do romance

---

[316] MOLONEY, *Italo Svevo narratore. Lezioni triestine*, op. cit., p. 89. Agora Zeno atribui a sua doença ao tratamento, o que pode ser uma meia-verdade interessante, dado que, no curso de uma análise, o paciente tende a se sentir pior antes de se sentir melhor (tradução nossa).

[317] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1064. - Se o senhor examinar seu espírito há de encontrá-lo mudado. Verá que retornará aos meus cuidados, tão logo se aperceba de como eu consegui em tempo relativamente curto aproximá-lo da saúde perfeita.
Eu, na verdade, creio que com sua ajuda, à força de estudar minha alma, acabaria por meter-lhe dentro novas enfermidades (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 403).

[318] Ibid., p. 1061. Acabei por me sentir muito cansado da luta que era obrigado a manter com o médico a quem pagava. Creio que mesmo aqueles sonhos não me haviam feito bem, e a liberdade de fumar quando bem quisesse acabou por dar cabo de mim (Ibid., p. 401).

dedicado ao vício: o tratamento com o médico que emprega eletricidade para curar doenças nervosas e a internação na clínica do doutor Muli.

A principal diferença entre a situação original e a do último capítulo é o ponto de partida: enquanto naquela a cura de uma doença exigia a abstenção absoluta de fumar, nesta o psicanalista libera Zeno para fumar o quanto quiser. Isso é incapaz de provocar qualquer alteração na repetição oscilatória dos cigarros, mas traz uma mudança importante na relação do protagonista com a psicanálise: buscada por ser uma terapia, passa a ser entendida como uma doença. Logo, não é nenhum acaso que Zeno conclua que as sessões de psicanálise tenham lhe causado novas doenças. Além disso, o objetivo mais importante das consultas médicas não é parar de fumar, mas de fazer terapia com o doutor S; nesse sentido, é bem instrutivo o paralelo textual entre os relatos das consultas com o médico que emprega eletricidade e com o doutor Paoli, cujos trechos citamos respectivamente a seguir:

> [...] correvo a quelle sedute nella speranza di convincere il dottore a proibirmi il fumo. Chissà come sarebbero andate le cose se allora fossi stato fortificato nei miei propositi da una proibizione simile.[319]
> Ero salito da lui [Paoli] col proposito di domandargli se credeva dovessi continuare la psico-analisi. [...] se il Paoli m'avesse proibita la psico-analisi, la mia posizione sarebbe stata semplificata di molto.[320]

A busca deliberada por uma proibição médica é uma repetição dentro da história clínica do protagonista, mas encontramos uma estratégia análoga na elaboração terapêutica de Freud como uma das manifestações de uma forma de resistência que ainda não mencionamos (o modo como é construído o texto citado torna-se mais compreensível se tivermos em mente que se trata do término do trecho da conferência no qual foram apresentadas as várias formas assumidas pela resistência):

> Se os senhores refletirem também que o paciente transforma todos os eventos casuais, ocorrentes durante a análise, em interferências no tratamento; que ele utiliza, como motivo para afrouxar seus esforços, todo acontecimento pertubador externo à análise, todo comentário feito por uma pessoa ou autoridade, em seu ambiente, hostil à psicanálise, toda doença orgânica eventual [...] terão obtido uma imagem aproximada, embora ainda incompleta, das formas e dos métodos da resistência.[321]

---

[319] Ibid., p. 636. [...] corria ao consultório na esperança de convencer o médico a me proibir de fumar. Quem sabe as coisas tomariam outro rumo se meus propósitos fossem fortificados por uma tal proibição (Ibid., p. 22)?

[320] Ibid., pp. 1061-1062. Fui ao seu consultório [Paoli] com o propósito de perguntar se eu devia continuar as sessões de psicanálise. [...] se o dr. Paoli me tivesse proibido a psicanálise, minha posição ficaria bastante simplificada (Ibid., p. 401).

[321] FREUD, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, op. cit., p. 343.

Assim, o que Zeno faz de modo deliberado equivale ao aproveitamento, indicado na citação, de comentários hostis à psicanálise. Além disso, mantivemos outra manifestação da mesma forma de resistência na citação – a doença orgânica eventual –, pois ela aparece no mesmo episódio e, ao contrário da busca por uma proibição médica, está desvinculada das deliberações do protagonista. Estamos nos referindo à suspeita de diabete, à qual Zeno reage intensamente (ainda que o próprio doutor Paoli diga não acreditar nessa suspeita):

> Io, intanto, me ne andai glorioso, carico di diabete. [...]
> Devo confessare che il diabete fu per me una grande dolcezza. [...]
> Io amavo la mia malattia. Ricordai con simpatia il povero Copler che preferiva la malattia reale all'immaginaria. Ero oramai d'accordo con lui. La malattia reale era tanto semplice: bastava lasciarla fare. Infatti, quando lessi in un libro di medicina la descrizione della mia dolce malattia, vi scopersi come un programma di vita (non di morte!) nei varii suoi stadii. Addio propositi: finalmente ne ero libero. Tutto avrebbe seguito la sua via senz'alcun mio intervento.[322]

Ainda que a proibição médica seja muito mais assertiva a fim de evitar o retorno para as sessões de psicanálise, a mera suspeita de estar com diabete já é suficiente para Zeno ser tomado pela convicção de estar realmente doente e de que deverá dedicar-se completamente à doença, fornecendo justamente o motivo procurado para manter-se afastado das sessões. Assim, não é por acaso que, quando Paoli lhe diz que ele não é diabético, Zeno receba a notícia como se alguém cujo apoio lhe fosse de grande importância tivesse partido: "Protestai, ma non gli dissi che ora che il diabete m'aveva abbandonato mi sentivo molto solo. Non m'avrebbe creduto".[323]

Além disso, mais uma vez o romance liga as tentativas para abandonar a psicanálise com aquelas para parar de fumar. Dessa vez, a ligação consiste na menção a propósitos no final da penúltima citação, dado que nenhum propósito é mais invocado por Zeno do que o de abandonar esse hábito. A ligação assinalada é fácil de entender desde que observemos que a função da diabete, explicitada no parágrafo anterior, é a de deslocamento da motivação para fora do sujeito, cujo principal exemplo no romance são

---

[322] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1063. Eu, no entanto, saí do consultório glorioso, carregado de diabete. [...]
Devo confessar que o diabete foi para mim de uma grande doçura. [...]
Eu amava a minha doença. Recordei com simpatia o pobre Copler que preferia a doença real à imaginária. Agora, concordava com ele. A doença real era tão simples: bastava deixá-la agir. De fato, quando li num livro de medicina a descrição de minha doce enfermidade, descobri um programa de vida (não de morte!) em seus vários estágios. Adeus propósitos: era finalmente livre. Tudo seguiria o seu destino sem a minha intervenção (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 402).

[323] Ibid., p. 1063. Protestei, mas sem lhe revelar, agora que o diabete me havia abandonado, que eu me sentia muito sozinho. Não acreditaria em mim (Ibid., p. 403).

os últimos cigarros, conforme examinamos no capítulo anterior. Da mesma maneira, Zeno também retoma o registro manuscrito que destacamos na análise das datas dos últimos cigarros, conforme podemos identificar quando ele está se tratando segundo os conselhos do doutor Beard: "cambiai di medicina ogni otto giorni con le sue ricette che copiai con scrittura chiara".[324]

Assim, o cigarro é o elemento central da primeira reação do protagonista após interromper as sessões de psicanálise: para se curar de uma das "novas doenças", a liberdade de fumar, e, portanto, para que lhe seja proibida a própria terapia que lhe concede essa liberdade, Zeno volta a recorrer aos médicos, uma das suas principais estratégias para tentar parar de fumar. Por sua vez, a segunda reação do protagonista busca curá-lo da outra "nova doença": trata-se dos sonhos, que, conforme citamos, ele acha que não lhe fizeram bem. Mais uma vez a reação de Zeno é baseada numa conduta passada: assim como a escrita da sua autobiografia foi iniciada como recusa de ficar a sonhar na poltrona (comentamos isso no início do segundo capítulo), ele busca se afastar das revelações indesejadas contidas nos sonhos obtidos durante as sessões por meio do controle racional favorecido pela escrita e começa a escrever o diário, ou seja, o capítulo derradeiro do romance. A capacidade de distorção da escrita é até mesmo abordada no começo do diário:

> Da un anno non avevo scritto una parola, in questo come in tutto il resto obbediente alle prescrizioni del dottore il quale asseriva che durante la cura dovevo raccogliermi solo accanto a lui, perché un raccoglimento da lui non sorvegliato avrebbe rafforzati i freni che impedivano la mia sincerità, il mio abbandono. [...] Almeno sono sicuro che questo è il vero sistema per ridare importanza ad un passato che più non duole e far andare via più rapido il presente uggioso.
> [...] Scriverò intanto sinceramente la storia della mia cura.[325]

Desse modo, não é por acaso que o capítulo inicia pelo anúncio de que Zeno se sente pior depois das sessões e decidiu abandoná-las, conforme a citação que usamos como ponto de partida para estudar as primeiras reações de Zeno após interromper a terapia. Além disso, o próprio diário aborda a escrita como reação ao tratamento psicanalítico: "dopo lo scoppio della guerra, ci si annoia più di prima e, per rimpiazzare

---

[324] Ibid., p. 1064. [...] trocava de medicação a cada semana, segundo as suas receitas, que copiei com letra bem legível (Ibid., p. 403).

[325] Ibid., pp. 1048-1049. Havia um ano que não consignava nenhuma palavra aqui, nisto como em tudo o mais seguindo obedientemente as recomendações do médico, que achava indispensável durante o tratamento fossem as minhas reflexões feitas ao seu lado, pois sem a sua vigilância eu estaria reforçando os freios que impediam a minha sinceridade, a minha entrega. [...] Pelo menos estou seguro de que este é o verdadeiro sistema de reatribuir importância a um passado que já não dói e expulsar o mais rápido possível o tedioso presente.
[...] Por isso escreverei sinceramente a história de minha cura (Ibid., pp. 389-390).

la psico-analisi, io mi rimetto ai miei cari fogli. [...] mi trovo squilibrato e malato più che mai e, scrivendo, credo che mi netterò più facilmente del male che la cura m'ha fatto".[326]

Outro elemento recuperado da recusa de ficar a sonhar na poltrona é a escrita como afastamento da condição de entrega, muito mais favorável à associação livre de ideias. Inicialmente representada pela poltrona, essa condição surge no diário como a ociosidade e o tédio provocados pela guerra. Isso aparece nas duas últimas citações e, em ambas, a escrita é indicada como alternativa ao tédio. Encontramos a mesma articulação entre esses elementos na terceira seção do diário, quando a guerra já chegou a Trieste: "Non vi ho niente da fare [...] portai con me in ufficio questo manoscritto che potrebbe farmi passar meglio il lungo tempo".[327]

Resulta das nossas considerações que o protagonista, paciente do doutor S., torna-se o narrador que abandona o tratamento para resistir a ele escrevendo o que viveu na terapia. Há um duplo aspecto nessa transformação. Por um lado, há continuidade e reforço, pois a resistência já atuava plenamente no protagonista desde que recebeu o diagnóstico do complexo de Édipo. Por outro lado, há ruptura em virtude da ação retrospectiva da resistência mesmo quanto ao que é relatado sobre as sessões anteriores ao diagnóstico.

Quanto ao primeiro aspecto, ele já foi abordado quando analisamos as principais formas pelas quais se manifesta a resistência de Zeno, na medida em que, no geral, citamos exemplos em ambas as situações, ou seja, não só nas quais ele é protagonista, mas também nas quais é narrador. Não houve a necessidade de distingui-las justamente porque servem para Zeno como continuidade da resistência iniciada na terapia. Façamos apenas a ressalva de que há manifestações que só fazem sentido para o protagonista, como a de ocultar a própria resistência do psicanalista, já que, a princípio, o diário é destinado apenas para aquele mesmo que o escreve.

Quanto ao segundo aspecto, o narrador busca desqualificar o principal resultado da primeira etapa das sessões, os sonhos da infância de Zeno, tanto desautorizando a crença que o protagonista havia colocado neles quanto diminuindo a sua importância. É assim que, na citação que usamos há pouco, por abordar a

---

[326] Ibid., p. 1048. [...] depois que rebentou a guerra, a vida é mais enfadonha do que antes e, para me recompensar da psicanálise, volto-me novamente aos meus caros escritos. [...] acho-me mais desequilibrado e enfermo do que nunca e, escrevendo, creio que me livrarei mais facilmente do mal que a cura me provocou (Ibid., p. 389).

[327] Ibid., p. 1070. Não tenho muito o que fazer [...] trouxe comigo para o escritório este manuscrito, que pode ajudar-me a passar o tempo sem fim (Ibid., p. 409).

capacidade de distorção da escrita, lemos que, para o narrador, escrever reatribui importância a um passado que já não dói, mas o protagonista ficava encharcado de lágrimas com os sonhos propiciados pelas sessões e tentou obter, mesmo sem a ajuda do psicanalista, mais rosas de maio, como ele chama as imagens da infância trazidas por esses sonhos.

Como já tratamos no segundo capítulo deste trabalho dos diversos modos pelos quais Zeno põe em dúvida cada um dos seus sonhos ao analisar as suas reações a eles, nos limitaremos a destacar duas passagens nas quais o narrador desautoriza os sonhos em termos que valem para qualquer um deles:

> È così che a forza di correr dietro a quelle immagini, io le raggiunsi. Ora so di averle inventate. Ma inventare è una creazione, non già una menzogna. [...] A forza di desiderio, io proiettai le immagini, che non c'erano che nel mio cervello, nello spazio in cui guardavo [...].
> Quando arrivai al torpore che doveva facilitare l'illusione [...], credetti che quelle immagini fossero delle vere riproduzioni di giorni lontani. Avrei potuto sospettare subito che non erano tali perché, appena svanite, le ricordavo, ma senz'alcun'eccitazione o commozione. Le ricordavo come si ricorda il fatto raccontato da chi non vi assistette. Se fossero state vere riproduzioni avrei continuato a riderne e a piangerne come quando le avevo avute. E il dottore registrava. Diceva: "Abbiamo avuto questo, abbiamo avuto quello". In verità, noi non avevamo più che dei segni grafici, degli scheletri d'immagini.[328]
> Ma chi può arrestare quelle immagini quando si mettono a fuggire traverso quel tempo che giammai somigliò tanto allo spazio? Quest'era il mio concetto finché credetti nell'autenticità di quelle immagini! Ora, purtroppo (oh! quanto me ne dolgo!) non ci credo più e so che non erano le immagini che correvano via, ma i miei occhi snebbiati che guardavano di nuovo nel vero spazio in cui non c'è posto per fantasmi.[329]

A renúncia do narrador à crença do protagonista nos sonhos obtidos durante as sessões traz duas consequências cruciais. Como renúncia da única crença produzida pela terapia, determina o julgamento sobre o próprio tratamento:

> Se le ore di raccoglimento presso il dottore, avessero continuato ad essere interessanti apportatrici di sorprese e di emozioni, non le avrei abbandonate

---

[328] Ibid., pp. 1050-1051. Foi assim que, à força de correr atrás daquelas imagens, eu as alcancei. Sei agora que foram inventadas. Inventar, porém, é uma criação, não uma simples mentira. [...] À força de desejo, projetei as imagens, que existiam apenas em meu cérebro, no espaço em que as guardava [...].
Quando atingi o torpor que deveria facilitar a ilusão [...], acreditei que as imagens fossem verdadeiras reproduções dos dias longínquos. Teria podido suspeitar logo de que não eram assim, pois, mal desvaneciam, eu as recordava, só que sem qualquer excitação ou comoção. Recordava-as como nos recordamos dos fatos que nos são contados por alguém que não os tenha presenciado. Se fossem verdadeiras reproduções, teria continuado a rir delas e a chorá-las, como no instante em que as tivera. E o doutor registrava. Dizia: "Conseguimos isto, conseguimos aquilo". Na verdade, não havíamos obtido mais que signos gráficos, esqueletos de imagens (Ibid., pp. 391-392).

[329] Ibid., pp. 1054-1055. Quem pode deter essas imagens quando começam a fugir através de um tempo que jamais foi tão semelhante ao espaço? Tal era o conceito que dele tinha, quando acreditava na autenticidade daquelas imagens! Agora, infelizmente (oh! quanto o lamento!), não creio mais nelas e sei que não eram as imagens que fugiam, mas os meus olhos enevoados, abertos de novo para o verdadeiro espaço em que não há lugar para fantasmas (Ibid., p. 395).

> [...]. Ma ora che sapevo tutto, cioè che non si trattava d'altro che di una sciocca illusione, un trucco buono per commuovere qualche vecchia donna isterica[330]

A outra consequência é que a renúncia obtida por meio do diário prepara o cumprimento do desígnio da escrita como "cura" dos sonhos, entendidos como "nova doença" por Zeno. De fato, se a resistência teve o poder de sobrepujar a influência exercida pelos sonhos obtidos durante as sessões sobre Zeno, que tanta impressão causaram nele, dificilmente haverá algum obstáculo capaz de se manter imune a esse poder. Assim, a escrita da primeira data do diário termina de modo extremamente apropriado com o cumprimento do seu desígnio por meio da resistência intelectual, resultando na conclusão de Zeno de que não só os sonhos, mas também outros fenômenos psíquicos involuntários, devem ser evitados devido ao seu grande poder de distração, que prejudicaria a atividade consciente a ponto de colocar em risco a própria sanidade mental:

> Sono intento a guarire della sua cura. Evito i sogni ed i ricordi. Per essi la mia povera testa si è trasformata in modo da non saper sentirsi sicura sul collo. Ho delle distrazioni spaventose. Parlo con la gente e mentre dico una cosa tento involontariamente di ricordarne un'altra che poco prima dissi o feci e che non ricordo più o anche un mio pensiero che mi pare di un'importanza enorme [...].
> Se non voglio finire al manicomio, via con questi giocattoli.[331]

Uma vez que terminamos a análise de como Zeno usa a escrita para "curar-se" dos seus sonhos, podemos nos dedicar a examinar como também a utiliza em uma extrema e reveladora reação a dois outros elementos críticos na sua terapia. O primeiro elemento são as confissões escritas por Zeno antes da primeira sessão de psicanálise. Elas são de grande importância para a terapia, pois as confissões e os sonhos são as duas fontes principais das quais se vale o doutor S. para conhecer o seu paciente.

Inicialmente, o próprio protagonista cogita simplesmente recuperar os escritos entregues ao psicanalista: "Avrei voluto pregarlo di restituirmi il mio manoscritto, ma

---

[330] Ibid., p. 1049. Se as horas de reflexão junto ao médico tivessem continuado a ser portadoras de surpresas e emoções interessantes não o teria abandonado [...]. Agora, no entanto, que conheço o tratamento, quando sei que não passa de uma tola ilusão, de um truque capaz de comover apenas solteironas histéricas (Ibid., p. 390).

[331] Ibid., pp. 1064-1065. Estou decidido a curar-me de seu tratamento. Evito os sonhos e as recordações. Por causa destes minha pobre cachola transformou-se de modo a já não se sentir segura sobre o pescoço. Padeço distrações terríveis. Falo com as pessoas e, enquanto digo uma coisa, tento involuntariamente lembrar-me de outra que pouco antes disse ou fiz e de que não me recordo mais, ou ainda algum pensamento que me parece de enorme importância [...].
Se não quiser parar no manicômio, tenho que acabar com essas brincadeiras (Ibid., pp. 403-404).

non osai; sarebbe equivaluto a confessargli che della cura non volevo più saperne".[332] Com esse fracasso, resta ao narrador desqualificar as próprias confissões, como já verificamos que fez com os sonhos; porém, as opções de desqualificação são ainda mais reduzidas, pois ele não pode descartá-las como meras ilusões, como no caso dos sonhos, dado que foram produzidas deliberadamente. Isso não o impede de continuar a apontar supostos defeitos no modo pelo qual ocorre a expressão; assim, o que Zeno escreveu forneceria uma noção enganosa da sua vida em razão da seleção baseada no contraste entre as suas competências linguísticas na fala do dialeto triestino e na escrita da língua italiana:

> Il dottore presta una fede troppo grande anche a quelle mie benedette confessioni che non vuole restituirmi perché le riveda. Dio mio! Egli non studiò che la medicina e perciò ignora che cosa significhi scrivere in italiano per noi che parliamo e non sappiamo scrivere il dialetto. Una confessione in iscritto è sempre menzognera. Con ogni nostra parola toscana noi mentiamo! Se egli sapesse come raccontiamo con predilezione tutte le cose per le quali abbiamo pronta la frase e come evitiamo quelle che ci obbligherebbero di ricorrere al vocabolario! È proprio così che scegliamo dalla nostra vita gli episodi da notarsi. Si capisce come la nostra vita avrebbe tutt'altro aspetto se fosse detta nel nostro dialetto.[333]

O narrador criou uma situação extrema: o uso que fez da capacidade de distorção da escrita atinge o ponto no qual se voltou contra ele próprio, pondo em risco a credibilidade, por mínima que seja, de tudo o que escreve, inclusive do diário no qual está o texto da última citação. Mesmo assim, ele retoma esse argumento linguístico para lidar com uma dificuldade – o segundo elemento crítico da terapia ao qual Zeno reage – que surge durante a etapa de reeducação conduzida pelo doutor S.:

> Pare che il dottore a proposito di Guido abbia fatte anche delle indagini. Egli asserisce che, scelto da Ada, egli non poteva essere quale io lo descrissi. Scoperse che un grandioso deposito di legnami, vicinissimo alla casa dove noi pratichiamo la psico-analisi, era appartenuto alla ditta Guido Speier & C. Perché non ne avevo io parlato?
> Se ne avessi parlato sarebbe stata una nuova difficoltà nella mia esposizione già tanto difficile. Quest'eliminazione non è che la prova che una confessione fatta da me in italiano non poteva essere né completa né sincera. In un deposito di legnami ci sono varietà enormi di qualità che noi a Trieste appelliamo con termini barbari presi dal dialetto, dal croato, dal tedesco e qualche volta persino dal francese (*zapin* p.e. e non equivale mica a *sapin*).

---

[332] Ibid., p. 1064. Queria pedir-lhe que me restituísse o manuscrito, mas não ousei, teria equivalido a confessar-lhe que eu não queria mais saber do tratamento (Ibid., p. 403).

[333] Ibid., p. 1050. O doutor confia tanto nas minhas benditas confissões que não quer nem mesmo devolvê-las para que as reveja. Meu Deus! Ele só estudou medicina; por isso não sabe o que significa escrever em italiano para nós que falamos (e não sabemos escrever) o dialeto. Uma confissão escrita é sempre mentirosa. Mentimos em cada palavra toscana que dizemos! Podemos falar com naturalidade das coisas para as quais temos frases prontas, mas evitamos tudo quanto nos obrigue a recorrer ao dicionário! Dessa mesma forma, escolhemos de nossa vida os episódios mais notáveis. Compreende-se que ela teria uma feição totalmente diversa se fosse narrada em dialeto (Ibid., p. 391).

> Chi m'avrebbe fornito il vero vocabolario? Vecchio come sono avrei dovuto prendere un impiego da un commerciante in legnami toscano? [...]
> Io proposi al dottore di prendere delle informazioni su Guido da mia moglie, da Carmen oppure da Luciano ch'è un grande commerciante noto a tutti. [334]

Para entendermos melhor a função desempenhada pelo argumento linguístico nesse trecho, precisamos destacar o que há de singular nesse momento do tratamento. Em contraste com a falta de qualquer esforço voltado a enfrentar a resistência de Zeno por parte do doutor S., essa passagem é a única em todo o tratamento na qual ele demonstra desconfiar da capacidade do paciente em colaborar com o processo de cura. De fato, ele não questiona Zeno imediatamente sobre possíveis problemas na descrição que este fizera de Guido. Por meio de indagações (pelo menos essa é a hipótese do narrador), ele descobre algo que o seu paciente não havia lhe contado. De qualquer modo, o que nos importa é que Zeno não é procurado para dirimir a dúvida a respeito de Guido. Assim, o doutor S. comete dois erros simétricos ao tratar o paciente: quando conduz o processo de cura sem combater a resistência, é de uma confiança ingênua na colaboração deste com a terapia; quando finalmente desconfia de tal colaboração, reage de modo extremo, recusando qualquer participação do doente.

Descoberta a omissão de Zeno, o psicanalista confronta-o diretamente, questionando-lhe o motivo desse comportamento. O protagonista reage evasivamente, propondo que o doutor S. descubra mais sobre Guido com outras pessoas, ou seja, que continue a fazer descobertas sem a participação do paciente. Obviamente, isso não dá nenhum indício para identificar o motivo da omissão mencionada.

Como o questionamento mencionado é o último relato sobre as sessões, fica a sugestão de que é o confronto direto para o qual o paciente não tem uma resposta para enganar o psicanalista com uma colaboração simulada que desencadeia a decisão de interromper o tratamento. De fato, a quebra de confiança torna o psicanalista um rival fora da repetição da relação com o pai, que é sempre velada sob um relacionamento

---

[334] Ibid., pp. 1060-1061. Parece que ele [o doutor S.] andou fazendo algumas indagações a propósito de Guido. Admitiu que, tornando-se o eleito de Ada, não podia ser como eu o descrevera. Descobriu que um imenso depósito de madeiras, vizinho à casa onde praticávamos a psicanálise, pertencia à firma Guido Speier & Cia. Por que eu não lhe falara sobre isto?
Se o tivesse feito, teria que enfrentar uma nova dificuldade na minha exposição já um tanto difícil. Esta omissão não passa de uma prova de que uma confissão feita por mim em italiano não podia ser nem completa nem sincera. Num depósito de madeiras há enorme variedade de espécies que nós em Trieste designamos por barbarismos tomados ao dialeto, ao croata, ao alemão e às vezes até ao francês (*zapin*, p. ex., nada tem a ver com *sapin*). Quem me forneceria o verdadeiro vocabulário? Velho como sou, conseguiria arranjar um emprego com um comerciante de madeiras toscano? [...]
Propus ao doutor que obtivesse informações sobre Guido através de minha mulher, de Carmen ou mesmo de Luciano, que era um grande comerciante conhecido de todos (Ibid., p. 400).

amistoso (essa característica se torna especialmente importante nas duas seções finais do diário, como analisaremos ainda neste capítulo) e, portanto, a transferência negativa passa a atuar para impedir o reencontro com o psicanalista, como comentamos há pouco. De qualquer maneira, quem socorre o protagonista na falha em explicar a omissão e, portanto, em resistir ao tratamento é, mais uma vez, o narrador, que a explica justamente como um caso concreto da seleção linguística que já havia apontado como uma causa da falsidade das suas confissões.

Por fim, consideremos melhor o que o episódio do depósito de madeiras aborda ao juntar as condutas pelas quais o doutor S. e Zeno demonstram desconfiança em relação à linguagem: aquele, pela descoberta da omissão nas confissões de um modo externo a elas e à conversa com o paciente; este, pela seleção linguística denunciada como uma causa de falsidade interna à própria linguagem. Já sabemos que o episódio não se esgota em tal desconfiança, pois a revelação da omissão não serve para vencer a resistência e curar o paciente, e a seleção linguística é, antes de tudo, um expediente para que o narrador desautorize as confissões. Na verdade, há uma inversão da perspectiva mais evidente no texto. Ora, a descoberta do psicanalista pode ser fruto de uma investigação deliberada ou ser meramente acidental, mas, de qualquer maneira, nada tem a ver com a psicanálise. Se a linguagem traz dificuldades – como no caso da seleção já mencionada –, o psicanalista não pode, enquanto utiliza exclusivamente as ferramentas da sua profissão, superá-las por meio do acesso aos elementos do mundo, estejam eles referidos ou não no relato de Zeno. Isso também vale para a própria leitura do romance, pois tampouco os leitores terão acesso a esses elementos, pois só chegam a saber o que Zeno conta. Inclusive, só por ele conhecem a descoberta do depósito, que poderia muito bem ser omitida sem que o leitor tivesse a menor pista disso. A falta de acesso ao mundo e a importância que a linguagem assume nessa condição são aspectos cruciais da terapia e da leitura do romance, reforçando a aproximação que fizemos entre o psicanalista e o leitor no segundo capítulo deste trabalho.

Assim, a primeira seção do diário tanto aborda a terapia psicanalítica de Zeno e as suas reações ao que entende como novas aflições produzidas pelo tratamento quanto é propriamente uma dessas reações, dado que é dirigida contra alguns dos novos males.

Introduziremos a análise da segunda seção do diário explicitando um aspecto do estado de Zeno após a interrupção do tratamento que ainda não abordamos diretamente e que é importante para examinarmos não só a segunda seção, mas também as demais: Zeno não está curado. Ainda que isso já seja indicado pelas suas primeiras

reações após interromper a terapia – principalmente por meio das repetições do protagonista e da intensa atuação da resistência no ato da escrita do diário –, há trechos mais diretos a esse respeito, como aquele no qual o narrador faz considerações baseadas no complexo de Édipo: "E non m'arrabbio neppure adesso che sono qui solo con la penna in mano. Ne rido di cuore. La miglior prova ch'io non ho avuta quella malattia risulta dal fatto che non ne sono guarito. Questa prova convincerebbe anche il dottore".[335] O argumento central da citação poderia ser verdadeiro em certas situações, mas não na de Zeno (além disso, há uma irônica suposição de que a prova convenceria o doutor S., pois alude ao fato de este pensar que basta transmitir o seu conhecimento sobre o material inconsciente ao paciente para curá-lo), na qual vale basicamente o raciocínio inverso: a melhor prova de que Zeno não está curado resulta da sua crença de que não teve a referida doença.

Além disso, antigos comportamentos patológicos continuam a ocorrer com o protagonista, como no caso das dores, registrado ainda no início do diário:

> Tanto fiduciosamente m'ero abbandonato al dottore che quando egli mi disse ch'ero guarito, gli credetti con fede intera e invece non credetti ai miei dolori che tuttavia m'assalivano. Dicevo loro: "Non siete mica voi!". Ma adesso non v'è dubbio! Son proprio loro! Le ossa delle mie gambe si sono convertite in lische vibranti che ledono la carne e i muscoli.[336]

Até mesmo o hábito de fumar, que havia sido tratado explicitamente pelo doutor S., retorna à condição anterior, ou seja, às tentativas de parar de fumar, como é registrado no início da segunda seção do diário: "Sono riuscito finalmente di ritornare alle mie dolci abitudini, e a cessar di fumare. Sto già molto meglio dacché ho saputo eliminare la libertà che quello sciocco di un dottore aveva voluto concedermi".[337]

Ainda assim, o tratamento não foi um completo fracasso, o que é a principal novidade da segunda seção do diário. Examinaremos essa seção abordando o surgimento dessa novidade e como ela se relaciona com a doença de Zeno, que, como explicitamos, permanece de várias maneiras. Faremos isso em duas etapas: começaremos pelo episódio de Teresina – jovem camponesa que o protagonista

---

[335] Ibid., p. 1049. E não me irrita nem mesmo agora, quando estou aqui sozinho, com esta pena à mão. Rio-me satisfeito. A melhor prova de que eu não tinha aquela doença decorre do fato de não estar curado. Esta prova convenceria inclusive o doutor (Ibid., p. 390).

[336] Ibid. pp. 1048-1049. Tal era a confiança com que havia entregue ao doutor que, quando ele me declarou curado, acreditei piamente nisto em vez de acreditar nas dores que continuavam a me achacar. Dizia a elas: "Vocês não estão aí coisa nenhuma!". Agora, porém, já não há dúvida! São elas mesmas! Os ossos de minha perna se converteram em feixes vibrantes que lesam a carne e os músculos (Ibid., pp. 389-390).

[337] Ibid., p. 1065. Consegui finalmente retornar aos meus doces hábitos e deixar de fumar. Estou muito melhor desde que consegui eliminar a liberdade que o tolo do médico me queria conceder (Ibid., p. 404).

encontra por acaso –, pois nos permite uma abordagem inicial mais clara, e depois trataremos da parte anterior ao episódio.

Para introduzirmos a análise do episódio de Teresina, citemos uma observação sobre ele que consideramos especialmente pertinente: "In questione non è il rapporto con la moglie ma con il proprio desiderio sessuale".[338] Exporemos justamente em que medida o desejo sexual de Zeno subordina os demais aspectos dos parágrafos envolvidos no relato do encontro com Teresina.

O episódio começa quando o protagonista lembra que continuou a trair a esposa mesmo depois da partida da Ada – como sabemos, uma das suas repetições patológicas – e nota, surpreso, que não trai há dias, talvez desde o abandono da terapia: "improvvisamente, con spavento, ricordai ch'era vero che da qualche giorno, forse dacché avevo abbandonata la cura, io non avevo ricercata la compagnia di altre donne. Che fossi stato guarito come il dottor S. pretende?".[339] A mudança é surpreendente, bem como o fim do trecho citado, no qual Zeno supõe que ela comprovaria que o psicanalista o haveria curado, pois é um raciocínio para o qual não temos nenhum motivo para pensar que seria ratificado pelo doutor S., até mesmo porque sabemos que acredita na mentira que o paciente lhe conta (o fim das traições após Ada partir, o que foi muito antes da terapia) a ponto de fabricar teorias a partir dela. É um indício de que não devemos confundir a mudança com a consciência que Zeno tem dela. Comecemos por entender qual é o elemento de ligação entre ambos.

A avaliação que Zeno faz da interrupção das traições retoma uma conduta passada, tal como foi o caso das primeiras reações de Zeno após interromper a terapia. Encontramos a conduta em questão no relato de uma consulta com um médico para parar de fumar, tanto no jovem protagonista quanto no narrador que faz um vatícinio corroborando a velha opinião:

> Gli raccontai della mia miseria con le donne. Una non mi bastava e molte neppure. Le desideravo tutte! [...]
> - La mia eccitazione non è la buona, - urlavo io. - Proviene dal veleno che accende le mie vene! [...]
> Oggi so con certezza ch'egli non sapeva proprio niente del civettare. Ne ho cinquantasette degli anni e sono sicuro che se non cesso di fumare o che la psico-analisi non mi guarisca, la mia ultima occhiata dal mio letto di morte sarà l'espressione del mio desiderio per la mia infermiera, se questa non sarà

---

[338] GUIDOTTI, Angela. *Zeno e i suoi doppi: le commedie di Svevo*. 2. ed. Pisa: ETS, 1990, p. 195. Não está em questão o relacionamento com a esposa, mas com o próprio desejo sexual (tradução nossa).

[339] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1066. [...] de repente, com surpresa recordei ser verdade que, desde há alguns dias, talvez desde aquele em que abandonara o tratamento, eu não tinha procurado a companhia de outras mulheres. Estaria curado como pretendia o dr. S. (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 405)?

mia moglie e se mia moglie avrà permesso che sia bella![340]

Como podemos notar nos trechos citados, Zeno, tanto jovem e solteiro ainda quanto já velho – embora antes de iniciar as sessões com o doutor S. –, considera o seu desejo por várias mulheres não só como manifestação da sua doença, mas também o associa ao tabagismo numa relação de causa e efeito. Não é por acaso que esses trechos estejam no capítulo dedicado ao fumo, pois as associações feitas por Zeno são ainda desdobramentos do conflito entre parar de e continuar a fumar, segundo o qual o ato de fumar – conforme analisamos no capítulo anterior – passa a ser incondicionalmente uma doença e, no contexto do triângulo edipiano, um representante do desejo recalcado pela mãe.

Assim, a associação entre o desejo por várias mulheres e a doença é retomada como se o doutor S. houvesse curado Zeno das traições e, portanto, finalmente atendesse ao pedido do protagonista de ser curado do desejo por várias mulheres; a situação, porém, é complexa e só conseguiremos elucidá-la analisando o encontro com Teresina.

Zeno busca verificar a hipótese de estar curado tentando excitar-se com alguma mulher que não seja Augusta. Antes de abordar Teresina, a busca é marcada pelo afastamento tanto dos costumes das grandes cidades em razão de o protagonista se encontrar na área rural de uma pequena cidade, Lucinico, quanto de elementos que caracterizam a sua sexualidade. Podemos dividir esse afastamento em duas etapas. Na primeira, alude-se à dificuldade de encontrar prostitutas, que é o único modo relatado de traição desde o fim do caso com Carla: "Se un dubbio simile mi fosse capitato a Trieste, avrei saputo solverlo subito. Qui era alquanto più difficile".[341]

Na segunda etapa, é o fetichismo de Zeno, componente crucial da sua sexualidade, que não encontra oportunidade para plena realização. Essa etapa é dividida de acordo com o tipo dos objetos que substituem aqueles próprios ao desejo sexual. Inicialmente são abordados os fetiches extracorporais, que simplesmente estão ausentes.

---

[340] Ibid., pp. 636-637. Contei-lhe sobre o meu problema com as mulheres. Uma só não me bastava, nem mesmo muitas. Queria-as todas! [...]
- A minha excitação não é normal - gritava eu. - Vem do veneno que arde em minhas veias! [...]
Hoje sei com certeza que ele não entendia nada do assunto. Tenho 57 anos e estou certo de que, se não deixar de fumar ou se não for curado pela psicanálise, em meu leito de morte meu último olhar será de desejo pela minha enfermeira, se esta não for minha mulher e se minha mulher tiver permitido que ela seja bela (Ibid., pp. 23-24)!

[341] Ibid., p. 1067. Se semelhante dúvida me tivesse ocorrido em Trieste, teria sabido resolvê-la em seguida. Aqui era um pouco mais difícil (Ibid., p. 405).

Referências literárias de cunho apropriadamente erótico evocam tais objetos, mas Zeno não encontra nenhum deles em Teresina, uma camponesa adolescente vestida para o trabalho:

> Pochi giorni prima avevo avuto in mano il libro di memorie del Da Ponte, l'avventuriere contemporaneo del Casanova. [...] io sognai d'imbattermi in quelle sue dame incipriate dalle membra celate dalla crinolina. [...]
> Essa non aveva la crinolina. E la faccina pienotta e sorridente non conosceva la cipria. Aveva i piedi nudi e faceva vedere nuda anche metà della gamba.[342]

Os pés nus indicam a ausência de sapatos, o principal fetiche extracorporal do protagonista. Além disso, eles fazem a transição para o segundo tipo de objetos do fetichismo, os corporais; de fato, os pés são um dos principais fetiches desse tipo. Ao contrário do primeiro tipo, os pés estão presentes e também nus, bem como a metade das pernas, mas nada disso excita Zeno: "La faccina e i piedini e la gamba non seppero accendermi".[343] Eis uma grande mudança no protagonista que é comentada logo a seguir: "La faccia e le membra che Teresina lasciava vedere erano dello stesso colore; all'aria appartenevano tutte e non c'era niente di male che all'aria fossero abbandonate. Forse perciò non riuscivano ad accendermi".[344] Ao igualar as partes do corpo de Teresina, todas da mesma cor e pertencentes ao ar livre, Zeno não destaca mais partes do corpo feminino como substitutas dos órgãos sexuais e, portanto, o seu desejo não é mais fetichista.

Para conseguirmos acompanhar como a transformação do desejo de Zeno se completa, precisamos entender o alcance do trecho no qual o burrico (usado por Teresina para transportar uma carga) "emise il suo grande grido d'amore [...]. Come varca le distanze e com'è significante con quel primo grido che invoca e si ripete, attenuandosi poi e terminando in un pianto disperato. Ma sentito così da vicino, mi fece dolere il timpano".[345] O grande zurro de um burro é a expressão sonora de uma intensidade máxima; como o texto diz que é um zurro de amor, entendemos que se trata

---

[342] Ibid., pp. 1067-1068. Alguns dias antes, tivera em mãos o livro de memórias de Da Ponte, o aventureiro contemporâneo de Casanova. [...] fiquei sonhando encontrar uma daquelas mulheres de que fala, empoadas e metidas em saias de crinolina. [...]
Ela não usava crinolina. E a carinha rechonchuda e sorridente jamais conhecera pó de arroz. Andava descalça e trazia à mostra metade das pernas (Ibid., pp. 406-407).

[343] Ibid., p. 1068. A carinha, os pés e as pernas não conseguiram excitar-me (Ibid., p. 407).

[344] Ibid., p. 1068. O rosto e os membros que Teresina deixava à mostra eram da mesma cor; pertenciam ao ar livre e não havia mal em que ficassem expostos assim. Talvez por isso não conseguissem excitar-me (Ibid., p. 407).

[345] Ibid., p. 1068. [...] emitiu um grande zurro de amor [...]. Como transpõe a distância e como é significativo aquele primeiro grito que invoca e se repete, atenuando-se depois e terminando num pranto desesperado. Mas, ouvido assim de tão perto, fez-me doer os tímpanos (Ibid., p. 407).

do amor mais intenso que Zeno sentiu, o amor pela mãe. Considerando também que o período seguinte da citação inicia por uma transposição espacial de um intervalo temporal, concluímos que a descrição de Zeno ressoa o grande amor pela mãe atravessando os anos e repetindo-se com menor intensidade com outras mulheres. Além disso, a tristeza resultante do fim da repetição também é válida para ambos os casos. Por fim, aquele que finalmente "escuta" o seu inconsciente – que tal como o burrico está fora do domínio da razão – termina por ser atingido pela dor que evitara até então.

Apesar do efeito notável do zurro em Zeno, ele não faz nenhuma declaração que nos permita concluir que haja ficado efetivamente consciente do seu amor pela mãe. Analisaremos a relação desse fato com o que examinaremos a seguir e as ideias freudianas quando tratarmos da quarta seção do diário, na qual é relatada outra grande transformação do protagonista.

De qualquer modo, Zeno então tem uma experiência de desejo sexual que está totalmente desvinculada da vingança de Augusta, que dominava as suas traições conjugais, e é a primeira sem envolver nenhum componente fetichista da sua sexualidade: "Teresina rideva e il suo riso m'incoraggiò. Ritornai a lei e subito l'afferrai per l'avambraccio sul quale salii con la mano, lento, verso la spalluccia, studiando le mie sensazioni".[346] Segue-se a confirmação da excitação, mas a maneira como é declarada não nos interessa agora. Que o protagonista tenha pela primeira vez uma experiência do desejo que independa da sexualidade forjada na infância elucida que não é casual que Teresina esteja na puberdade, fase na qual geralmente se tem tal experiência: isso contribui para a construção do sentido do relato.

O episódio prossegue com a abordagem do sexo com uma liberdade inédita para o protagonista. Depois de o zurro haver permitido a Zeno uma expressão verbal do conteúdo do seu inconsciente sujeito ao máximo recalcamento, o som marca a abordagem livre do sexo por meio da oralidade, constituída, desse modo, em oposição à escrita como instrumento de distorção. No mesmo sentido, o riso – já presente no início da última citação – e a alegria dominam os próximos parágrafos em consonância com uma sexualidade finalmente liberada de conflitos psíquicos:

> Ma Teresina con una legnata fece procedere l'asino per seguirlo e lasciarmi. Ridendo di cuore perché io restavo lieto anche se la villanella non voleva saperne di me, le dissi:
> - Hai lo sposo? Dovresti averlo. È peccato tu non l'abbia già!

[346] Ibid., pp. 1068-1069. Teresina ria e seu riso encorajou-me. Retornei a ela e de repente agarrei-a pelo bracinho sobre o qual fiz deslizar a mão lentamente, em direção ao ombro, estudando as minhas sensações (Ibid., p. 407).

> Sempre allontanandosi da me, essa mi disse:
> - Se ne prendo uno, sarà certamente più giovine di lei!
> La mia letizia non s'offuscò per questo.[347]

A intensidade sonora aumenta até o máximo vocal com os interlocutores passando a gritar e Zeno acaba por explicitar que se trata de uma expressão imediata da sexualidade:

> Avrei voluto dare una lezioncina a Teresina [...]
> - Quando ti dedicherai ai vecchi, Teresina? - gridai per essere inteso da lei che m'era già lontana.
> - Quando sarò vecchia anch'io, - urlò essa ridendo di gusto e senza fermarsi.
> - Ma allora i vecchi non vorranno più saperne di te. Ascoltami! Io li conosco!
> Urlavo, compiacendomi del mio spirito che veniva direttamente dal mio sesso.[348]

Portanto, a sexualidade do protagonista completou a transformação e alcançou franca expressão. Agora estamos em condições de compreender a consciência que Zeno tem desse processo. Quando não se excita ao ver o rosto e os membros de Teresina, questiona: "Che dopo la cura mi fosse occorsa la crinolina?".[349] É justamente o inverso: ele tinha necessidade de fetiches antes do tratamento e, graças a ele, teve a sua primeira experiência sexual desvinculada do fetichismo.

A experiência mencionada, por sua vez, é celebrada por Zeno nos seguintes termos: "Grazie al cielo non ero guarito ancora! Avevo cessata la cura in tempo".[350] O sentido dessas frases depende da cura à qual se faz referência. Caso se trate do desejo sexual de Zeno, como pretende deliberadamente o narrador, novamente há inversão: ele não parou o tratamento a tempo e está curado. Diante de tal sucesso do tratamento, somos, então, compelidos a questionar qual é motivo para a narração ainda apresentar tais inversões. Encontramos uma resposta se entendermos que a cura referida na última

---

[347] Ibid., p. 1069. Contudo, Teresina, com uma vergastada, fez seguir o asno para acompanhá-lo e livrar-se de mim.
Rindo satisfeito, pois permanecia alegre mesmo sabendo que a camponesinha não queria saber de mim, disse-lhe:
- Você tem namorado? Precisa ter. Seria pena se não tivesse.
Sempre afastando-se de mim, respondeu:
- Se eu arranjar, será decerto mais novo que o senhor!
Minha alegria não se ofuscou por causa disto (Ibid., pp. 407-408).

[348] Ibid., p. 1069. Quis dar uma pequena lição a Teresina [...]
- Quando vai se dedicar aos velhos, Teresina? – gritei para ser ouvido por ela que já se afastava de mim.
- Quando eu também for velha – gritou, rindo com satisfação e sem interromper o passo.
- Mas então os velhos não vão querer saber de você. Ouça o que digo! Eu os conheço bem!
Eu berrava, satisfeito com aquele humor que me vinha diretamente do sexo (Ibid., p. 408).

[349] Ibid., p. 1068. Será que depois da cura eu necessitava de crinolina (Ibid., p. 407)?

[350] Ibid., p. 1069. Graças aos céus ainda não estava curado! Interrompera o tratamento a tempo (Ibid., p. 407).

citação relaciona-se ao conflito edipiano contra o pai. Nesse caso, não há nenhuma inversão: Zeno parou o tratamento a tempo e não está curado. Assim, a tranferência negativa, que é a mais recente repetição do conflito com o pai, persiste e opera no sentido de recusar que o doutor S. tenha qualquer sucesso em curá-lo. Quando ocorre a suspensão das traições de Zeno, surge mais uma oportunidade para essa recusa por meio da retomada, analisada há pouco, da associação entre o desejo por várias mulheres e a doença. Por fim, é a recusa da cura que provoca a redução do desejo por Teresina a um retorno ao desejo anterior, o que exige que seja ignorada a grande transformação ocorrida entre o fim deste e o surgimento daquele.

Concluímos das considerações do parágrafo anterior que a causa da redução mencionada e das inversões que a sustentam é a transferência negativa, que impede a admissão por parte de Zeno de qualquer grau de sucesso no tratamento com o doutor S. Por fim, é justamente a suposta comprovação dessa falta de sucesso que faz com que Zeno escreva sobre esse dia, pois o diário começa a ser escrito, como examinamos, como um modo de resistir à terapia.

Analisado o episódio de Teresina, examinemos o trecho anterior da segunda seção do diário, no qual as mudanças de Zeno são menos concretas à primeira vista. Encontramos a primeira delas quando ele, após declarar que voltou a parar de fumar, retoma o seu antigo costume de escolher datas para os últimos cigarros:

> Oggi che siamo alla metà del mese sono rimasto colpito della difficoltà che offre il nostro calendario ad una regolare e ordinata risoluzione. Nessun mese è uguale all'altro. Per rilevare meglio la propria risoluzione si vorrebbe finire di fumare insieme a qualche cosa d'altro, il mese p.e. Ma salvo il Luglio e Agosto e il Dicembre e il Gennaio non vi sono altri mesi che si susseguano e facciano il paio in quanto a quantità di giorni. Un vero disordine nel tempo![351]

Depois de tantos anos pensando em datas para parar de fumar, é verdadeiramente notável que só então Zeno perceba a diferença na quantidade de dias dos meses a ponto de se impressionar com essa descoberta. Assim, uma mudança relevante deve ter ocorrido em Zeno: como ficará mais claro na medida em que consideramos também os próximos parágrafos do romance, ele passou a ter dificuldade

[351] Ibid., p. 1065. Hoje, que estamos em meados do mês, enfrento as dificuldades que o nosso calendário opõe a uma resolução regular e ordenada. Nenhum mês é igual ao outro. Para destacar melhor a própria resolução, é necessário que se acabe com o fumo com o término de alguma coisa, por exemplo, o mês. Salvo, porém, julho e agosto e dezembro e janeiro, não há dois meses consecutivos que tenham o mesmo número de dias. Uma verdadeira desordem no tempo (Ibid., p. 404)!

com as partes nas quais algo é dividido, a exemplo dos meses que compõem o ano de modo desigual.

A seguir, a mudança de Zeno é comentada por uma referência implícita à antiga filosofia grega. Como mencionamos no primeiro capítulo, ao tratarmos do fetichismo do protagonista, o seu nome parece remeter ao do filósofo Zenão. Se não houvesse mudado, Zeno continuaria, apesar das dificuldades com as partes, a afirmar a unidade, como o filósofo da escola eleática; pelo contrário, ele assume a posição da filosofia antagônica, a da multiplicidade e da mudança de Heráclito, numa formulação textual que lembra imediatamente uma das sentenças mais célebres desse filósofo: "l'acqua corrente [do rio Isonzo] fornisce lo svago che occorre perché non è uguale a se stessa nel colore e nel disegno neppure per un attimo".[352]

Uma nova relação surge no parágrafo seguinte. Zeno expõe a mudança incessante na natureza, que dessa vez detecta nas variadas nuvens em movimento, numa situação na qual estaria ocorrendo uma cura:

> Certamente in alto soffiava un forte vento perché le nubi vi mutavano continuamente di forma [...]. Avveniva che di tempo in tempo, traverso le nubi in movimento, il sole già caldo trovasse il pertugio per inondare dei suoi raggi questo o quel tratto di collina o una cima di montagna, dando risalto al verde dolce del Maggio in mezzo all'ombra che copriva tutto il paesaggio. La temperatura era mite ed anche quella fuga di nubi nel cielo, aveva qualche cosa di primaverile. Non v'era dubbio: il tempo stava risanando![353]

Por fim, o protagonista reconhece a mudança incessante, detectada inicialmente na água corrente e nas nuvens, na própria história de relacionamentos eróticos, marcados pelo desejo de partes das diferentes mulheres com as quais se envolveu:

> seppi sorridere alla mia vita ed anche alla mia malattia. La donna vi ebbe un'importanza enorme. Magari a pezzi, i suoi piedini, la sua cintura, la sua bocca, riempirono i miei giorni. E rivedendo la mia vita e anche la mia malattia le amai, le intesi! [...] Da me la vita non fu mai privata del desiderio e l'illusione rinacque subito intera dopo ogni naufragio, nel sogno di membra, di voci, di atteggiamenti più perfetti.[354]

---

[352] Ibid., p. 1065. [...] a água corrente [do rio Isonzo] fornece a distração que surge porque nunca é igual a si mesma na cor e no desenho, nem mesmo por um átimo (Ibid., p. 404).

[353] Ibid., pp. 1065-1066. Certamente no alto soprava um vento forte, pois as nuvens mudavam continuamente de forma [...]. Ocorria, de tempos em tempos, através das nuvens em movimento, o sol já tépido encontrar uma fresta por onde assestava seus raios sobre este ou aquele trecho da colina, ou sobre o cimo da montanha, fazendo ressaltar o *dolce* verde de maio em meio à sombra que cobria toda a paisagem. A temperatura era agradável, e até aquela fuga das nuvens no céu tinha qualquer coisa de primaveril. Não havia dúvida: o tempo estava convalescendo (Ibid., pp. 404-405)!

[354] Ibid., p. 1066. [...] eu soube sorrir à vida e até à minha doença. O encanto feminino encheu a minha existência. Ainda que pouco a pouco [*sic*], uns pezinhos, uma cintura, uma boca povoaram os meus dias. E revendo a minha vida e também a minha doença, eu as amei e compreendi! [...] minha vida jamais fora

O primeiro elemento que devemos considerar da citação é a menção à doença: as duas enumerações de partes femininas precisam que se trata do desejo fetichista de Zeno, que ele atribui à sua enfermidade. O segundo elemento é a aceitação do que foi o seu desejo até esse momento, destacando o ato de sorrir, que prenuncia o riso e a alegria que marcam o fim da transformação sexual, como expusemos há pouco; na verdade, a própria aceitação é uma etapa dessa transformação, pois o fetichismo, proveniente do desejo recalcado pela mãe, não pode ser meramente aceito como resultado de uma deliberação. Assim, são partes indissociáveis do mesmo processo a aceitação da sexualidade pregressa e o fim do fetichismo, tal como descrito no episódio de Teresina.

Ainda que o término do fetichismo só seja explicitado no encontro com Teresina, devemos desconfiar de que isso já ocorreu quando o protagonista se põe a observar o rio Isonzo, dado que então se revela uma mudança na noção de parte em Zeno. Relembremos que o fetichismo valoriza determinadas partes em detrimento de outras, e não por elas próprias, mas pelo objeto desejado que elas substituem. Assim, o seu fim faz com que uma parte seja valorizada em si, e não como mera substituta de outra; também deixa de haver uma divisão rígida em partes privilegiadas como substitutas e partes irrelevantes, de modo que a diversidade das partes torna-se muito relevante. É essa mudança no desejo que é projetada na relação com o mundo por meio da constatação da desigualdade dos meses pelo narrador e da heterogeneidade dos objetos mais trivais da natureza pelo protagonista.

Retomando a análise da última citação, o terceiro elemento dela que devemos considerar é a distorção na concepção que Zeno apresenta da sua sexualidade pregressa. A apresentação se sustenta sobre as enumerações, nas quais basicamente encontramos uma sucessão de partes femininas, o que condiz mais com a nova condição sexual do protagonista do que com o passado. Quanto às partes enumeradas, apenas uma delas, os pés, era característica do fetichismo de Zeno, de modo que há uma equivalência própria da simples enumeração que despreza a primazia crucial do fetiche. Quanto à sucessão, pressupõe, sem que sejam feitas outras considerações, uma distribuição ao acaso de cada uma das partes que a compõem ou, considerando a indicação no final da citação, ela tenderia a um indefinido aperfeiçoamento; na verdade, cada vez que o protagonista passava a desejar uma mulher, tratava-se de mais uma repetição da sua relação edipiana

---

privada de desejos e as ilusões renasciam inteiras a cada naufrágio, no sonho de membros, de vozes, de atitudes mais perfeitas (Ibid., p. 405).

com a mãe. Isso reforça o que já havíamos comentado ao analisar o episódio de Teresina: Zeno não parece haver ficado efetivamente consciente do seu amor pela mãe. Como também indicamos naquele comentário, voltaremos a abordar essa peculiar situação quando tratarmos da quarta seção do diário.

Assim, a segunda seção do diário aborda o fim do desejo edipiano de Zeno pela mãe, a consequente transformação da sua sexualidade, que não é mais fetichista nem consiste mais em repetir esse desejo recalcado, e a sua primeira experiência sexual após a transformação, enfaticamente caracterizada pela franca expressão e pela alegria. Além disso, a segunda seção nos faz concluir que o tratamento com o doutor S. não foi um completo fracasso, pois é o único acontecimento recente da vida de Zeno com capacidade para efetuar essa cura parcial do complexo de Édipo.

Antes de examinarmos a próxima seção do diário, consideremos como as consequências do fim do fetichismo expostas na segunda seção nos permitem compreender um novo aspecto temporal introduzido pelo próprio fato de o último capítulo ser um diário.

Comecemos precisando qual é a novidade temporal trazida pelo diário que nos interessa nesta etapa da análise – há outra mudança importante, mas deixaremos para abordá-la ao tratar da quarta seção, quando terminaremos de examinar as questões necessárias para esse fim. Para precisar a novidade da etapa atual, usaremos a nossa análise do capítulo anterior, no qual caracterizamos a temporalidade dos cinco capítulos centrais, entre o preâmbulo e o último, como constituída de dois níveis.

Concluímos que o primeiro nível, o dos capítulos e da organização geral de cada um deles, era uma justaposição de dois blocos cronológicos: um relato da propensão ao fumo no terceiro capítulo e um relato do intervalo crucial da sua vida nos demais. Verifiquemos como o capítulo final se situa temporalmente em relação ao bloco que o antecede. Quando começamos a lê-lo, descobrimos que ele está separado do penúltimo capítulo por dois hiatos temporais. O primeiro hiato ocorre porque Zeno inicia um diário no qual se dedica a relatar acontecimentos recentes, ocorridos, no máximo, há alguns meses, e, portanto, cancela a narração do seu passado remoto, iniciada no terceiro capítulo. Como os últimos acontecimentos contados no penúltimo capítulo são de 1895 e a primeira data registrada no próximo é de 1915, há um hiato de aproximadamente vinte anos. O segundo hiato ocorre no próprio ato de narrar, pois Zeno diz, no início do diário, que não escrevia há um ano.

Os hiatos identificados contribuem para caracterizar uma ruptura na temporalidade do romance, mas não são decisivos, dado que haveria outras possibilidades de entendê-los. Por exemplo, o segundo é justificado no próprio trecho no qual é exposto: como já destacamos neste capítulo, Zeno para de escrever por orientação do psicanalista a fim de evitar o poder distorcivo dessa atividade durante o tratamento. O que efetivamente torna pouco razoável desconsiderar a função de ruptura dos hiatos é eles ocorrerem com a crucial mudança da temporalidade dentro do próprio capítulo final.

O elemento central da mudança mencionada é o componente menos global do primeiro nível da temporalidade: a organização geral do capítulo. Está organizado como um diário, o que implica estar dividido em partes que não ganham nenhum título, sendo identificadas apenas pelas datas nas quais foram escritas. Essa implicação óbvia torna-se importante por ser uma dupla recusa do primeiro nível dos capítulos centrais: o narrador não tenta identificar o que daria uma unidade a cada parte, contentando-se meramente em assinalar que ela foi escrita num determinado dia, nem sugerir qualquer relação entre essas partes além da pura sucessão temporal das datas. Desse modo, o narrador não procura mais apresentar o seu texto segundo uma síntese que pudesse dar uma ordem aos acontecimentos da sua vida, o que resulta que o capítulo como um todo é reduzido à mera sucessão, algo que estava reservado ao segundo nível nos capítulos centrais.

Nos termos da nossa análise das disposições temporais do narrador, concluímos que não há mais primeiro nível e vigora exclusivamente o que era o segundo nível, a temporalidade de onda (a temporalidade de repetição, constitutiva da vida de Zeno, continua sem ser minimamente reconhecida pelo narrador). Por fim, devemos ressaltar que essa temporalidade não resulta mais do fracasso do primeiro nível, mas é assumida diretamente pelo narrador na própria forma do diário.

Especificada a novidade temporal do diário, verifiquemos como está relacionada com o fim do fetichismo. Em primeiro lugar, observemos que eles surgem em momentos muito próximos. O que permite ligá-los temporalmente é o abandono da terapia. Quanto ao diário, notemos que ele começa anunciando o abandono e, em seguida, fornece o seguinte relato do marco inicial dessa atitude: “Ieri intanto gli mandai a dire ch’ero impedito, e per qualche giorno lascio che m’aspetti”.[355] Quanto ao fim do fetichismo, faz parte do fim do desejo pela mãe, cujo marco inicial é o fim das traições,

[355] Ibid., p. 1048. Ontem já lhe mandei dizer que estava impossibilitado de ir à consulta e vou deixá-lo à espera por mais uns dias (Ibid., p. 389).

que Zeno acha ter ocorrido no mesmo dia no qual abandonou o tratamento, como já comentamos neste capítulo. Logo, o diário é posterior à primeira manifestação de que a sexualidade de Zeno não é mais constituída segundo o desejo pela mãe.

O diário não só é posterior, mas também é consequência do fim do desejo fetichista. Considerando as análises que fizemos da segunda seção do diário e da mudança da temporalidade no capítulo final, concluímos que o fim do fetichismo provoca efeitos equivalentes sobre a observação da natureza pelo protagonista e sobre a relação do narrador com o tempo. Já comentamos a dificuldade do narrador com a divisão do ano em meses, dos quais destaca a desigualdade na duração. Do mesmo modo, Zeno não consegue mais nem dar um esboço de articulação temporal ao que relata, o que resulta no amplo domínio da temporalidade de onda, cuja expressão mais explícita são as datas do diário.

Uma vez que já analisamos a segunda seção do diário, o modo mais eficiente de introduzirmos a terceira seção é pela relação entre as duas, cuja formulação geral que propomos é que elas são como espelhos em negativo uma da outra. Precisemos melhor: enquanto a seção anterior comprova o sucesso do tratamento do doutor S. em curar Zeno do desejo pela mãe, a terceira seção é a expressão do fracasso desse tratamento em curar o paciente da rivalidade contra o pai. Antes de prosseguirmos na abordagem dessa formulação, vale ressalvar que ela não abrange o presente da narração, mas trataremos disso no final da nossa análise dessa seção.

Portanto, examinaremos como o fracasso mencionado é expresso pelo relato feito por Zeno na terceira data, o do seu encontro com a guerra no momento no qual a Itália entra no conflito. Aproveitemos a formulação do espelho em negativo para começarmos a entender a função desempenhada pela guerra. Para isso, tratemos brevemente do elemento que corresponde a ela na seção anterior: o campo. A principal função do campo é ser uma mudança ambiental que retira o protagonista do ambiente urbano no qual estava acostumado a exercer a sua sexualidade para expô-lo às novas condições que lhe propiciem a experiência da sua nova relação com o sexo. Retomando o que já comentamos neste capítulo, verificamos que o relato feito na segunda data registra tanto o afastamento de Zeno de elementos da vida sexual na cidade – como prostitutas e sapatos – quanto o seu encontro com um corpo feminino com o qual dificilmente se defrontaria na cidade, pois é típico do trabalho no campo, e que muito favorece, por apresentar-se em grande parte exposto e de coloração uniforme, uma abordagem sexual que não seja fetichista.

Ora, a guerra também é uma mudança e até de proporções muito maiores do que ir para o campo, mas não provoca o efeito que poderíamos esperar em Zeno, tal como é apontado, de modo um pouco esquivo, pelo próprio texto: "Da un giorno all'altro io fui un uomo del tutto nuovo, anzi, per essere più esatto, tutte le mie ventiquattr'ore furono nuove del tutto".[356] Isso equivale a afirmar, de modo mais direto, que a guerra mudou tudo ao redor de Zeno, mas ele permance igual. Precisemos esse descompasso nos termos do espelho em negativo: assim como o campo forneceu as condições para que o protagonista desse expressão à nova sexualidade – livre do desejo pela mãe –, a guerra proporcionaria as condições para que ele desse vazão a novas formas de rivalidade, que não seriam mais moldadas pela relação com o pai, mas, apesar de toda a gama de comportamentos agressivos proporcionados pela guerra, Zeno não participa de nenhum deles.

Na verdade, a recusa das francas manifestações de rivalidade que caracterizam um conflito bélico é de tal ordem que Zeno nega a própria guerra. Tal negação perpassa de tal modo a terceira seção do diário a ponto de ser excessivo reproduzir todos os trechos nos quais aparece. Desse modo, citaremos os que estão nos extremos – no primeiro e no penúltimo parágrafos –, que já explicitam bem a intensidade desse fenômeno:

> Io che stavo a sentire le storie di guerra come se si fosse trattato di una guerra di altri tempi di cui era divertente parlare, ma sarebbe stato sciocco di preoccuparsi, ecco che vi capitai in mezzo stupefatto e nello stesso tempo stupito di non essermi accorto prima che dovevo esservi prima o poi coinvolto. Io avevo vissuto in piena calma in un fabbricato di cui il pianoterra bruciava e non avevo previsto che prima o poi tutto il fabbricato con me si sarebbe sprofondato nelle fiamme.[357]
> conclusi la mia giornata con un'ultima infantile idea ottimistica: Alla frontiera non era morto ancora nessuno e perciò la pace si poteva rifare.[358]

Quanto aos demais trechos, listaremos os principais para mostrar o quanto negar a guerra ocupa o encontro de Zeno com ela. Assim, há outros trechos nos quais a negação é explícita, como as conversas com o pai de Teresina e com o cabo e depois quando pensa que, apesar das ameaças, os países não chegariam à guerra.

---

[356] Ibid., p. 1070. De um dia para o outro, eu era um homem totalmente diferente, ou, para ser mais exato, todas as minhas 24 horas foram inteiramente diversas (Ibid., p. 409).

[357] Ibid., p. 1070. Eu, que andava a ouvir as histórias de guerra como se se tratasse de um conflito de outros tempos sobre o qual era divertido falar, mas que seria tolice deixar-me preocupar, eis que me vi metido nela sem querer e ao mesmo tempo surpreso por não haver percebido antes que mais cedo ou mais tarde acabaria envolvido. Era como se vivesse tranquilamente num prédio cujo andar térreo estava em chamas e eu não imaginasse que mais cedo ou mais tarde todo o edifício acabaria por arder (Ibid., p. 408).

[358] Ibid., p. 1081. [...] terminei o dia com uma ideia otimista e infantil: ninguém morrera ainda na fronteira e por isso a paz ainda podia fazer-se (Ibid., p. 418).

Há também trechos nos quais o conflito é negado indiretamente, principalmente por meio de comportamentos que seriam normais ou até banais numa época de paz, mas tornam-se absurdos na situação bélica na qual se encontra. É o que ocorre tanto quando Zeno insiste em voltar para casa a fim de tomar o café da manhã ou de buscar o casaco e o chapéu, o que exige passar entre os exércitos dos dois países, quanto nas duas vezes nas quais pensa em protestar com o burgomestre pelo modo como foi tratado pelos militares, cuja preparação para o combate ele está atrapalhando. Por fim, consideramos que vale citar ainda o pequeno trecho a seguir, que se destaca como uma singular variante dessa negação indireta: "Non raccontai a nessuno delle mie esperienze della mattina. Ne avrei parlato a Trieste a qualche intimo".[359] Zeno não quer nem mesmo falar sobre a guerra, mas não o admite, apresentando o seu comportamento como se lidasse com um assunto secreto ou de cunho pessoal, o que é obviamente descabido. Na verdade, presenciamos mais um dos seus deslocamentos de justificativa.

Negando a guerra com tal veemência, não espanta que, como antecipamos, Zeno não participe dos comportamentos agressivos que abundam, principalmente enquanto está sob o poder de militares do exército austríaco. Encontramos essa agressividade nas situações que citamos a seguir, nas quais Zeno, apesar de desarmado e inofensivo, está sob ameaça de atirarem nele ou é tratado com rudeza desmedida, inclusive sendo ofendido sem reservas pelo oficial:

> mi trovai arrestato da una sentinella che urlò:
> - *Zurück!* - mettendosi addirittura in posizione di sparare. [...]
> io guardandomi sempre dietro nel timore che l'altro [a sentinela], per farsi intendere meglio, sparasse [...]
> L'ufficiale urlò:
> - *Was will der dumme Kerl hier?* - (Che cosa vuole quello scimunito?).
> Stupito che senz'alcuna provocazione mi si offendesse così [...] L'ufficiale si mise ad urlare che, se facevo un solo passo di più, m'avrebbe fatto tirare adosso. [...]
> Poi [o oficial] m'impose di andare dove il diavolo vorrà portarmi (*wo der Teufel Sie tragen will*). [...] [o oficial dá a um cabo] l'ordine di condurmi giù della collina e di sorvegliarmi finché non fossi sparito sulla via che conduce a Gorizia, tirandomi addosso se avessi esitato ad ubbidire.
> [...] Gli [ao cabo] parve di dover essere brutale in presenza dell'ufficiale e, per indurmi a precederlo nella discesa, mi gridò:
> - Marsch![360]

---

[359] Ibid., p. 1080. Não contei a ninguém as minhas experiências da manhã. Falaria delas em Trieste a qualquer amigo (Ibid., p. 418).

[360] Ibid., pp. 1075-1077. [...] fui detido por um sentinela que me gritou:
- *Zurück!* – pondo-se em posição de tiro. [...]
eu, olhando sempre em sua direção, com medo de que ele [o sentinela], para se fazer compreender melhor, disparasse [...]
O oficial gritou:
- *Was will der dumme Kerl hier?* (Que vem fazer aqui este idiota?)

Apesar de não estar em condições de ser propriamente agressivo, um grande contraste é criado por Zeno não expressar nenhuma agressividade, que seja dizer uma palavra mais ríspida ou protestar uma única vez pelo tratamento rude; pelo contrário, age até mesmo com desnecessária consideração: "Ridivenni subito molto cortese e da quel giorno a tutt'oggi che scrivo, rimasi sempre molto cortese. [...] riusciva più facile di parlargli [ao oficial] con dolcezza".[361]

O contraste mencionado no parágrafo anterior é reforçado de três maneiras. A primeira é pela própria emissão vocal: o protagonista nunca grita com os seus agressores enquanto eles se dirigem a ele desse modo diversas vezes, o que pode ser conferido pelos gritos proferidos na citação sobre as situações de agressividade. O contraste entre essas intensidades vocais é aludido no próprio texto, quando Zeno se propõe a falar na mesma língua na qual um soldado gritara: "Volli parlargli in tedesco giacché in tedesco aveva urlato, ma egli del tedesco non conosceva che quella sola parola che ripeté sempre più minacciosamente".[362] Além disso, o trecho citado tematiza o modo como o próprio som expressa a agressividade dos militares ao dar uma gradação para a ameaça comunicada, apesar de a palavra proferida ser sempre igual.

Esse poder expressivo do som também é tematizado no caso do oficial, que "Urlò, in modo da intronarmi l'orecchie [...] Intanto però l'ufficiale a forza d'urlare s'accese sempre più e con accento di grande minaccia".[363] Nesse caso, os gritos também aumentam a agressividade daquele que os profere! Por fim, o modo como o som é usado é até mesmo escolhido como a melhor maneira de reconhecer que uma guerra está acontecendo: "Non avevo sentita la guerra nelle parole dell'ufficiale e meglio ancora nel loro suono?".[364] Apesar de tanta gritaria e muitas palavras pronunciadas de modo

---

Estupefato de que me ofendessem sem qualquer provocação minha [...] O oficial pôs-se a gritar que, se desse mais um passo, mandaria abrir fogo sobre mim. [...]
Depois [o oficial] mandou-me para onde o diabo quisesse levar-me (*wo der Teufel Sie tragen will*). [...] [o oficial dá a um cabo] ordem de me conduzir colina abaixo, vigiando-me até a estrada que conduz a Gorizia, e podendo disparar contra mim se não obedecesse às suas ordens.
[...] [o cabo] Achou que devia mostrar-se rude na presença do oficial e, para obrigar-me a precedê-lo na descida, comandou [em italiano, é usado mais uma vez o verbo "gritar"]:
- *Marsch!* (Ibid., pp. 412-415).

[361] Ibid., p. 1076. Tornei-me muito cortês e daquele dia até este em que escrevo jamais deixei de demonstrar cortesia. [...] tornou-se mais fácil para mim falar-lhe [ao oficial] com brandura (Ibid., p. 414).

[362] Ibid., p. 1075. Quis responder-lhe em alemão, já que me havia gritado nessa língua, mas de alemão o sentinela só conhecia aquela palavra que repetia sempre mais ameaçador (Ibid., p. 413).

[363] Ibid., p. 1077. Urrou, a ponto de me ensurdecer os ouvidos [...] Contudo, o oficial à força de gritar, ficava cada vez mais irritado, e com tom de grande ameaça (Ibid., p. 415).

[364] Ibid., p. 1078. Não sentira a guerra nas palavras do oficial, e mais ainda no tom com que as proferiu (Ibid., p. 415)?

ameaçador, Zeno não menciona que haja elevado uma única vez o tom de voz e ainda é capaz de falar com brandura.

A segunda maneira pela qual o contraste baseado na agressividade é reforçado é o uso da língua alemã. Observando o que os militares falam em alemão na citação sobre as situações de agressividade, concluímos que eles dão ordens rudes a Zeno ou o ofendem. Quanto ao protagonista, a única fala em alemão que aparece transcrita no diário é um agradecimento dado aos seus agressores, obviamente num tom normal de voz: "- *Danke schön*, - dissi".[365]

A última maneira pela qual o contraste é reforçado é o humor: só os militares riem. Na principal situação na qual há esse reforço pelo humor, eles riem às custas de Zeno. Essa situação também concentra as maneiras anteriores, pois o seu elemento central é mais um grito ofensivo que o oficial dá em alemão:

> Gli raccontai che a Lucinico m'aspettava il mio caffelatte da cui ero diviso soltanto dal suo plotone.
> Egli rise, in fede mia rise. Rise sempre bestemmiando e non ebbe la pazienza di lasciarmi finire. Dichiarò che il caffelatte di Lucinico sarebbe stato bevuto da altri e quando sentì che oltre al caffè c'era anche mia moglie che m'aspettava, urlò:
> - *Auch Ihre Frau wird von anderen gegessen werden.* - (Anche vostra moglie sarà mangiata da altri).
> Egli era oramai di miglior umore di me. Pare poi gli fosse spiaciuto di avermi dette delle parole che, sottolineate dal riso clamoroso dei cinque mammalucchi, potevano apparire offensive.[366]

Há mais uma situação na qual o protagonista é confrontado com os risos e a alegria dos militares: "Noi eravamo fermi a quel posto per lasciar passare un otto o nove treni che scendevano turbinando verso l'Italia. [...] E i poveri uomini vi andavano sghignazzando e cantando. Da tutti quei treni uscivano i medesimi suoni di gioia o di ebbrezza".[367]

Os gritos e os risos também reforçam o espelho em negativo em relação à seção anterior do diário, na qual Zeno gritava e ria no encontro com Teresina. Não por

---

[365] Ibid., p. 1077. - *Danke schön* - disse (Ibid., p. 415).

[366] Ibid., p. 1076. Contei-lhe que em Lucinico esperava-me um café da manhã do qual eu estava separado apenas por seu pelotão.
Ele riu afinal, juro que sim. Riu sempre a praguejar e nem teve a paciência de me deixar concluir. Declarou que alguém haveria de beber meu café em Lucinico e, quando soube que além do café me esperava ainda minha mulher, gritou:
- *Auch Ihre Frau wird von anderen gegessen werden*. (Sua mulher também será comida por outros.)
Ele estava agora com melhor humor que o meu. Pareceu-me em seguida que se arrependera de me ter dito algo que, sublinhado pelo riso clamoroso dos cinco mamelucos, pudesse parecer ofensivo (Ibid., p. 414).

[367] Ibid., p. 1080. Havíamos parado naquele sítio para dar passagem a uma composição que arrastava oito ou nove vagões, subindo vertiginosamente em direção à Itália. [...] E os pobres homens para lá partiam a rir e a cantar. De todos aqueles vagões vinham os mesmos sons de alegria e ebriedade (Ibid., p. 418).

acaso, a conversa do protagonista com o pai da garota, que introduz o tema da guerra logo antes do encontro com o pelotão, é antecedida justamente por um contraponto no qual o desejo sexual por Teresina é reafirmado e, portanto, a nova sexualidade também. É um contraponto porque registra as únicas menções a Zeno gritar e rir na terceira seção do diário:

> Urlai il nome di Teresina. [...]
> Ridendo m'accostai a Teresina:
> - Sei ancora in tempo, Teresina. Non tardare.
> [...] Avevo già ripetuto l'esperimento ed aveva avuto anche questa volta un risultato favorevole. Indirizzandole quelle poche parole l'avevo accarezzata altrimenti che col solo occhio.[368]

Pois bem, examinamos em detalhes como o protagonista está mergulhado num ambiente dominado pela agressividade e, ao mesmo tempo, parece ser incapaz de agir ou falar de modo agressivo. Esse descompasso entre o indivíduo e o ambiente está sintetizado na imagem exposta quase ao final da seção do diário dedicada à guerra: "La notte era illuminata dal bagliore di molti incendi e un amico che mi vide andare verso casa mia in maniche di camicia mi gridò: - Hai preso parte ai saccheggi?".[369] Não estando protegido e isolado dentro de casa, o protagonista transita por uma região onde ocorrem incêndios e saques sem estar envolvido em nada disso...

Zeno não participa da tendência a manifestar mais abertamente a agressividade que a guerra proporciona porque continua a repetir a rivalidade com o pai, na qual deve estabelecer uma relação amigável com o rival e por meio dela prejudicá-lo. Nunca cometerá uma agressão declarada, como é intrínseco a um conflito bélico. Ainda assim, colocado por acaso nesse ambiente adverso, ele consegue reproduzir essa rivalidade edipiana de um modo imaginário. É o que podemos observar na próxima citação, na qual Zeno dedica-se a imaginar a morte do cabo do pelotão e do pai de Teresina, os quais ele havia iludido dizendo que não haveria combates na região, e a reação de surpresa de ambos – como se reconhecessem que caíram numa emboscada armada pelo rival que fingia ser um amigo:

> Volli renderlo [o cabo] più felice che fosse possibile e gli diedi le notizie che avevo propinate anche al padre di Teresina. Poi mi pesarono sulla coscienza. Nell'orrendo temporale che scoppiò, probabilmente tutte le persone ch'io

---

[368] Ibid., pp. 1072-1073. Gritei por Teresina. [...]
Sorrindo aproximei-me de Teresina:
- Ainda está a tempo, Teresina. Mas não demore.
[...] Já repetira a experiência e alcancei, também desta vez, resultado favorável. Ao dirigir-lhe aquelas palavras acariciei-a não apenas com o olhar (Ibid., pp. 410-411).

[369] Ibid., p. 1081. A sombra iluminava-se pelo resplandecer de muitos incêndios e um amigo que me viu seguir para casa em mangas de camisa gritou: - Você esteve no saque (Ibid., p. 418)?

> rassicurai perirono. Chissà quale sorpresa ci sarà stata sulla loro faccia cristallizzata dalla morte.[370]

Terminamos de explorar o que estava extremamente sintetizado na nossa formulação da terceira seção do diário como espelho em negativo. Ela abrange o que é narrado sobre o dia no qual a Itália entra na guerra. Para finalizarmos a análise da terceira seção, verifiquemos o pouco que está escrito sobre os dias que formam o intervalo temporal específico do narrador, o próprio dia da narração e o dia que lhe é anterior:

> Da ieri sono un po' più calmo perché finalmente, dopo l'attesa di un mese, ebbi le prime notizie della mia famiglia. Si trova sana e salva a Torino mentre io già avevo perduta ogni speranza di rivederla.
> Devo passare la giornata intera nel mio ufficio. Non vi ho niente da fare, ma gli Olivi, quali cittadini italiani, hanno dovuto partire [...]. Oggi che mi sento tanto più calmo, portai con me in ufficio questo manoscritto che potrebbe farmi passar meglio il lungo tempo. Infatti esso mi procurò un quarto d'ora meraviglioso in cui appresi che ci fu a questo mondo un'epoca di tanta quiete e silenzio da permettere di occuparsi di giocattoletti simili.[371]

Assim, ao não mais ficar preocupado com a família, o narrador tenta se adequar aos efeitos do agravamento da guerra na região de Trieste, que o afasta da sua família e do seu administrador e, portanto, agrava a ociosidade e o tédio que, como já analisamos neste capítulo, criam a condição de entrega que o paciente procura evitar por meio do diário.

Além disso, a escrita continua a ser, para Zeno, um instrumento da resistência tanto pela transferência negativa que torna importante a comprovação (obviamente inconsciente) de que o doutor S. não conseguiu curá-lo da rivalidade com o pai – função desempenhada pela narração do encontro com a guerra – quanto pela ratificação do abandono da terapia, que já começou a ser preparada no fim da citação pela ideia de que a escrita deva ser considerada, numa época de confronto militar, como uma mera brincadeira. No próximo parágrafo do romance, o raciocínio aplicado à escrita é usado

---

[370] Ibid., p. 1078. Quis torná-lo [o cabo] tão feliz quanto possível e transmiti-lhe as notícias que propiciara ao pai de Teresina. Depois, isso pesou-me na cosciência. No horrendo temporal que desabou, provavelmente todas aquelas pessoas que eu tranquilizara pereceram. Quem sabe a surpresa que terá ficado cristalizada em seus rostos pela morte (Ibid., p. 415).

[371] Ibid., p. 1070. Desde ontem estou um pouco mais calmo porque finalmente, depois de esperar um mês, tive as primeiras notícias de minha família. Estão sãos e salvos em Turim, quando eu já perdia todas as esperanças de revê-los.
Devo passar o dia inteiro no escritório. Não tenho muito o que fazer, mas é que os Olivi, como cidadãos italianos, tiveram que partir [...]. Hoje, que me sinto bem mais calmo, trouxe comigo para o escritório este manuscrito, que pode ajudar-me a passar o tempo sem fim. Na verdade, ele me proporcionou um quarto de hora maravilhoso, em que eu soube ter havido neste mundo uma época de tamanha paz e silêncio, que nos permitia ocuparmo-nos com brincadeiras desta espécie (Ibid., p. 409).

pelo narrador para recusar a terapia considerando que viver durante a guerra torna risível querer reviver momentos passados e algo desmedido, digno da ira divina, ser poupado dos principais sofrimentos do conflito e ainda conseguir finalmente se curar:

> Sarebbe anche bello che qualcuno m'invitasse sul serio di piombare in uno stato di mezza coscienza tale da poter rivivere anche soltanto un'ora della mia vita precedente. Gli riderei in faccia. Come si può abbandonare un presente simile per andare alla ricerca di cose di nessun'importanza? A me pare che soltanto ora sono staccato definitivamente dalla mia salute e dalla mia malattia. Cammino per le vie della nostra misera città, sentendo di essere un privilegiato che non va alla guerra e che trova ogni giorno quello che gli occorre per mangiare. In confronto a tutti mi sento tanto felice - specie dacché ebbi notizie dei miei - che mi sembrerebbe di provocare l'ira degli dei se stessi anche perfettamente bene.[372]

O modo como a resistência aproveita um acontecimento cuja causa é independente do paciente, tal como o uso exagerado que Zeno faz da guerra para justificar o abandono do tratamento, é explicitado por Freud numa nota na qual comenta a proposição exagerada pela qual formulou uma regra técnica da terapia. A proposição preconiza que tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência e o comentário é o seguinte:

> Não se pode contestar que, no decurso de uma análise, podem ocorrer diversos acontecimentos pelos quais não é possível responsabilizar as intenções do paciente. Talvez seu pai morra sem que ele o tenha assassinado, ou talvez irrompa uma guerra que ponha fim à análise. Mas, por trás de seu óbvio exagero, essa proposição afirma algo de verdadeiro e novo. Mesmo que o evento causador da interrupção seja real e independente do paciente, é comum depender deste a extensão da interrupção que ele provoca; e a resistência se evidencia inequivocamente na presteza com que o paciente aceita esse tipo de ocorrência ou no uso exagerado que dela faz.[373]

Finalmente, analisemos a quarta e última seção do diário, na qual acompanhamos a transformação final de Zeno no romance e cuja relação com as seções anteriores é muito importante para entendê-la devidamente. Antes de analisar a própria transformação, examinemos quais são os eventos que a provocam. Para essa tarefa, é crucial que consideremos as novas funções desempenhadas pelo elemento crucial da seção anterior, a guerra. Já comentamos que ela afasta Zeno da sua família e do seu

---

[372] Ibid., pp. 1070-1071. Seria engraçado que alguém me convidasse a sério a mergulhar num estado de semiconsciência tal que pudesse reviver pelo menos uma hora de minha vida precedente. Rir-lhe-ia na cara. Como se pode abandonar um presente semelhante para andar em busca de coisas de nenhuma importância? Parece-me que só agora estou definitivamente desligado tanto de minha saúde quanto de minha doença. Caminho pelas ruas de nossa mísera cidade, sentindo-me um privilegiado que não vai à guerra e que encontra todos os dias aquilo que lhe agrada para comer. Em comparação com os demais, sinto-me tão feliz – principalmente depois que tive notícias dos meus – que seria provocar a ira dos deuses se quisesse estar perfeitamente bem (Ibid., p. 409).

[373] FREUD, *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 475.

administrador, o que lhe dá uma liberdade inédita, uma condição indispensável para o que examinaremos a seguir. Ainda mais importante é outra mudança provocada pelo conflito e que aparece explicitamente no último parágrafo da terceira seção: "Non si deve né comperare né vendere. Il commercio rinascerà quando ci sarà la pace. L'Olivi dalla Svizzera mi fece pervenire dei consigli. Se sapesse come i suoi consigli stonano in quest'ambiente ch'è mutato del tutto!".[374] A guerra mudou o comércio a tal ponto que Zeno fala como se ele estivesse morto e que os conselhos de um comerciante experiente se tornam estranhos. Na quarta seção, lemos como o protagonista atua no novo ambiente comercial:

> Allora io cominciai a *comperare*. Sottolineo questo verbo perché ha un significato più alto di prima della guerra. In bocca di un commerciante, allora, significava ch'egli era disposto a comperare un dato articolo. Ma quando io lo dissi, volli significare ch'io ero compratore di qualunque merce che mi sarebbe stata offerta. Come tutte le persone forti, io ebbi nella mia testa una sola idea e di quella vissi e fu la mia fortuna. L'Olivi non era a Trieste, ma è certo ch'egli non avrebbe permesso un rischio simile e lo avrebbe riservato agli altri. Invece per me non era un rischio. Io ne sapevo il risultato felice con piena certezza. [...]
> Con grande orgoglio ricordo che il mio primo acquisto fu addirittura apparentemente una sciocchezza e inteso unicamente a realizzare subito la mia nuova idea: Una partita non grande d'incenso. Il venditore mi vantava la possibilità d'impiegare l'incenso quale un surrogato della resina che già cominciava a mancare, ma io quale chimico sapevo con piena certezza che l'incenso mai più avrebbe potuto sostituire la resina di cui era differente *toto genere*. Secondo la mia idea il mondo sarebbe arrivato ad una miseria tale da dover accettare l'incenso quale un surrogato della resina. E comperai! Pochi giorni or sono ne vendetti una piccola parte e ne ricavai l'importo che m'era occorso per appropriarmi della partita intera. Nel momento in cui incassai quei denari mi si allargò il petto al sentimento della mia forza e della mia salute.[375]

---

[374] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1081. Não se deve comprar nem vender. O comércio renascerá quando vier a paz. Olivi mandou-me conselhos da Suíça. Se soubesse como seus conselhos destoam deste ambiente de todo mudado (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 418)!

[375] Ibid., pp. 1082-1083. Foi então que comecei a *comprar*. Sublinho o verbo para frisar que tem um significado mais amplo do que antes da guerra. Antes, na boca de um comerciante, significava que ele estava disposto a comprar um determinado artigo. Contudo, quando agora o digo, quero significar que compro qualquer mercadoria que me for oferecida. Como todas as pessoas fortes, só tinha uma ideia em mente e dela vivi e com ela adquiri fortuna. Olivi não estava em Trieste, mas é certo que ele não teria permitido um risco semelhante e o reservaria aos outros. Para mim, ao contrário, não era um risco. Eu sabia do bom resultado com toda a certeza. [...]
Com orgulho recordo que minha primeira aquisição foi uma verdadeira loucura na aparência, unicamente destinada a pôr logo em prática a minha ideia: uma partida razoável de incenso. O vendedor tentava convencer-me da possibilidade de vir o incenso a ser utilizado como sucedâneo da resina, que já começava a escassear; na qualidade de químico, porém eu tinha plena certeza de que esse produto jamais poderia substituir a resina, de que diferia *toto genere*. A minha ideia, contudo, era a de que o mundo chegaria a uma miséria tal que era capaz de aceitar o incenso como sucedâneo da resina. E comprei! Poucos dias depois vendi uma pequena parte do estoque e ganhei tanto quanto despendera para adquirir a partida inteira. No momento em que embolsei o dinheiro, meu peito distendeu-se com a sensação da minha força e da minha saúde (Ibid., pp. 419-420).

Em suma, Zeno, que não tem as habilidades exigidas para o comércio, atua de um modo que os bons comerciantes reprovariam: só consegue assumir riscos incomuns porque se trata de uma oportunidade única na qual Olivi não está presente para impedi-lo, compra num sentido diferente dos comerciantes e a sua principal transação está baseada num argumento – o uso do incenso como substituto da resina – que um vendedor usa para enganá-lo. Zeno aposta que esse argumento, certamente falso numa situação de paz, pode tornar-se verdadeiro durante uma guerra.

Sobre a relação examinada entre o desenvolvimento individual e a mudança ambiental, acrescentemos apenas que é uma das reflexões de Svevo baseadas na evolução biológica. Eduardo Saccone estudou essas reflexões num artigo no qual destaca dois textos do escritor: "*L'uomo e la teoria darwiniana* (a cui bisogna affiancare l'altro immediatamente seguente e collegato nel volume dei *Saggi e pagine sparse* [é *La corruzione dell'anima*])".[376] Interessa-nos o primeiro texto, no qual a noção do homem que é apenas um esboço é vinculada à evolução e às mudanças no indivíduo e no ambiente; isso é exposto por Svevo nos seguintes termos:

> Io credo che l'animale più capace ad evolversi sia quello in cui una parte è in continua lotta con l'altra per la supremazia, e l'animale, ora o nelle generazioni future, abbia conservata la possibilità di evolversi da una parte o dall'altra in conformità a quanto gli sarà domandato dalla società di cui nessuno può ora prevedere i bisogni e le esigenze. Nella mia mancanza assoluta di uno sviluppo marcato in qualsivoglia senso io sono quell'uomo. Lo sento tanto bene che nella mia solitudine me ne glorio altamente e sto aspettando sapendo di non essere altro che un abbozzo.[377]

Retomando a análise do romance, verifiquemos o que ocorre quando, estabelecido o novo ambiente comercial, o protagonista consegue conduzir com sucesso a empresa do pai. Essa vitória no comércio provoca um efeito nada trivial, a transformação final de Zeno, que já apareceu na última citação que fizemos do romance, quando ele fala do sentimento de saúde que o invade ao embolsar o dinheiro ganho com a venda de incenso, e é totalmente explicitado no seguinte trecho: "Ammetto che per

---

[376] SACCONE, Eduardo. Svevo, Zeno e la psicanalisi. *MLN*, v. 85, n. 1, p. 72, ed. italiana, jan. 1970. *L'uomo e la teoria darwiniana* (ao qual é preciso acrescentar o imediatamente seguinte e associado no volume dos *Saggi e pagine sparse* [é *La corruzione dell'anima*]) (tradução nossa).

[377] SVEVO, *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 638. Eu acredito que o animal mais capaz de evoluir seja aquele no qual uma parte está em constante luta com a outra pela supremacia, e o animal, agora ou nas gerações futuras, haja conservado a possibilidade de evoluir a partir de uma parte ou da outra de acordo com o que lhe será solicitado pela sociedade, da qual ninguém pode agora prever as necessidades e as exigências. Na minha absoluta falta de um desenvolvimento marcado em qualquer direção eu sou esse homem. Sinto isso tão bem que, na minha solidão, elogio-me muito por isso e estou à espera sabendo não ser nada mais do que um esboço (tradução nossa).

avere la persuasione della salute il mio destino dovette mutare e scaldare il mio organismo con la lotta e sopratutto col trionfo. Fu il mio commercio che mi guarì".[378]

Desse modo, um elemento da segunda seção do diário é retomado e complementado na quarta: tal como aquela seção era um relato de como Zeno era curado do desejo pela mãe, esta é um relato da sua segunda cura, dessa vez da rivalidade com o pai, como começaremos a verificar em seguida. Lembremos o que concluímos ao analisar a morte do pai do protagonista no capítulo inicial deste trabalho: o pai venceu a disputa com o filho quando morreu sem que este houvesse demonstrado a sua capacidade, e colocou no testamento que os negócios a serem herdados por Zeno deveriam ficar sob a tutela de Olivi. Como examinamos ao longo dos capítulos anteriores, o protagonista tem várias iniciativas cujo objetivo é dirigir os negócios no lugar de Olivi e, portanto, reverter a vitória paterna; pois bem, o tão comemorado sucesso no comércio é a primeira dessas iniciativas que é bem-sucedida e, portanto, Zeno finalmente alcança algo que buscou durante mais de duas décadas, a vitória sobre o pai. Que ela também seja uma cura, eis o que comprovaremos ao tratar dessa transformação até o final deste capítulo.

Dividiremos a análise da segunda cura em três partes. Na primeira, trataremos de outro elemento retomado da terceira seção: a forma dada à relação de rivalidade. Se Zeno também está curado do componente paterno do complexo de Édipo, então deve dar novas formas a essa relação, cessando de repetir a rivalidade que estabeleceu com o pai. É o que ocorre quando Zeno, em contraste com as demonstrações de cortesia e a negação da guerra da seção anterior, é declaradamente hostil ou expõe a rivalidade entre os homens ao escrever pela última vez no diário.

Para entendermos a primeira das mudanças de Zeno – a hostilidade declarada –, precisamos antes abordar as modificações pelas quais passa o diário. Para começar, é imprescindível notar que o diário deixou de ser estritamente privado para ganhar um leitor de extrema importância:

> Ecco che dalla Svizzera il dr. S. mi scrive pregandomi di mandargli quanto avessi ancora annotato. È una domanda curiosa, ma non ho nulla in contrario di mandargli anche questo libercolo dal quale chiaramente vedrà come io la pensi di lui e della sua cura. Giacché possiede tutte le mie confessioni, si tenga anche queste poche pagine e ancora qualcuna che volentieri aggiungo a sua edificazione.[379]

---

[378] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1082. Admito que, para chegar à persuasão de estar sadio, o meu destino teve de mudar e o meu organismo se escaldou na luta e sobretudo no triunfo. Foi o comércio que me curou (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 419).

[379] Ibid., p. 1081. Eis que me escreve da Suíça o dr. S. pedindo-me que lhe mande tudo quanto eu tenha anotado. Trata-se de um pedido curioso, mas nada tenho contra o fato de lhe mandar este livrinho no qual

Considerando o destinatário e o grau de franqueza do escritor, podemos dividir o que Zeno escreveu em três partes: as confissões anteriores às sessões de psicanálise, as três primeiras seções do diário e a última seção. As confissões eram destinadas à leitura do psicanalista desde o princípio e, portanto, não primavam pela franqueza; as seções iniciais do diário eram mais francas por não se destinarem a ser lidas por outras pessoas, principalmente no que se refere à transferência negativa, que – como já analisamos neste capítulo – é a causa da hostilidade dirigida ao doutor S. por meio de termos ofensivos, de atitudes e ponderações nas quais é ridicularizado e de manifestações de desgosto em revê-lo; a última seção do diário, por fim, resulta num híbrido das duas partes anteriores, pois é destinada ao psicanalista, mas não o poupa das expressões de hostilidade, a começar por aquelas que já estavam nas seções anteriores e que Zeno concorda em lhas enviar. Apesar de ser um híbrido, a quarta seção expõe uma efetiva transformação de Zeno, pois ele finalmente é declaradamente hostil com o seu rival (já fora hostil com Guido, mas pretensamente tentava protegê-lo dele mesmo).

Além do que envolve o destinatário, examinemos duas mudanças ocorridas nos fatores que condicionam a escrita do diário. A primeira implica a negação de um dos elementos principais da primeira seção, mantido nas duas seguintes: a escrita do diário como mais uma das manifestações da resistência de Zeno. Após as duas curas, ele mesmo sentencia com convicção que não precisa mais do tratamento e, portanto, não pode mais haver resistência nem há mais razão para continuar o diário. De fato, depois de escrever três vezes nele em menos de dois meses, ele permanece muitos meses sem fazê-lo (retoma em junho de 1916): "Dal Giugno dell'anno scorso non avevo più toccato questo libercolo".[380] A segunda mudança consiste em que, ao contrário das seções anteriores, a escrita não funciona mais como afastamento da condição de entrega; longe de estar numa situação de ociosidade que propicie tal condição, Zeno dispõe de pouco tempo livre: "Ho poco tempo perché il mio commercio occupa la mia giornata. Ma al signor dottor S. voglio pur dire il fatto suo".[381] Assim, o diário só ganha a quarta seção por causa da carta encaminhada pelo psicanalista pedindo a Zeno que lhe

---

verá claramente o que penso dele e do seu tratamento. Já que está de posse de todas as minhas confissões, que tenha também estas poucas páginas e algumas outras que eu venha a acrescentar para a sua edificação (Ibid., pp. 418-419).

[380] Ibid., p. 1081. Desde maio [*sic*] do ano passado não tocava neste caderno (Ibid., p. 418).

[381] Ibid., pp. 1081-1082. Não tenho muito tempo, pois o comércio me ocupa o dia inteiro. Ao sr. dr. S. quero, no entanto, dar aquilo que merece (Ibid., p. 419).

envie as anotações mais recentes e por que este, apesar do pouco tempo livre, decide escrever para o rival.

Relacionando as considerações anteriores sobre as modificações na escrita do diário com a segunda cura, concluímos que Zeno escreve a quarta seção, destinada ao doutor S., justamente porque a relação edipiana com o pai não existe mais: ao contrário do protagonista que não sabe que a cura pelo comércio também é a vitória tão desejada sobre o pai, o narrador sabe que essa cura também é a vitória sobre o psicanalista, já que não precisa mais da terapia nem foi ela que o curou. Em suma, a escrita do narrador deixa de desempenhar a função de distorção que teve nas confissões e nas seções anteriores do diário para ser um instrumento da rivalidade.

Portanto, uma das formas da nova rivalidade de Zeno é a hostilidade francamente declarada ao rival, o que era sucintamente apresentado pelo texto por meio da decisão de Zeno enviar o que já havia escrito ao psicanalista e atinge o ápice ao escrever-lhe para que ele saiba que foi derrotado: "Io sono guarito! Non solo non voglio fare la psico-analisi, ma non ne ho neppur di bisogno. [...] Fu il mio commercio che mi guarì e voglio che il dottor S. lo sappia".[382]

Trataremos da segunda mudança da rivalidade na próxima parte da análise da cura da relação edipiana com o pai, pois as duas abordagens envolvem os mesmos trechos. Comecemos essa parte da análise, que trata da nova relação de Zeno com a saúde e a doença, relembrando que ele passou grande parte da vida cuidando da saúde, desde a procura por médicos para parar de fumar após uma moléstia na juventude até os cuidados que aparecem na penúltima seção do diário: "Dovevo prendere il sale di Carlsbad e fare anche una passeggiata prima del caffè. Fu durante questa cura [...] come usavo spesso da qualche tempo, camminando facevo la ginnastica polmonare del Niemeyer".[383] É uma sucessão dos mais variados tratamentos e recomendações médicas, procurados e depois interrompidos. Conforme comentamos ao analisar a primeira seção do diário, trata-se de um conflito entre a doença e a saúde que se configura como uma repetição oscilatória iniciada durante a moléstia na juventude, na qual também começou a oscilação equivalente entre fumar e parar de fumar.

---

[382] Ibid., p. 1082. Estou curado! Além de não querer submeter-me à psicanálise, também não tenho necessidade dela. [...] Foi o comércio que me curou e quero que o dr. S. o saiba (Ibid., p. 419).

[383] Ibid., pp. 1071-1072. Tinha que tomar o sal de Carlsbad e dar também um passeio antes do café. Durante esse tratamento [...] como de hábito desde algum tempo, caminhava fazendo a ginástica respiratória de Niemeyer (Ibid., pp. 409-411).

Diante do histórico resumido no parágrafo anterior, é patente a transformação ocorrida na relação de Zeno com a saúde e a doença após a cura pelo comércio:

> Intanto egli [o doutor S.] crede di ricevere altre confessioni di malattia e debolezza e invece riceverà la descrizione di una salute solida, perfetta quanto la mia età abbastanza inoltrata può permettere. [...] Io soffro bensì di certi dolori, ma mancano d'importanza nella mia grande salute. Posso mettere un impiastro qui o là, ma il resto ha da moversi e battersi e mai indugiarsi nell'immobilità come gl'incancreniti. Dolore e amore, poi, la vita insomma, non può essere considerata quale una malattia perché duole. [...]
> Naturalmente io non sono un ingenuo e scuso il dottore di vedere nella vita stessa una manifestazione di malattia. La vita somiglia un poco alla malattia come procede per crisi e lisi ed ha i giornalieri miglioramenti e peggioramenti. A differenza delle altre malattie la vita è sempre mortale. Non sopporta cure. Sarebbe come voler turare i buchi che abbiamo nel corpo credendoli delle ferite. Morremmo strangolati non appena curati.[384]

As considerações da citação anterior estão baseadas na nova concepção de Zeno sobre a saúde e a doença, segundo a qual elas são inseparáveis. Assim, o fim do segundo parágrafo considera que um organismo que não tenha doença tampouco pode ter saúde, ou seja, está morto. Estando vivo, o organismo tem simultaneamente doença e saúde, e Zeno explora os limites da distribuição de ambas. Por um lado, um organismo cuja saúde seja máxima, ainda assim possui alguma doença, de modo que o narrador pode afirmar que está perfeitamente saudável ainda que acrescente a ressalva dos problemas próprios da sua idade. Por outro lado, um organismo cuja doença seja máxima, ainda assim possui alguma saúde para estar vivo, como é o caso daqueles que estão enfermos a ponto de não conseguirem mover-se nem lutar para continuar a viver. Logo, tudo se torna uma questão de grau e o que importa não é não ter nenhuma doença, mas manter-se afastado daquelas graves, que provocam restrições severas. Até mesmo a piora de saúde deixa, em geral, de ser alarmante, pois é esperado que a distribuição seja variável, resultando em crises e recuperações que se sucedem em períodos irregulares. Obviamente, não há mais menção à repetição oscilatória de cuidados com a saúde, dependente de um conflito inexistente na nova concepção.

---

[384] Ibid., pp. 1082-1084. Ele [o doutor S.] estará à espera de receber outras confissões de minha doença e da minha fraqueza e, em vez disso, receberá a descrição de uma saúde sólida, perfeita, tanto quanto a minha idade avançada o permite. [...] É verdade que ainda sofro de algumas dores, mas de nenhuma importância no quadro de minha grande saúde. Às vezes ponho um emplastro aqui ou ali, mas o resto se move e luta, jamais se entregando à imobilidade dos esclerosados. Dor e amor; portanto a vida, em suma, não pode ser considerada uma doença pelo simples fato de doer. [...]
Naturalmente não sou ingênuo e desculpo o doutor que vê na própria vida uma manifestação da doença. A vida assemelha-se um pouco à enfermidade, à medida que procede por crises e deslizes e tem seus altos e baixos cotidianos. À diferença das outras moléstias, a vida é sempre mortal. Não admite tratamento. Seria como querer tapar os orifícios que temos no corpo, imaginando que sejam feridas. No fim da cura estaríamos sufocados (Ibid., pp. 419-420).

Voltando a abordar a transformação da rivalidade de Zeno, notemos que ele, que não possui nenhuma formação médica, expõe reflexões sobre temas fundamentais dessa área num texto destinado ao doutor S. e no tom de quem se propõe a ensiná-lo. Logo, além de ser mais uma franca expressão de rivalidade, é uma tentativa (pouco importa o seu sucesso) feita pelo narrador para vencer o rival na sua própria área de atuação, tal como venceu o pai na área dele, o comércio.

Não parece haver elementos suficientes para saber o que o doutor S. pensaria sobre a concepção apresentada por Zeno, mas vale ressaltar que Freud também fazia uma distinção meramente quantitativa entre as pessoas sadias e os neuróticos:

> [...] se alguém submete a um exame mais atento sua vida desperta, descobre [...] que essa vida pretensamente sadia está marcada aqui e ali por grande número de sintomas banais e destituídos de importância prática.
> A distinção entre saúde nervosa e neurose reduz-se, por conseguinte, a uma questão prática e é decidida pelo resultado, isto é, a pessoa ter ou não ter um nível suficiente de capacidade para aproveitar a vida e ser eficiente. Tal distinção [...] é de natureza quantitativa, não qualitativa.[385]

Para encerrarmos as duas primeiras partes da análise da segunda cura, examinemos os últimos parágrafos do romance, que nos apresentam desdobramentos de ambas as partes. Comecemos pela rivalidade, que não fica mais restrita ao âmbito privado da relação com o doutor S.: como já anunciamos, em contraste com a negação da guerra da seção anterior do diário, Zeno expõe claramente a presença da competição e da agressividade entre os homens. A abordagem da rivalidade num âmbito público ocorre inicialmente com a ameaça de superpopulação e depois com os artefatos de destruição em massa, quando o narrador atinge o ápice em termos de agressividade ao expor a hipótese de que um único homem, após a invenção de um explosivo incomparável, destrua toda a vida conhecida:

> Ne seguirà una grande ricchezza... nel numero degli uomini. Ogni metro quadrato sarà occupato da un uomo. Chi ci guarirà dalla mancanza di aria e di spazio? Solamente al pensarci soffoco!
> [...] Quando i gas velenosi non basteranno più, un uomo fatto come tutti gli altri, nel segreto di una stanza di questo mondo, inventerà un esplosivo incomparabile, in confronto al quale gli esplosivi attualmente esistenti saranno considerati quali innocui giocattoli. Ed un altro uomo fatto anche lui come tutti gli altri, ma degli altri un po' più ammalato, ruberà tale esplosivo e s'arrampicherà al centro della terra per porlo nel punto ove il suo effetto potrà essere il massimo. Ci sarà un'esplosione enorme che nessuno udrà e la terra ritornata alla forma di nebulosa errerà nei cieli priva di parassiti e di malattie.[386]

---

[385] FREUD, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, op. cit., pp. 532-533.

[386] SVEVO, *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., pp. 1084-1085. Prevê-se uma grande riqueza... no número de homens. Cada metro quadrado será ocupado por ele. Quem se livrará da falta de ar e de espaço? Sufoco só de pensar nisto!

Quanto à nova concepção sobre as noções de saúde e doença, ela aparece tanto de modo localizado quanto como influência global nos parágrafos finais. No primeiro caso, há os homens que hipoteticamente inventariam o explosivo incomparável e o usariam para destruir o planeta, pois a ideia de que eles, apesar de acabarem com toda a vida conhecida, não seriam especialmente doentes claramente rejeita que a relação entre as duas noções possa ser de negação. É também o caso do fim da citação, quando o raciocínio segundo o qual um organismo que não tenha doença tampouco possa ser sadio é expandido para o planeta inteiro, pois a explosão acaba não só com os parasitas e as moléstias, mas também com a existência da própria saúde.

Quanto ao segundo caso, comecemos notando que, finalmente rompida a oscilação dos cuidados com a própria saúde, Zeno então se permite considerar as doenças da espécie humana – uma transformação que acompanha a da rivalidade, cuja abordagem pelo narrador também é ampliada até abarcar a humanidade inteira. É certo que não se ocupa de quaisquer doenças: em conformidade com a sua nova concepção, o narrador só se dedica a graves ameaças à vida. Esse grau de gravidade é até mesmo mencionado no começo da apresentação da primeira delas: "La vita attuale è inquinata alle radici. L'uomo s'è messo al posto degli alberi e delle bestie ed ha inquinata l'aria, ha impedito il libero spazio".[387] A essa primeira ameaça, a da degradação ambiental, junta-se a da superpopulação, já citada, e a mais perigosa de todas, que é a base para a hipótese da destruição do planeta pelo explosivo incomparável, a dos artefatos:

> Qualunque sforzo di darci la salute è vano. Questa non può appartenere che alla bestia che conosce un solo progresso, quello del proprio organismo. Allorché la rondinella comprese che per essa non c'era altra possibile vita fuori dell'emigrazione, essa ingrossò il muscolo che muove le sue ali e che divenne la parte più considerevole del suo organismo. [...]
> Ma l'occhialuto uomo, invece, inventa gli ordigni fuori del suo corpo e se c'è stata salute e nobiltà in chi li inventò, quasi sempre manca in chi li usa. Gli ordigni si comperano, si vendono e si rubano e l'uomo diventa sempre più furbo e più debole. Anzi si capisce che la sua furbizia cresce in proporzione della sua debolezza. I primi suoi ordigni parevano prolungazioni del suo braccio e non potevano essere efficaci che per la forza dello stesso, ma, oramai, l'ordigno non ha più alcuna relazione con l'arto. Ed

---

[...] Quando os gases venenosos já não bastarem, um homem feito como todos os outros, no segredo de uma câmara qualquer neste mundo, inventará um explosivo incomparável, diante do qual os explosivos de hoje serão considerados brincadeiras inócuas. E outro homem, também feito da mesma forma que os outros, mas um pouco mais insano que os demais, roubará esse explosivo e penetrará até o centro da Terra para pô-lo no ponto em que seu efeito possa ser o máximo. Haverá uma explosão enorme que ninguém ouvirá, e a Terra, retornando à sua forma original de nebulosa, errará pelos céus, livre dos parasitos e das enfermidades (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., pp. 421-422).

[387] Ibid., p. 1084. A vida atual está contaminada até as raízes. O homem usurpou o lugar das árvores e dos animais, contaminou o ar, limitou o espaço livre (Ibid., p. 421).

> è l'ordigno che crea la malattia con l'abbandono della legge che fu su tutta la terra la creatrice. La legge del più forte sparì e perdemmo la selezione salutare. [...] Sotto la legge del possessore del maggior numero di ordigni prospereranno malattie e ammalati.[388]

Assim, a troca da seleção natural pela seleção segundo a posse dos artefatos causa a proliferação sistemática das moléstias e, portanto, um desequilíbrio cada vez maior na distribuição entre a saúde e a doença, o que constitui uma ameaça crescente à manutenção da espécie.

Tal como fizemos ao analisar a vitória comercial do protagonista, assinalemos brevemente que a função dos artefatos na evolução humana é uma reflexão à qual Svevo se dedicava independentemente do seu trabalho ficcional. Citemos novamente um trecho do texto *L'uomo e la teoria darwiniana*, no qual o escritor afirma que o homem "si mise a costruire i suoi ordigni e questi erano tutti adatti al suo povero organismo [...] mentre gli altri animali cessavano dalla vera vita ch'è l'evoluzione, l'uomo inventò una nuova evoluzione fuori del proprio organismo e la perseguí instancabile".[389]

As transformações que examinamos nas duas primeiras partes da análise da segunda cura comprovam que a vitória no comércio curou Zeno da rivalidade edipiana com o pai. Uma vez que confirmamos essa cura tão inusitada, interrompamos o estudo específico da última seção do diário para considerar a questão mais geral da abordagem dada à terapia psicanalítica no romance.

Comecemos retomando a primeira cura, da qual tratamos ao analisar a segunda seção. Conforme verificamos nessa análise, essa cura apresenta um distanciamento em relação àquela buscada por Freud na medida em que Zeno não se torna consciente do amor pela mãe. Por outro lado, como também observamos, a cura parece estar relacionada às sessões de psicanálise com o doutor S., pois são o único acontecimento

---

[388] Ibid., pp. 1084-1085. Qualquer esforço de restabelecer a saúde será vão. Esta só poderá pertencer ao animal que conhece apenas o progresso de seu próprio organismo. Desde o momento em que a andorinha compreendeu que para ela não havia outra vida possível senão emigrando, o músculo que move as suas asas engrossou-se, tornando-se a parte mais considerável de seu corpo. [...]
O homem, porém, este animal de óculos, ao contrário, inventa artefatos alheios ao seu corpo, e se há nobreza e valor em quem os inventa, quase sempre faltam a quem os usa. Os artefatos se compram, se vendem, se roubam e o homem se torna cada vez mais astuto e fraco. Compreende-se mesmo que sua astúcia cresça na proporção de sua fraqueza. Suas primeiras máquinas pareciam prolongamentos de seu braço e só podiam ser eficazes em função de sua própria força, mas, hoje, o artefato já não guarda nenhuma relação com os membros. E é o artefato que cria a moléstia por abandonar a lei que foi criadora de tudo o que há na Terra. A lei do mais forte desapareceu e perdemos a seleção salutar. [...] sob a lei do possuidor do maior número de artefatos é que prosperam as doenças e os enfermos (Ibid., p. 421).

[389] Id., *Racconti, saggi, pagine sparse*, op. cit., p. 639. [...] pôs-se a construir os seus artefatos e eram todos adequados ao seu pobre corpo [...] enquanto os outros animais deixavam a verdadeira vida que é a evolução, o homem inventou uma nova evolução fora do próprio corpo e a perseguiu, incansável (tradução nossa).

recente da vida de Zeno com capacidade para efetuá-la, e essa conclusão é reforçada pela sugestão do narrador de que não trai a mulher desde que abandonou a terapia. Tudo se passa como se as próprias sessões estivessem inibindo o processo terapêutico, talvez em razão da intensa resistência – especialmente a transferência negativa – que atuava sem obstáculos, pois não era tratada pelo psicanalista.

Com base no caso de uma mulher que se consultou com um médico que se supõe conhecer apenas alguns dos achados da psicanálise, Freud faz um comentário que também seria bastante adequado à primeira cura de Zeno:

> Tenho amiúde encontrado que um procedimento inepto desses, mesmo se a princípio produzia uma exacerbação da condição do paciente, conduzia a uma recuperação ao final. Nem sempre, mas muito amiúde. Quando ele já insultou bastante o médico e se sente suficientemente distanciado de sua influência, seus sintomas cedem, ou ele se decide a tomar alguma iniciativa que vai no caminho da recuperação. A melhoria final então advém "por si" ou é atribuída a certo tratamento totalmente neutro por algum outro doutor para quem o paciente tenha mais tarde se voltado.[390]

No caso do romance, a melhoria final do protagonista aparentemente ocorre "por si" durante um solitário passeio pelo campo. Mais tarde, Freud destacará uma atividade exclusiva do paciente que é crucial mesmo num contexto clínico ortodoxo:

> Amiúde me têm sido pedidos conselhos sobre casos em que o médico se queixou de ter apontado a resistência ao paciente e, não obstante, mudança alguma ter-se efetuado; na verdade, a resistência tornou-se ainda mais forte e toda a situação ficou mais obscura do que nunca. O tratamento parecia não progredir. Este prenúncio sombrio sempre se mostrou errôneo. O tratamento, via de regra, progredia muito satisfatoriamente. O analista simplesmente se havia esquecido de que o fato de dar à resistência um nome poderia não resultar em sua cessação imediata. Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para *elaborá-la*, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico segundo a regra fundamental da análise. [...] O médico nada mais tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, que não pode ser evitado nem continuamente apresado. [...]
> Esta elaboração das resistências pode, na prática, revelar-se uma tarefa árdua para o sujeito da análise e uma prova de paciência para o analista. Todavia, trata-se da parte do trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente.[391]

Assim, a primeira cura pode ser entendida como resultado dessa tarefa árdua (as traduções posteriores consagrarão um termo especialmente para ela: a perlaboração), que o paciente deve realizar mesmo numa terapia adequada, mas também pode acontecer a partir de um tratamento com um médico que nem mesmo é um psicanalista, só conhecendo alguns achados psicanalíticos.

---

[390] FREUD, *Cinco lições de psicanálise*, op. cit., pp. 238-239.
[391] Id., *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*, op. cit., pp. 202-203.

A propósito, as duas citações fornecem os elementos extremos de tipos de terapeutas que aplicam incorretamente a técnica psicanalítica. Se juntarmos a esses elementos o caso intermediário dos psicanalistas que esperam curar o paciente apenas comunicando-lhe o seu material inconsciente, obtemos uma série de terapeutas imperfeitos que é extraída dos próprios textos de Freud. Então podemos situar o doutor S. em tal série. Pelo modo como conduz a terapia após o diagnóstico, ele se enquadra exatamente no caso intermediário, como já concluímos na análise da primeira seção do diário. Por outro lado, o modo como atinge o diagnóstico nos faz situá-lo entre os dois elementos mais imperfeitos da série, pois nem é um mero conhecedor de achados psicanalíticos nem é bem capacitado para descobrir o material inconsciente do paciente.

Em suma, os comentários anteriores sobre elementos cruciais para o processo terapêutico de Zeno – a primeira cura e o doutor S. – permitem circunscrever as tensões de tais elementos com a terapia psicanalítica dentro de considerações e noções desenvolvidas nos próprios textos freudianos. A possibilidade de tais tensões terem uma origem tão direta no pensamento elaborado pelo próprio fundador da psicanálise tornaria concebível defender que elas estariam direcionadas menos a assinalar objeções às pretensões terapêuticas da psicanálise do que a evitar que o romance entregasse o diagnóstico pronto para o leitor, pois esse acesso fácil e direto à caracterização psíquica de Zeno como personagem tornaria vão, em boa medida, o grande esforço necessário para o leitor descobri-la no comportamento do protagonista e nos aspectos, temporais ou não, da escrita do narrador – dedicamos grande parte dos capítulos anteriores a tal descoberta. De fato, entendemos que o romance efetivamente deve evitar a apresentação da correta resolução psicanalítica da doença do protagonista; por outro lado, nos parece que seria desporporcional usar tantos desvios no tratamento e na cura de Zeno só para evitá-la.

A segunda cura é decisiva para uma avaliação adequada das tensões criadas no romance em relação à terapia psicanalítica: com a cura pelo comércio, o livro se distancia de modo relevante dos textos de Freud que Svevo provavelmente leu, pois não encontramos nenhum embasamento neles para o efeito terapêutico que a vitória sobre o rival edipiano causou e nenhum indício de que o romance tente fornecer tal embasamento, como fomos capazes de fazer diversas vezes em outros casos ao longo deste trabalho.

Diante das considerações anteriores, retomemos o que havíamos apresentado na introdução sob a perspectiva da biografia do autor. Havíamos detectado uma

bipartição no tratamento dado por Svevo à psicanálise, de modo que as ressalvas que lhe dirigia só não eram devidamente contrabalançadas no caso do seu aspecto terapêutico. Biograficamente, encontramos um dos mais contundentes momentos da sua abordagem questionadora da terapia psicanalítica numa carta de 27 de dezembro de 1927 a Jahier, na qual menciona mais uma vez o fracasso da longa e onerosa terapia do cunhado com Freud, explicita a impressão desagradável deixada por esse malogro e aconselha o correspondente, que pretende retomar um tratamento psicanalítico, a tentar outro tipo de tratamento:

> Non vorrei poi averle dato un consiglio che potrebbe attenuare la speranza ch'Ella ripone nella cura che vuole imprendere. [...] debbo aggiungere che il Freud stesso, dopo anni di cure implicanti gravi spese, congedò il paziente dichiarandolo inguaribile. Anzi io ammiro il Freud, ma quel verdetto dopo tanta vita perduta mi lasciò un'impressione disgustosa. [...] Perché non prova la cura dell'autosuggestione con qualche dottore della scuola de Nancy? Ella probabilmente l'avrà conosciuta per riderne. Io non ne rido. E provarla non costerebbe che la perdita di pochi giorni.[392]

Assim, estamos diante de uma situação na qual fica clara a existência de uma importante reserva de Svevo em relação ao tratamento psicanalítico: em nenhum momento ele o recomenda nem considera recomendá-lo caso a tentativa da autossugestão falhe. Apesar disso, a natureza da reserva não é clara. Por exemplo, podemos cogitar que, depois de ler a descrição que Jahier fez dos seus problemas, o escritor entenda que a psicanálise não é uma opção terapêutica adequada para esse caso ou que seja melhor, antes de insistir nessa opção de longa duração, tentar a autossugestão, cuja característica destacada por Svevo é justamente a brevidade. De qualquer modo, essa carta nos convence de que, no mínimo, ele não considera que a psicanálise seja a primeira opção de terapia para qualquer sofrimento psíquico.

Voltando ao romance, concluímos que nele também há uma bipartição no tratamento dado à psicanálise. Há uma ampla e consistente adesão a ela como compreensão do psiquismo, da qual justamente se pode ter uma ideia razoável pelos três primeiros capítulos deste trabalho, mas a terapia psicanalítica recebe uma abordagem questionadora pela qual o romance termina se abrindo para os limites clínicos da psicanálise num movimento que vai da exploração dos desvios examinados pelo próprio

---

[392] SVEVO, *Carteggio*, op. cit., p. 243. Gostaria de não haver lhe dado um conselho que poderia reduzir a esperança que o senhor deposita no tratamento que quer empreender. [...] devo acrescentar que o próprio Freud, depois de anos de tratamento envolvendo pesados gastos, descartou o paciente declarando-o incurável. Na verdade, eu admiro Freud, mas esse veredicto depois de tanta vida perdida me deixou uma impressão desgostosa. [...] Por que não tenta o tratamento de autossugestão com algum médico da escola de Nancy? O senhor provavelmente o conheceu para rir dele. Eu não rio disso. E tentá-lo só custaria a perda de poucos dias (tradução nossa).

Freud – o terapeuta de técnica falha ou ignorante dos mais recentes progressos clínicos e a perlaboração realizada após o abandono do tratamento – até a segunda cura, para a qual não conseguimos encontrar embasamento nas concepções clínicas elaboradas pelo psicanalista vienense.

Uma vez que estudamos a abordagem dada à terapia psicanalítica no romance, finalizemos a análise da quarta seção do diário. Trataremos das consequências, presentes nessa seção, do afastamento entre a concepção terapêutica de Freud e as curas de Zeno, examinaremos uma dúvida passível de ser provocada por tais consequências e, por fim, elaboraremos uma resposta a esse questionamento.

A primeira das consequências em análise é que Zeno, permanecendo inconsciente das relações edipianas com os pais, concebe equivocadamente os efeitos da sua vitória comercial: "Da lungo tempo io sapevo che la mia salute non poteva essere altro che la mia convinzione e ch'era una sciocchezza degna di un sognatore ipnagogico di volerla curare anziché persuadere".[393]

Assim como Zeno não percebeu a transformação da sua sexualidade durante a primeira cura, tampouco percebe a mudança provocada pelo sucesso no comércio no seu comportamento como rival ou reconhece que derrotou o pai com essa demonstração da sua capacidade. Para ele, a cura se reduz à nova concepção de saúde e doença – desenvolvida sem auxílio de nenhuma orientação médica –, pela qual apenas mudaria de opinião sobre o que antes considerava moléstias para as quais era prioritário e imprescindível procurar tratamentos, passando a conviver normalmente com elas sem mais dedicar a sua vida a tentar curá-las. Com essa interpretação da transformação final pela qual passa, é perfeitamente aceitável que Zeno use palavras como convicção ou persuasão na última citação.

A segunda consequência do distanciamento entre a concepção terapêutica de Freud e as curas de Zeno trata da falha mais abrangente dessas curas, que é abordada no seguinte trecho do diário, no qual o narrador escreve ao psicanalista que, "quando avrà ricevuta quest'ultima parte del mio manoscritto, dovrebbe restituirmelo tutto. Lo rifarei con chiarezza vera perché come potevo intendere la mia vita quando non ne conoscevo quest'ultimo periodo? Forse io vissi tanti anni solo per prepararmi ad esso!".[394] Zeno

---

[393] Id., *Romanzi e "continuazioni"*, op. cit., p. 1082. Eu já sabia desde muito que a saúde para mim era um caso de convicção e que era uma tolice digna de um sonhador hipnagógico querer tratar-me, em vez de querer persuadir-me (SVEVO, *A consciência de Zeno*, op. cit., p. 419).

[394] Ibid., p. 1083. [...] quando receber esta parte de meu manuscrito, certamente mo devolverá. É preciso refazê-lo para maior clareza por que como poderia compreender a minha vida quando ainda não lhe

menciona o período mais recente da sua vida, mas o que realmente importa é que ele não conhece devidamente o período inicial, pois continua inconsciente do complexo de Édipo. Assim, ele permanece incapaz de entender o próprio passado, inclusive a função das diversas doenças das quais tentou se curar ao longo da vida, condenando ao fracasso a tentativa de refazer o relato sobre a própria vida.

A última consequência do distanciamento em análise é que Zeno ainda está propenso à repetição, dado que não se tornou consciente do complexo de Édipo. Isso é evidenciado nas ameaças que expõem a hostilidade dos homens. Voltemos a elas sob esse ponto de vista.

Quanto às duas primeiras ameças, a degradação ambiental e a superpopulação, estão permeadas pela ideia de competição pelo espaço: o homem ocupou o lugar de outros organismos e a insistência em pensar na provável falta de espaço resulta até mesmo numa sensação de sufocamento! Ora, tal competição é típica da rivalidade do protagonista e já estava presente na relação com o pai conforme examinamos no primeiro capítulo ao analisarmos o relacionamento com o irmão.

Para voltarmos a considerar a ameaça dos artefatos de destruição em massa, precisamos recorrer à análise que fizemos da função da intensidade do som nas duas seções intermediárias do diário. Diante dessa recente e relevante função, ganha especial importância um detalhe bastante peculiar do modo como Zeno concebe uma explosão capaz de destruir toda a vida do planeta. De fato, essa explosão, o elemento mais agressivo do romance, deveria provocar o maior estrondo produzido na Terra em milênios, em relação ao qual os gritos dos militares relatados na seção anterior e o zurro referido na segunda seção seriam completamente desprezíveis, mas o narrador imagina que a bomba seria colocada no centro do planeta para maximizar o seu efeito, de modo que a explosão não seria sequer ouvida! Assim, Zeno concebe esse ato radicalmente agressivo de modo a excluir não só qualquer declaração de agressão, como ocorreu nas várias repetições da rivalidade paterna, mas também o som da própria agressão, como se a impedisse de declarar a si própria.

As consequências analisadas podem provocar a seguinte dúvida: como Zeno não só tem concepções equivocadas sobre as duas curas e continua incapaz de entender o próprio passado, mas também é acometido por novas repetições das suas condutas edipianas, podemos nos perguntar o quão sadio ele realmente está. Dedicaremos o final

---

conhecia este último período? Talvez eu tivesse vivido todos estes anos apenas a fim de me preparar para isto (Ibid., p. 420)!

deste capítulo a responder a esse questionamento. Como o romance não traz indícios que dirimam diretamente a dúvida formulada, confiaremos que podemos encontrar uma resposta plausível na relação entre os elementos já analisados. Depois abordaremos dois elementos dos parágrafos finais do romance que consideramos que reforçam a nossa resposta.

Ora, examinamos a nova concepção que o narrador expõe sobre a saúde e a doença, segundo a qual a distinção entre essas condições é uma questão de grau e o que importa é manter-se afastado das enfermidades que provocam restrições severas. A situação de Zeno antes das curas era muito restritiva: em grande parte das vezes, ele só tomava a iniciativa de fazer algo na medida em que conseguisse repetir comportamentos edipianos e, quando nada permitisse essa repetição, era dominado por um tédio que o prostrava. O controle sobre a própria vida também era muito restrito, pois tais repetições sempre eram realizadas por motivos diferentes dos que Zeno lhes atribuia.

Verifiquemos como ficam as restrições mencionadas após as duas curas. Não identificamos mais nenhuma repetição da relação com a mãe desde o abandono da terapia. No que se refere à repetição da rivalidade paterna, só temos a última seção do capítulo final para considerar o quanto ela ainda restringe a vida de Zeno. A situação apresentada é decisivamente melhor, pois ele não está mais dominado pelo tédio, sempre mencionado nas seções anteriores do diário, e as repetições que ainda acontecem, tais como as que encontramos na sensação de sufocamento e na explosão final, não são mais determinantes para a condução da ação e do pensamento de Zeno na medida em que tudo indica que a ausência delas não provocaria alterações relevantes no modo como ele age e pensa. Nos termos da citação que fizemos de Freud sobre esse assunto, elas não possuem mais importância prática.

Exemplifiquemos a mudança na influência da repetição com o caso da declaração da rivalidade: o narrador decide enviar o que já havia escrito ao psicanalista, revelando-lhe as hostilidades que escrevera a seu respeito, escreve-lhe para proclamar a vitória sobre ele e, em vez de negar a guerra – como fizera ao estar na presença dela –, expõe claramente, nos parágrafos finais, a hostilidade dos homens mesmo sem guerra. Diante dessa portentosa exposição de manifestações de rivalidade, conceber a concretização da ameça de destruição do planeta propiciada pela criação de um explosivo incomparável como uma agressão inaudível que só se revela no momento final é apenas um deslize sem importância prática (a própria argumentação de Zeno não sofreria nenhuma alteração relevante se ele imaginasse que a explosão seria anunciada e

acompanhada pelo maior estrondo de todos os tempos), além de o deslize ser neutralizado pelo próprio contexto no qual se insere, a saber, que Zeno esteja justamente alertando para a possibilidade de tal evento de destruição do planeta pelo homem.

Por fim, tratemos dos elementos que reforçam a nossa conclusão sobre a mudança na influência da repetição. O primeiro reforço é o seguinte comentário do narrador sobre a proliferação de doentes em virtude da substituição da seleção natural: "Altro che psico-analisi ci vorrebbe".[395] Amparado na nova concepção sobre a saúde e a doença, o final do romance completa o movimento de abertura para os limites terapêuticos da psicanálise com casos nos quais ela não serve como opção para levar à cura: ela não é mais necessária para Zeno, pois o grau de influência da repetição é tal que só precisaria ser tratada se a saúde fosse entendida como a completa ausência de enfermidade, e ela seria impotente para lidar com a ameaça à própria existência de um homem saudável propiciada pelo abandono da seleção natural.

O segundo e último reforço é a gradação da posição temporal da narração, que se completa nos parágrafos finais. Para apresentá-la, recorramos às distinções de Genette:

> Haveria, pois, que distinguir, do simples ponto de vista da posição temporal, quatro tipos de narração: *ulterior* (posição clássica da narrativa no passado, sem dúvida, e de muito longe, a mais frequente), *anterior* (narrativa predictiva, geralmente no futuro [...]), *simultânea* (narrativa no presente, contemporânea da acção) e *intercalada* (entre os momentos da acção).[396]

Segundo as distinções citadas, o romance, após os dois capítulos introdutórios, poderia ser dividido em três partes: as confissões de Zeno (do terceiro ao sétimo capítulos), o seu diário, exceto os parágrafos finais, que constituem a última parte.

Na primeira parte, a posição temporal da narração é ulterior e o narrador conta o seu passado remoto por meio de um relato distorcido dos episódios relevantes para o entendimento da sua doença. Na segunda parte, a posição temporal é intercalada na maior parte do texto, como é comum aos diários, e simultânea no restante, pois o narrador também comenta a própria escrita e a sua doença (na última seção, a doença em geral) de um modo que extrapola a trama relatada em cada seção. Com essas posições temporais, nas quais se trata do passado recente e do presente, é narrado o percurso de efetiva transformação de Zeno desde as sessões de psicanálise até as duas curas. Finalmente, a narração da terceira parte é feita com a posição temporal

---

[395] Ibid., p. 1085. Precisávamos de algo melhor [*sic*] do que a psicanálise (Ibid., p. 421).
[396] GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1987, p. 216.

denominada anterior. Zeno usa vários verbos no futuro e só nesse trecho derradeiro trata dos tempos que virão. Essa gradação da posição temporal que conclui com a abertura para o futuro não condiz com um regime de repetições que permanecesse relevante mesmo após a segunda cura, reforçando a nossa conclusão de que as recorrências que ainda ocorrem correspondem à fração mínima de doença de um Zeno enfim tão saudável quanto se pode ser.

CONCLUSÃO

Desde o início deste trabalho, propusemos investigar a presença da psicanálise, principalmente como sistema de compreensão do psiquismo e, em menor grau, como método terapêutico, no principal livro de Svevo, *La coscienza di Zeno*. Após investigá-la ao longo de dezenas de páginas, podemos confirmar o que sugerimos na introdução: que ela merecia ser explorada isoladamente até que tivéssemos extraído o máximo de resultados relevantes de tal abordagem. Ao menos é o que esperamos expor na presente conclusão do nosso trabalho.

Comecemos retomando os principais elementos que exploramos em cada capítulo. Dedicamos o primeiro capítulo a um estudo da subjetividade de Zeno – principalmente o protagonista, pois a produção do narrador é objeto da análise dos capítulos seguintes –, baseado nas concepções psicanalíticas.

Iniciamos o capítulo tratando brevemente da influência da noção de Vontade de Schopenhauer desde o primeiro romance de Svevo apenas para deixar claro que o escritor já trabalhava nos seus textos literários com a concepção de um psiquismo que não se reduz à consciência antes mesmo de conhecer os textos de Freud.

Depois analisamos detalhadamente os sonhos de Zeno. Por um lado, verificamos tanto que eles são construídos conforme as concepções de Freud sobre a formação do conteúdo manifesto do sonho a partir dos pensamentos oníricos, dos quais consideramos especialmente o deslocamento, a inversão, a simbologia onírica e a condensação, quanto apropriações mais pontuais, como as configurações de sonhos ocorridos durante uma única noite e do sonho dentro do sonho.

Por outro lado, conhecemos, por meio da análise dos sonhos, elementos de grande importância na constituição psíquica de Zeno. Assim, compreendemos a natureza das suas relações com alguns personagens, principalmente daquelas que são insuficientemente apresentadas pelo restante da narrativa: a rivalidade com o irmão e o intenso desejo pela mãe. Quanto a esse desejo, mostramos que ele é caracterizado por dois comportamentos sexuais estudados por Freud: o canibalismo, que só aparece no texto por meio dos sonhos, e o fetichismo, no qual a atração pelas partes tem como contraparte, no caso de Zeno, o sentimento da unidade materna. Por fim, o sonho duplo com Ada, além da intensa carga sexual e da realização do desejo do protagonista pela cunhada com manifestações oníricas relativas à ereção e à ejaculação, também aproveita

o desejo de Zeno por uma mulher muito doente para abordar a doença da sua sexualidade e a sua recusa a se tornar consciente dela.

A doença do protagonista é até mesmo identificada no sonho com Ada por meio da condensação de outros elementos na representação da doença dela: a morte do pai e o mendicante Édipo. É exatamente o assunto do qual tratamos após a abordagem dos sonhos no romance de Svevo: o complexo de Édipo. Começamos com o desejo pela mãe, do qual verificamos a importância do fetichismo e do sentimento de uma mulher única e inteira, que se tornam os componentes mais cruciais da sexualidade de Zeno, mediante a análise tanto da contraposição que ele faz entre a atração que sente pelas partes do corpo feminino e o que define como amor são quanto no modo como concebe o seu amor por Ada. Ao fazer essa análise, nos servimos da noção fundamental de Freud de que o que foi recalcado passa a se repetir, como as mulheres desejadas por Zeno são sempre elaboradas por Svevo como casos de repetição do desejo pela mãe.

Depois abordamos o componente restante do complexo de Édipo, a rivalidade com o pai. Comprovamos que o principal elemento da relação do protagonista com o pai é uma oposição constante, da qual destacamos as tendências do filho a rir das coisas mais sérias e à inquietação intelectual, que são contrapostas à seriedade e à defesa da tranquilidade de espírito por parte do pai, e a distinção que o filho faz entre um lado forte e outro fraco nessa relação. Também tratamos da expressão mais extrema desse componente do complexo de Édipo: o desejo de morte. Esse desejo se torna tão evidente no relato de Zeno que ele sente a necessidade de se defender e o faz usando a mesma qualificação que Freud usara para o falecimento paterno – o acontecimento mais importante da sua vida –, mas analisamos como tal defesa não se sustenta.

Terminamos a abordagem da relação com o pai examinando as importantes consequências da sua morte. A primeira delas é a vitória do pai, que morre sem que Zeno lhe demonstre a própria capacidade. Além disso, Svevo oferece uma versão ainda mais drástica da inclinação, comentada por Freud a respeito do complexo de Édipo, a dos pais recusarem a seus filhos a independência e os meios necessários para obtê-la: o pai do protagonista faz um testamento segundo o qual todos os seus negócios ficarão sob a tutela do administrador que já os gerencia, Olivi, de modo que a opressão do filho não acaba nem mesmo com a morte paterna. A segunda consequência é a crise que se instala sobre o desejo de Zeno, dado que, após a perda do pai, não tem mais como exercer a rivalidade inerente ao complexo de Édipo.

Analisadas as relações edipianas com os pais, examinamos as suas principais repetições no texto de Svevo, de modo a constatar a extrema importância que possuem na vida de Zeno. Assim, concluímos que a crise provocada pela morte do pai é superada pela sua substituição pelo futuro sogro, Giovanni. Também verificamos que o próprio contato com ele ocorre porque Zeno tenta se preparar para a atividade comercial a fim de dirigir os negócios deixados sob a administração de Olivi. Essa primeira tentativa de vencer o pai morto fracassa, pois, quando o protagonista declara a sua intenção a Giovanni, este o considera incapacitado para tal atividade, ratificando a tutela paterna.

Prosseguimos com a análise de expressões da rivalidade edipiana anteriores à morte do pai. É o caso do irmão, cujas quatro referências no romance são marcadas pela competição, seja por cigarros, por espaço ou pela mãe. Também analisamos como o próprio cigarro é uma dessas expressões: a partir do relato que Zeno faz das suas experiências iniciais como tabagista, constatamos que ele não fuma por prazer, mas para competir com o pai por mais essa via. Por fim, abordamos as repetições mais diretas das relações edipianas que surgem com o casamento de Zeno: Ada, a mais importante substituta da mãe, e Guido, o cunhado com qual repete diversos aspectos das relações com o pai e o irmão.

Encerramos o primeiro capítulo analisando como terminam as relações de Zeno com Ada e o cunhado. Por um lado, ele vence Guido ao recuperar grande parte das suas perdas financeiras, de modo que torna sem sentido o seu suicídio. Por outro lado, a ausência de Zeno no enterro faz com que Ada compreenda as verdadeiras relações de ambos com Guido e se afaste definitivamente do protagonista, provocando-lhe uma nova crise do desejo, que o texto remete àquela causada pela morte do pai por meio de frases muito similares que são empregadas em ambas as situações.

Assim, dedicamos o primeiro capítulo à abordagem de questões bastante básicas sobre a constituição psíquica do protagonista, mas que são capazes de comprovar que diversos conceitos psicanalíticos perpassam o romance. Além disso, elas são usadas em várias análises que fazemos nos capítulos restantes, de modo que deslizes no entendimento delas podem ser bastante prejudiciais para a compreensão de elementos importantes do romance. É o que pode ocorrer, por exemplo, caso se ignore a série de tentativas que Zeno faz para retomar os negócios de Olivi, se subestime o componente fetichista da sua sexualidade ou o quanto as suas ações prejudicam o cunhado.

No segundo capítulo, analisamos as técnicas narrativas presentes no romance do ponto de vista das concepções psicanalíticas, desconsiderando aspectos propriamente temporais e o diário que encerra o livro, pois tratamos deles nos capítulos seguintes.

Começamos analisando o conflito central do preâmbulo do romance, no qual o narrador opõe a recomendação médica de escrever respeitando a associação livre de ideias, disposição mental crucial para a psicanálise, ao controle deliberado da escrita. A vitória do controle se anuncia desde o início, quando o narrador, antes mesmo de fazer qualquer tentativa de escrever sobre o seu passado, lê um compêndio de psicanálise. Assim, o marco inicial da escrita de Zeno está relacionado ao seu leitor, a saber, ao conhecimento teórico que lhe serve de chave de leitura.

Após as tentativas iniciais fracassarem, o inconsciente do narrador começa a se manifestar, mas ele se recusa a confrontá-lo e assume a atitude clássica e controlada do escritor tradicional. Além disso, destacamos uma dessas manifestações, a da locomotiva resfolegante, por ela ser a primeira da cadeia de recordações traumáticas, cuja ordem Freud constatava que era cronologicamente invertida. Como Zeno abandona a cadeia antes mesmo de entender do que trata o primeiro elo – no caso, a morte do pai –, ele começa a narração da sua história sem as recordações traumáticas necessárias para compreendê-la.

Como resultado da análise das tentativas de escrita prévias ao começo propriamente dito da história, concluímos que Svevo faz, numa primeira aproximação, Zeno adotar uma disposição narrativa tradicional, na qual o controle da consciência é soberano, e contrastamos brevemente essa decisão com as técnicas narrativas que surgiam e que se contrapunham ostensivamente à disposição tradicional. Em resposta a essa conclusão inicial, propusemos que a primazia da consciência parece só existir para ser severamente contestada ao longo de todo o livro. Por fim, para compreendermos como tal primazia e a narração tradicional são subvertidas com o auxílio da psicanálise, nos dedicamos a estudar duas características de Zeno como narrador que o afastam dos seus congêneres tradicionais: ele não é confiável nem entende o que está narrando.

Quanto à falta de confiabilidade do narrador, baseamo-nos no estudo do crítico Mario Lavagetto sobre essa característica crucial do foco narrativo do romance. Começamos analisando como ela é delineada pela participação dada ao doutor S. no livro, da qual destacamos três momentos. O primeiro é o prefácio, único trecho que não é escrito por Zeno, no qual o psicanalista denuncia as mentiras das confissões do paciente. O segundo momento é o da escrita dessas confissões, no qual o psicanalista

está presente e também ausente: por um lado, falamos da sua presença na medida em que são escritas para que ele as leia, e, portanto, se estabeleça uma situação narrativa que propicia a censura; por outro lado, destacamos que a sua ausência é importante porque assim não há ninguém que seja uma fonte autorizada para identificar as mentiras de Zeno. O último momento são as sessões de psicanálise, nas quais a presença do doutor S. é comprometida não só porque os seus enunciados são filtrados pelo narrador, mas principalmente por causa das suas deficiências profissionais.

Depois examinamos as consequências para a leitura e a escrita do romance dessa situação na qual o leitor é alertado sobre as mentiras proferidas pelo narrador e depois deixado só para identificá-las. Cria-se uma equivalência entre esse leitor e o psicanalista na medida em que ambos compartilham aspectos fundamentais da relação clínica: estão sozinhos na tarefa de diferenciar as verdades e as mentiras dos enunciados naturalmente suspeitos daquele que os emite, o narrador num caso e o paciente no outro.

No tocante à narração, concluímos que ela, tornada naturalmente suspeita, requer tanto uma enunciação que se apresente como verdadeira, mas deixe vestígios que a ponham em dúvida, quanto um narrador que perca o controle da escrita, de forma que outros discursos se misturem e se oponham ao seu por meio do próprio relato deles. Ainda que a constituição dessa narração seja um problema estritamente literário, propusemos que ele foi solucionado com fenômenos desvendados pela psicanálise que manifestam conteúdos inconscientes, fornecendo elementos que se opõem ao que é ostensivamente afirmado por Zeno.

Uma vez que os sonhos já haviam sido abordados no primeiro capítulo, analisamos a solução mencionada estudando outras manifestações do inconsciente: a somatização, da qual destacamos o fato de Zeno mancar como reação ao afastamento da mulher desejada, os lapsos e a associação livre de ideias, que aparece esporadicamente nas ações do protagonista ou nos relatos feitos pelo narrador.

Passamos ao estudo da segunda característica incomum do narrador, a de que Zeno não entende o que está narrando. De fato, em conformidade com o que Freud expõe sobre o esquecimento em muitas formas de neurose obsessiva, o narrador conta a própria história sem conseguir estabelecer-lhe corretamente os vínculos, isolando os acontecimentos que a compõem ou criando vínculos indevidos. Para compreendermos esse processo de contar uma história que não se conhece bem, pareceu-nos promissor adotar uma proposta do crítico Paul Ricoeur de estudar os procedimentos análogos aos do trabalho do sonho.

Começamos examinando vários exemplos de deslocamento, dentre os quais o do beneficiário de uma ação realizada por Zeno em proveito próprio para outra pessoa, bastante usado nos acontecimentos subsequentes à morte de Guido; o da justificativa para a ação do protagonista, que se articula como parte de um esquema no qual se alude à justificativa deslocada, e depois a ação justificada é subitamente abandonada com uma explicação supostamente racional; e o que se baseia em vivências recentes sem relação direta com o que é deslocado, tal como ocorre com os resíduos diurnos na formação dos sonhos, que exemplificamos com o episódio no qual o protagonista começa a mancar.

Também examinamos a função de outro procedimento estudado por Freud, a elaboração secundária. Aproveitamos a investigação que o crítico Giulio Savelli fez da intensa atividade explicativa de Zeno, da qual ressaltou o baixo rendimento e na qual identificou uma multiplicidade de contextos implícitos no modo como o narrador articula as explicações, e nos apropriamos da hipótese que ele aventa de uma leitura psicanalítica para essa atividade de modo a precisar que ela é um efeito da elaboração secundária e, portanto, tenta dar uma fachada racional ao comportamento do protagonista.

Após tratarmos brevemente da representabilidade, analisamos dois grandes efeitos da condensação no romance. Iniciamos pelos personagens compostos, dos quais destacamos a personalização de Basedow e Ada, que repete não só a relação materna, mas também a seriedade paterna, característica enfatizada da oposição com o filho. Encontramos o segundo efeito, o da junção de pensamentos numa palavra ambígua, nas referências genéricas que são resolvidas diversamente conforme o contexto considerado pelo leitor seja o explícito e específico do trecho, controlado pelo narrador, ou um mais geral e implícito, segundo o qual se detecta a expressão de pensamentos inconscientes.

Além disso, analisamos como o narrador faz uso consciente e distorcido das concepções psicanalíticas que aprende ao ler o tratado de psicanálise e provavelmente também durante as sessões com o doutor S., dos quais destacamos a inversão onírica usada nas reações de Zeno aos sonhos das sanguessugas e da ida à escola; a associação que ele faz dos sonhos com a mãe e com Carla considerando apenas o conteúdo manifesto deles, como se não fossem produzidos a partir de pensamentos latentes; o modo inadequado como usa a noção psicanalítica da memória para desqualificar o olhar cheio de desejo que, embriagado, dirige a Ada; e a suspeita menção à associação livre de ideias no episódio da originalidade da vida.

Amparados no fato de Svevo elaborar a escrita do romance de modo que ela esteja sujeita à ampla interferência do inconsciente de Zeno, distinguimos dois níveis no relato resultante: um da construção deliberada do que é narrado e outro da influência do inconsciente na narração. O primeiro nível é o da disposição narrativa tradicional, adotada deliberadamente após o preâmbulo, e vigora na relação entre os capítulos e na organização geral de cada um deles. Comentamos que ele conjuga duas abordagens tradicionais, uma temática e outra cronológica: em grandes linhas, podemos descrever esse nível como um primeiro bloco temático que é tratado cronologicamente, o capítulo sobre o fumo, seguido por outro bloco, os capítulos seguintes até o penúltimo, cujo desenvolvimento é basicamente cronológico e no qual cada capítulo é uma divisão temática.

O segundo nível é formado pelos segmentos menores da narrativa, tendo como tamanho máximo os episódios que compõem cada capítulo. Ele é o produto narrativo do confronto entre a consciência e o inconsciente de Zeno, e é nele que prevalecem as distorções que estudamos, principalmente com a desordem provocada pelos deslocamentos e as explicações de baixo rendimento fornecidas pela elaboração secundária.

Por fim, examinamos a relação entre os dois níveis. Concluímos que o controle consciente do relato, almejado pelo narrador no primeiro nível, está fadado ao fracasso em razão do confronto entre a consciência e o inconsciente de Zeno no segundo nível, o que resulta na desmontagem das abordagens da narração tradicional. Deixando a desmontagem da disposição cronológica para ser analisada com os demais aspectos temporais do romance, terminamos o segundo capítulo estudando a desmontagem da abordagem temática no capítulo sobre o fumo, no qual a articulação inadequada dos elementos presentes na exposição do vício de Zeno culmina num mero acúmulo de variações de tentativas que ele faz para parar de fumar.

Dedicamos o terceiro capítulo à análise da influência da psicanálise nos aspectos temporais do romance, exceto o diário, que abordamos no capítulo seguinte. Começamos estudando dois trechos do livro que se destacam pela tensão que estabelecem entre as principais disposições temporais de Zeno: a da nota única, a de repetição, a da ordem burguesa e a da onda.

O primeiro trecho que examinamos foi o começo do quinto capítulo do romance, sobre o qual observamos que Zeno reconhece a sua situação inicial, o tédio da temporalidade da nota única, mas falha no que se refere à situação final, a repetição de

componentes da rivalidade paterna nas idas à bolsa de valores de Trieste, na relação com Giovanni e finalmente na decisão de casar com uma das suas filhas. Esclarecemos que a temporalidade da nota única é a da crise causada pela perda de um objeto crucial do desejo, como da morte do pai nesse trecho ou da partida definitiva de Ada. A repetição justamente acaba com essa crise por ser um reinvestimento do desejo em novos objetos.

Depois analisamos como Zeno relata a decisão de se casar de modo a combinar temporalidades conflitantes, a da ordem burguesa e de onda, pois esta reduz a existência à própria mudança, sem esboçar nenhuma ordem ou finalidade, e aquela é uma concepção de tempo dotada de direção e destino. Também identificamos a inversão temporal cometida por Zeno ao considerar que ele havia decidido se casar antes de conhecer o futuro sogro. Concluímos que essas involuntárias manipulações temporais servem para evitar o reconhecimento das repetições que acabam com a crise provocada pela morte do pai.

O segundo trecho que examinamos foi o episódio da originalidade da vida, que se estrutura como uma repetição do passeio noturno de Guido e do protagonista, inclusive da situação na qual este se sentiu tentado a matar aquele, e de uma dúvida que Zeno já tivera na infância diante da mãe sobre ser bom ou mau. Além disso, notamos que ele não reconhece plenamente a repetição, o que implicaria admitir que continua odiando o cunhado e, pelo contrário, introduz a concepção da vida como original, que o narrador supõe ser uma ideia obtida por associação casual. Esclarecemos que tal concepção expressa a mesma mudança incessante e sem finalidade da temporalidade da onda e que novamente Zeno apela a essa disposição temporal para distorcer as repetições que norteiam a sua vida.

Ratificada a importância da repetição nos dois trechos estudados, prosseguimos com o estudo de aspectos importantes dessa temporalidade que escaparam às nossas abordagens anteriores. Começamos essa etapa da análise pela modalidade oscilatória de repetição, na qual o sujeito, incapaz de resolver o seu conflito psíquico, oscila continuamente entre os seus dois extremos. Verificamos que o distúrbio dos últimos cigarros, iniciado quando o protagonista ficou doente e o médico lhe prescreveu a abstenção de fumar, é uma expressão oscilatória do conflito edipiano.

Também analisamos como Zeno distorce a exposição que os últimos cigarros dão ao aspecto repetitivo do seu comportamento tanto por meio da velhice, como uma nova etapa de desenvolvimento da vida que poderia superar a repetição, quanto por um

deslocamento da causa da repetição para fora do sujeito, como se ela não pudesse ocorrer sem a contribuição de um fator externo a ele, mecanismo que Freud presume que seja uma das causas psíquicas da superstição. Abordamos como esse deslocamento fundamenta tanto o hábito de Zeno de festejar os acontecimentos importantes com últimos cigarros quanto a associação destes com datas cujos dígitos possam ganhar algum significado supersticioso.

Depois examinamos exemplos de interferências entre as repetições: destrutiva no caso da aposta com Olivi sobre quem fica mais tempo longe do cigarro, com a rivalidade com o substituto paterno sendo preterida pelo desejo de fumar, e construtiva, como ocorre quando esse mesmo desejo e os ciúmes em relação a Augusta, repetição da disputa sexual inerente ao complexo de Édipo, se reforçam mutuamente no sentido da fuga do confinamento no episódio da internação na clínica do doutor Muli.

Por fim, tratamos da tendência de evitar a qualquer custo a perda definitiva de um objeto do desejo, como faz Zeno após Ada recusar a sua proposta de casamento fazendo a mesma proposta a Alberta e depois a Augusta, e contendo o seu desejo de assassinar Guido para tentar se manter o mais próximo possível da mulher que o rejeitou. Ressaltamos o descompasso temporal que tal atitude cria entre Zeno e os seus novos parentes, que assumem plenamente os noivados e depois os casamentos, deixando a situação anterior definitivamente no passado.

A partir dos resultados obtidos, utilizamos os aspectos estudados da repetição para explicitar o quão abrangente é o comportamento repetitivo de Zeno no sexto capítulo. Iniciamos com mais uma de suas tentativas de participar dos negócios dirigidos por Olivi e a transformação de Augusta em mais um dos rivais edipianos quando ela apoia a decisão de Olivi e de Giovanni de manter o marido afastado da direção dos negócios. Expusemos como o protagonista retoma a oposição intelectual mantida com o pai, mas que ela não surte o efeito desejado em virtude de a esposa não entrar num confronto direto.

Prosseguimos a análise do sexto capítulo com as mudanças provocadas pelo aparecimento de Carla: tê-la como amante, além de satisfazer o próprio desejo sexual que Zeno sente por ela, configura-se como um modo de vingar-se da esposa e do sogro, mas o risco de o adultério ser descoberto – o que poderia terminar com o casamento, último elo que liga o protagonista a Ada – cria um conflito entre continuar a trair e abandonar a amante e, portanto, uma nova repetição oscilatória. Também reencontramos a tendência de evitar uma perda definitiva quando a amante rompe e

Zeno tenta, sem sucesso, conservar um vínculo com a mãe dela. Por fim, constatamos que ele mantém a repetição oscilatória das traições substituindo Carla por prostitutas.

Uma vez que encerramos o estudo da temporalidade da repetição, a próxima etapa da nossa análise teve como ponto de partida a pequena fração das repetições que Zeno reconhece e, mesmo assim, sem compreender a situação psíquica que as provoca. Dado um desconhecimento tão grande da situação narrada, passamos a investigar qual é a experiência temporal proporcionada pela narração de Zeno.

Iniciamos abordando um fator importante para a nossa investigação, o caráter ativo da memória. Comentamos trechos do romance nos quais essa concepção, defendida pela psicanálise, tem uma presença decisiva para Zeno como narrador ou protagonista: a consideração que faz das dificuldades para recordar a infância no preâmbulo, a incapacidade de se lembrar se o irmão está com ele no episódio com a mãe no sofá, a recordação seletiva dos axiomas do futuro sogro a fim de evitar a perda de Ada e o pedido de casamento feito a Alberta em razão da lembrança da única recomendação do pai que resolve acatar.

Em seguida propusemos adotar para a nossa investigação uma dualidade de níveis similar àquela que usamos na análise da narrativa produzida por Zeno. Assim, consideramos que o primeiro nível resulta da elaboração deliberada da temporalidade pelo narrador, e o segundo consiste na perda de controle consciente sobre os aspectos temporais da narração, desarticulando a temporalidade vigente no nível anterior. No tocante ao primeiro nível, já adiantamos no capítulo anterior que Zeno adota uma disposição cronológica, que vigora numa visão global do romance e de cada capítulo.

Depois comprovamos a existência de um segundo nível ao analisar os desvios da cronologia que ocorrem nos segmentos narrativos que compõem cada capítulo. Nessa análise, concluímos que tais desvios são causados pela temporalidade de repetição: ostensivamente nos excepcionais trechos nos quais a narração reconhece de modo superficial alguma repetição e discretamente nas recorrentes ocasiões nas quais não menciona a repetição em andamento nem é capaz de dar uma explicação com o mínimo de elaboração para resgatar uma linearidade temporal e distorcer a repetição, como consegue ao apelar para a ordem burguesa na suposta decisão de se casar. Exemplificamos o primeiro caso com o terceiro capítulo, cujo bloco intermediário, formado por tentativas de parar de fumar, rompe a cronologia dominante nos blocos extremos, e o segundo com uma análise da inconsistência das intenções alegadas pelo narrador para os atos dos personagens durante as duas repetições que antecedem a

chegada de Copler, o que deteriora o encadeamento temporal entre os episódios a ponto de torná-lo uma mera sucessão do mais antigo para o mais recente.

Como a mera sucessão torna arbitrária a sequência dos fatos narrados, de modo que não haveria nenhum problema se eles tivessem acontecido na ordem inversa, concluímos que a temporalidade de onda, caracterizada pela falta de ordem, vigora no segundo nível, desarticulando a cronologia do primeiro nível e, ao mesmo tempo, encobrindo o comportamento repetitivo de Zeno. Observamos que esse resultado converge com o da nossa análise sobre a desmontagem da abordagem temática na medida em que a fraca articulação entre as situações que se acumulam faz com que tanto as relações entre os aspectos do tema quanto a relação temporal entre os episódios sejam, em grande parte, casuais.

Para encerrarmos a abordagem do segundo nível da experiência temporal, ainda exploramos mais uma maneira pela qual a progressão cronológica deixa de ser sustentada. Recorrendo ao que comentamos sobre o caráter ativo da memória, reconhecemos que a narração de Zeno não se configura como um relato passivo dos eventos tais como haveriam ocorrido; pelo contrário, apresenta um caráter ativo pelo qual a constante interação com o que é relatado é de tal ordem que a relação entre o presente do narrador e o passado do protagonista também passa a ser importante para entendermos a própria vida de Zeno.

Tendo como base esses dados, estudamos os dois principais modos pelos quais o narrador interfere no mero relato da história, que são o recorrente presente do narrador e o tratamento ambíguo de um segmento textual, de modo que ele pode ser tanto uma opinião do próprio narrador quanto um pronunciamento de um personagem. Observamos que o segundo modo se ampara no discurso indireto livre e em tempos verbais que permitam a ambiguidade em relação à fonte original do que foi enunciado, como o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito.

Depois analisamos exemplos dos dois modos com variadas relações do narrador com o que relata: distorção dos acontecimentos, compartilhamento de um dos aspectos relatados, como o tédio ou o ciúme por Ada, ou oposição contra a opinião de um personagem quanto ao que está ocorrendo. Comentamos que, em todos os casos, o efeito direto da narração é a percepção da forte influência do relato sobre o próprio narrador, que resulta numa constante desestabilização da separação entre os tempos da enunciação e do enunciado.

Por fim, concluímos que a constante perturbação da cronologia introduzida

pelo segundo nível da experiência temporal redunda no fracasso de tal temporalidade tradicional que o narrador tenta adotar para o seu relato, correspondendo ao fracasso narrativo que analisamos no capítulo anterior.

Dedicamos o último capítulo ao estudo do diário que Zeno escreve após abandonar a terapia com o doutor S., examinando uma a uma das suas quatro seções, cada qual correspondendo ao texto registrado numa determinada data.

Dividimos a análise da primeira seção em três partes: as sessões de psicanálise, antes e depois do diagnóstico, e as reações do paciente após interromper a terapia. No tocante às primeiras sessões, ressaltamos o sucesso clínico obtido com os sonhos, uma vez que manifestam elementos cruciais do inconsciente de Zeno. Apresentamos a noção psicanalítica de resistência e uma das suas modalidades, a resistência intelectual, pois é usada no relato dos sonhos, como na suposta inversão no sonho da ida à escola.

Depois examinamos como o sucesso clínico obtido com os sonhos não é bem aproveitado, comprometendo o diagnóstico do doutor S. de que o paciente é acometido pelo complexo de Édipo, dado que essa conclusão é o ponto de partida para os dois principais problemas na condução da terapia pelo psicanalista: a concepção demasiado restrita dos efeitos desse complexo no seu paciente, como a falta de reconhecimento das tentativas do protagonista de assumir os negócios paternos e o tratamento do amor pela mãe como mero início da animosidade com o pai, e o modo pelo qual tenta curá-lo.

Para abordarmos o problema do modo pelo qual o psicanalista tenta curar Zeno, identificamos que a reeducação feita por ele é um erro primário apontado por Freud: o de se restringir a comunicar o material inconsciente descoberto em vez de buscar a remoção da resistência, deixando-a agir livremente. Também apresentamos as formas de resistência usadas no romance, expondo trechos que mostram esse uso: a dúvida ocultada pelo paciente, a transferência negativa e a resistência intelectual, usada para desqualificar a terapia a partir da noção de contratransferência e da própria noção de resistência, com base numa comparação desfavorável com a análise química.

Tratamos da parte final da primeira seção, na qual Zeno relata as suas reações após interromper a terapia, cuja base é a avaliação que faz de haver sido acometido por “doenças” causadas pelas sessões: a liberdade para fumar e os sonhos. Examinamos como lida com a primeira recorrendo a médicos, repetição de uma conduta pertencente à oscilação que domina o seu hábito de fumar. Analisamos como essa conduta, amparada na oposição entre a doença e a saúde, também assimila a terapia a uma doença, fazendo com que Zeno espere que os médicos o convençam a abandonar a terapia interrompida.

No tocante aos sonhos, descobrimos outra repetição: assim como a escrita de Zeno começou com a recusa de ficar a sonhar na poltrona, ele inicia um diário para se afastar das revelações oníricas por meio do controle racional favorecido pela escrita. Examinamos como, em razão da transformação de Zeno em narrador, a sua resistência se torna capaz de ação retrospectiva, atingindo o que escapou a ela durante a terapia, especialmente os sonhos, o que é obtido tanto desautorizando a crença neles quanto diminuindo a sua importância. Analisamos como, ao conseguir a renúncia aos sonhos, a principal crença produzida em Zeno pela terapia, o sucesso da resistência é tal que ele conclui que deve evitar fenômenos involuntários e que o tratamento foi uma ilusão.

Com a análise da reação aos sonhos pela escrita, concluímos que o protagonista se torna o narrador justamente para resistir à terapia e evitar qualquer possibilidade de voltar a procurar o doutor S. Além dos sonhos, estudamos como o narrador se dedica a desqualificar a segunda fonte usada pelo psicanalista para conhecer o seu paciente, as confissões que Zeno escreveu antes das sessões, o que é muito difícil, pois não pode descartá-las como meras ilusões, como no caso dos sonhos. Examinamos como elas são desqualificadas por fornecerem uma noção enganosa da vida de Zeno devido à seleção baseada no contraste entre as suas competências linguísticas na fala do dialeto triestino e na escrita da língua italiana, o que leva a capacidade de distorção da escrita ao ponto extremo no qual se volta contra o próprio narrador, pondo em risco a credibilidade de tudo o que escreve, inclusive do diário no qual expõe esse argumento linguístico.

Encerramos o estudo da primeira seção analisando o episódio do depósito de madeira, no qual o doutor S. confronta o paciente diretamente quanto a uma omissão nas confissões. No caso do protagonista, concluímos que o confronto direto torna o psicanalista um rival fora da repetição da relação com o pai, que é sempre velada sob uma convivência amistosa, e desencadeia a interrupção do tratamento. No caso do narrador, concluímos que o argumento linguístico usado para explicar a omissão e a descoberta do depósito pelo doutor S. fora das sessões enfatizam por contraste que as condições próprias ao psicanalista e ao leitor são marcadas por uma falta de acesso direto ao mundo do paciente e do personagem, respectivamente, causando uma extrema dependência da linguagem, ainda que esse meio expressivo esteja cheio de armadilhas.

Começamos o estudo da segunda seção enfatizando que Zeno não está curado, o que justamente é destacado no início dessa seção com a volta das notórias tentativas de parar de fumar, e, em seguida, introduzindo a ideia de que, ainda assim, o tratamento não foi um completo fracasso, o que esclarecemos ao longo da análise.

Depois examinamos o episódio de Teresina, no qual Zeno constata que parou de trair Augusta e decide verificar se as mulheres ainda o excitam. Destacamos que tal verificação é marcada pelo afastamento do modo como ele costuma exercer a sua sexualidade: ele está no campo, onde é difícil encontrar prostitutas, e as roupas e o corpo da camponesa Teresina são muito diferentes daqueles das mulheres da cidade.

Concluímos que o episódio trata do fim do fetichismo de Zeno quando ele se mostra incapaz de desejar Teresina desse modo, tanto por ela não se maquiar nem se vestir como as mulheres da cidade quanto por ele não se excitar ao ver os seus pés nus e a metade das suas pernas, igualando essas partes às demais do seu corpo em vez de destacá-las como substitutas dos órgãos sexuais. Concluímos também que o trecho do grande zurro de amor expressa, por meio dos detalhes relacionados a esse som, o amor de Zeno pela mãe, as suas repetições e o seu fim, de modo que entendemos que a segunda seção aborda a cura do protagonista do componente materno da sua moléstia. Constatamos que a mudança sexual de Zeno culmina com o deslizar da mão pelo braço de Teresina, a sua primeira experiência sexual desvinculada do fetichismo. Examinamos como essa mudança é seguida por uma abordagem do sexo com uma liberdade inédita para o protagonista mediante a oralidade, oposta à escrita voltada à distorção, e acompanhada pela alegria, em consonância com uma sexualidade liberada de conflitos.

Depois estudamos a consciência muito diferente que Zeno tem desse processo: ele retoma a associação entre o desejo por várias mulheres e a doença, surgida numa consulta médica para parar de fumar, para concluir que, como ainda é capaz de desejar outra mulher além da esposa, felizmente parou a terapia antes da cura. Esclarecemos que não foi curado da relação edipiana com o pai, e que a sua conclusão é mais um caso da transferência negativa na medida em que recusa ao psicanalista qualquer sucesso em curá-lo. Concluímos que escreve essa seção do diário para registrar tal suposto fracasso.

Prosseguimos tratando do trecho anterior ao episódio de Teresina, nos quais as mudanças são menos concretas à primeira vista: Zeno repara na diferença na quantidade de dias dos meses e na mudança incessante, detectada na água corrente, nas nuvens e na própria história com as mulheres. Concluímos que essas mudanças derivam de uma nova noção de parte para Zeno como resultado do fim do fetichismo, transformação que faz com que deixe de haver uma divisão rígida em partes privilegiadas como substitutas e partes irrelevantes, e que torna a diversidade das partes muito relevante. Aproveitamos o estudo da mudança dessa noção para examinar um novo aspecto temporal introduzido pelo próprio fato de o último capítulo ser um diário: ao dividi-lo em partes sem título, o

narrador não identifica o que daria unidade a cada parte, contentando-se em assinalar o dia no qual foi escrita, nem sugerir uma relação entre as partes além da sucessão das datas. Como Zeno não tenta mais produzir uma síntese das suas vivências, reduzindo o capítulo à mera sucessão, concluímos que não há mais dois níveis temporais, e vigora só a temporalidade de onda, assumida diretamente na forma do diário.

Por fim, analisamos como a incapacidade do narrador para esboçar uma articulação temporal no diário também está relacionada com a relevância que a diversidade das partes ganhou para ele com o fim do fetichismo. Em apoio a esse resultado, estudamos a cronologia de tais eventos e concluímos que o diário é iniciado no dia seguinte à interrupção do tratamento, que é o acontecimento pelo qual Zeno identifica o dia provável do fim das traições, marco inicial da sua nova sexualidade.

Começamos a tratar da terceira seção do diário considerando que ela é um espelho em negativo da seção anterior na medida em que esta comprova a cura da relação edipiana com a mãe, enquanto aquela confirma a permanência da rivalidade contra o pai. Para estudarmos esse contraste, confrontamos a função das mudanças ambientais em cada uma delas: o campo, ambiente diferente do qual Zeno costumava exercer a sua sexualidade, e a guerra, uma mudança de proporções muito maiores do que ir para o campo e cuja gama de comportamentos agressivos seria uma ótima oportunidade para que Zeno elaborasse novas formas de rivalidade, mas isso não ocorre.

Uma vez que não ocorre a esperada mudança de Zeno em virtude da guerra, identificamos que a relação que estabelece com ela é a negação, diretamente ou agindo como se ela não existisse. Analisamos como ele evita participar dos comportamentos agressivos ao seu redor e como isso contrasta com a hostilidade dos militares, que o ofendem e ameaçam atirar nele várias vezes. Destacamos que esse contraste é centrado na emissão vocal, no humor e no uso da língua alemã: os militares gritam diversas vezes com Zeno, riem às suas custas e só falam em alemão para lhe dar ordens rudes ou ofendê-lo; ele, pelo contrário, nunca ri nem eleva o tom de voz na presença deles, sendo até mesmo capaz de lhes falar com brandura, e só fala em alemão para lhes agradecer. Por fim, identificamos a função de contraponto do trecho no qual se reafirma o desejo por Teresina, pois registra as únicas menções a Zeno gritar e rir na terceira seção.

Concluímos que Zeno nega a guerra porque ela é incompatível com a rivalidade dele com o pai, na qual deve estabelecer uma relação amigável com o adversário e por meio dela prejudicá-lo. Complementamos essa conclusão identificando uma reprodução imaginária de tal rivalidade nos pensamentos de Zeno sobre as supostas

mortes do cabo do pelotão e do pai de Teresina, aos quais dissera que não haveria combates na região, e sobre a reação de surpresa de ambos, como se reconhecessem que foram enganados pelo rival que fingia ser um amigo.

Estudamos também a situação do narrador na terceira seção e concluímos que o diário continua a ser um instrumento da resistência, tanto por comprovar involuntariamente que o doutor S. não conseguiu curá-lo da rivalidade com o pai quanto por ratificar o abandono da terapia, pois ela seria um procedimento risível durante uma guerra. Identificamos esse uso exagerado de um conflito bélico como uma modalidade de resistência na qual se aproveita um acontecimento cuja causa é independente do paciente e da qual um dos exemplos de Freud é justamente o surgimento de uma guerra.

Por fim, analisamos a quarta seção do diário, na qual acompanhamos a transformação final de Zeno. Esclarecemos que esse processo depende de mudanças provocadas pela guerra, a liberdade inédita do protagonista e a mudança radical do comércio, e expusemos como elas criam as condições para que o protagonista vença no comércio sem ter nenhuma aptidão para isso. Relembrando as várias iniciativas que Zeno tem para assumir os negócios cuja direção lhe fora negada pelo testamento paterno, concluímos que ele finalmente alcança a vitória sobre o pai.

Prosseguimos estudando a alegação de Zeno de que foi curado pela vitória no comércio, o que só poderíamos aceitar na medida em que estivesse curado da rivalidade edipiana. Observamos que isso exigiria que ele desse novas formas à relação de rivalidade, o que comprovamos com a hostilidade declarada de Zeno ao escrever a última seção para enviá-la ao doutor S. com as demais seções: tanto o psicanalista passa a conhecer as expressões de hostilidade que o paciente escondera durante o tratamento quanto Zeno proclama a vitória sobre o terapeuta ao lhe informar que não precisa mais da psicanálise nem foi curado por ela, mas sim pelo comércio. Destacamos que a função da escrita mudou, pois deixou de ser um instrumento de distorção e resistência para se tornar um modo de exercer a rivalidade, e que o fim da resistência com a segunda cura é a razão pela qual Zeno não escreve no diário durante meses depois de fazê-lo três vezes em algumas semanas, só voltando à escrita para declarar ao psicanalista que o venceu.

Identificamos outra repetição que acaba após a segunda cura, ajudando a comprová-la: surgida de um conflito entre a doença e a saúde que se estabelece quando um médico proíbe Zeno de fumar para se curar de uma moléstia na juventude, consiste numa sucessão de cuidados médicos, desde as consultas para parar de fumar até a ginástica pulmonar de Niemeyer na penúltima seção do diário. Concluímos que, no

lugar de tais cuidados, que não são mais mencionados, Zeno desenvolve uma nova concepção sobre a saúde e a doença, na qual elas são inseparáveis. Ao estudarmos essa concepção, destacamos que todo organismo vivo tem simultaneamente doença e saúde, ainda que a distribuição de ambas possa variar muito, e, portanto, se trata de uma questão de grau, de modo que o importante não é não ter nenhuma doença, mas manter-se afastado das que provocam restrições severas. Ressaltamos que Freud também fazia uma distinção meramente quantitativa entre os sadios e os neuróticos.

Partindo da observação de que Zeno, que não possui nenhuma formação médica, expõe reflexões sobre temas essenciais dessa área para o doutor S. e no tom de quem se propõe a ensiná-lo, concluímos que ele também usa essas reflexões para tentar vencer o rival na própria área de atuação, tal como venceu o pai no comércio.

Também comprovamos que houve uma segunda cura estudando como os últimos parágrafos do romance são construídos a partir da nova relação de rivalidade e da nova concepção sobre a saúde e a doença, saindo da esfera privada do relacionamento com o doutor S. para abarcar toda a humanidade. No tocante à rivalidade, apresentamos como Zeno aborda a competição e a agressividade entre os homens mediante as ameaças da superpopulação e dos artefatos de destruição em massa, conjecturando até mesmo a construção e o uso de um explosivo que destrua toda a vida conhecida. No tocante à concepção da saúde e da doença como inseparáveis, destacamos que o fim das doenças só é mencionado quando a vida foi exterminada e o fato de só serem consideradas graves ameaças à continuação da existência humana, da qual destacamos os artefatos por afetarem a própria evolução da espécie ao trocar a seleção natural pela seleção segundo a posse dos artefatos, causando um desequilíbrio crescente na distribuição entre a saúde e a doença.

Comprovado que houve uma segunda cura, tratamos da questão mais geral da abordagem dada à terapia psicanalítica no romance. Começamos pela primeira cura, que apresenta um distanciamento em relação àquela buscada por Freud na medida em que Zeno não se torna consciente do amor pela mãe. Analisamos como ela parece estar relacionada às sessões com o doutor S., uma vez que são o único acontecimento recente da vida de Zeno com capacidade para efetuá-la, e é sugerido que as traições acabam quando elas são interrompidas, de modo que tudo se passa como se elas estivessem inibindo o processo terapêutico, talvez devido à resistência que atuava sem obstáculos. Concluímos que esse processo, cujo final aparenta ocorrer “por si” durante um passeio pelo campo, é compatível com os textos de Freud relacionados à perlaboração, uma

atividade do paciente, que deve ser realizada numa terapia adequada, mas também pode ocorrer no tratamento com um médico que só conhece alguns achados psicanalíticos.

Depois concluímos que o doutor S. pertence a uma série de terapeutas imperfeitos extraída dos próprios textos de Freud, que começa com o médico mencionado no parágrafo anterior, prossegue com o psicanalista que espera curar o paciente apenas comunicando-lhe o seu material inconsciente e termina com o psicanalista que imagina que a resistência deve cessar ao ser apontada ao paciente.

Em contraste com as tensões analisadas da terapia psicanalítica com a primeira cura e o doutor S., que podem ser circunscritas dentro de considerações desenvolvidas nos próprios textos freudianos, não encontramos nenhum embasamento nesses para a cura pelo comércio e nenhum indício de que o romance tente fornecer tal embasamento, como fomos capazes de fazer diversas vezes. Para confrontar essa dificuldade, recorremos à bipartição que detectamos no tratamento dado por Svevo à psicanálise, segundo a qual as ressalvas que o escritor lhe dirigia só não eram contrabalançadas no caso do seu aspecto terapêutico. Concluímos que também devemos considerar uma bipartição no tratamento dado à psicanálise no romance: por um lado, uma ampla adesão no que se refere à compreensão do psiquismo, da qual justamente se pode ter uma ideia razoável pelos três primeiros capítulos deste trabalho; por outro lado, uma abordagem questionadora da terapia pela qual o romance se abre para os limites clínicos da psicanálise num movimento que começa explorando os desvios examinados pelo próprio Freud e atinge o auge na segunda cura, para a qual não encontramos embasamento nas concepções clínicas do psicanalista vienense.

Uma vez que identificamos um distanciamento entre a concepção terapêutica de Freud e as curas de Zeno, abordamos as suas consequências, sobretudo por ele permanecer inconsciente das relações edipianas com os pais. Começamos pela concepção equivocada sobre o que ocorre em cada cura: não percebe a sua mudança sexual durante a primeira delas nem a mudança provocada pelo sucesso no comércio no seu comportamento como rival. Examinamos como outra consequência é abordada quando Zeno cogita em refazer o relato sobre a própria vida, pois tal tentativa está fadada ao fracasso por ele permanecer incapaz de entender o próprio passado, a começar pela relação com os pais e pelas variadas repetições das relações edipianas.

A última consequência do distanciamento entre a psicanálise e as curas de Zeno que analisamos foi o fato de ele ainda estar propenso à repetição. Encontramos essas repetições nas ameaças expostas nos últimos parágrafos. No caso da degradação

ambiental e da superpopulação, constatamos que estão permeadas pela ideia de competição pelo espaço, típica da rivalidade edipiana do protagonista. No caso dos artefatos, examinamos como uma explosão capaz de destruir toda a vida do planeta, em relação à qual os gritos dos militares e o zurro relatados nas seções anteriores seriam desprezíveis, é concebida como inaudível e, portanto, de modo a excluir não só qualquer declaração de agressão, como Zeno agia com os rivais, mas também o som da própria agressão, como se a impedisse de declarar a si própria.

Por fim, observamos que as consequências analisadas podem colocar em dúvida se Zeno realmente está sadio. Recorrendo aos elementos que examinamos do próprio romance, mais precisamente à nova concepção sobre a saúde e a doença, decidimos analisar a situação de Zeno antes e depois das duas curas de modo a verificar se ele está sujeito a restrições severas em cada um desses momentos. Concluímos que a sua situação antes das curas era muito restritiva: só tomava uma iniciativa na medida em que tentava repetir comportamentos edipianos; quando nada permitisse essa repetição, era dominado por um tédio que o prostrava; e não tinha quase controle sobre a própria vida, pois tais repetições nunca eram realizadas pelos motivos que lhes atribuía.

Depois examinamos como ficaram as restrições mencionadas após as duas curas. Não identificamos mais nenhuma repetição da relação com a mãe desde o abandono da terapia. No tocante à repetição da rivalidade paterna, ainda acontecem repetições, mas concluímos que a situação é decisivamente melhor, pois elas não possuem mais importância prática, como diria Freud, na medida em que a ausência delas não causaria mudanças relevantes no modo como Zeno age e pensa. Verificamos isso com a repetição da explosão inaudível, que se revela um deslize sem importância prática, pois tanto Zeno está justamente alertando para a enorme hostilidade humana ao conceber essa explosão, depois de já haver manifestado claramente a sua rivalidade ao doutor S., quanto não haveria nenhuma alteração relevante na sua argumentação se imaginasse que a explosão fosse acompanhada pelo maior estrondo de todos os tempos.

Concluímos que Zeno foi curado, ainda que não esteja livre de distúrbios. Por fim, analisamos dois movimentos do texto que são completados nos últimos parágrafos do romance de um modo que reforçam essa conclusão. Começamos observando que o movimento de abertura para os limites terapêuticos da psicanálise se completa com um comentário do narrador no qual avalia que a psicanálise seria impotente para lidar com a ameaça à própria existência de um homem saudável propiciada pelo abandono da seleção natural, e, considerando o extremo oposto da gravidade da doença, entendemos

que ela tampouco serviria para curar Zeno das repetições remanescentes, pois tratá-las só faria sentido se a saúde fosse concebida como a completa ausência de enfermidade.

Por fim, recorrendo às posições temporais da narração estudadas por Genette, identificamos uma gradação: a narração inicia com a posição ulterior dos capítulos terceiro ao sétimo; continua com as posições intercalada e simultânea de quase todo o diário; e chega à posição anterior nos parágrafos finais do diário, nos quais são usados vários verbos no futuro, e que são o único trecho no qual se trata dos tempos que virão. Ponderamos que essa gradação, que conduz a uma abertura para o futuro, não condiz com um regime de repetições que permanecessem relevantes mesmo após a segunda cura, reforçando a conclusão de que as recorrências que ainda acontecem são a fração inevitável de distúrbios de um Zeno que enfim podemos considerar saudável.

Recapitulado o estudo que realizamos em cada capítulo, faremos algumas considerações finais sobre o que conseguimos comprovar por meio da nossa investigação da presença da psicanálise no principal livro de Svevo.

Como início da nossa reflexão, consideramos crucial que se entenda a que ponto o modo como o protagonista Zeno age e pensa é construído de acordo com a compreensão psicanalítica do psiquismo: acometido pelo complexo de Édipo, ele rivaliza com o pai e deseja a mãe; estabelece complexas relações edipianas com os demais personagens com os quais convive, às vezes compostos pela condensação de relações repetidas; não entende a própria história; e vive numa temporalidade dominada pela compulsão à repetição de representações recalcadas, que só é substituída, quando não surge oportunidade para nenhuma repetição, pelo esvaziamento temporal do tédio.

Uma vez que compreendemos de modo consistente a construção psicanalítica do protagonista, devemos admitir que a narração está longe de oferecer acesso direto à constituição psíquica de Zeno. Essa opção narrativa possui um forte vínculo com a limitada participação do único personagem habilitado a dar esse acesso, o doutor S., tanto por estar ausente durante quase todo o romance quanto pelos problemas com a técnica psicanalítica quando está tratando o protagonista. Além disso, estudamos como o preâmbulo explicitamente rejeita uma narração orientada psicanaliticamente, que tentasse se guiar pela livre associação de ideias. Na verdade, é rejeitada qualquer abordagem que tente facilitar a manifestação do consciente, pois a escrita é contraposta a qualquer disposição descontraída para ser afirmada como esforço racional, de controle e distorção.

Entendemos que justamente grande parte da riqueza narrativa do romance resulta desse afastamento estabelecido entre a intensa atividade do inconsciente de Zeno e a sua abordagem narrativa tradicional, na qual se dá primazia à consciência, sem que haja um elemento que explicitamente faça as ligações entre os dois extremos, como poderia fazê-lo um psicanalista competente. Dividiremos as principais consequências narrativas desse afastamento em dois grupos: os modos pelos quais a narrativa liga os dois extremos e a experiência narrativa que resulta da abordagem tradicional num contexto que lhe é alheio.

Há dois modos pelos quais são feitas as ligações entre os extremos mencionados, e eles valem para Zeno tanto como protagonista quanto como narrador. O primeiro já foi indicado por Lavagetto: são os fenômenos minuciosamente estudados por Freud que manifestam conteúdos inconscientes inclusive nas pessoas sadias, tais como os sonhos, os lapsos e os sintomas gerados por somatização.

O segundo modo é mais abstrato, pois não se trata das próprias manifestações do inconsciente, mas dos procedimentos que as regem. Mais precisamente, baseamos o nosso estudo naqueles que Freud identificou no que chamou de trabalho do sonho, especialmente o deslocamento, a condensação e a elaboração secundária. Inclusive verificamos como a função de dar uma aparência de racionalidade do último procedimento é compatível com a conclusão de Savelli sobre o baixo rendimento da intensa atividade explicativa do narrador. Dada a grande frequência com a qual esses procedimentos aparecem na concepção que Zeno tem da própria vida e do relato que faz dela, concluímos que é como se ele sonhasse com o que vive, de modo que a narração do romance funciona, em grande medida, tal como o relato que alguém faz dos próprios sonhos.

A conclusão que encerra o parágrafo anterior vale até mesmo para a temporalidade, como nos exemplos que estudamos detalhadamente da inversão temporal e dos deslocamentos baseados nas temporalidades da ordem burguesa e de onda no início do quinto capítulo e no episódio da originalidade da vida.

Para finalizarmos a exposição do primeiro grupo de consequências narrativas, abordemos também o seu efeito sobre a situação do leitor. Diante de uma escrita que promove a distorção – nas três primeiras seções do diário, ela até mesmo desempenha uma função clinicamente negativa como instrumento de resistência – e das ligações feitas por mecanismos psicanalíticos entre a abordagem narrativa tradicional e a atividade do inconsciente de Zeno, das quais apenas uma pequena parte é tratada de

outro modo pelo texto, o leitor torna-se uma espécie de equivalente narrativo para o psicanalista na medida em que ambos são receptores de um relato suspeito, no qual devem identificar o uso desses mecanismos e descobrir os pensamentos ocultados por eles.

O segundo grupo de consequências narrativas que resultam do afastamento entre a abordagem do narrador e a atividade inconsciente do protagonista é dedicado ao efeito produzido diretamente pela narração durante todas as centenas de páginas escritas por Zeno. Para entender esse efeito, é preciso considerar os dois fatores conflitantes que constituem a narração após a rejeição da atitude de abandono no preâmbulo: por um lado, a consciência ganha uma primazia sem reservas, como já era anunciado no título, na condução do romance pelo narrador, que adota abordagens tradicionais para executar a sua tarefa; por outro lado, tanto a primazia da consciência quanto as abordagens adotadas pelo narrador são constantemente contestadas até o fim do livro pela repetição compulsiva do recalcado que se manifesta de múltiplas formas.

Os dois fatores expostos no parágrafo anterior resultam na existência de dois níveis narrativos e de experiência temporal. O primeiro nível é o da temporalidade cronológica e da conjugação da abordagem narrativa cronológica com a temática, mas esse nível vigora apenas na relação entre os capítulos e na organização geral de cada um deles. O segundo nível, que vigora nos segmentos narrativos inferiores ao capítulo, é o da temporalidade de onda e de uma narrativa dominada pela confusão e pela desorientação provocadas principalmente pelos deslocamentos e pelas explicações de baixo rendimento fornecidas pela elaboração secundária.

Portanto, podemos resumir a experiência narrativa que o romance nos oferece da seguinte maneira: as abordagens temática e cronológica impostas pelo narrador, sustentadas na visão geral de um capítulo, são desmanteladas assim que se considera cada um dos episódios do qual é composto; como são dois processos que acontecem simultaneamente, essas abordagens são continuamente perseguidas e frustradas. A esse esquema básico da experiência narrativa acrescentaremos duas considerações. A primeira é que ele nos oferece a experiência do modo pelo qual opera a própria consciência de Zeno: iludida de estar no controle, mas ao mesmo tempo reconhecendo que algo lhe escapa, como ocorre quando o narrador afirma que recorda tudo, mas não entende nada. A segunda é que as próprias abordagens narrativas tradicionais são, em certa medida, expostas ao ridículo. Em ambos os casos é provável que haja contribuição

para o entendimento das funções da ironia no romance, o que parece merecer ser investigado num futuro trabalho.

Por fim, avaliemos o que os elementos de terapêutica psicanalítica do último capítulo acrescentam aos resultados da nossa investigação da presença da psicanálise no romance. Antes de tudo, ressaltemos que eles permeiam todo o capítulo final: a importância clínica dos sonhos, a temporalidade invertida das recordações traumáticas, as variadas formas de resistência demonstradas pelo protagonista e pelo narrador, as duas fases da terapia, a perlaboração e a distinção entre a saúde e a doença como uma mera questão de grau. Para fins desta conclusão, destacaremos duas articulações de maior fôlego no qual o processo terapêutico é crucial.

A primeira articulação é entre a escrita de Zeno e as mudanças pelas quais passa durante o processo terapêutico. Assim, tanto a finalidade da escrita quanto a forma de diário que ela assume são consequências desse processo: examinamos como o protagonista abandona o tratamento para resistir a ele voltando a escrever, e também como o fim do desejo fetichista pela mãe faz com que Zeno passe a dispensar um tratamento homogêneo às partes de um todo, inclusive temporalmente, de modo que a narração cronológica acaba sendo reduzida a uma mera sucessão de datas, e passa a vigorar exclusivamente a temporalidade de onda.

Além disso, a finalidade da escrita muda mais uma vez na quarta seção do diário e novamente por razões terapêuticas, pois analisamos como ela se torna um instrumento de rivalidade – Zeno envia ao doutor S. a sua proclamação de vitória sobre o rival –, o que só é possível porque se curou da repetição da rivalidade que mantinha com o pai, que nunca era declarada.

A segunda e última articulação é a do questionamento constante da terapêutica psicanalítica. Ainda que a relação clínica seja pensada psicanaliticamente e a primeira cura seja decorrente do tratamento com o doutor S. e da necessária perlaboração, o capítulo final apresenta um constante afastamento das condições preconizadas como normais: as imperfeições do psicanalista, primeiro por falhar na descoberta do material inconsciente do paciente e depois por esperar curá-lo apenas comunicando-lhe esse material, sem lidar com a resistência, como os psicanalistas historicamente atuaram durante certo período; o fato de a primeira cura ocorrer fora do tratamento; o fato de as curas não tornarem Zeno consciente das relações edipianas com os pais, algo que contraria a formulação que o próprio Freud dá ao que deve ser buscado pela terapia; e,

talvez o afastamento mais radical, a cura pela vitória comercial sobre o pai morto, que não é justificável nem mesmo pelos textos de Freud que Svevo provavelmente leu.

Além disso, o texto termina com a menção à impotência da psicanálise para evitar a proliferação de doentes em razão da substituição da seleção natural pela seleção segundo a posse dos artefatos e com a continuidade de repetições inconscientes por parte de Zeno, ainda que desprovidas de importância prática e, portanto, não servirem como indício de alguma doença. Ambos os casos abordam situações nas quais a psicanálise é terapeuticamente inútil.

Em conjunto, consideramos que Svevo reconhece a capacidade terapêutica da psicanálise por meio da primeira cura de Zeno, mas, em vez de glorificá-la como a salvação para todos os problemas psíquicos que afligem a humanidade, está preocupado em situá-la em todo um campo teórico e prático de problemas: a exploração dos desvios examinados pelo próprio Freud, como falhas que já foram superadas, mas um dia fizeram parte da clínica; deficiências técnicas do psicanalista; a existência de limites terapêuticos para a psicanálise; e trata de possibilidades de cura que não são psicanalíticas. Em suma, entendemos que Svevo quer nos alertar tanto para o fato de que a capacidade terapêutica da psicanálise é limitada e falha quanto para a importância de continuarmos a considerar outras possibilidades de cura para o sofrimento psíquico.

Assim, enfatizamos nas nossas considerações finais o duplo aspecto da presença fundamental da psicanálise em *La coscienza di Zeno*. Por um lado, expusemos a enorme contribuição das concepções psicanalíticas para a construção dos personagens, as técnicas narrativas e a constituição das temporalidades de um romance que substitui a primazia da consciência nos personagens e no narrador para nos dar a dupla experiência, cuja ligação é apenas aludida para que seja efetivamente realizada pelo leitor, das manifestações do inconsciente e do aspecto ilusório da primazia concedida à consciência, inclusive no que se refere à narração – nos seus aspectos temporais ou não – baseada numa disposição consciente. Por outro lado, qualificamos a abordagem da terapêutica psicanalítica no romance como questionadora em virtude tanto do seu alerta para as falhas e as limitações dessa terapia quanto do movimento pelo qual o final do livro se abre para outras possibilidades de cura psíquica.

REFERÊNCIAS PRELIMINARES

1 – Obras de Italo Svevo

SVEVO, Italo. *A consciência de Zeno*. Tradução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

———. *Carteggio*. Milano: dall'Oglio, 1965.

———. *Racconti, saggi, pagine sparse*. Milano: dall'Oglio, 1968.

———. *Romanzi e "continuazioni"*. Milano: Mondadori, 2004.

2 – Obras de Sigmund Freud

FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 14.

———. *A interpretação dos sonhos* (1900). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 4-5.

———. *Cinco lições de psicanálise* (1910). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 11.

———. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1915-1916). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 15-16.

———. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1919). Edição "standard" bras. das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 17.

———. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Edição “standard” bras. das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 12.

———. *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905). Edição “standard” bras. das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. 8.

———. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Edição “standard” bras. das obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 6.

———. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Edição “standard” bras. das obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. 7.

3 – Obras sobre Svevo

BARILLI, Renato. *La linea Svevo-Pirandello*. Milano: Mondadori, 2003.

BIASIN, Gian-Paolo. Un *Deo gratias* qualunque: Svevo, il linguaggio, il sapere. *Itálica*, v. 61, n. 2, pp. 134-146, verão de 1984.

BUCCHERI, M.; COSTA, E. (cura). *Italo Svevo tra moderno e postmoderno*. Ravenna: Longo, 1995.

CAMERINO, Giuseppe Antonio. Italo Svevo: significato e caratteri di una poetica mitteleuropea. In: CACCIAGLIA, N.; GUZZETA, L. (cura). *Italo Svevo scrittore europeo: atti del convegno internazionale (Perugia, 18-21 marzo 1991)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1994.

CASTRIS, Arcangelo Leone de. Il *decadentismo italiano: Svevo, Pirandello, D’Annunzio*. Bari: Laterza, 1989.

CEPACH, Riccardo. Il dottore si ammalò... Come il medico ammalato fa il paziente sano (nell'opera di Svevo). In: ——— (cura). *Guarire dalla cura: Italo Svevo e i medici*. Trieste: Servizio Bibliotecario Urbano, 2008.

CLAAR, Micaela Pretolani. *Guida alla lettura di Svevo*. Milano: Mondadori, 1986.

DAVID, Michel. *La psicoanalisi nella cultura italiana*. 3. ed. Torino: Bollati Boringhieri, 1990.

DEBENEDETTI, Giacomo. *Il romanzo del Novecento*. Milano: Garzanti, 1998.

DEDOLA, Rossana. Il fumo, la maschera, gli insetti: crisi del romanzo e nuove proposte narrative in Svevo, Pirandelllo e Tozzi. *Itálica*, v. 69, n. 1, pp. 19-29, primavera de 1992.

GHIDETTI, Enrico. *Italo Svevo. La coscienza di um borghese triestino*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2006.

GIANNANTONIO, Pompeo. La Trieste mitteleuropea di Svevo. In: CACCIAGLIA, N.; GUZZETA, L. (cura). *Italo Svevo scrittore europeo: atti del convegno internazionale (Perugia, 18-21 marzo 1991)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1994.

GUGLIELMI, G. *La prosa italiana del Novecento. Umorismo, metafisica, grottesco*. Torino: Einaudi, 1986, v. 1.

GUGLIELMINETTI, Marziano. *Il romanzo del Novecento italiano*. Roma: Riuniti, 1986.

———. *La contestazione del reale*. Napoli: Liguori, 1974.

GUIDOTTI, Angela. *Zeno e i suoi doppi: le commedie di Svevo*. 2. ed. Pisa: ETS, 1990.

LAURETIS, Teresa de. *La sintassi del desiderio: struttura e forme del romanzo sveviano*. Ravenna: Longo, 1976.

LAVAGETTO, Mario. Il romanzo oltre la fine del mondo. In: SVEVO, Italo. *Romanzi e "continuazioni"*. Milano: Mondadori, 2004.

———. *L'impiegato Schmitz e altri saggi su Svevo*. Torino: Einaudi, 1975.

———. Svevo e la crisi del romanzo europeu. In: ROSA, Alberto Asor (cura). *Letteratura italiana del Novecento. Bilancio di un secolo*. Torino: Einaudi, 2000.

LUNETTA, Mario. *Invito alla lettura di Italo Svevo*. Milano: Mursia, 2002.

MAIER, Bruno. *Italo Svevo*. 3 ed. Milano: Mursia, 1971.

MAXIA, Sandro. *Svevo e la prosa del Novecento*. Roma: Laterza, 1977.

MOLONEY, Brian. *Italo Svevo narratore. Lezioni triestine*. Gorizia: Libreria Editrice Goriziana, 1998.

MUSSARA-SCHRODER, Ulla. Italo Svevo e la modernità europea. In: CACCIAGLIA, N.; GUZZETA, L. (cura). *Italo Svevo scrittore europeo: atti del convegno internazionale (Perugia, 18-21 marzo 1991)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1994.

PETRONIO, Giuseppe (cura). *Il caso Svevo*. Palermo: Palumbo, 1988.

ROBBE-GRILLET, Alain. *Pour un nouveau roman*. Paris: Minuit, 1961.

ROQUE, Araguaia Solange de Souza. *Minha consciência daria um romance: o personagem sujeito do(ao) inconsciente na interface literatura e psicanálise*. São José do Rio Preto, 2005.

SACCONE, Eduardo. Ancora su Svevo e la psicanalisi. *MLN*, v. 90, n. 1, ed. italiana, pp. 127-136, jan. 1975.

———. Malattia e psicanalisi nella *Coscienza di Zeno*. *MLN*, v. 88, n. 1, ed. italiana, pp. 1-43, jan. 1973.

———. Svevo, Zeno e la psicanalisi. *MLN*, v. 85, n. 1, ed. italiana, pp. 67-82, jan. 1970.

SAVELLI, Giulio. *L'ambiguità necessaria. Zeno e il suo lettore*. Milano: Franco Angeli, 1998.

SPAGNOLETTI, Giacinto. *Svevo: da Una vita a La coscienza di Zeno*. Modena: Mucchi, 1991.

STASI, Beatrice. *Svevo*. Bologna: Il Mulino, 2009.

TEDESCO, Natale. *La coscienza letteraria del Novecento*: *Gozzano, Svevo ed altri esemplari*. Palermo: Flaccovio, 1999.

TORTORA, Massimiliano. Il punto su Svevo: 1994-2004. *Moderna*, v. VI, pp. 169-188, 2.º sem. 2004.

VITTORINI, Fabio. *Svevo: guida alla Conscienza di Zeno*. Roma: Carocci, 2003.

VOGHERA, G. *Gli anni della psicanalisi*. Pordenone: Studio Tesi, 1980.

WILDEN, Anthony. Death, desire and repetition in Svevo's *Zeno*. *MLN*, v. 84, n. 1, ed. italiana, pp. 98-119, jan. 1969.

4 – Obras Gerais

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, v. 2-3.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1987.

———. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972, v. 1.

JAMESON, Frederic. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MENDILOW, Adam Abraham. *O tempo e o romance*. Porto Alegre: Globo, 1972.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. *Confluências: crítica literária e psicanálise*. São Paulo: Edusp, Nova Alexandria, 1995.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. São Paulo: Cultrix, 1974.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994, v. 1-2.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto I*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

WILLEMART, Philippe. *Além da psicanálise: a literatura e as artes*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.